

ABCZ



A REVISTA BRASILEIRA DO ZEBU E SEUS CRUZAMENTOS

ANO 3 • Nº 17 • NOVEMBRO-DEZEMBRO/2003

IMPRESSO ESPECIAL
contrato 7317234301
ECT/DR/MG-ABCZ

envelopamento autorizado,
pode ser aberto pela ECT.

E o mundo levou...
*Brasil lidera o mercado de
exportações de carne bovina*



**Você vai entender
o que é ser piloto
de computador.**

NetSuper
A Internet ultra rápida.

**VELOCIDADE
DE 128k
A 2M.**

**Ligue
0800 34 2606**
ou vá às lojas
e credenciadas CTBC.

**Conexão
24 horas sem
pagar pulso.**

**Imagem e
som em alta
velocidade.**

**Linha
telefônica
liberada.**

3º LEILÃO
**NOITE DO
BRAHMAN**

O Leilão Brahman Número 1 em Expozebu - desde 2002

EXPOZEBU 2004 UBERABA



8 DE MAIO
DA NOITE
CENTRO DE EVENTOS-ABCZ

BRAHMAN - A RAÇA

MAIS DE 30 LOTES DE FÊMEAS, NACIONAIS E IMPORTADAS
PENSE EM LUCRO, PENSE EM BRAHMAN!

PROMOTORES:

Brahman Pilar
Sergio Santos Rutowitsch

Brahman RKC
Rômulo Kardeck de Camargos

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL:

Brahman Imperial / Cambui BrBr - Brahman Brasil

**Daniel Dias - João Alfredo R. Gomnha
NKR Agropecuária - Romeu B. Lobatto**

& Convidados

Depois de plantar e colher, receber

Se medirmos os resultados obtidos pela pecuária brasileira em 2003 pelo volume de trabalho que nós empreendemos nesses últimos 12 meses, certamente teríamos uma cifra bem maior do que os números do setor anunciados até agora.

Sim, a pecuária em 2003 trabalhou bastante e, por isso, foi uma grande geradora de riquezas e de desenvolvimento. Hoje, comemoramos o fato de o Brasil estar em primeiro lugar no ranking dos países exportadores de carne bovina, mas não me recordo de um só balanço parcial dessa área este ano que registrasse queda nas negociações externas desse produto. Estamos colhendo o que plantamos.

No entanto, é notório que a remuneração paga aos pecuaristas ainda está aquém do valor ideal para cobrir as despesas de produção e, conseqüentemente, para garantir uma margem de lucro. Trabalhamos bastante este ano, mas tivemos um retorno bem abaixo do esperado no que diz respeito ao preço da arroba, que não ultrapassou a casa dos R\$ 64,00.

Descapitalizada, a classe produtora ainda assistiu à alta dos insumos agrícolas, o aumento das invasões no campo, a falta de crédito para a produção e o início da votação de reformas que podem onerar ainda mais o setor com a cobrança de novas taxas e impostos.

Nesse momento vejo, como notícia de capa dos principais jornais do país, que as exportações salvaram a economia brasileira, em 2003, e que o agronegócio, voltado cada vez mais para o mercado externo, registrou crescimento maior que a indústria e os serviços. As exportações de

agroprodutos apresentaram alta de 15,8% no ano, o que evitou resultados piores para o PIB nacional.

Fechamos, portanto, o ano de 2003 com a sensação de já ter visto esse filme: o produtor rural, sem qualquer incentivo, proporciona ótimos resultados para economia, mostrando-se altamente competitivo, mas amarga sérios contratempos no que diz respeito à compensação financeira de seus esforços em prol da atividade.

Estamos num patamar em que a discussão em relação ao aprimoramento genético do gado bovino brasileiro, à condição sanitária do rebanho e às estratégias de marketing, está muito bem consolidada. Por isso, além de manter esse panorama, somos responsáveis agora por expandi-lo e multiplicá-lo.

Já apresentamos o nosso espetáculo, o que queremos é assistir o crescimento de todas as suas pontas. Nesse sentido, o dever de todos os representantes da classe produtora brasileira defender, desde já, que a remuneração paga ao produtor no próximo ano seja a melhor dos últimos tempos – uma vez que apostamos numa exportação de carne bovina ainda maior para 2004.

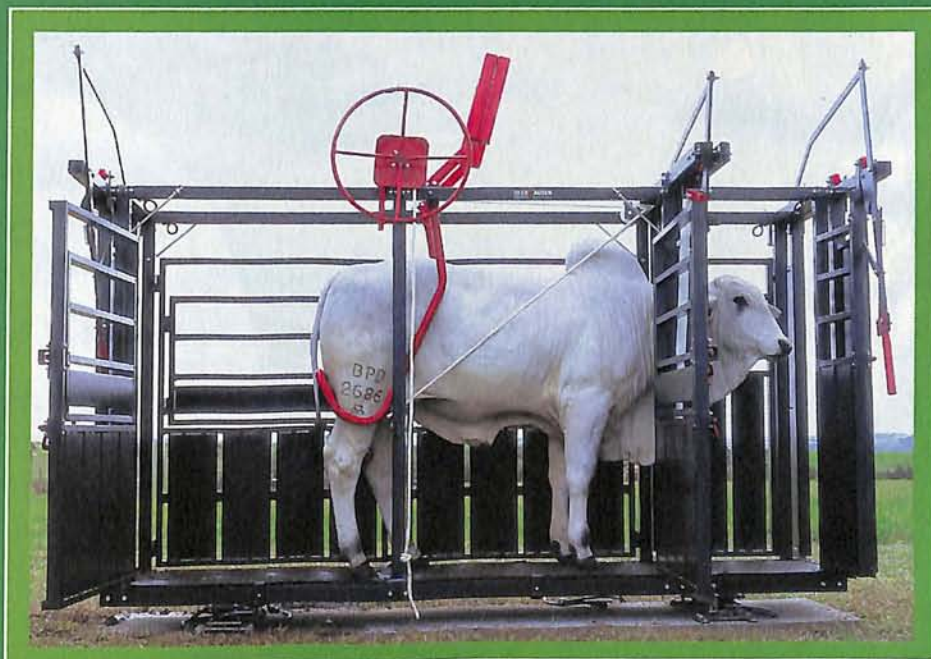
Contudo, é satisfatório poder terminar o ano fazendo diversas projeções e munidos de grandes expectativas. Afinal de contas, quanto mais o tempo passa, mais imprimimos a marca da pecuária no perfil econômico do Brasil. Uma marca de sucesso que comemora 70 anos em 2004 e que atende pelo nome de ABCZ.

Bravo, bravíssimo ao zebu brasileiro. Boas Festas.



José Olavo Borges Mendes,
presidente da ABCZ

Tecnologia para proteger o homem e preservar o animal



TRONCO TRAPEZIO BECKHAUSER

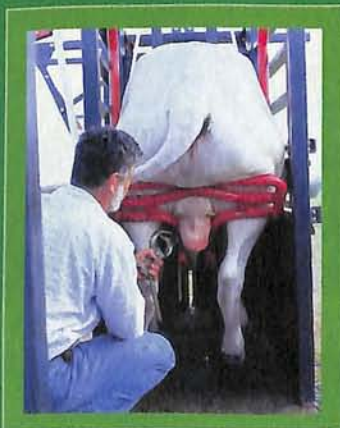
Projetado pela Beckhauser para atender as necessidades da pecuária moderna, o Tronco Trapezio imobiliza sem agredir o animal.



Exame andrológico



Inseminação artificial



Castração

BECKHAUSER

TRONCOS E BALANÇAS

Irmãos Beckheuser e Cia. Ltda.

Av. Dep. Heitor Alencar Furtado, 2985

Fone (44) 421-1000 Fax (44) 421-1010

87711- 000 Paranavai - PR

DDG 0800-44-9002

Visite nosso site e conheça toda linha Beckhauser

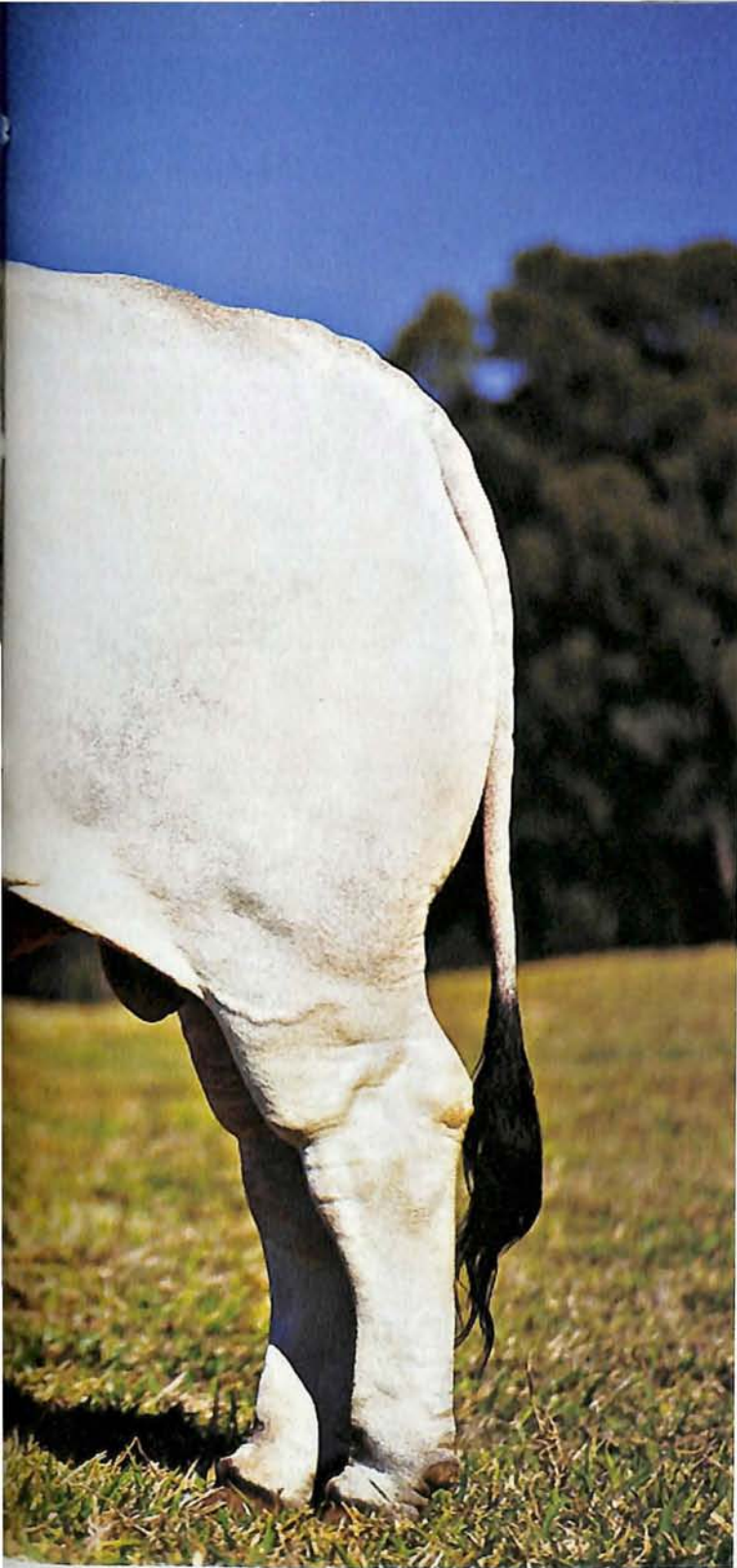
www.beckhauser.com.br e-mail: tronco@beckhauser.com.br



Liberty 847/5

	Peso ao nascer	Peso no desmame	Peso 12 meses	Capacidade leiteira
(pai) JDH Sir Liberty Manso	+ 2,8	+ 22,5	+ 45,2	+ 1,8

Qualidade + Qualidade + Qualidade



JDH SAMPSON DE MANSO 760/6.

A perfeição da raça.

Sampson foi importado do Texas pela BRBR Brahman Brasil, que seleciona exclusivamente genética J.D. Hudgins. Trata-se de um filho do lendário JDH Liberty Manso 847/5, considerado por muitos como o melhor touro da raça, em todos os tempos. Sampson 760/6 é extremamente semelhante ao pai, tanto na aparência quanto na qualidade dos DEPs (Diferença Esperada de Progenie), emitidos pela ABBA. A mãe de Sampson, Lady Ver Manso 695/5, é uma das mais importantes matrizes da JDH e carrega em sua genética o que a raça tem de melhor: Trullo, Dakota, Rha, Bross, Grande.

EDITORIAL

Chegamos ao 17º número da revista ABCZ com a certeza de que os pecuaristas brasileiros – e por que não dizer de outros países, como é o caso dos nossos leitores da África do Sul, da Costa Rica ou da Venezuela – recorreram a este veículo sempre que precisaram se informar de todas as novidades pertinentes à zebuínocultura.

Procuramos unir essas informações a um conteúdo rico e variado de assuntos que são do interesse e do dia a dia dos produtores rurais. De norte a sul do país, associados, pesquisadores, estudantes, criadores, curiosos ou todo tipo de pessoa que, direto ou indiretamente, está ligado a algum ramo da cadeia produtiva, encontraram na revista ABCZ um canal de divulgação de seus trabalhos, projetos, idéias e experiências.

Para valorizar esse conteúdo, mudamos o layout da revista, distribuímos melhor as editoriais, reunimos novos colunistas e colaboradores, enfim, promovemos uma reformulação geral em termos de redação e visual – além de prepararmos uma divulgação mais dinâmica das notícias da própria ABCZ.

Dois mil e três foi um ano muito bom para o setor produtivo. A revista ABCZ acompanhou de perto essa pujança e, por isso, nossa equipe sente-se orgulhosa de encerrar o ano com um produto diferenciado e que traz estampado na capa a tão esperada notícia de que o Brasil tornou-se definitivamente o maior exportador de carne bovina do mundo.

Em matéria produzida pelo jornalista Najar Tubino, a revista ABCZ traça um raio x da exportação de carne bovina talvez nunca antes abordado e divulgado pela imprensa. Estamos

lançando em primeira mão um balanço detalhado das causas que levaram o país a ocupar a liderança desse cobiçado mercado, e publicando a opinião dos maiores especialistas do setor a respeito de suas perspectivas para os próximos anos.

Além disso, nossos articulistas tratam do assunto carne em diversos artigos, cada qual com uma abordagem nova e com informações diversificadas.

Já que as exportações são o assunto em voga, a repórter Larissa Vieira elaborou um material exclusivo sobre a venda de sementes de capim para o exterior, em que há destaque para as

experiências da Embrapa, bem como para o comentário de profissionais e empresários estrangeiros da área de pastagens. O Brasil é hoje, também, o maior exportador de sementes de capim do mundo.

Na editoria de culinária, este mês assinada pela

repórter Renata Thomazini, o tema é a cozinha de subprodutos, um ramo explorado nos quatro cantos do país e que já faz parte da cultura e da história de milhões de brasileiros, como a dos frequentadores do Bar dos Cornos, na capital São Paulo, onde serve-se a mais tradicional porção de testículos de boi do Brasil.

No mais, a revista ABCZ está repleta de outras importantes notícias do agronegócio brasileiro, esperamos que vocês, leitores, aproveitem bastante esses assuntos. Para aqueles que entram de férias, bem merecidas depois de um ano exaustivo, desejamos um bom descanso; para os que ainda se desprendem até o final de dezembro, um tranquilo restante de ano. Para todos, um Feliz Natal e um 2004 ainda mais promissor. Boas Festas!



Órgão oficial da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu

Conselho Editorial
José Olavo Borges Mendes, João Antonio Prata, Arnaldo Prata Filho, Dirceu de Azevedo Borges, Luiz Humberto Carrião, Luiz Antonio Josahel e Randolfo Borges Filho

Diretores responsáveis
João Antonio Prata (Editorial)
William Koury (Comercial)
Editor e jornalista responsável
Luciano Bitencourt
Repórter
Larissa Vieira
Renata Thomazini
Colaboradores
Najar Tubino

Fotos (exceto as mencionadas em créditos)
Maurício Farias e Luiz Adolfo

Charge e ilustração
Pedro Riccioppo "Pezão"

Sandra Regina Rosa dos Santos
Departamento Comercial
Miriam Borges (gerente), Euler José dos Santos e Vânia Aparecida Borges Weizen
(34) 3319 3983 • meiorural@abcz.org.br

Assinatura
(34) 3319 3848 • assinatura@abcz.org.br
Projeto gráfico e produção gráfica
Dgraus Design • design@dgraus.com.br

Diagramação
Gil Mendes, Cassiano Tosta e Issao Ogassawara
Scanner e tratamento de imagens
Paulo Henrique Crepaldi
Impressão
Prol Editora Gráfica
11.500 exemplares
Diagrama
Nativa Propaganda

Diretoria da ABCZ (2001-2004)

Presidente: José Olavo Borges Mendes
1º Vice-pres.: João Antonio Prata
2º Vice-pres.: Paulo Ferolla da Silva
3º Vice-pres.: Jonas Barcellos Corrêa Filho

Diretores
Antônio Ernesto W. de Salvo, Arnaldo Manuel de S. Machado Borges, Arnaldo Prata Filho, Dirceu de Azevedo Borges, João Machado Prata Jr., Carlos Prata Cunha, Lourival Sales Parente, Luiz Humberto Carrião, Marco Túlio de A. Barbosa, Nelson R. Pineda Rodrigues, Orestes Prata Tiberti Jr., Sílvia Castro Cunha Jr. e William Koury

Superintendente
Geral: Agrimedes Albino Onório, Adm. Financeira: José Valtóirio Mio. Técnica: Luiz Antonio Josahel
Informática: Eduardo Luiz Milani. Técnica-adjunta: Melhoria Genética: Carlos Henrique Cavallini Machado. Técnica-adjunta de Genealogia: Humberto Lucas. Técnica-adjunta da Dep. de Melhoramento das Raças Zebuínas: Moisés Duarte Gomes

Assessoria Jurídica: Gilberto Martins Vasconcelos
Imprensa: Luciano Bitencourt

Associação Brasileira dos Criadores de Zebu - ABCZ
Praça Vicentino Rodrigues da Cunha, 110 • B. 101
Cx. Postal 6001 • CEP: 38022-330 • Uberlândia - MG
Tel.: (34) 3319-3900 Fax: (34) 3319-3901
www.abcz.org.br

foto da capa: gettyimage/banco de imagens

BRBR. Exclusivamente o melhor da genética J.D. Hudgins.

CARLOS BATISTO - EURO RSCG



Dna. BRBR 4
267 kg, aos 205 dias
Por JDH Magnífico Manso 160/6
JDH Clementine Manso 155/1



Todas as matrizes doadoras de embriões da BRBR saíram da reserva de reposição do J.D. Hudgins Ranch, Texas, e foram selecionadas por Bubba Hudgins. Também é o próprio Bubba quem está fazendo os acasalamentos para a BRBR, sempre com touros históricos da raça e unicamente de origem JDH Manso. Além disso, as doadoras da BRBR passaram também por uma seleção baseada na fertilidade, uma característica de alta herdabilidade e fundamental para a produção de um rebanho mais produtivo e mais rentável. Tudo no Programa BRBR foi e continua sendo cumprido para produzir, no Brasil, um rebanho de qualidade top mundial, somando o poder das melhores fêmeas e dos melhores touros J.D. Hudgins.

O melhor do melhor.



BRAHMAN BRASIL
www.brbr.com.br

Índice geral

04 **pecuária no brasil**

08 editorial

12 entrevista criador:

Aposta no brahman •



16 **cartas da índia**

20 Capim à brasileira

26 **RADIOGRAFIA DA EXPORTAÇÃO** •



37 ABCZ nas feiras

40 **etc & tal**

42 Cavalos e o agronegócio •



46 **meio ambiente**

48 ETR

54 ABCZ e a Reforma Tributária

60 **tempo técnico**

62 Estação de monta planejada •



75 Sucessão ABCZ

76 **economia do zebu**

80 entrevista diretor: Arnaldo Prata Filho

90 **alimento de qualidade**

96 Novo regulamento da ExpoZebu

104 Subprodutos,

cozinha tradicional •



108 **carne na internet**

112 ABCZ registra tabanel

116 História viva dos leilões •



120 **conexão pecuária**

124 Sumário de touros

132 Cuidados com as plantas tóxicas

142 **zebu na mesa**

146 **histórias de Tiãozinho Cunha**

SEÇÕES

36 cartas & e-mails

135 registro

136 além da fronteira

137 Além do QG

138 atacado & varejo

139 novos sócios

140 ABCZ serviços



*Promoção por tempo limitado.

**Internet sem fio via satélite:
mais agilidade para o seu negócio.**

Até 30% de desconto na instalação*.
Ligue já: 0800-701 7827.

A Star One, líder em soluções de internet via satélite, está com uma promoção imperdível: até 30% de desconto na instalação. Não importa o tamanho da sua empresa e onde ela esteja localizada, a Star One tem uma solução feita sob medida para você. Afinal, só a Star One tem tudo que você precisa: internet de alta velocidade e a maior cobertura do país. Coloque já sua empresa no mapa com a velocidade e a agilidade que o mercado exige. Não perca essa chance.

www.starone.com.br

Star One
uma Empresa Embratel

Aposta no brahman

O pecuarista Gabriel Prata Rezende diz que a raça é lucro certo e faz seu lance na expectativa de que, em muito breve, o brahman será a opção mais utilizada para aumentar a produtividade e a precocidade do rebanho brasileiro

Há pouco mais de três anos como criador da raça brahman, o médico Gabriel Prata Rezende, demonstra verdadeiro conhecimento de causa quando o assunto é lucratividade. Gabriel explica que a raça é hoje um excelente negócio, principalmente para quem deseja efetuar o cruzamento com o nelore. Pai de Gabriela e Florença, que moram no Rio de Janeiro, atualmente, Gabriel reside na chácara São João, há 4 quilômetros de Uberaba. Foi diretor da ABCZ nas gestões de Héber Crema Mazola e de João Gilberto Rodrigues da Cunha. Da entidade, Gabriel fala com respeito e diz que o tempo só tem feito bem à ABCZ, porque “ela tem crescido muito politicamente”, diz. Sócio de Rubikinho Carvalho, Gabriel cria o rebanho em parceria na chácara São João e na fazenda Tijuco, de sua propriedade – ambas localizadas em Uberaba. Na fazenda de Rubikinho, em Mozarlândia (GO), também cria o gado brahman “à meia”.

Desde 1972, trabalha no hospital uberabense que lida com o câncer, “Doutor Hélio Angotti”, uma referência no Estado em termos de tratamento para a doença. O gosto pela área de medicina nuclear surgiu durante um estágio que fez no Rio de Janeiro já no 6º ano de faculdade. O jeito informal e simples rendeu várias amizades ao longo da sua vida. Uma forma que encontra para extrair as energias é cavalgando. O médico pecuarista conta que já cavalgou mais de 800 quilômetros na praia certa vez, em algumas vezes, em companhia dos amigos.

Quanto à família, são gerações de pecuaristas sempre preocupados em selecionar o melhor do zebu brasileiro. Sobrinho de Rubens de Carvalho, o Rubiko, um grande criador do brahman e que tem fomentado a disseminação da raça em campos brasileiros, Gabriel fala que a família está espalhada pelo Brasil e conta que desde pequeno aprendeu

lidar com o gado. Anualmente, vai aos Estados Unidos para trazer material genético para o seu plantel e para o de outros criadores, como Orestes Prata Tibery, Mário Franco Júnior, para os irmãos Cristiano, Maurício e Joaquim.

Você acompanha, nesta entrevista, um pouco sobre a experiência desse criador que, apesar de estar no mercado do brahman há pouco tempo, tem no sangue a marca dos grandes selecionadores do zebu brasileiro.

ABCZ: *O senhor cria brahman há pouco tempo, porque optou pela raça?*

Gabriel Prata Resende: É fácil responder a essa pergunta. Basta que você observe as características produtivas desses animais. Eles possuem grande quantidade de carne, distribuída com harmonia pela carcaça e uma musculatura bem desenvolvida. A precocidade é outro fator que chama a atenção no brahman. A raça ainda não tem um volume grande de participação no abate dos frigoríficos nacionais, mas isso é porque a seleção ainda é recente no país. Os primeiros animais a serem importados chegaram por volta de 1995. A habilidade materna das fêmeas também é um diferencial.

ABCZ: *Apesar de estar criando esses animais há três anos, o senhor já tem animais de excelente qualidade no seu rebanho.*

GP: Isso porque nós (Gabriel e Rubikinho) optamos por trabalhar em sociedade com um dos ranchos mais bem conceituados dos Estados Unidos na criação do brahman, o V8, de Sloan Williams. Os animais criados por Williams são de alta qualidade genética.

ABCZ: *É uma característica da raça a perna mais curta. Isso tem alguma utilidade no manejo?*

GP: O tamanho das pernas do brahman que o Brasil importou dos Estados Unidos não é o ideal para nossas pastagens porque aqui o capim é mais alto. Tanto essa característica, quanto o umbigo maior, que para nós não é interessante, já conseguimos adequar ao tamanho ideal. Tudo por meio do trabalho de seleção. Os pecuaristas têm feito isso desde que começaram as primeiras importações, há cerca de oito anos. Claro que esse melhoramento é contínuo e sempre buscamos animais cada vez melhores. No começo, o gado trazido para o Brasil apresentava o umbigo um pouco maior do que o ideal para o manejo em pastagem. Nos Estados Unidos os pecuaristas não têm grandes preocupações nesse sentido porque criam os animais em confinamento e a pouca pastagem é composta de gramíneas.

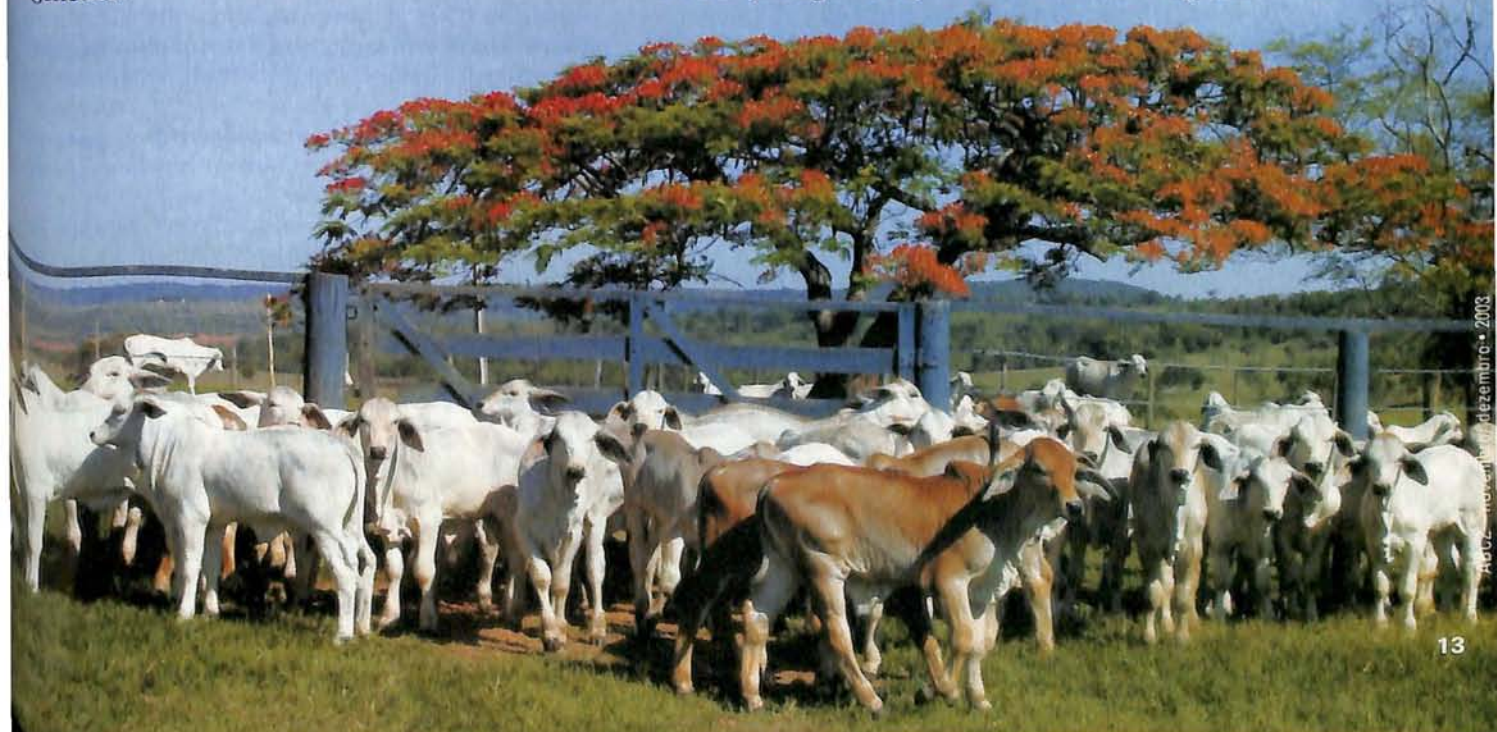
ABCZ: *Parecem ser animais muito dóceis.*

GP: Se você prestar a atenção nas capas das revistas americanas do brahman, verá que eles sempre associam os animais às crianças. Isso acontece justamente por causa da extrema docilidade. Você pode montá-los, alisá-los. Eles são como animais de estimação. Para que se chegasse a esse temperamento, a seleção foi fundamental. Até hoje, se verificamos animais bravios, encaminhamos ao abate.

ABCZ: *E como é feito o manejo do rebanho em suas propriedades?*

GP: Os animais que não estão na véspera de participar de leilões ou exposições são alimentados à base de pastagem e suplementos minerais. Aqueles

Abaixo: rebanho brahman criado na fazenda Tijuco



Ao lado e na pág. seguinte: gado brahman, que pertence a Gabriel Prata Rezende, em pastagens do Triângulo Mineiro

Abaixo: reprodutor precoce; conformação de carcaça e produtividade

fotos: L. Adolfo



que estão próximos a participar de algum desses eventos são confinados e recebem, também, ração vegetal e suplementos de vitaminas e minerais. Na época de reprodução, utilizamos a monta natural, a inseminação artificial e duas biotecnologias que estão bem mais acessíveis hoje em dia, que são a transferência de embriões e a fecundação in vitro. Essa última, nós temos utilizado mais.

ABCZ: Por que essa opção pela FIV?

GP: Para ganhar mais tempo com maior número de animais fecundados e diminuir os custos. Dessas biotecnologias, a FIV tem sido a mais utilizada porque o sêmen que compramos é importado e caro. Com esse dispositivo, temos maiores chances de aproveitamento do material.

ABCZ: Mas a TE não seria uma opção mais barata?

GP: Pode ser em algumas ocasiões e nós fazemos a TE também. Mas, com a FIV temos conseguido, ainda, os melhores resultados no sentido de economia na utilização do material.

Como eu disse, utilizamos material

genético importado, e ele é caro. Por isso, acreditamos que o preço da FIV compensa pelo aproveitamento de material. Realizamos as fecundações no Centro de Reprodução do Hospital Veterinário de Uberaba, com a orientação do doutor José Olavo Borges Mendes Júnior. Com uma única dose de sêmen podemos obter inseminação de 10 a 12 vacas. Com a TE, seriam de duas a três doses para cada vaca. O doutor Frederico Mendes é quem nos orienta quando realizamos a TE. Também conseguimos ótimos índices de porcentagem de prenhez.

ABCZ: E como está a produtividade dos animais do seu rebanho?

GP: Já temos animais que conseguiram excelentes colocações em feiras importantes. É o caso do bezerro 21, que foi 3º colocado na categoria 12 meses, em Rio Preto; da fêmea 8, reservada campeã na Feicorte 2003 e da fêmea 79, reservada campeã na ExpoZebu 2002. Essa última estará participando de leilão na noite de 7 de maio, durante a ExpoZebu 2004. Tenho, também, touros em duas centrais de inseminação que têm vendido bastante material genético.

ABCZ: Você acredita que essa procura pelo material genético do brahman seja reflexo do bom desempenho no cruzamento com o nelore?

GP: Sim. Muitos criadores têm utilizado o brahman para melhorar o desempenho de rebanhos nelore para corte. Esse, sem dúvida, será o gado do futuro no Brasil. A raça também tem sido muito utilizada no cruzamento industrial. Nesses casos, quem opta por esse mecanismo tem conseguido até uma aproximação mais com os animais em relação a outras raças.

ABCZ: O senhor cria os animais em sociedade como Rubikinho Carvalho. Por que optou por essa sociedade?

GP: É uma forma de agregar conhecimentos e utilizá-los em prol da lucratividade. No meu caso, considero-me com sorte por ter pessoas que re-



mente entendem de pecuária e criam o zebu por gosto e não apenas como negócio. O Rubiko e o Rubikinho são desses homens que aliam inteligência ao prazer da lida com a pecuária seletiva.

ABCZ: O senhor traz dos Estados Unidos os animais para seu rebanho.

GP: Vou aos Estados Unidos anualmente. Recentemente, trouxe 48 fêmeas escolhidas com bastante zelo. Quando vou, trago animais também para outros criadores, como Mário Franco Júnior e Rubiko, por exemplo. Eu e o Rubikinho temos sociedade com o V8 Ranch, de Sloan Williams, um dos criadores norte-americanos mais bem conceituados. A raça está muito bem desenvolvida naquele país.

ABCZ: Aqui no Brasil também parece que os animais têm conquistado um espaço considerável. Isso pode ser notado nos leilões, não é mesmo?

GP: Os negócios envolvendo a raça têm crescido muito. Nos últimos leilões da Brumado e da Querença tivemos média superior a R\$ 75 mil. Esse valor é muito bom se considerarmos que a raça é o último zebuino que importamos. A cada ano o brahman cresce muito nas pastagens brasileiras.

ABCZ: O seu rebanho está participando de algum tipo de programa de melhoramento atualmente?

GP: Participamos de um programa da Universidade de São Paulo no qual o desenvolvimento da gordura da anca dos animais e a área de olho de lombo são avaliados. Eles realizam exames de ultra-som para estudar esse desenvolvimento. Também estou no Programa de Melhoramento Genético da ABCZ.



Ainda não tenho animais em provas de ganho em peso, mas pretendo participar futuramente.

ABCZ: Como o senhor vê a participação da raça nas feiras pelo Brasil?

GP: Estamos cada vez mais atuantes. Nas principais feiras, o brahman é presença marcada. Teremos grandes eventos que acontecerão em Uberaba nos próximos anos. Em 2005 acontecerá a feira Nacional e em 2006 o Congresso Mundial do Brahman. Esperamos uma excelente participação dos criadores da raça.

ABCZ: O senhor é filho de pecuaristas, mas a atuação na pecuária começou efetivamente de três anos para cá.

GP: Posso dizer que tenho mais tempo de pecuária do que de vida, porque quando ainda estava na barriga da minha mãe ganhei um bezerro de presente. Meu pai se chamava João Resende, também era médico e criador de gir. Minha Mãe, Morena Prata Resende, era irmã de um dos precursores do Registro Genealógico da ABCZ, Gerson Prata, que também era um grande criador. Minha família é toda de criadores. O tio Antônio (Pratinha), tem propriedade em Presidente Prudente (SP); meu primo Orestinho (Orestes Parata Tibery), em Três Lagoas (MS); o Chico Carvalho, que tem propriedade em Campo Grande (MS), o Tônico, em Barretos (SP). Todos os meus irmãos, João Carlos (Buzina), Joaquim, Cristiano e Maurício criam o zebu. É difícil não se apaixonar por uma atividade que faz parte da própria história de nossa família.

Centro: Gabriel Prata, que busca genética brahman nos melhores criatórios dos EUA



A visão da pena do **PIONEIRO**

Ahmedabad, 1º de agosto de 1916*

Prezado pte e amº, **

Saudações. A sua carta de 7 de junho acaba de me chegar às mãos e, bem assim, o "Estado de São Paulo" que me mandou. Gostei muito do seu anúncio nesse jornal; só assim é que o boi preto poderia vir à Índia de novo.

Estive em Calcutá de onde cheguei antes de ontem. O que fiz e que pude conseguir à cerca do transporte do gado já ficou minuciosa e detalhadamente descrito em outras. Repito apenas que o sr. deve ir a S. Paulo e esforçar-se com a Companhia Nacional de Tecidos de Juta para que envie um pedido de juta ao Sr. Joakim Nahapiet, em Calcutá, para outubro. Deve dizer-lhes que temos aqui gado para ser embarcado nessa ocasião e que a carga de gado com juta facilitará encontrarem-se valores diretos e em boas condições. Meta empenhos e trabalhos nesse sentido em que o gado irá brevemente. Naturalmente o pedido de juta virá mais cedo ou mais tarde; o sr. deve é consegui-lo para quanto antes. É bem possível que quando o sr. receba esta já ele tenha sido enviado.

Felizmente já choveu alguma cousa e há pasto. Amanhã vou a Charodi fazer a separação de gado que deve ficar e do que deve embarcar. Aquele ficará com o Nariman sem despesa nenhuma e este fará a mínima possível.

Já comecei as compras e por estes dias terão na campanha cerca de 50 homens; pode ficar certo de que não ficará uma aldeia sem varejar em todo o Guzerat. A dificuldade de compra é enorme devido à grande mortandade que houve, contudo farei o possível.

Fiz sociedade com o Nariman (segredo). Levo 200 reses, mesmo que sejam precisos 2 vapores.

Estive em Hissar; há muito gado bom e tipo, porém, sem suficiente orelha. Voltarei lá de novo, portanto não pude ver

todo o gado que estava distante. São 6.000 reses na fazenda.

Do dia do seu embarque a 45 ou 50 dias estarei em Santos, ajudando Deus. Se nada houver de transtorno, dentro de 3 meses partirei.

Guarde absoluto segredo a respeito dos meus passos aqui. Enquanto eu fizer negócio sozinho conseguirei o frete por uma ninharia. Qualquer telegrama ou carta daí pedindo informações do negócio pode ser-me prejudicial. Nunca diga que estive em Calcutá.

Quando souber da minha partida diga que passo pela Europa.

Caso peça dinheiro by telegraph, ele me deve ser passado por telegrama, mesmo sobre Calcutá, caso não se consiga sobre Bombaim.

Do pte. amº obrº.

João Borges

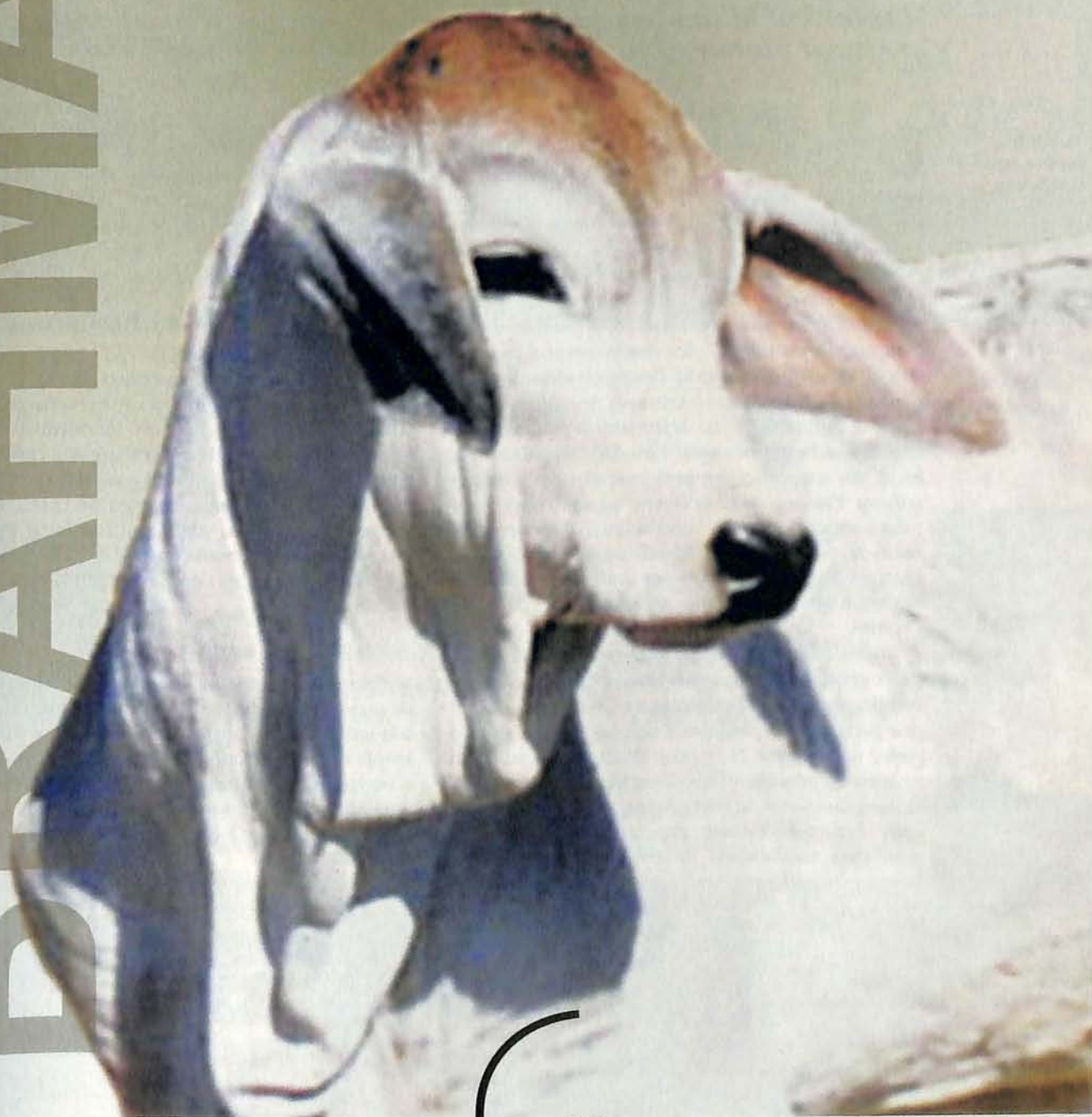
João Martins Borges, um dos pioneiros na importação do zebu da Índia para o Brasil, enfrentou dificuldades para trazer o gado da Ásia, como revela em suas cartas.



O trabalho de pesquisa e recuperação desses documentos foi feito pela sobrinha-afim de João Martins Borges, Ida Aranha Borges.

* 1º de agosto de 1916, como as cartas são sequenciais, e a anterior foi do dia 2 de agosto, deve haver um engano nessa datação. (N. da T.)
** Não há o nome do destinatário, mas, obviamente, esta carta é dirigida a José Caetano Borges. (N. da T.)

Uma nova pecuária



brahman



vitória

MEC aprova **pós-graduação** em **Manejo de Pastagem**

O desenvolvimento de pesquisas sobre diversas variedades de capim vai ajudar o produtor rural a melhorar a qualidade do pasto e aumentar o desempenho e ganho de peso do rebanho

Abaixo: área experimental e biblioteca (detalhe) da Fazu

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) aprovou o curso de pós-graduação Lato sensu em Manejo da Pastagem, modalidade à distância, das Faculdades Associadas de Uberaba (Fazu). O índice de aprovação foi de 96%. A instituição é a primeira do gênero no país a receber o credenciamento do MEC para aplicação de cursos à distância. Durante a visita dos técnicos do ministério ao campus da faculdade, eles conheceram a fazenda escola onde estão sendo desenvolvidos diversos projetos. São 186 hectares de área de cultivo. Desse total, doze hectares são destinados à plantação do capim brachiaria brizanta, variedade marandu. No local, foi instalado um pivô central para irrigar a cultura. Em outros 10 hectares, parte irrigados por micro aspersão e parte tipo sequeiro, foram plantadas as variedades tanzânia, mombaça e tifton. Outras 70 espécies estão em avaliação no campo agrostológico (destinado ao estudo de pastos e capins).

Todos os projetos de pastagem são coordenados pelo professor Adilson de Paula Almeida Aguiar, um dos maiores especialistas na área e responsável por projetos de pesquisa e consultoria em todo o país e no exterior. Já os projetos de irrigação ficam a cargo do professor Luís César Dias Drumond. "Os alunos do curso de pós graduação contarão ainda com material didático especialmente elaborado para esta modalidade de ensino, acesso *on-line*

permanente, professores tutores e acima de tudo um corpo docente altamente qualificado e capacitado, com experiência prática profissional e atuação em instituições de ensino e pesquisa de renome nacional", explica a diretora da Fazu Dionir Dias de Oliveira Andrade.

Engenharia de Alimentos

O curso de Engenharia de Alimentos, que forma sua primeira turma em fevereiro de 2004, também recebeu reconhecimento do MEC através da portaria oficial, publicada no dia 6 de outubro de 2003. Os técnicos do ministério avaliaram a estrutura do Núcleo de Excelência em Engenharia de Alimentos (Neea). O local conta com área de quase dois mil metros quadrados, distribuídos em Unidades Industriais de Processamento (UIP) de carne, vegetais e laticínios, além de salas de aula e laboratórios multiuso.

Biblioteca

Para 2004, a Fazu está preparando a inauguração de uma nova biblioteca. A infra-estrutura foi ampliada em 100%. Os alunos terão acesso a um acervo amplo e especializado nas áreas de ciências agrárias e humanas. Uma praça de eventos com diferentes tipos de palcos, sonorização e iluminação completam o ambiente. O local terá ainda um auditório com 100 lugares.



NUTRIÇÃO VERDE PARA A NOVA PECUÁRIA DO BRASIL

Grupo Papalotla está trazendo ao Brasil, com exclusividade mundial, a *Brachiaria híbrida* cv. Mulato*.



Depois de um extenso programa de pesquisas desenvolvidas desde 1988 pelo CIAT (Centro Internacional de Agricultura Tropical), com sede na Colômbia, e com a participação da Embrapa PGC, está chegando ao Brasil o Mulato, o primeiro pasto híbrido do mundo, oferecendo ao pecuarista vantagens somente proporcionadas por um híbrido verdadeiro:



- Mais carne
- Mais leite
- Melhor palatabilidade
- Maior digestibilidade
- Mais proteína

- Melhor recuperação
- Mais vigor
- Maior persistência
- Menor risco
- Maior lucratividade

Produto de cruzamentos naturais entre variedades de Brachiaria iniciados há mais de 14 anos, o pasto Mulato reúne o melhor de seus progenitores, superando-os em qualidade e produtividade. Com rápido estabelecimento, o Mulato possui crescimento estolonífero, excelente produção de forragem com abundante quantidade de folhas. Após o corte ou pastoreio, possui um rebrote vigoroso, além de uma excelente palatabilidade.

Variedade protegida, registrada no Serviço Nacional de Proteção de Cultivares, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento sob nº 00387. Os direitos de uso, produção e comercialização são exclusivos do Grupo Papalotla.



grupo
papalotla

plantando para o mundo

TROPICAL SEEDS DO BRASIL, LTDA.

Tel. +55 (19) 3242-9060

E-mail: brasil@grupopapalotla.com

SEMILLAS PAPALOTLA, S.A. DE C.V.

E-mail: mexico@grupopapalotla.com

TROPICAL SEEDS, LLC.

E-mail: usa@grupopapalotla.com

www.grupopapalotla.com



Capim à brasileira



É cada vez maior o interesse de pecuaristas estrangeiros pelas sementes de forrageiras tropicais. O Brasil está investindo em pesquisa para manter a liderança no mercado mundial

Larissa Vieira

Cinco mil toneladas de sementes de forrageiras tropicais saem do Brasil todos os anos para abastecer países da América Latina. Não somos apenas os maiores exportadores de carne bovina. A participação brasileira no mercado pecuário internacional vai literalmente do pasto ao prato, ou seja, do capim ao bife. E a passos largos. A crescente procura pelos produtos que levam o selo Made in Brazil na embalagem deve elevar as vendas externas de sementes para sete mil toneladas nos próximos anos. Temos como maior concorrente a Austrália (o mesmo que acontece no setor de carne bovina) e, em menor risco, algumas regiões da África.

Assumir essa dianteira com números tão expressivos exige trabalho redobrado dos produtores brasileiros. Os compradores estrangeiros só levam a mercadoria que apresenta alto índice de pureza, em geral acima de 90%. Segundo determinação do Ministério da Agricultura, Pecuária e

Abastecimento (Mapa), as sementes ensacadas e vendidas por aqui precisam ter grau de pureza entre 24% e 32% contra os 76% exigidos para o produto exportado. Isso significa uma quantidade bem maior de impurezas como palha, ervas daninhas, terra. A pequena exigência para o mercado interno ocorre mais por questões culturais e econômicas. Alguns pecuaristas brasileiros costumam plantar utilizando esparramadeira de calcário, com capacidade para apenas 10 quilos de semente por hectare. O equipamento joga no solo a semente misturada ao calcário. Já os criadores do México e de alguns outros países usam aviões para jogar as sementes de forrageira no solo, um método caro que só é viável se o plantio apresentar alto índice de eficiência no Brasil é aplicado apenas em algumas regiões. Pesa ainda para esse baixo grau de pureza a nossa velha mania de não colocar em prática os direitos do consumidor. Sem cobrança, algumas empresas continuam a

Acima: grupo de empresários e pecuaristas em pastagem nicaraguense

produzir com baixa qualidade. O fator econômico também contribui. Quanto maior a pureza da semente, mais cara ela é, porém mais eficiente.

O criador é que vai decidir o preço que prefere pagar. No México, por exemplo, quando os contêineres contendo as sementes de forrageira chegam no porto a mercadoria passa por um rigoroso exame. Uma pequena amostra é coletada e levada para o laboratório. Se no teste for detectada a presença de alguma semente de erva daninha, a entrada do produto é barrada. Entre as espécies proibidas pelo governo mexicano está a trapueraba, invasora que aqui é bem controlada. Uma das razões de tanto rigor é o fato do país fazer parte do bloco econômico Nafta, encabeçado pelos Estados Unidos que acabam de endurecer as regras para importação de gêneros alimentícios para consumo humano e animal através da Lei de Bioterrorismo. "O maior problema do setor é a falta de regras bem definidas para o comércio exterior. Elas deveriam ser as mesmas em todos os países latino-americanos, seguindo um único padrão internacional de análises e qualidade, o que não acontece na prática", protesta Marcio Menezes Meirelles, presidente da Marangatú Sementes, uma das maiores do ramo no Brasil.



Nos oito anos de negociação com empresas do México, Colômbia, Venezuela, América Central, Caribe, ele conhece bem essas regras impostas. A produção da empresa é vendida somente para o exterior, em geral localidades de clima tropical como o nosso. Mas, para garantir que apenas sementes de capim, e não sujeira, cheguem aos portos estrangeiros, a produção requer cuidados maiores. Só para se ter idéia as cinco mil toneladas exportadas anualmente equivaleriam a dez mil toneladas de sementes no padrão de qualidade aceito pelos criadores brasileiros, bem menos rigorosos.

Investimentos

Ultrapassar tantas barreiras exige fôlego. O setor tem poucas empresas com perfil exportador. Elas não chegam a dez em um universo de aproximadamente 400 firmas do ramo atuando no país. Entrar no mercado internacional exige uma série de medidas como a apresentação do Certificado Fitossanitário de Origem, emitido pelo Mapa, e o atestado de qualidade da semente, feito por um laboratório credenciado. A outra parte das empresas brasileiras, a grande maioria, trabalha para abastecer o mercado interno. Por ano, são produzidas 100 mil toneladas de sementes. A movimentação financeira varia entre

Centro:
Meirelles,
presidente da
Marangatú
Sementes

Ao lado:
máquinas traba-
lham em campo
de forrageiras



Luis Guillermo Fuentes Gonzáles (centro), empresário colombiano

R\$ 250 milhões e R\$ 300 milhões, cerca de R\$50 milhões oriundos de comercialização externa. "O setor não estava acostumado a produzir um produto de qualidade única. Muitas empresas entraram, mas acabaram saindo do mercado internacional. As que permanecem estão se profissionalizando cada vez mais, deixando de serem simples vendedoras de sementes para serem multiplicadoras de tecnologia. Hoje, o produto precisa ter valor agregado", diz Meirelles. A Marangatú utiliza uma área de 3 mil hectares onde cultiva diversas variedades de *Brachiaria*, *Panicum*, além de leguminosas.

Foi atrás de sementes de capim Tanzânia e Mombaça que o empresário colombiano Luis Guillermo Fuentes Gonzáles veio ao Brasil no final de novembro. Acompanhado de um grupo de 11 pessoas, ele passou quase duas semanas por aqui conhecendo criatórios, centrais de inseminação e empresas de semente em Minas Gerais e São Paulo. A Colômbia vem se destacando no cenário internacional pela qualidade de seu rebanho. Lá, existe um

dos melhores materiais genéticos da raça zebuína brahman, apesar de ter apenas 25 milhões de cabeças de gado. Falta-lhes a tecnologia para cultivar capim. "O Brasil tem sementes de alta qualidade, capacidade de produção. Nós não temos como atingir esse nível", lamenta o colombiano que decidiu vir ao Brasil para evitar a inflação nos preços provocada pelo atravessador. Antes, ele comprava sementes brasileiras de empresas em Bogotá, capital da Colômbia, e depois as revendia em Barranquilla, onde está sediada sua empresa. O quilo lá sai por US\$ 8. Aqui custa US\$ 3, mas com os impostos deve chegar a US\$5.

Os colombianos e os outros países vão continuar importando o produto brasileiro. As condições climáticas e a qualidade de solo dessas nações tornam a produção de sementes inviável. "Somos difusores de tecnologia. Temos conseguido produzir variedades de boa qualidade. Isso exige investimento elevado porque a produção é altamente tecnificada", explica o pesquisador da Embrapa Sudeste Francisco Dübbern de Souza, um dos pouquíssimos



foto: M. Farias

Ao lado: caminhões de carga recebem sementes



Seu pasto verde o ano inteiro.

Estilosantes Mineirão

Mineirão



Origem: América do Sul EMBRAPA/CPAC
 Nome Científico: *Stylosanthes guianensis* cv Mineirão
 Fertilidade do solo: Baixa, média e alta
 Forma de crescimento: Semi-ereta
 Altura: 1.20 a 1.80 m
 Utilização: Pastoreio, adubação verde
 Digestibilidade: Boa
 Palatabilidade: Muito boa
 Precipitação pluviométrica: Acima de 700 mm anuais
 Tolerância a seca: Alta
 Tolerância ao frio: Média
 Teor de Proteína na matéria seca: 12 a 18%
 Consorciação: Todas as gramíneas
 Profundidade de plantio: 1 a 2 cm
 Ciclo vegetativo: Perene
 Produção de forragem: 10 a 13 ton. MS/ha/ano
 Fixação de Nitrogênio: até 300 kg /ha/ano
 Resistência a pragas e doenças: alta

Campo Grande



Origem: América Central e Sul EMBRAPA/CNPQC
 Composição: O Campo grande é um composto de duas espécies forrageiras: o *stylosanthes Macrocephala* com crescimento mais horizontal; e o *stylosanthes Capitata*, com crescimento mais vertical.
 Fertilidade do solo: Baixa, média e alta
 Altura: 1.20 a 1.40 m
 Utilização: Pastoreio e adubação verde
 Digestibilidade: Boa
 Palatabilidade: Muito boa
 Precipitação pluviométrica: Acima de 800 mm anuais
 Tolerância a seca: Média
 Tolerância ao frio: Média
 Teor de Proteína na matéria seca: 12 a 18%
 Consorciação: Todas as gramíneas
 Profundidade de plantio: 1 a 2 cm
 Ciclo vegetativo: Perene
 Produção de forragem: 10 a 15 ton. MS/ha/ano
 Fixação de Nitrogênio: até 300 kg /ha/ano
 Resistência a pragas e doenças: alta



CANAL DO BOI

TELE-VENDAS
(38) 3676.8000

Arachis Pintoí

CULTIVAR: BELMONTE



Origem: América do Sul CEPLAC
 Nome Comum: Amendoim Forrageiro Perene
 Produção de Forragem: 8 a 12 ton. MS/HA/ANO
 Fixação de Nitrogênio: Até 200 Kg N/HA/ANO
 Proteína Bruta: 15 a 22%
 Digestibilidade: 62 a 73%
 Utilização: Mudas ou estolões de +/- 25 cm
 Profundidade de Plantio: 0,50 x 0,50 / 0,80 x 0,80 / 1,00 x 1,00 m

Leguminosa para pastoreio e cobertura vegetal de solos. Pode ser consorciada com a maioria das gramíneas inclusive as agressivas como a humicicola, brachiário, decumbens, pennisetum e outras. Possui ótima palatabilidade e valor nutritivo. O pintoí é indicado para cobertura verde, citricultura, palmeiras, pomares, jardins e proteção de solos (evitando erosão e competição com ervas daninhas) e pastagens. Tem ótimo desenvolvimento em diversos tipos de solos, variando de arenosos a argilosos e em baixa fertilidade.

Brizantha



Origem: África Tropical e do Sul / EMBRAPA/CNPQC
 Nome Científico: *Brachiaria brizantha*
 Fertilidade do solo: Média e alta
 Forma de crescimento: Touceira semi-ereta
 Altura: 1.0 a 1.50 m
 Utilização: Pastoreio direto e produção de feno
 Digestibilidade: Boa
 Palatabilidade: Boa
 Precipitação pluviométrica: Acima de 800 mm anuais
 Tolerância a seca: Média
 Tolerância ao frio: Média
 Consorciação: Todas as leguminosas
 Profundidade de plantio: 1 a 2 cm
 Ciclo vegetativo: Perene
 Cigarrinha das pastagens: Resistente

Mineirão®

SEMENTES

Ao lado: o pesquisador da Embrapa Sudeste Francisco Dübbern de Souza

Abaixo: carretas com contêineres, que são utilizados no transporte das sementes para o exterior

mos profissionais do Brasil especializado em técnica de produção de sementes de forrageira. Suas pesquisas incluem a descoberta de novas formas de agregar valor aos cultivares. Souza atua na área há 23 anos. Durante essas décadas de estudo, ele acompanhou um progresso significativo na produção. Nos anos 70, prevaleciam as sementes produzidas de forma amadora, as chamadas piratas. A partir de 80, o setor teve de mudar o sistema de trabalho para garantir tanto o mercado interno quanto o externo. Do plantio ao beneficiamento, tudo passou a ser tecnificado para evitar perdas e garantir maior qualidade. É o que aconteceu na maioria das propriedades localizadas nos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, região noroeste de São Paulo, Goiás e Triângulo Mineiro.

A integração da pecuária com a agricultura também exerceu forte pressão no setor. Os produtores rurais que alternam lavoura e pasto são bastante exigentes, pois não podem correr o risco de levar doenças e ervas daninhas para o solo da propriedade na hora do plantio da pastagem. "As sacas de semente pirata podem conter pragas como a cigarrinha ou nematóides que depois irão contaminar o gado. Pode ocorrer ainda da semente não nascer. O preço pode até ser menor, mas o custo final devido aos prejuízos causados são bem maiores do que se o pecuarista tivesse usado um produto de qualidade. Quando se fala em pecuária, onde o criador sofre com alto custo da produção, cada centavo conta", alerta o pesquisador. A boa notícia é que o mercado paralelo está minguando cada vez mais.

Intercâmbio

O Brasil não deve exportar apenas semente de forrageiras tropicais. Na bagagem, os estrangeiros querem levar também assistência técnica. A Embrapa estuda um acordo de intercâmbio tecnológico bilateral que possibilitaria o auxílio de pesquisadores brasileiros à criadores e técnicos dos países importadores. Eles seriam orientados a respeito do plantio e dos cuidados com as forrageiras já que as condições climáticas, a espécie e o solo influenciam na qualidade da pastagem. Na Co-



lômbia, por exemplo, o interesse é pelo capim mombaça ou tanzânia. O clima é quente com alagamento de algumas regiões de pecuária na época das chuvas. O país começa agora a implantar o pastejo rotacionado. Já a Costa Rica importa anualmente 300 toneladas de semente, sendo 80% de *Brachiaria brizantha* Marandu.

Para garantir a exportação de tecnologia e semente, o setor decidiu investir em pesquisa. Quarenta e oito empresas em parceria com a Embrapa Sudeste formaram a Associação de Melhoramento para Fomento à Pesquisas de Forrageiras Tropicais, apelidada de Unipasto. As organizações privadas vão financiar trabalhos de pesquisa em busca de novas variedades de forrageiras tropicais e de formas mais eficientes de produção dos pastos. "Poderemos avançar nos estudos que muitas vezes demoram ser concluídos por falta de verba. Os centros de pesquisa brasileiros estão sofrendo com a escassez de recursos", reclama Souza. O desabalo do pesquisador é o mesmo da maioria de seus colegas que trabalham em diversas instituições. Apenas alguns grupos da iniciativa privada brasileira financiam projetos científicos e o governo diminui a cada ano os recursos destinados à ciência. O Unipasto já colhe seus frutos. Este ano o convênio lançou duas novas variedades: a *Brachiaria brizantha* cv. Xaraés e a *Panicum maximum* cv. Massai.



**DURANTE TODO ESTE ANO,
OS PARCEIROS DO SIC FORAM
MUITO BEM SERVIDOS.
EM 2004 O APETITE
VAI SER MUITO MAIOR.**

O Serviço de Informação da Carne é uma organização que tem o objetivo de informar as características, as qualidades e os benefícios da carne bovina. Além de ser importante para o consumidor, a atuação do SIC tem beneficiado todos os setores envolvidos na cadeia produtiva, já que a valorização da carne estimula o consumo e a procura. Para contribuir cada vez mais para o crescimento do setor produtivo, o SIC conta com sua visão de mercado. Afinal, só quem conhece muito é capaz de enxergar longe e perceber o quanto as ações do SIC são essenciais para a lucratividade constante. Grandes empresas já estão investindo no futuro do negócio através da parceria com o SIC e você também pode ver de perto tudo que o SIC tem feito. Dê um passo à frente. Com o selo de parceria o reconhecimento da sua empresa vai ser ainda maior. Entre em contato conosco através do e-mail: sic@sic.org.br



Radiografia da Exportação

*Com mercadoria de qualidade,
de baixo custo, produzida em
grande escala e em padrões
naturais, Brasil passou a liderar
o mercado internacional de
carne bovina*

Por Najjar Tubbs

Dois mil e três foi, sem dúvida, o ano da carne bovina brasileira. A pedra fundamental de uma conquista que o país do boi de capim ensaia atingir há décadas, mas que só agora tornou-se realidade: ser o maior exportador de carne bovina do mundo, ultrapassando a Austrália, até então o líder nesse ranking.

“Em 1998, projetávamos essa liderança para 2005. Uso esse ‘erro’ de cálculo para ilustrar o que é o melhoramento genético do zebu na prática, ou seja, proporcionar mais produtividade, com maior qualidade e em menor tempo”, disse o presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), José Olavo Borges Mendes, ao comentar o estágio avançado de desenvolvimento em que se encontra a zebuicultura.

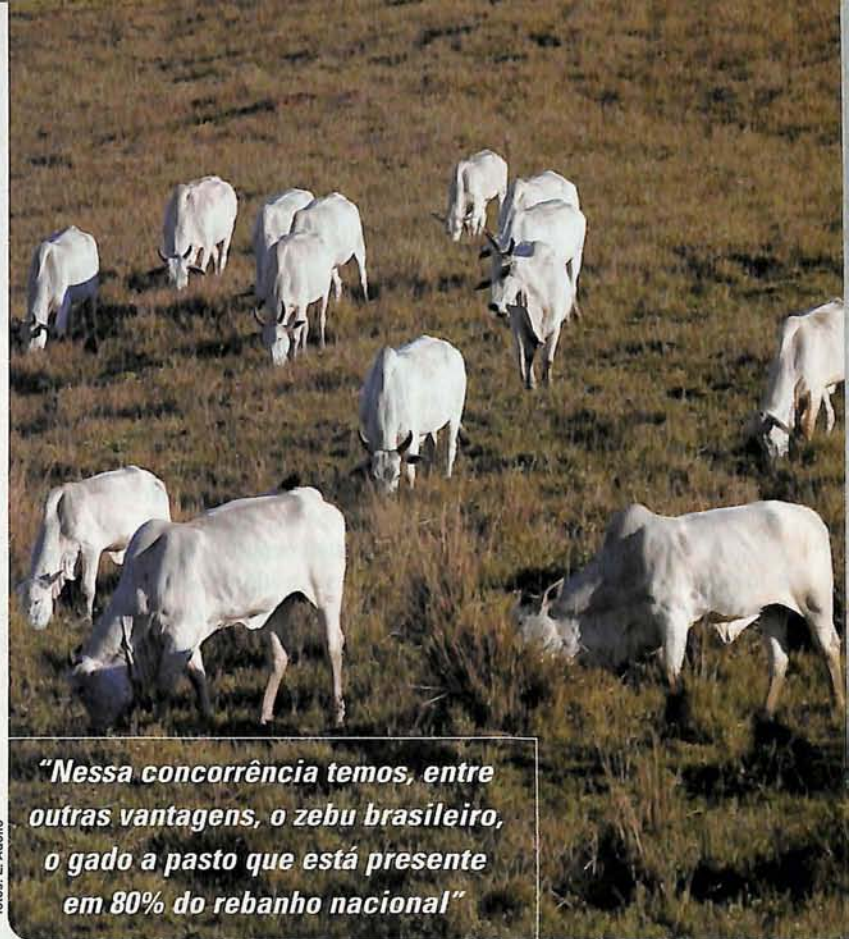
“Chegar ao primeiro lugar nas exportações de carne significa, também, que todo um trabalho de base foi construído. Não podemos esquecer que esse trabalho pode se expandir ainda mais”, completou. Na opinião do presidente da ABCZ, o Brazilian Beef tem um grande desafio de agora em diante, que é o de manter a confiança do consumidor estrangeiro. “Nessa concorrência temos, entre outras vantagens, o zebu brasileiro, o gado a pasto que está presente em 80% do rebanho nacional”, afirmou José Olavo.

Por outro lado, o presidente da ABCZ disse entender que possuir o maior rebanho comercial do mundo, produzir gado em pastagens e ter solo e clima, não são suficientes para garantir a dianteira no mercado internacional de carne bovina. “É preciso astúcia neste negócio”, alertou.

O que José Olavo quer dizer é que, nesse jogo intrincado, três blocos de países disputam 5,5 milhões de toneladas de carne bovina que são comercializadas no mundo anualmente – os blocos são América do Norte, incluindo o Canadá, a União Européia, com seus 15 integrantes, e a Oceania, formada por Austrália e Nova Zelândia. E é claro, a América do Sul, onde despontam como produtores de carne a Argentina e o Uruguai, tradicionais exportadores, além do Paraguai.

Quanto ao Brasil, foram muitos os fatores que o levaram ao topo do comércio internacional, como diz o diretor executivo da Abiec (Associação Brasileira da Indústria Exportadora de Carne), Antônio Camardelli. Mas o principal deles, a queda na produção australiana, nossa maior concorrente, diretamente.

A Austrália atravessa uma grave seca desde 2000, o que não é nenhuma novidade, como afirma o pecuarista brasileiro Bernardo Potter, da Estância do Catí, de Livramento (RS), que junta-



“Nessa concorrência temos, entre outras vantagens, o zebu brasileiro, o gado a pasto que está presente em 80% do rebanho nacional”

fotos: L. Adolfo

mente com Luiz Fernando Boveda, da Agropecuária Jacarezinho, de Valparaíso (SP), visitou aquele país recentemente.

“Nós estivemos durante todo o mês de setembro passado na Austrália. Fizemos várias visitas a propriedades, confinamentos, à Universidade de New England, e fomos negociar a compra de sêmen de animais na Fazenda ‘Chedwick Downs’, que mantém uma central de inseminação na propriedade. Realmente há três anos não chove, na região de pecuária o nível de chuva é de 100 mm por ano. O gado é basicamente confinado e alimentado com grãos (sorgo, principalmente, milho e resíduo de algodão, além de uréia, sais minerais e anabolizantes). O grão é produzido na região do litoral (leste e sul), não é subsidiado e é muito caro”, contou Potter.

Fatos como esse vão influenciar para que a Austrália não exporte mais que 1,250 milhão de toneladas em 2003 – de acordo com a previsão das fontes australianas. Ao retornar da feira de Anuga, em Colônia, na Alemanha, maior evento do setor no mundo (6 mil expositores, 100 países representados), realizada de dois em dois anos, entre os dias 11 e 15 de outubro, Jeremiah O’Callaghan, um dos mais antigos especialistas em mercado internacional de carne em atuação no Brasil (Grupo



foto: divulgação/Abiec

Camardelli (ao lado): produção em baixa na Austrália favoreceu o Brasil

ABCZ - novembro/ dezembro • 2003



foto: L. Adolfo

Acima:
O' Callaghan,
especialista em
comércio interna-
cional de carnes

Abaixo (centro):
Boveda, que visi-
tou criatórios no
exterior

Coimex), fez o seguinte comentário: "um porta-voz do setor industrial australiano me disse que a queda nas exportações deles será maior do que o anunciado. Ou seja, poderá passar de 200 mil toneladas. Talvez eles exportem, no máximo, um milhão de toneladas". (Ver tabela sobre produção de carne e rebanho da Austrália)

Sem saída

Como aumentar um rebanho em 3 milhões de cabeças (excedente necessário para ultrapassar um milhão de toneladas), atravessando uma seca de três anos, sem área para expandir a atividade pecuária? Na vizinha Nova Zelândia, o salto de 9,015 milhões de cabeças para 9,632 milhões no mesmo período é justificável, uma vez que trata-se de um contingente basicamente leiteiro. Mas na Austrália, a história é bem diferente.

No entanto, o que interessa ao Brasil não é colocar os números australianos em dúvida, como comenta André Skirmont, do Grupo Independência, há 17 anos trabalhando no mercado internacional. "Mesmo quando um país tradicional exportador volta ao mercado de origem, onde a carne brasileira começou a entrar, nós não perdemos espaço. Quer dizer, mesmo que os australianos voltem a aumentar a produção de carne, a posição do Brasil se manterá. Outra coisa importante é que, a partir de 2003, os australianos concentraram-se totalmente no mercado norte-americano, além do Japão, que é um cliente tradicional", explicou Skirmont.

Esclarecido o problema da Austrália, existem outros dois fatores que influenciaram a atual situação no comércio mundial. A queda de 7% na produção de carne dos Estados Unidos (competidor na exportação) e, pela primeira vez em 20 anos, a redução na produção

interna da União Européia.

O acaso europeu tem outro significado. Na década de 80, com os subsídios à produção, a então Comunidade Econômica Européia chegou a ter um excedente de produção de 600 mil toneladas. A este volume, acrescentavam o "estoque de intervenção", que na mesma época era de 800 mil toneladas.

Isso representava um volume de 1,4 milhão de toneladas acima do consumo dos países formadores do bloco e que eram negociados para outras regiões, principalmente Oriente Médio, a preços baixos e com prazos de um ano para pagamento. Tais mercados incluíam o Egito, Iraque, Argélia e Arábia Saudita. Com exceção do Iraque, todos voltaram a comprar carne do Brasil, este ano.

Mudança de rumo

Jeremiah O' Callaghan tem outras informações. Na Europa, segundo ele, com todos os problemas ocorridos com a febre aftosa e a síndrome da 'vaca louca' (BSE), as autoridades sanitárias e os técnicos responsáveis pelo setor chegaram a conclusão de que não dá para manter tanto gado, um rebanho muito grande, com a pouca quantidade de suas terras disponíveis. A PAC (Política de Pacto Comum) daquele continente, onde estão as diretrizes das ações agropecuárias para os próximos anos, mudou neste sentido.

"Não existem mais subsídios para manter animais no campo. Agora eles pagam subsídio sobre

área preservada. Então a produção está diminuindo anualmente. Porém, depois da queda de 40% no consumo de carne, consequência da 'vaca louca', o mercado europeu vem se recuperando; ou seja, eles vão comprar carne de fora", disse O' Callaghan.

O resultado é que a produção interna dos 15 países, somados ao estoque de intervenção (que hoje, extra-oficialmente, é de 60 mil toneladas), é menor do que o consumo interno. André

Skirmont acrescenta uma outra informação fundamental: "em 2004, segundo os comentários que ouvimos em Anuga, o déficit na produção de carne da União Européia será de 3%. Isso representa uma quantidade em torno de 200 mil toneladas (cada 1% de déficit interno na produção da Europa, corresponde a 75 mil toneladas, portanto, o déficit poderá chegar a 225 mil toneladas no próximo ano)".

**"o que aconteceria na
Europa se as vendas do
Brasil fossem suspensas
por seis meses?"**

**Resposta dos europeus:
aconteceria o caos,
desabastecimento"**



foto: divulgação

A dependência da Europa da carne brasileira

Um outro especialista do mercado internacional fez uma pergunta a vários importadores: o que aconteceria na Europa se as vendas do Brasil fossem suspensas por seis meses?

Resposta dos europeus: "aconteceria o caos, de sabastecimento". A União Européia é o maior comprador de cortes "in natura" do Brasil, considerando o "filé mignon" da exportação (literalmente, porque incluem os cortes de traseiro, contra-filé, alcatra e o próprio filé mignon). Carne que entra naquele continente por cotas. A principal delas é a Cota Hilton, onde a tonelada do contra-filé custa US\$ 5 mil, e não há tarifação. O Brasil só tem 5 mil toneladas da Cota Hilton, a Argentina exporta 28 mil.

Depois existem outras cotas, a principal delas denominada ainda de Cota Gatt, que envolve a comercialização de 53 mil toneladas. São carnes de dianteiro e retalhos para processamento industrial, isto é, vai direto à fábrica. Nesta categoria, o Brasil exportou 50 mil toneladas, e parte desse volume, de 12 a 13 mil, de coxão mole, dirigido ao mercado italiano. Detalhe: carne zebuína, sem gordura entremuada, para fazer "bresaola", uma carne curtida, vendida fatiada nos supermercados.

Porém, fora as cotas, que são negociadas entre os importadores, existe um comércio paralelo delas, disputado por distribuidores e grandes atacadistas, a carne brasileira entra na União Européia pagando impostos altos de 13,8%, mais 3,0% de tarifa de compensação, num sistema definido por eles como "Full Levy".

Nesta categoria, o Brasil, exportará em 2003, algo como 100 mil toneladas de cortes resfriados. Em 2002, foram 50 mil toneladas. A diferença de preço é de US\$ 4,50 dólar por quilo (caso do contra-filé). Ou seja, 1 kg de contra-filé custa US\$ 4,00. Chega na Europa, pelo sistema "Full Levy" por US\$ 8,50. Mesmo assim é ainda mais barato, de 15 a 20%, do que o contra-filé produzido naquele continente.

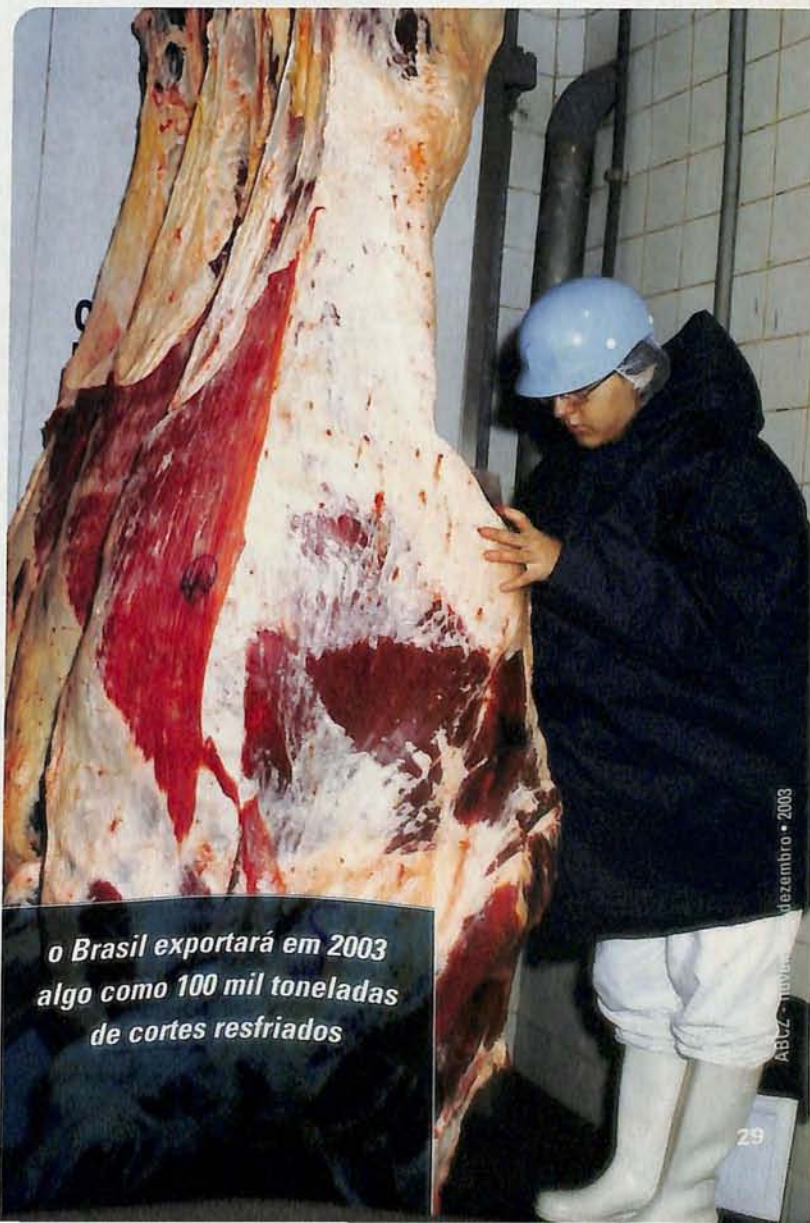
Os números gerais

A Abiec, com a recente profissionalização de sua equipe, a contratação do ex-ministro Marcus Vinícius Prati de Moraes, como presidente, algo nunca imaginado desde a sua criação em 1979, pretende discutir intensamente esta questão no próximo ano, como diz o veterinário Antônio Camardelli, que era integrante da equipe de Prati, em Brasília, e agora executa as ações da entidade.

"O Brasil passou muitos anos brigando para aumentar o volume de Cota Hilton. E deixamos as outras cotas na mão de intermediários. Às vezes, a carne brasileira passava por cinco, seis agentes até

chegar ao destino final. Deveríamos ter trabalhado em cima dos volumes maiores pela redução das tarifas. É o que a Abiec vai fazer a partir de agora, mas com uma diferença. Como entramos em novos mercados, que vamos consolidar a partir de 2004, a discussão mudou de forma, o próprio mercado internacional influenciará as negociações", observou.

Neste ponto, está a grande mudança e uma das maiores explicações sobre a posição brasileira no meio internacional, a partir de 2003. Na opinião dos agentes de mercado, representantes dos seis principais grupos presentes na exportação brasileira (Bertin, Friboi, Independência, Minerva, Marfrig, e Quatro Marcos), até o final do ano os números da Rússia dobrarão, isto é, serão exportadas 100 mil toneladas de carne (principalmente dianteiro e retalhos, para processamento) para aquele país.



**o Brasil exportará em 2003
algo como 100 mil toneladas
de cortes resfriados**

foto: divulgação/ACNB

“O maior rebanho comercial do mundo não pode ter apenas 20% do mercado internacional. Nós temos que ter a maior fatia e queremos consolidar esta situação”, disse Camardelli.

A Holanda, como tem o principal porto de entrada na Europa (Roterdã), distribui carne ao leste europeu e aos países escandinavos. O principal: o Chile também importará acima de 100 mil toneladas de carne resfriada, transportada por caminhões, e se transformou, no maior comprador individual do Brasil.

Voltando ao Mercado Europeu

De janeiro a outubro foram US\$ 500 milhões que os compradores europeus gastaram com o Brasil, mais de 113,4 mil toneladas de carne, com especificação: cortes nobres, resfriados, onde o maior comprador continua sendo a Alemanha, seguida da Inglaterra e da Itália.

Outra explicação para o aumento no volume da carne brasileira na Europa: Argentina e Paraguai ficaram fora do mercado europeu, em função dos focos de aftosa. Provavelmente continuarão fora em 2004. O Uruguai, outro tradicional exportador, dirigiu-se ao mercado norte-americano – ultrapassando as suas 20 mil toneladas de carne que são liberadas através de cotas para aquele país –, mas deixou de atuar na Europa.

Por sua vez, os europeus, com redução na produção, deixaram de vender ao Oriente Médio, Ásia e outras áreas, onde atuavam fortemente. Em 2003, segundo Camardelli, o Brasil ainda conseguiu exportar às Filipinas, Malásia e Coreia do Sul. A China, que já mantém acordo sanitário com o Brasil, está enviando uma equipe técnica para visitar plantas frigoríficas. Também é um mercado regulado por cotas.

André Skirmont disse que os chineses compravam só miúdos de boi, mas aos poucos estão comprando carne de dianteiro. “E não podemos

esquecer das Olimpíadas de Xangai, depois de Atenas, que levará um público muito grande ao país. Os chineses estão construindo muitas redes de hotéis, e nós vamos disputar este mercado com a Austrália”, comentou ele.

“A maior evolução não somente para a nossa empresa, mas para todos os exportadores brasileiros, foi a Rússia, onde definitivamente se consolidou a carne bovina do Brasil, especialmente a do Independência, porque do total vendido, participamos com 25%. Em setembro, estivemos em uma feira de carnes, realizada na cidade de Moscou (acontece duas semanas antes da Anuga). E constatamos a posição firme da carne brasileira. Eles compraram produtos para a indústria, dianteiro, retalhos, e alguns cortes, como coxão duro. Não podemos esquecer que este é um mercado de 110 milhões de pessoas”, informou Skirmont.

Carne industrializada

Além dos cortes do traseiro, de dianteiro, retalhos (blocos de Kg de carne para processamento industrial), miúdos (fígado, buchada, língua e coração), a indústria brasileira produz carne cozida, enlatada, extrato, abastecendo o mercado norte-americano (EUA), mas também a Inglaterra, a Bélgica, entre outros países. Os números não são registrados pela Abiec. Existe uma empresa associada (marca BF, de Bertin-Friboi) que opera marcas brasileiras no exterior, antigamente comercializadas pelo Grupo Bordon (Swift, Bordon, Anglo). A fábrica do Anglo (grupo que não existe mais no país) é em Barretos (SP) e agora funciona sob administração BF. Mas são números expressivos da carne industrializada. O saldo do mês de setembro dá uma idéia disso:

- Setembro 2003 - Carnes Industrializadas:

14.950 ton/ US\$ 29.612 milhões

Preço Médio: US\$ 1.980,74

- Setembro 2002

14.598 ton/ US\$ 27.965 milhões

Preço Médio: US\$ 1.917,67

Para comparar, os dados da exportação de carne “in natura” de setembro de 2003 são: 53.362 toneladas / US\$ 111.957 milhões; e de setembro de 2002: 37.003 toneladas / US\$ 65.317 milhões.

A empresa que opera o maior volume de carne industrializada no país é o Bertin, de Lins (SP). O grupo não comenta sobre a situação do mercado, mas os especialistas e concorrentes dão conta que o Bertin acabou de construir uma fábrica de latas especiais, onde o fechamento é feito com solda eletrônica (custo US\$ 5 milhões). A mesma empresa fez um acordo com uma marca americana de “Beef Jerky” (carne ressecada e temperada, vendida

Abaixo: Coelho Neto, que defendeu arroba do boi mais valorizada

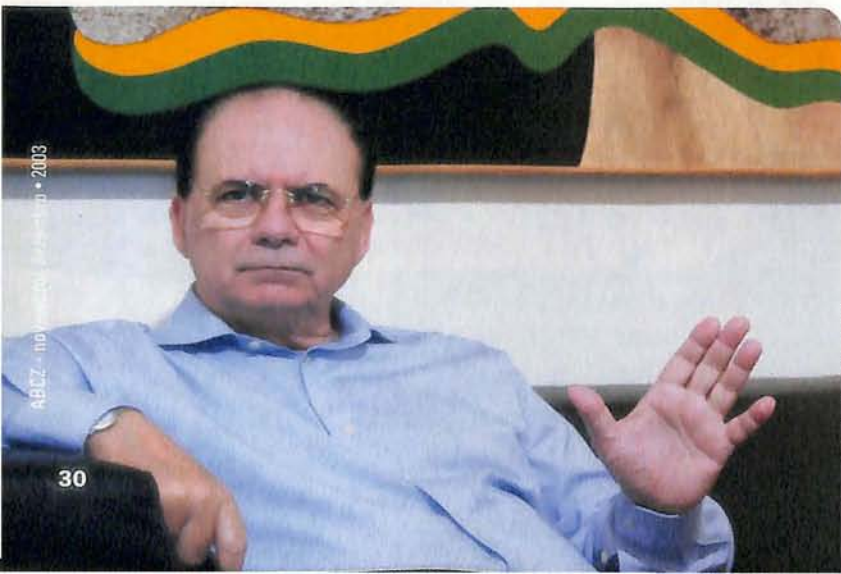
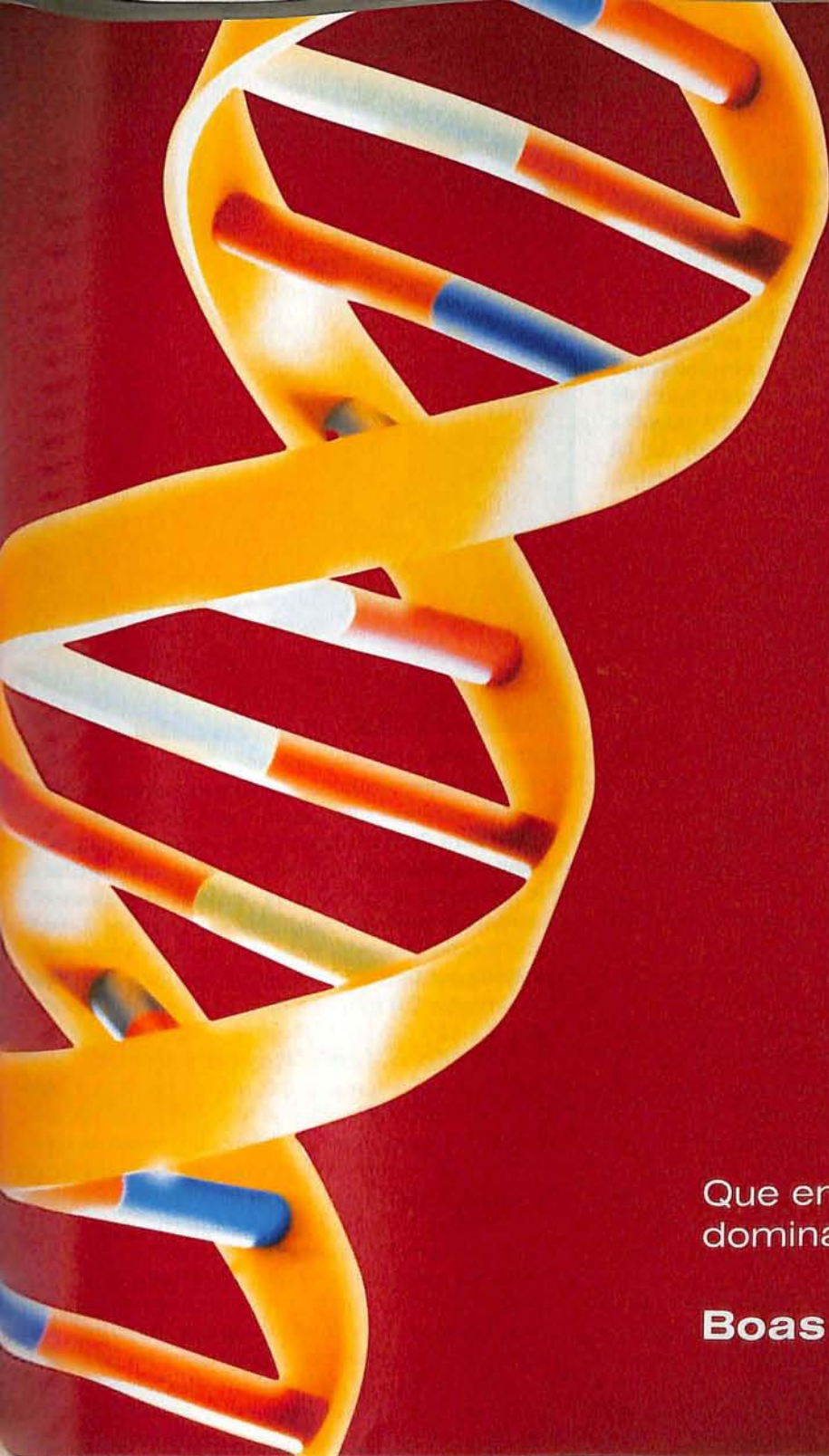


Foto: divulgação/Acrissul



Que em 2004, o gene
dominante seja o da paz.

Boas festas!

2003 - Início do Projeto Genoma Funcional do Boi.



Angus Bela Vista
Genética Bovina - 1990

www.angusbelavista.com.br
Tel.: (14) 3883.1039

FAZENDA SANT'ANNA

Rancharia SP
(18) 251-1329

Uberaba MG
(34) 3319-0700

Cornélio Procópio PR
(43) 524-1849

www.fazendasantanna.com.br
falecom@fazendasantanna.com.br



Central Bela Vista
Genética Bovina

www.centralbelavista.com.br
Tel.: (14) 3883.1039
Fax.: (14) 3883.1026

em lascas, atualmente disputa mercado com as batatinhas e pipocas, na hora da família americana sentar à frente da televisão).

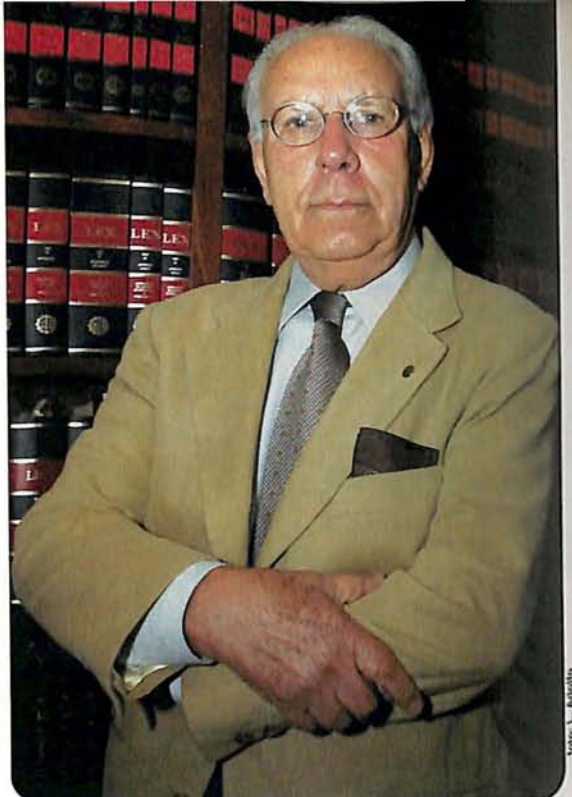
A marca é "Oberto", um nome indígena, e o produto começou a ser comercializado este ano. O "beef jerky" tem alto valor agregado, paga um imposto de 3,5% e nos últimos cinco anos cresceu 20% nos Estados Unidos. Um norte-americano chamado Jack Links montou uma fábrica perto de Campinas (SP), outro empresário dos EUA alugou a tradicional fábrica do Sola, em Três Rios (RJ). Até há pouco tempo, o produto era fabricado na Argentina.

O produtor reage

Como disse o ex-presidente da Abiec, e proprietário do Frigorífico Minerva, Edivar Vilela de Queiroz, "o Brasil possui imensas pastagens, condições climáticas excelentes, tecnologia de ponta, competitividade internacional e o maior rebanho de corte do mundo. Estas são as razões pelas quais o Brasil conquistou o primeiro lugar como exportador. Essa evolução também se estende às áreas tecnológicas e de industrialização".

O presidente da Acrissul (Associação dos Criadores do Mato Grosso do Sul), estado com o maior rebanho de corte e maior percentual de carne exportada pelo país, também concorda, entretanto, faz ponderações. "A leitura que a gente faz do mercado hoje é que os frigoríficos que estão na exportação trabalham com uma margem muito boa, apesar da queda do dólar. Eles não estão tendo a competição com as indústrias que abastecem o mercado nacional. Nós estávamos esperando uma alta da arroba em outubro, inclusive na Bolsa de Futuros existiam negócios de R\$ 64,00 (aroba), que não se confirmaram. Se você pegar a inflação anual no período (mais de 10% - outubro de 2002 a 2003), o preço atual da arroba não paga nem a correção. O preço atualizado deveria estar na faixa de R\$ 68,00 a 70,00", reivindicou Laucídio Coelho Neto.

Hélio Toledo, diretor do Sindifrio (Sindicato da Indústria Frigorífica de São Paulo), que há 29 anos exerce a função, acrescenta outros ingredientes ao analisar o mercado interno. "Apenas 30% do boi acaba para a exportação. O resto continua aqui. E nós tivemos um grande incremento na pecuária brasileira, a melhoria genética dos animais, as tecnologias de confinamento e semiconfinamento. O mercado interno continua sofrendo as consequências da situação econômica do país, com alto desemprego nas grandes cidades. Mesmo assim a previsão é que haja um aumento no consumo de 35.8 Kg (2002) para 36.6 Kg



(2003)", comentou Toledo.

Segundo ele, também haverá um incremento do desfrute, na taxa de abate, no país de 20.52% (2002) para 20.82% (2003). "A produtividade do rebanho brasileiro continua crescendo. Quer dizer, que não teremos problemas de desabastecimento, mesmo com o crescimento das exportações. Este é o diferencial. No ano passado tivemos uma produção de carne de 7,4 milhões de toneladas. Este ano, teremos 7,8 milhões de toneladas", observou.

Preço baixo e novos valores

Helio Toledo sempre diz que o boi é o carro chefe das carnes brasileiras e continuará sendo. "Mas o que perdemos internamente serão ocupados por outras carnes, como aves e suínos", ponderou. Na realidade, a exportação brasileira representa apenas 16% da produção interna, mas é um índice que nunca atingiu este patamar, em 20 anos.

Quanto a concentração das indústrias, como diz Laucídio Coelho, "seis grupos exportam 90% da carne brasileira que é destinada ao exterior, um negócio de 1 bilhão de dólares. A tendência é aumentar essa concentração". Em outubro, o Grupo Friboi, que tem sede em Andradina (SP), comprou o Frigo Sol (MT), com plantas em Cáceres (600 cabeças) e Iturama (1.000 cabeças).

O Friboi é o segundo na exportação, porém, é o que mais exporta cortes nobres do traseiro, e é o maior abatedor do país: 170 mil cabeças por mês, ou seja, 2,04 milhões, em 2003. No próximo ano, talvez detenha a marca de abater 10% dos animais "sifados" (com inspeção federal)

"No ano passado tivemos uma produção de carne de 7,4 milhões de toneladas.

Este ano, teremos 7,8 milhões de toneladas"

Toledo (ao lado), do Sindifrio: consumo interno de carne bovina tende a aumentar

Na página seguinte, lote de carcaças tipo exportação

no país, ou seja, acima de 2,2 milhões de cabeças – são 22 milhões inspecionados por ano.

Segundo a Abiec, os números de 2003 vão fechar em 1,2 milhão de toneladas para um faturamento de US\$ 1,4 a US\$ 1,45 bilhão. Em 2004, informa Antônio Camardelli, o trabalho será sedimentado em conjunto com o governo federal (Mapa), através da firmação de novos acordos sanitários e brigando contra tarifas excessivas. “Só não podemos esquecer que a condição sanitária do Brasil é fundamental”.

Jeremiah O’ Callaghan, do Grupo Coimex, acrescenta que o Brasil conquistou mercados novos por um motivo simples: preço. “A carne de mercados como Egito, Argélia, Irã e mesmo Rússia, custa US\$ 1.500 por tonelada, posto lá. Nós temos que ampliar os mercados com produtos de maior valor agregado”, defendeu O’ Callaghan.

André Skirmont, do Independência, completa “nós estamos procurando inovar nas embalagens, produzindo cortes fatiados, em porções, seguindo as orientações dos nossos clientes. Desta maneira conseguimos agregar valor aos produtos. Na Europa, como em outros países, a mão-de-obra é muito cara. Se o consumidor já não compra um produto que pode ser cozido ou frito, rapidamente a gente ganha espaço”.

(colaborou Luciano Bitencourt)



foto: divulgação/ACNB

Produção de carne (em toneladas equivalente carcaça)

	2000	2001	2002
- Austrália	1.987,902	2.080,000	2.034,000
- União Européia	7.418,295	7.343,842	7.502,335
- Estados Unidos	12.298,000	11.983,000	12.438,000

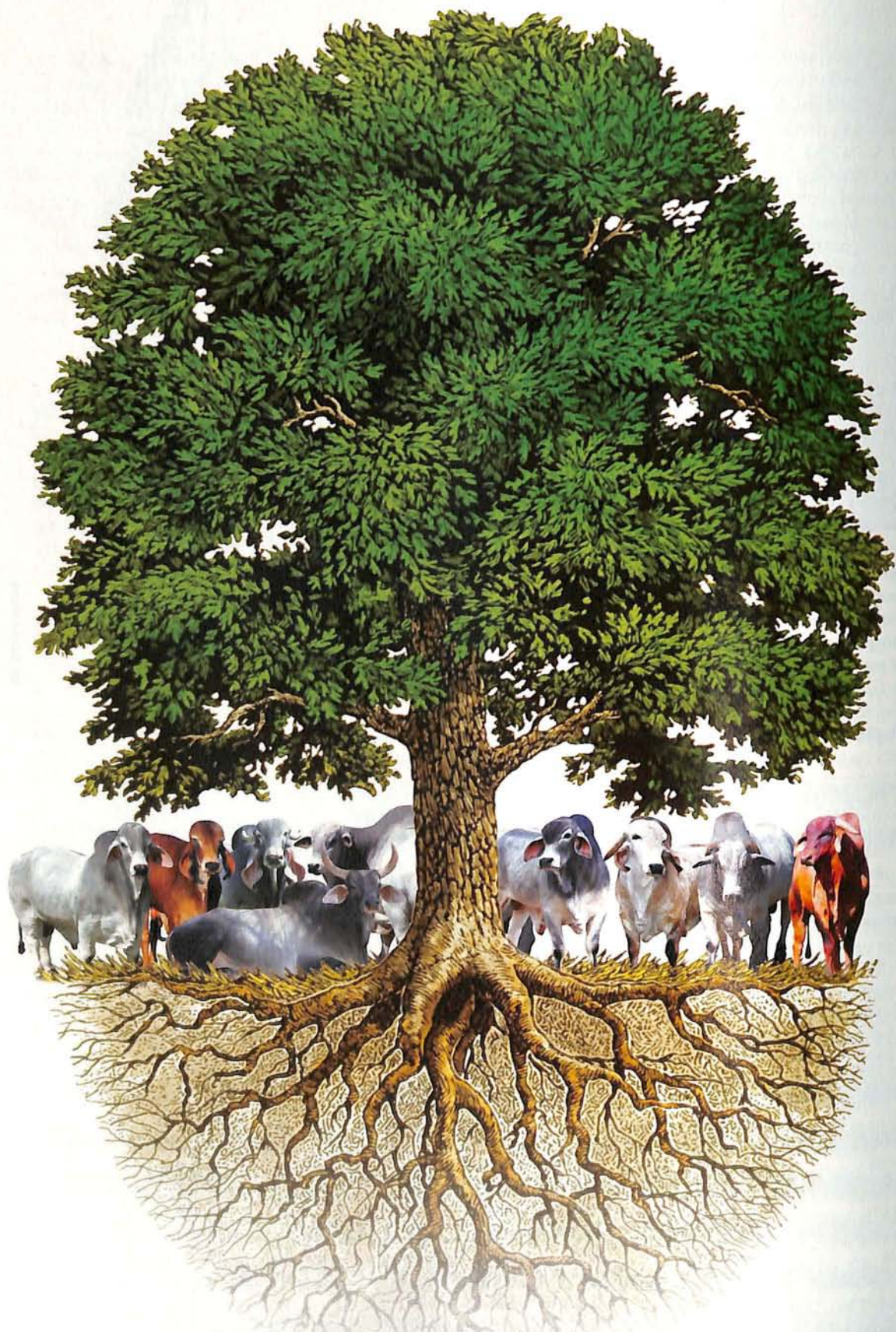
Rebanho da Austrália	2000	2001	2002
:	27.588.000	28.768.000	30.500.000

Fonte: FAO/Brasil – Biblioteca

Veja tabela abaixo:

Exportações brasileiras janeiro a outubro de 2003	em valores [principais compradores]	em toneladas [equiv. carcaça]
- Reino Unido	US\$ 75 milhões	29 mil
- Alemanha	US\$ 45 milhões	12 mil
- Itália	US\$ 61 milhões	26,6 mil
- Espanha	US\$ 43 milhões	12,8 mil
- Holanda	US\$ 119 milhões	33 mil
- Rússia	US\$ 74 milhões	50 mil
- Egito	US\$ 76 milhões	64 mil
- Irã	US\$ 43 milhões	32 mil
- Argélia	US\$ 45 milhões (previsão)	30 mil (previsão)
- Arábia Saudita	US\$ 49 milhões	35,8 mil
- Hong Kong	US\$ 23 milhões	15,4 mil
- Chile	US\$ 112 milhões	72,2 mil

Fonte: Abiec



70 anos de evolução do Zebu

O Zebu como experiência e um futuro de longo alcance.

Em 2004, a ABCZ - Associação Brasileira dos Criadores de Zebu está completando 7 décadas de um trabalho que não pára no tempo. E a edição comemorativa dos 70 anos da ExpoZebu, maior feira de pecuária zebuína do mundo, promete ser o grande marco no calendário do próximo ano. Isso porque, o Zebu de hoje, mais forte, enraizado e produto de um melhoramento genético contínuo, encontra-se pronto para conquistar o mundo. É a pecuária do Brasil firmando seu lugar de ponta no mercado internacional. Aproveite a ExpoZebu 2004 para conhecer a vitrine da pecuária brasileira e os melhores resultados alcançados nestes 70 anos de evolução do Zebu.

ExpoZebu 70 anos

O PONTO DE ENCONTRO DA PECUÁRIA MUNDIAL
DE 29 DE ABRIL A 10 DE MAIO DE 2004 • UBERABA/MG



A maior organização pecuária do mundo.

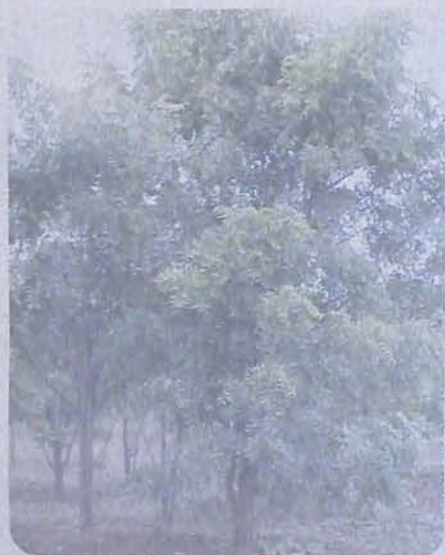


foto: divulgação

Árvore da Índia

Desejaria receber mais informações sobre a reportagem "Neem à mostra na ExpoZebu 2003" que saiu na edição nº 13 março/abril de 2003.

Ezequias de Souza Machado
Técnico de planejamento e controle de produção Tora S.A.

Sr. Ezequias, por gentileza, entre em contato com o pesquisador Chris Mosse no telefone (34) 3336-6816. Foi ele que nos forneceu as informações contidas na matéria, sendo inclusive o responsável pela exposição da árvore na ExpoZebu. Mosse é produtor de mudas de neem.

Adesivo

Olá, sou estudante de zootecnia e gostaria de saber como faço para adquirir um adesivo da associação.

Um abraço,
Thiago Duarte

Tiago é só enviar seu endereço de correspondência completo para o e-mail: luciano@abcz.org.br.

Anúncio

Sou associado da entidade e gostaria de saber como faço para

anunciar nos classificados da revista ABCZ.

Agradeço desde já
Felipe Cavalcante

Felipe é só enviar o seu classificado para o e-mail: revista.abcz@abcz.org.br.

Assim que recebermos a sua mensagem, cuidaremos de incluí-la também nos classificados da ABCZnet.

Título de sócio

Se eu comprar uma cota em parceria com outra pessoa, ela sairá em nome dos dois? Poderão ser registrados animais em nome dos dois ou só de um dos donos?

Fazenda Santa Olaia
santaolaia@btsonline.com.br

Srs., por favor, entrem em contato com a Secretaria Geral da ABCZ, falem com a Kátia, através do telefone (34) 3319-3834. Ela fornecerá todos os esclarecimentos necessários.



foto: L. Adolfo

Queijim de Minas

Sou estudante de zootecnia, assinante da revista ABCZ e morador da região de Brejo Bonito, que é citada em reportagem da edição nº 15. Gostaria de parabenizá-los pelo exce-

lente trabalho, e por escrever sobre o nosso bem maior (o queijo) e que estava quase em vias de extinção. Se não fosse o trabalho de pessoas sérias, as quais a reportagem citou, esse nosso tesouro já estaria extinto.

Carlos Eduardo de Oliveira

Carlos Eduardo agradece muito as suas palavras, é motivo de grande satisfação da equipe da revista ABCZ contar com o reconhecimento dos nossos leitores. Continuamente vale lembrar o nome do zootecnista João Gilberto Bento, do Fundep, que foi quem nos sugeriu trabalhar o tema.

Mais informações

Dr. José Olavo, parabéns pelo trabalho que o sr. está realizando para a pecuária brasileira. Estou cursando Medicina Veterinária em Goiânia, gostaria de estar informado de todos os eventos que a entidade realizar aqui no Estado de Goiás.

Igor Costa Campos Moraes

Mais informações II

Olá, gostaria de parabenizar a ABCZ pelo bom trabalho do qual eu acompanho desde os 13 anos pelo Canal do Boi. Hoje, tenho 16 anos e faço colégio técnico em agropecuária. Gostaria de pedir a vocês que me enviassem informações e artigos sobre a entidade, por que é meu interesse estar informada.

Obrigada, atenciosamente
Damiane

Igor e Damiane, vocês podem acessar o site da ABCZ www.abcz.org.br. Todas as informações a respeito das atividades da ABCZ são divulgadas diariamente na nossa página eletrônica, onde vocês poderão encontrar também artigos, notícias recentes e outros assuntos ligados à zebuicultura. Além disso, estamos incluindo nossos endereços eletrônicos em nosso mailing de notícias.

Agenda cheia

ABCZ continua participando de feiras pelo Brasil e faz sucesso na promoção dos produtos e serviços que disponibiliza para seus associados



fotos: divulgação



Com estande montado em Bauru (SP), a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ) participou da 30ª Exposição Regional de Animais e Produtos Derivados. As raças nelore, nelore mocha, brahman e guzerá marcaram presença na feira. Ao todo, 520 animais zebuínos participaram dos julgamentos. A exposição começou no dia 31 de outubro e terminou no dia 9 de novembro. De acordo com o superintendente-adjunto de Melhoramento Genético da ABCZ, Carlos Henrique Cavallari Machado, “a movimentação no estande em todas as feiras é surpreendente. Os pecuaristas querem saber tudo sobre os programas oferecidos pela ABCZ e, aqueles que ainda não são sócios, demonstram grande interesse em fazer parte da entidade”.

A 62ª Expô Nordestina de Animais e Produtos Derivados, em Recife (PE), que aconteceu de 9 a 16 de novembro, foi outra feira que fez parte da agenda da entidade. “Em todas as feiras que estivemos, observamos o bom resultado da divulgação dos vários produtos e serviços que a ABCZ desenvolve para viabilizar o melhoramento genético das raças zebuínas, assim como facilitar o manejo do rebanho e a escolha do acasalamento ideal para os animais, entre outros produtos”, disse Enelice Kadetti, zootecnista da entidade. Outro evento que também proporcionou grande movimento no estande foi a exposição realizada na cidade de Presidente Prudente (SP), na primeira quinzena de setembro, como lembra Enelice. A 40ª ExpôPrudente contou com 835 animais zebuínos das raças nelore, nelore mocha, guzerá e brahman que passaram pelo crivo dos jurados na pista de julgamento.

Um estande também foi montado pela ABCZ na Exposição Nacional da Pecuária Leiteira e Feira Internacional da Cadeia Produtiva do Leite (Expomilk). A feira, que acontece todos os anos na capital paulista, e foi palco de mais novidades sobre projetos criados para aumentar a qualidade genética do rebanho zebuino leiteiro. Um deles, a 1ª Prova Brasileira de Produção de Leite de Zebuínos, iniciada em julho na cidade de Uberaba (MG), na qual cerca de 34 fêmeas das raças gir e gir mocha estão sendo avaliadas quanto à produção, entre outros aspectos.

Na sequência ao lado:

estande da ABCZ na 30ª Exposição Regional de Animais e Produtos Derivados, em Bauru (SP);

jurados no estande da ABCZ durante a Feapam;

vista noturna do estande da ABCZ, que tem percorrido várias feiras pelo Brasil

Garantir **boa reprodução** é assegurar bons **resultados econômicos**

A pecuária brasileira tem conquistado resultados comerciais muito interessantes e promissores, fato que começa a ajustar o posicionamento da produção animal nacional no mercado mundial.

É preciso garantir definitivamente o título de maior exportador de carne do mundo, para tanto, são necessárias ações governamentais que garantam a abertura de novos mercados, organização de toda a cadeia produtiva e garantia de oferta de produto que atendam às exigências do mercado interno e os protocolos para exportação.

Não basta o Brasil ter o maior rebanho bovino comercial, assim como ter grandes extensões territoriais de pastagens e também um clima satisfatório à produção em grande parte de seu território, se não ocorrer mudanças em índices zootécnicos como idade ao primeiro parto, intervalo entre partos, taxa de natalidade e taxa de mortalidade. Tais índices estão relacionados a outros como taxa de abate, de desfrute e de renovação de rebanho, os quais são bons indicativos para práticas de manejo que garantam o melhoramento do rebanho, bem como maior aproveitamento do mesmo, resultando em maior giro de capital em menor tempo.

Dentre as práticas de manejo de importância à propriedade, destaca-se o reprodutivo, o qual torna-se ainda mais eficiente se houver a aplicação de boas estratégias de nutrição e profiláticas. É bom lembrar que estes cuidados devem ser aplicados a todos os animais, mesmo

nos mais jovens, uma vez que estes serão inseridos no rebanho adulto mais rapidamente devido a maior precocidade.

A base de um bom manejo reprodutivo está na escolha correta dos reprodutores e das matrizes, os quais devem apresentar méritos genéticos de produção e também os órgãos da reprodução bem formados e sem anomalias.

O macho deve ser avaliado quanto a libido (interesse pela fêmea), dimensões e consistência da bolsa escrotal e espermograma, testes estes que podem ser realizados na propriedade. Outra prática importante é a coleta de material para constatação ou não de doenças infecto-contagiosas. Cabe destacar que em propriedades onde se utiliza a inseminação artificial tais critérios também valem para o touro de repasse, já o inseminador deve ser avaliado quanto ao índice de aproveitamen-

to, o qual deve ser no mínimo de 75%.

Em monta natural a campo, é preciso avaliar a condição do ambiente criatório, pois obstáculos comuns em pastos reconhecidos como sujos, reduzem a distribuição de vacas por touro, já em pastos bem manejados há menor número de acidentes e maior proporção na relação touro/vacas. Há propriedades que trabalham com cerca de 30 vacas por reprodutor, outras 40, e há alguns relatos de rebanhos com até 80 fêmeas. Entretanto, é importante dizer que nem sempre a experiência do vizinho ou amigo serve também para outra propriedade, uma vez que podem ocorrer interações ambientais, estresse por esforço físico e domínio por hierarquia, entre ou-

"A base de um bom manejo reprodutivo está na escolha correta dos reprodutores e das matrizes..."



Alexandre Lúcio Bizinoto é coordenador do Curso de Zootecnia da Fazu e conselheiro do CRMV

tros fatores que poderão implicar em menor eficiência reprodutiva do rebanho.

As fêmeas, após terem sido selecionadas segundo o tipo desejado, devem ser submetidas a exames do trato reprodutivo, bem como parasitológicos, para posteriormente comporem o grupo da propriedade. As diagnosticadas com qualquer distúrbio ou má formação, devem ser descartadas com a finalidade de reduzir ao máximo as falhas que comprometam os índices.

Quando se pratica a monta controlada ou inseminação artificial, torna-se fácil a identificação e prevenção a possíveis problemas. Já em monta natural não controlada, há a necessidade de um acompanhamento do rebanho de forma cíclica e contínua, dependendo do ciclo reprodutivo adotado para a fazenda.

A adoção de estação de monta é uma excelente estratégia para rebanhos de corte, pois concentra os serviços em poucos meses do ano, facilitando a identificação de fêmeas com problemas reprodutivos, o acompanhamento pré e pós-parto das

mesmas, garantindo sua pronta recuperação para a próxima estação, respeitando o intervalo de 12 meses entre partos.

É importante lembrar o manejo aplicado às novilhas, pois estas devem apresentar-se com peso ideal para entrarem no programa, sendo interessante dar um mês a mais além do período determinado para as matrizes já integradas à estação de monta. Esta medida reduz a possibilidade do descarte de animais com excelente potencial de produção.

Em suma, é preciso profissionalizar ainda mais as propriedades brasileiras, tornando a atividade pecuária mais competitiva...

**"...é preciso
profissionalizar ainda
mais as propriedades
brasileiras, tornando
a atividade pecuária
mais competitiva..."**

Pelos campos do país, soluções bem brasileiras!

★ **Pioneirismo na marcação de brincos à laser e rastreabilidade no Brasil, com know how 100% nacional** ★



★ **Completa linha em identificação animal (conforme normas oficiais do SISBOV)**



★ **Parceira com o líder mundial em soluções de curvas elétricas**



**GRUPO
FOCKINK**
IDENTIFICADORES

0800 701 4128 - marketing@fockink.ind.br - www.fockink.ind.br

A integração agricultura pecuária (parte IV)

Continuando a descrição das práticas de integração agricultura/pecuária da edição passada temos:

Reciclagem Avicultura e suinocultura após milho

Nas propriedades familiares da região Sul do país a produção de milho é destinada à alimentação das aves e suínos, que transformam o cereal em produto animal de maior valor agregado. Os dejetos das criações vêm sendo tradicionalmente utilizados para adubação da cultura do milho, o qual representa cerca de 80% da ração fornecida. Trata-se de uma verdadeira integração agricultura pecuária, embora de pequenos animais, com valiosa reciclagem dos nutrientes fornecidos à cultura, esta por sua vez feita, em grande parte, sob sistema de plantio direto a tração animal ou com pequenos tratores. As adubações comerciais são, via de regra, mais econômicas pelo fato de serem parcialmente substituídas pelo adubo orgânico reciclado dos animais.

Adubo animal para culturas

Estercos, compostos e resíduos vários são aproveitados de atividades pecuárias diversas baseadas em pastagens ou em forragens e/ou rações comerciais. Não se trata propriamente de uma reciclagem, mas não deixa de ser uma integração agricultura-pecuária já que as duas atividades ocorrem no mesmo estabelecimento.

Considerações finais

Alguns dos sistemas descritos fazem parte das operações rotineiras da agricultura de conservação, principalmente do plantio direto, enquanto outros são independentes, embora a alternância agricultura/pecuária esteja sempre ligada à preo-

cupação de melhorar e manter a fertilidade do solo, sem perder de vista sua finalidade econômica. Em que pese a viabilidade técnica das várias práticas, a perspectiva econômica por unidade de área é quase sempre mais atraente na agricultura do que na pecuária, seja de corte ou de leite.

Por outro lado, o pecuarista tem normalmente a cabeça voltada para suas lidas, sentindo-se pouco atraído pela agricultura, trazendo um novo campo de preocupações com tratores, maquinários, defensivos, etc. Da mesma forma, o agricultor em geral pouco se interessa por bois, vacas e bezerros, seu cheiro e suas vozes. Por um e outro motivo a integração agricultura/pecuária não apresenta suficiente atrativo para ser adotada em grande escala, limitando-se quase sempre às situações de existência de áreas impróprias para agricultura dentro da mesma propriedade.

No sistema descrito de renovação, deve-se considerar que muitas vezes ocorre uma substituição da pecuária pela agricultura, a qual se mantém sustentável pelas tecnologias disponíveis para conservação do solo, notadamente o plantio direto.

Em que pese a pequena escala atual, o simples fato de se produzir forragem na estiagem, com aproveitamento do N fixado pela leguminosa, oferece a perspectiva de grande expansão em futuro próximo, movimentando-se os animais das pastagens de verão para as de inverno que sucedem a cultura da soja e milho.

Assegurada alimentação no inverno seco, as atuais pastagens permanentes poderiam ter sua capacidade de verão substancialmente acrescida pela adubação, com aumento expressivo do rebanho de gado de corte e conseqüente aumento da produção de carne vermelha de bovino, sem envolver a abertura de novas áreas. ♡



Fernando Penteado Cardoso
é engenheiro-agrônomo e
presidente da Fundação
Agrisus

Indicações para o **Mérito ABCZ** já podem ser feitas

Os associados da entidade que quiserem indicar o nome daqueles que serão agraciados com o Mérito ABCZ já podem encaminhar suas correspondências para a sede da ABCZ em Uberaba (MG). O prazo é até o dia 5 de janeiro de 2004. Cada indicação deverá ser endossada por dez assinaturas de associados e acompanhada de uma justificativa, com breve currículo de atividades do indicado, ligadas ao setor.

A correspondência não será aceita via e-mail, devendo ser encaminhada

da aos cuidados do vice-presidente da ABCZ, João Antônio Prata, que é presidente da Comissão que irá analisar as indicações.

O endereço para contato é: praça Vicentino Rodrigues da Cunha, 110, Bairro São Benedito, cep.: 38022-330, Uberaba (MG).

Criado em 31 de julho de 1977, com o nome de Mérito Agropecuário, o Mérito ABCZ é uma homenagem que destaca pessoas que trabalham para o engrandecimento da zebuicultura e do agronegócio brasileiro e internacional.

Calendário de feriados 2004 **ABCZ**

Fevereiro

23 (segunda) - recesso
24 (terça) - Carnaval
25 (quarta) - Cinzas (expediente após às 12h)

Março

2 (terça) - Aniversário de Uberaba

Abril

8 (quinta) - Semana Santa
9 (sexta) - Paixão
21 (quarta) - Tiradentes

Maio

14 (sexta) - recesso ExpoZebu (apenas sede/Uberaba)

Junho

10 (quinta) - Corpus Christi
11 (sexta) - recesso

Setembro

7 (terça) - Independência

Outubro

12 (terça) - Nossa Senhora da Aparecida

Novembro

1º (segunda) - recesso
2 (terça) - Finados
15 (segunda) - Proclamação da República

Dezembro

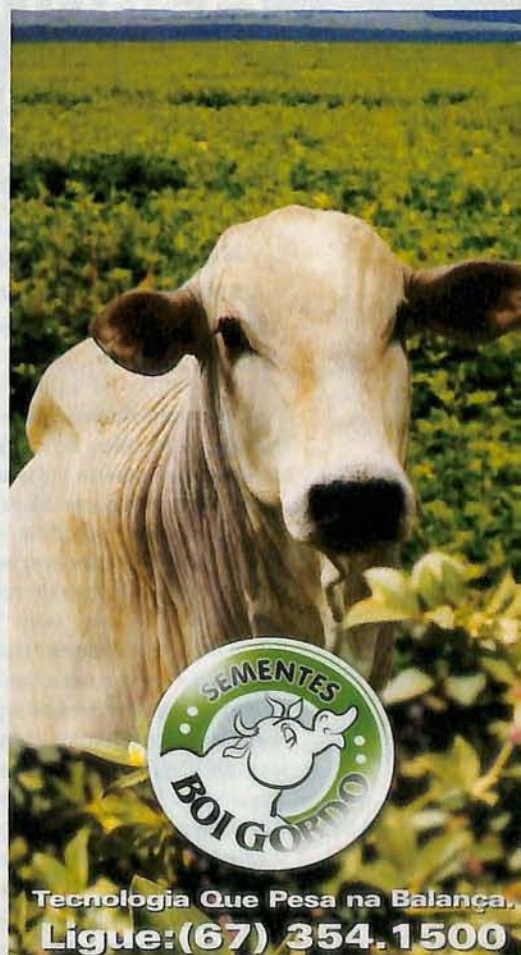
17 (sexta) - encerramento das atividades 11h; início de férias coletivas

ESTILOSANTES **CAMPO GRANDE**

**A Leguminosa do Cerrado
Que Vai Engordar Seu Gado
e Seu Bolso Também.**

- Excelente fixador de nitrogênio no solo.
- Alto teor proteico.
- Boa digestibilidade e palatabilidade.
- Boa produção de forragem.
- Desempenho animal até 30% maior.
- Baixo custo de implantação.
- Grande adaptação a solos arenosos e de baixa fertilidade.
- Boa capacidade de persistência em consorciação com a *Brachiária Decumbens*.

O Estilosantes Campo Grande é um produto desenvolvido pela EMBRAPA e multiplicado pela Sementes Boi Gordo, integrante do Grupo Unipasto.



Tecnologia Que Pesa na Balança.
Ligue: (67) 354.1500



Assumindo as rédeas do agronegócio eqüino

Dono do terceiro maior rebanho eqüino do mundo, o Brasil não conhece com precisão o real alcance do setor. Uma pesquisa vai mostrar qual o perfil da eqüideocultura que começa a investir em qualificação profissional. Mas já se sabe que por aqui está o maior centro de formação do mundo

Larissa Vieira

O universo brasileiro do agronegócio eqüino será traduzido em números a partir de 2004. Pesquisadores da Fundação Getúlio Vargas vão sair a campo para coletar dados de todos os segmentos da eqüinocultura. A idéia é mostrar a verdadeira imagem do setor que emprega mais de 500 mil pessoas e detém a posição de terceiro maior rebanho de cavalos do mundo, com 5,9 milhões de exemplares. Na frente do Brasil, estão apenas China e México. Apesar desses números significativos, muitos dados importantes, referentes principalmente à comercialização interna e externa de animais, ainda não foram quantificados com precisão. "Falta conhecimento do que representa o setor para a sociedade, sua influência na economia brasileira e quais os elos de toda a cadeia produtiva", esclarece Pio Guerra, presidente da recém criada Câmara Setorial da Eqüideocultura, grupo de trabalho que passa a integrar o Conselho do Agronegócio do Ministério da Agricultura, Pecuá-

ria e Abastecimento (Mapa). A pesquisa vai acontecer a pedido dos mais de 30 representantes da Câmara.

Mais que traçar o perfil da eqüinocultura o estudo tem o objetivo de acabar com velhos mitos. Os criadores querem mostrar que não existe apenas o glamour das pistas de corrida. "Cavalo não é uma cultura para poucos como pensa a maioria das pessoas. Os alemães costumam fazer uma exposição em um local onde 9 dos 11 hectares do recinto são destinados às empresas do setor que vão desde produtos veterinários a fabricantes de carros. A feira recebe 300 mil visitantes. Por que não podemos fazer isso no Brasil?", questiona Guerra, criador de mangalarga marchador em Pernambuco. O estado nordestino coleciona feitos envolvendo esse tipo de criação. O primeiro registro de entrada de cavalos no Brasil, então colônia de Portugal, foi feito em terras pernambucanas. De lá também saiu, em agosto de 1933, o primeiro campeão do Grande Prêmio Brasil.

Mossoró, pertencente a Frederico Lundgren (fundador de uma das maiores redes de lojas de departamentos do Brasil), superou 22 pares na pista do Hipódromo Brasileiro.

Agora, a corrida é para ganhar mais espaço no país. O mercado está aquecido e tem registrado boas médias nos leilões. As exportações também ajudam a elevar os números do setor. Apesar de não haver um valor preciso das vendas concretizadas a cada ano, sabe-se que a raça árabe é exportada para países como Estados Unidos e África do Sul. Falta investir mais em qualificação, ou seja, aumentar a quantidade de centros de pesquisa sobre equinos por aqui, algo comum na Europa onde existem escolas tradicionalíssimas. O país já deu alguns passos nesse sentido. A Comissão Nacional do Cavalo, criada pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), vai elaborar em conjunto com o Senar cursos e cartilhas com foco na equideocultura para qualificar os trabalhadores rurais e criadores de várias regiões brasileiras.

Sala de aula

Outro passo importante do setor foi a instalação do primeiro centro de formação e desenvolvimento de pessoal para a equinocultura da América Latina, a Universidade do Cavalo (UC). "De nada adianta comprar um excelente cavalo, às vezes pagando fortunas por ele, quando não se tem conhecimento sobre o assunto", protesta o médico veterinário e reitor da instituição Aluísio Cruz Marins. Segundo ele, a Universidade do Cavalo é a única do gênero no mundo. Na Europa e nos Estados Unidos, existem apenas centros especializados em algum assunto específico sobre cavalos, como as tradicionais escolas de ferrageamento ou de equitação.

A instituição está sediada em Sorocaba, interior paulista, região de forte tradição em cavalos e onde existe grande concentração de criatórios e haras de

todas as raças. O reitor viu o público-alvo da UC mudar ao longo dos seis anos de funcionamento. A idéia inicial era atender tratadores, cavaleiros e veterinários. Hoje, a universidade atende estudantes de curso superior de todo o Brasil que querem colocar em

prática as teorias aprendidas em sala de aula. A lista inclui ainda associações de raças, empresas de produtos para cavalos, ferradores e outros profissionais que curtem praticar equitação nos momentos de lazer. "Não somos uma universidade como as convencionais, mas sim uma espécie do que se chama de universidade corporativa, especializada em cavalos em todos os seus aspectos. Temos mais de 40 temas de cursos que vão de 4 horas a 15 dias, além de *workshops*, clínicas especializadas, encontros científicos e outros eventos. É preciso lembrar que o Brasil tem somente 500 anos de vida. Não temos o cavalo embutido culturalmente em nosso povo como na Europa. Temos muito que aprender com países já tradicionais no cavalo", explica Marins.

De olho nos séculos de experiência dos ingleses, a universidade firmou convênio com o *Warwickshire College*, tradicional instituto educacional inglês da área. A parceria inclui intercâmbio onde alunos do UC tem a oportunidade de estudar na Inglaterra. Outro convênio é com a Universidade Anhembimombi. A instituição utiliza as instalações e o corpo docente da Universidade do Cavalo para ministrar aos alunos do curso de Medicina Veterinária aulas práticas e teóricas sobre todos os aspectos da equinocultura e esportes equestres. A parceria vai render um curso de pós-graduação *Latu Sensu* – especialização em Medicina Esportiva Equina – a partir de janeiro de 2004. O campus da UC abriga ainda a Escola Nacional de Formação e Desenvolvimento de Ferradores, fruto de acordo com uma empresa sueca do setor de ferramentas, ferraduras e cravos que rendeu este ano duas aulas clínicas internacionais de ferrageamento, ministradas por profissionais da Inglaterra e Estados Unidos.

Genética e sanidade

Não é só os centros de estudo que precisam ser democratizados. As mais de 20 associações de cavalo querem facilitar o acesso dos criadores aos laboratórios que fazem o controle de doenças. "Precisamos baixar os custos dos exames para garantir a sanidade animal de nosso rebanho", reivindica Pio Guerra. Segundo ele, é preciso estabelecer uma política nacional firme de sanidade animal voltada para os equinos. Para isso, instituições que representam os criadores e o governo federal devem sentar à



Centro:
Pio Guerra,
presidente da
recém criada
Câmara
Setorial da
Equideocultura



Ao lado:
Marins, que é
reitor
da Universidade
do Cavalo (vista
aérea do campus
em Sorocaba na
página anterior)

mesa para abrir as negociações.

A Câmara Setorial da Equideocultura quer estabelecer um laboratório de DNA que atenda todas as raças, para garantir o máximo controle sob a criação de cavalos no país. Para o presidente da Câmara, além do investimento em sanidade, os criadores de cavalo têm procurado garantir cada vez mais qualidade genética ao rebanho brasileiro. Biotecnologias como inseminação artificial (inclusive com sêmen

importado) e transferência de embrião são utilizadas em praticamente todas as raças, mas, talvez, com maior força nos criatórios de cavalos de salto. Nos criatórios de quarto de milha, há um alto número de animais importados sendo utilizados para melhoramento do rebanho brasileiro. O mesmo vem acontecendo nas raças Apaloosa e Paint Horse. Todos esses cuidados fizeram do Brasil referência mundial quando o assunto é cavalos.

Adrenalina sobre quatro patas

Na propriedade da família Aguiar, em São Pedro, interior de São Paulo, a paixão pelos animais da raça nelore é igual ao amor pelos cavalos. Tanto entusiasmo ultrapassou os limites da fazenda paulista e ganhou as arenas do Brasil. André De-Stefani Aguiar (foto), 22, atua em competições durante todo o ano. Agora em 2003, ele divide o tempo entre os estudos de zootecnia nas Faculdades Associadas de Uberaba (Fazu) e as provas de laço. O universitário já levou para casa dezenas de troféus. O mais recente deles foi o de vice-campeão da 4ª Etapa do 1º Campeonato Nacional de Laço de Bezerro da Associação Nacional do Laço de Bezerro (ANLB), conquistado este ano. Ao todo, serão nove etapas. O encerramento está previsto para dezembro.

Para garantir uma lista grande de conquistas, a força física e a técnica são requisitos básicos tanto por parte do competidor quanto do animal. Existem alguns centros de preparação de cavalos no Brasil, em geral localizados no estado de São Paulo, voltados para as competições. Entre os treinadores mais conceituados estão Frederico Werneck e Nilton Braga. "É um esporte caro porque exige muitos cuidados com os equinos. O material

utilizado também não é barato. Só um laço custa quase R\$200,00 e chego a usar mais de um por mês. Além disso, um bom cavalo pode custar

entre R\$20 mil e R\$70 mil, dependendo do tipo de competição", explica André. A irmã, Priscila Aguiar, está trilhando o mesmo caminho. Ela compete na prova de tambor e levou no ano passado o campeonato da mais famosa e disputada arena do Brasil, a da Festa do Peão, em Barretos (SP).

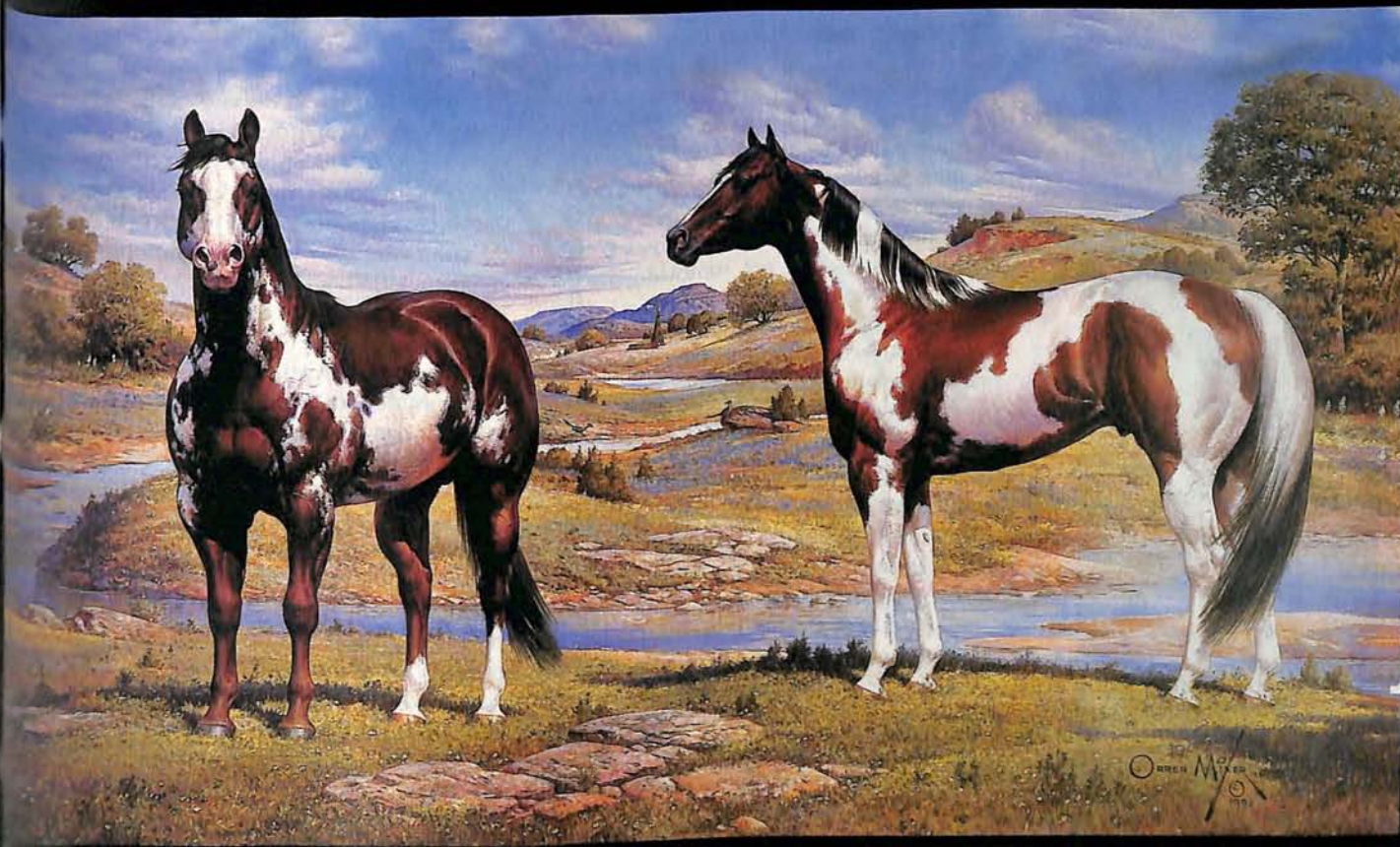
Se as arenas tremem com as apresentações dos atletas de laço e tambor, nas pistas de hipismo a história não é diferente. A equipe brasileira de Volteio (ginástica sobre cavalo em movimento) treina a partir de janeiro nas instalações da Universidade do Cavalo para o Campeonato Mundial, que será realizado em fevereiro. O local também é o centro oficial de concentração das equipes brasileiras da modalidade Concurso Completo de Equitação (CCE). O esporte rendeu ao Brasil medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos de Buenos Aires, em 1995, e de prata nos Jogos Pan-americanos em Winnipeg, em 1999.

Apesar da euforia vinda das pistas, a falta de patrocínio dificulta a participação e conquista de mais atletas. André só conseguiu apoio agora, mesmo acumulando quatro anos de experiência nas provas de laço. A Fazu vai patrocinar o estudante a partir de 2004. Enquanto o próximo campeonato nacional de laço de bezerro não começa, ele faz tratamento intensivo para se livrar de mais uma contusão, uma ruptura nos ligamentos do joelho, sofrida no meio das provas de 2003. É esperar a recuperação total e depois soltar o laço pelo Brasil afora.



PAINT HORSE

A Raça que mais cresce no Brasil



ambor, Baliza, Laço, Rédeas,
onformação, Western Pleasure,
partação, Team Penning,
orking Cow Horse.

udo isso com
pelagem exclusiva.

Paint Horse

"Deixe essa emoção pintar em sua vida"



ABC Paint
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DO CAVALO PAINT

(14) 3236-3000

abcpaint@abcpaint.com.br

www.abcpaint.com.br

Florestas:

compromisso com o futuro

Sejamos práticos! Para que servem as florestas? Se fazemos essa pergunta é porque muita gente ainda acredita que as áreas de matas não servem para nada ou que podem ser reduzidas ao mínimo. Pior ainda: continuam desmatando indiscriminadamente, como se as matas não tivessem importância. Comportam-se como se elas fossem apenas um obstáculo a ser removido, meras ocorrências vegetais sem importância num contexto maior, seja geográfico, social, econômico ou ecológico. Acreditam que elas possam ser substituídas por pastagens ou lavouras de cana-de-açúcar, soja, algodão, etc. sem maiores consequências para o meio ambiente e para as atividades produtivas.

Não precisaríamos nos preocupar com esse tema se a maioria compreendesse sua importância e seu significado, o que não ocorre, nem na teoria e nem na prática. Constata-se que a prática da derrubada, geralmente seguida por queimada, é uma constante na vida do país desde a chegada dos portugueses no século XVI. É bem verdade que os índios já agiam assim, porém com uma fundamental diferença: praticavam um manejo na forma de rodízio, nunca utilizando a mesma área até a exaustão.

Os primeiros portugueses trouxeram consigo uma concepção em que a mata representava a barbárie, o selvagem, a sujeira. Em decorrência desse pensamento, a limpeza surge como a opção, termo até hoje utilizado: limpeza de pasto, limpeza de área, e limpeza com fogo ou erradicação de quaisquer outras espécies que não a espécie esperada, seja pastagem ou lavoura.

O tipo de colonização implantado no Brasil permitiu a continuidade desse raciocínio. O território brasileiro foi conquistado, até os dias atuais, à custa da derrubada das matas nativas, com o sacrifício da vegetação nativa e de todas as riquezas que poderiam representar, em termos da biodiversidade.

O assunto é polêmico e causa comoções em amplos setores da sociedade. Produz bate-bocas no Congresso, opõe representantes de entidades da sociedade civil, tem produzido inúmeros conflitos e já ocasionou mortes e outros crimes. Ou seja, não se

trata apenas de uma questão técnica, muito menos de apenas uma questão ideológica. É preciso ampliar o debate, deixar correr o assunto, permitir que os vários grupos envolvidos se manifestem se não desejamos, e não comungamos, com decisões arbitrárias, comuns no período autoritário da história do país; que não foram totalmente erradicadas da vida nacional.

Para o produtor rural o assunto é fonte de preocupações porque parece que lhe tira autonomia no gerenciamento de seu negócio, impede ou dificulta o aproveitamento máximo das terras disponíveis. E a formação florestal nunca, ou quase nunca, é encarada como uma coisa boa, uma qualidade positiva que merece todo o cuidado necessário. Diversas concepções estão em jogo nessa questão. Uma delas é a função social da propriedade, seja ela rural ou urbana, e a responsabilidade social do produtor, em todos os sentidos. Ou seja, a floresta não interessa apenas ao produtor. O mundo físico exterior aos seres humanos, a natureza num sentido restrito, não se enquadra em limites rígidos ou obedece fronteiras de outra espécie que não as suas próprias. Isso significa que a dinâmica natural não se restringe a uma determinada área; o que acontece num lugar pode afetar outro lugar mais distante, ocorrendo também o contrário. Basta observar a ocorrência de pragas que "invadem" o meio urbano, geralmente em consequência de desequilíbrios no meio rural.

Nesse sentido, a preocupação com a preservação do solo, com a qualidade das águas, com a manutenção das características climáticas locais, com a presença e variabilidade da vida animal dependem do que vai acontecer com as florestas. Trata-se, portanto, de permitir a existência e continuidade da própria vida. A quem isso interessa?

Certa vez, ouvi o geógrafo Aziz Nacib Ab Sáber dizer que o futuro não marcava hora ou data certa para chegar; entendi que o futuro começa a cada novo instante. Entendo que a permanência e a preservação das florestas, da diversidade que elas de certa forma permitem e garantem, é uma referência importante para o futuro.



Renato Muniz Barreto de Carvalho é geógrafo, professor universitário e coordenador do curso de Educação Ambiental da Fazu, em Uberaba

Estudos comprovam.

Existe um fator fundamental
para aumentar o ganho de
peso do seu gado.

Sem hormônio e sem antibiótico.



Fator Premium

100% orgânico e aumenta o peso adicional em até 20%

Fator Premium, é uma super molécula enriquecida com aminoácidos e aditivos que melhoram a digestão de alimentos fibrosos bem como o metabolismo ruminal.

Após estudos realizados em Universidades (USP, UFG e UNIFRAN) sobre suas vantagens, comprovam também

que **Fator Premium** oferece uma série de benefícios tanto para o gado de corte quanto para o leiteiro.

Comprove você também os benefícios de **Fator Premium**.



P. Paulista (16) 3145-9500
P. Prudente (18) 3901-2100
www.premix.com.br



Fator Premium. O filé mignon dos aditivos.

Novos ETRs agilizam atendimento no Pará e no Acre



Com intuito de atender com maior rapidez o associado, a ABCZ irá inaugurar mais dois escritórios técnicos regionais. Desta vez, os locais escolhidos são as cidades de Rio Branco (AC) e Redenção (PA). A data de inauguração no Acre está sendo decidida pela diretoria, o que poderá ocorrer ainda este ano. Em Rio Branco, o ETR terá funcionamento provisório, por meio da sede da entidade. A partir de fevereiro de 2004, a idéia é colocar o escritório em comunicação on-line com Uberaba. Já o ETR de Redenção, deverá ser inaugurado no período de 25 de fevereiro a 6 de março e já contará com o sistema SIGEN da ABCZ. Esse escritório estará situado dentro do parque de exposição da cidade. "O Sindicato Rural do município, na pessoa do presidente Adelino Junqueira Franco Neto, tem dado total colaboração para a edificação desse escritório", lembra Carlos Humberto Lucas, superintendente-adjunto de Genealogia da ABCZ.

O Pará tem uma economia na qual a pecuária tem ocupado lugar de destaque nos últimos anos, junto com o turismo e a extração de minérios como ferro, bauxita, manganês, alumínio, caulim e silício. O baixo preço das terras é fator importante para a criação de gado naquele estado. O rebanho bovino já ultrapassa oito milhões de cabeças e ocupa o nono lugar entre os estados brasileiros. A raça zebuína que se adaptou melhor às condições locais foi a nelore, que corresponde a 95% do rebanho estadual. A pecuária está distribuída em seis regiões: Noroeste, Sudoeste, Sudeste, região metropolitana de Belém, além do Baixo Amazonas e Marajó. O produto do abate dessas localidades abastece os estados da região Nordeste do país, principais compradores do produto paraense. São mais de 1,5 milhão de cabeças abatidas. Entretanto, os custos de produção ficam de 8% a 15% mais caros do que em outros estados, devido ao frete que os pecuaristas precisam pagar toda vez que compram produtos de outras localidades. "O atendimento ao criador no Pará carecia de maior atenção, principalmente porque existe uma grande dificuldade

de locomoção de alguns produtores até os escritórios mais próximos", explica o presidente da ABCZ, José Olavo Borges Mendes.

Os 143 municípios do Pará estão divididos em quatro zonas, de acordo com o grau de risco da febre aftosa. A zona 1, engloba 30 municípios da região Sul, uma das áreas de grande atividade pecuária que está classificada como médio risco. O local passou por uma rígida inspeção, em setembro de 2002, para mudar de classificação. A região passou para zona de baixo risco, o que viabiliza a conquista de novos mercados. Outra zona com possibilidade de baixar o índice de risco é a zona 2, onde estão a Transamazônica e o Nordeste. A área está classificada como de alto risco porque foi justamente ali que foi detectado o último foco da doença, mas o processo para mudança já começou. A expectativa da Secretaria de Agricultura do Estado é de que a zona 2 passe para médio risco, grau em que se encontram as outras duas zonas do estado.

Com alta qualidade genética, o rebanho paraense desfruta de um excelente clima, que conta com temperaturas amenizadas por chuvas esparsas e constantes. A qualidade dos pastos também se deve, em parte, ao clima. A região tem uma das perspectivas mais altas de crescimento de rebanho no país, inclusive, no quesito animais de seleção. Os registros desses animais, feitos pela ABCZ dobraram. Um dos mais novos estados a registrar o gado selecionado, o Pará documentou o nascimento de 4551 animais em 2002, contra 2665 registrados em 2001.

O outro escritório que deverá atender à toda a região do Estado do Acre, também será peça fundamental para a política de extensão de um melhor acesso do associado aos serviços da ABCZ. O Acre tem uma agricultura bem diversificada, onde o arroz, o milho e o feijão se destacam. Na pecuária, o estado possui um rebanho considerável, com mais de 1,2 milhão de cabeças de bovinos. O rebanho abastece a própria região e ainda conta com algum excedente exportável. Os





Ao lado:
equipe ABCZ
posa para foto na
entrada do centro
de eventos; na
página anterior, o
superintendente
Carlos Lucas

láticos têm outro papel importante na economia do Acre. As estimativas da FNP Consultoria apontam para mais de 170 mil cabeças de gado voltadas à produção leiteira. "Ambos os escritórios serão extensões importantes da ABCZ porque estão localizados em regiões estratégicas e em estados altamente promissores em termos de zebuinoicultura", analisa Carlos Lucas.

Também estão sendo feitas reformas dos escritórios já existentes em todo o território nacional. No dia 21 de novembro foi a vez das novas instalações do escritório localizado em Goiânia (GO) serem inauguradas. Goiás é um dos estados brasileiros com maior número de bovinos registrados no banco de dados da ABCZ. Somente no ano passado, foram feitos quase 32 mil Registros Genealógicos de Nascimento (RGN) e 32.004 Registros Genealógicos Definitivos (RGD). O trabalho de reforma dos escritórios começou no ano passado e visa modernizar e qualificar os funcionários para proporcionar atendimento mais rápido e de qualidade ao criador. "Goiás é um estado onde a pecuária tem uma forte influência na economia e a demanda pelos serviços de registro é muito grande", diz José Olavo.

Qualidade total: meta da ABCZ

Em setembro deste ano, foi realizado um curso intensivo no Centro de Eventos ABCZ, em Uberaba (MG), com a presença de funcionários da entidade vindos dos escritórios técnicos espalhados por todo o Brasil. Durante duas semanas, os participantes tiveram acesso às novidades implementadas pela ABCZ, tais como o ADT on-line (programa que permite realizar transferências e dar baixas em animais cadastrados nos bancos de dados via internet) e o novo método de avaliação visual Epmuras, que já vem sendo adotado pelos técnicos e jurados em

relação aos animais zebuínos. Aulas de atendimento ao público também estiveram na pauta, com o objetivo de incentivar ainda mais o funcionário a atender bem o associado.

A postura atual da ABCZ está diretamente ligada à continuidade da política de valorização do homem, adotada pela entidade desde a ExpoZebu 2002. Na época, até mesmo as instalações do Parque Fernando Costa, sede da ABCZ, foram modificadas para garantir maior comodidade aos tratadores dos animais. Vestiário confortável, camas suspensas e colchonetes individuais, tudo para tornar a estadia dos trabalhadores mais agradável durante a feira que é considerada a maior mostra de gado zebuino do mundo.

Dentro dessa ótica, este ano foi a vez de trabalhar pela melhor qualificação dos funcionários da entidade. O desenvolvimento da auto-estima é outro ponto no qual a ABCZ investe, assumindo seu lugar entre as empresas que desenvolvem ações em prol da responsabilidade social. Esse tipo de postura é cada vez mais comum em todos os mercados, onde a proposta é garantir a troca de experiências entre cliente e fornecedor. "O intuito é de que todos saiam ganhando", diz o presidente da ABCZ, José Olavo Borges Mendes.

Na opinião do superintendente Carlos Lucas, é importante observar que, ao reunir funcionários de todo o Brasil em um só local, a entidade cria uma oportunidade excepcional de obter a padronização dos serviços prestados pela sede e escritórios regionais. "Estamos realizando, também, dias de campo pelo país com intuito de aproximar a ABCZ ainda mais do associado. Para isso, a política adotada pelo nosso presidente, José Olavo, estabelece, além do empenho em qualificar ainda mais nossos funcionários, uma outra meta muito importante: a valorização de nosso pessoal", explica.

Diferenças e semelhanças na maciez da carne entre os genótipos *Bos indicus* e *Bos taurus*

Flavio Ribeiro

Maciez é a característica mais desejada na carne vermelha. A carne bovina é produzida por dois genótipos, *Bos indicus* e *Bos taurus*. O gado *Bos indicus* é geralmente produzido em países de clima de tropical e são conhecidos por produzir uma carne menos macia do que a do *Bos taurus*. Muitos trabalhos científicos mostram que essa percepção é verdadeira, porém, um estudo feito por Shackelford et.al., 1995 sugere que essas diferenças podem estar relacionadas à metodologia das pesquisas.

Estudos recentes (Crouse et al., 1989; O'Connor et al., 1997; Bidner et al., 2002; Norman, 1980) encontraram que a carne de *Bos taurus* é mais macia que a de *Bos indicus*. No entanto O'Connor et.al., 1997 reportou que ao maturar a carne de 7 a 35 dias, a velocidade que a carne amacia devido a maturação foi um pouco mais rápida na carne de animais 3/8 *Bos indicus* (Tabela 1). Como resultado, a diferença de *shear force* (força de cisalhamento – técnica utilizada para medir a maciez) entre *Bos indicus* e *Bos taurus* se torna menos pronunciada após períodos de maturação mais longos.

A maioria das pesquisas desenvolvidas em maciez e qualidade de carne comparando os genótipos *Bos indicus* e *Bos taurus* são conduzidas analisando somente as características do músculo *longissimus dorsi*. Estudo feito por Shackelford et.al., 1995 envol-

veu 10 músculos: *psaos major* (PM), *infraspinatus* (IS), *triceps brachii* (TB), *longissimus dorsi* (LD), *semitendinosus* (ST), *gluteus medius* (GM), *supraspinatus* (SS), *biceps femoris* (BM), *semimembranosus* (SM) e *quadriceps femoris* (QF). Os autores desse trabalho encontraram que a diferença de *shear force* entre esses músculos é pequena. Houve diferenças significativas no teste de *shear force* em *steaks* (bifes) de 5 músculos estudados (*triceps brachii*, *longissimus dorsi*, *supraspinatus*, *biceps femoris* e *quadriceps femoris*) e também em *roasts* (carne de assar) de 4 músculos (*triceps brachii*, *longissimus dorsi*, *biceps femoris* e *quadriceps femoris*). Descobriram também que os músculos *psaos major* e *infraspinatus* são os mais macios. Para *steaks* (bifes) de *psaos major*, *infraspinatus*, *semitendinosus*, *gluteus medius* e *semimembranosus* e *roasts* (carne de assar) de *semitendinosus* e *semimembranosus*, não houve diferença significativa na maciez da carne entre *Bos indicus* e *Bos taurus*.

Trabalho realizado por Ferguson et al., 2000, analisou o efeito de estimulação elétrica na atividade proteolítica (aproximadamente 3 horas *postmortem*) e maciez da carne (*shear force* e painel sensorial), em animais 0% *Bos indicus* (Hereford), 50% *Bos indicus* (Brahman X Hereford) e 100% *Bos indicus* (Brahman) no mús-

TABELA 1

Composição de garrotes 3/8 *Bos indicus* vs. *Bos taurus* a uma espessura de gordura constante de 11 milímetros

característica	3/8 <i>Bos indicus</i>	<i>Bos taurus</i>
marmoreio	425	428
atividade da Calpastatina em 24h	4.43 ^a	3.96 ^b
painel sensorial	5.62 ^b	6.02 ^a
shear force*	1 dia	3.55
	4 dias	2.77 ^x
	7 dias	2.53 ^x
	14 dias	2.23 ^x
	21 dias	2.13 ^x
	35 dias	1.97 ^x

* teste de maciez que mede a força, em quilos, que é utilizada para cortar um pedaço do bife (quanto menor o número, mais macia é a carne)

Fonte: O'Connor et.al., 1997



**Para fazer sucesso no campo,
tem que ter qualidade,
resistência e durabilidade.**

Belgo Z-700 e Motto Mundial. Cercou, tá cercado.

Arames de Qualidade

BELGO 

Belgo Bekaert Arames S.A.

0800-313100

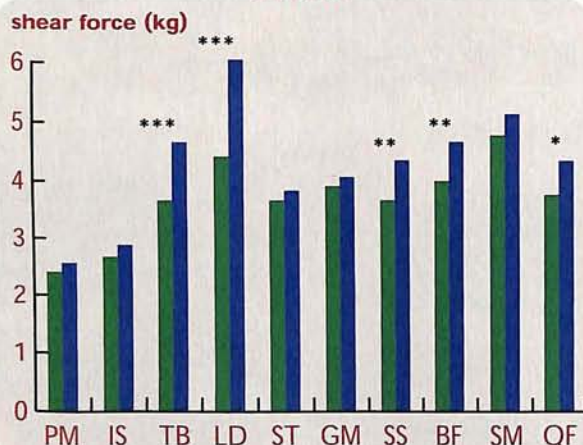
www.belgobekaert.com.br

FIGURA 1

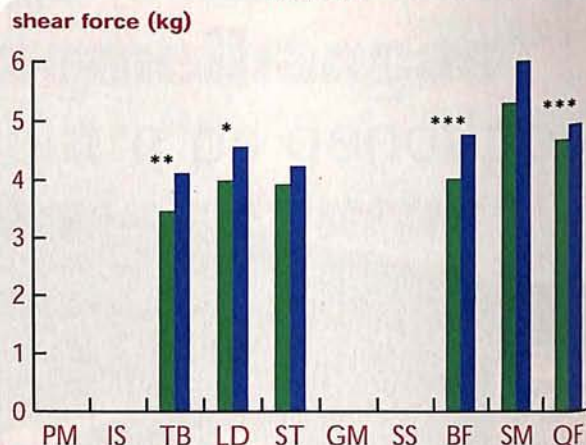
PM *psoas major*
IS *infraspinatus*
TB *triceps brachii*
LD *longissimus dorsi*
ST *semitendinosus*
GM *gluteus medius*
SS *supraspinatus*
BF *biceps femoris*
SM *semimembranosus*
QF *quadriceps femoris*

*P<.05 **P<.01 ***P<.001
P= nível de significância
na comparação do
genótipo entre
os músculos

STEAK



ROAST



Fonte: Shackelford et. al., 1995

-culo *longissimus lumborum*. Os animais foram tratados a pasto e em confinamento e foi utilizado novilhas e garrotes castrados. Os resultados desse trabalho mostraram que a utilização da estimulação elétrica diminuiu a ação da calpastatina (inibidor da calpaína que é responsável pela degradação de fibras musculares *post-mortem* e que quanto mais sangue de *Bos indicus* o animal possuir maior será a sua ação), sendo que novilhas confinadas tiveram uma maior redução na ação da calpastatina quando comparadas com os garrotes confinados, porém quando se compara os animais tratados a pasto o resultado é inverso (Figura 2). Animais 100% *Bos indicus* tiveram uma maior melhoria nos resultados de *shear force* quan-

do comparados com animais 0-50% *Bos indicus*, e quando se matura a carne por 30 dias o resultado é ainda melhor (Figura3).

Diferenças na maciez da carne entre *Bos indicus* e *Bos taurus* existem, no entanto essas diferenças não estão presentes em todos os cortes de carne; e quando a carne é propriamente maturada essas diferenças diminuem ainda mais.

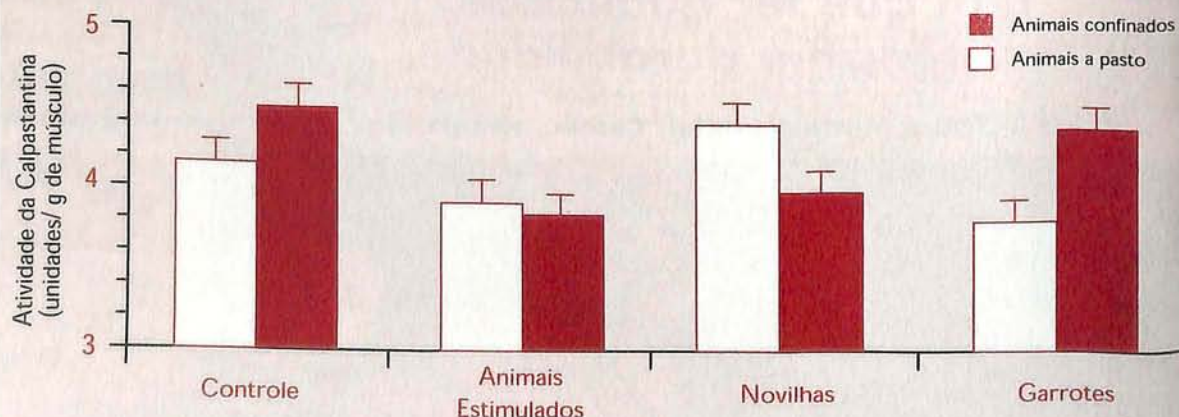
"Além da genética, um conjunto de fatores incluindo tempo em confinamento, tipo de alimentação, idade ao abate, estimulação elétrica, método de suspensão da carcaça e tempo de maturação podem contribuir para que as diferenças relacionadas à maciez da carne entre vários músculos diminuam" (Shackelford et.al.,1995).

TABELA 2
Músculos e cortes
(no Brasil)

músculo	corte
psoas major	filet mignon
infraspinatus	paleta
triceps brachii	paleta
longissimus dorsi	contra-filet
semitendinosus	lagarto
gluteus medius	alcatra
supraspinatus	peixinho
biceps femoris	coxão duro
semimembranosus	coxão mole
quadriceps femoris	coxão mole

FIGURA 2

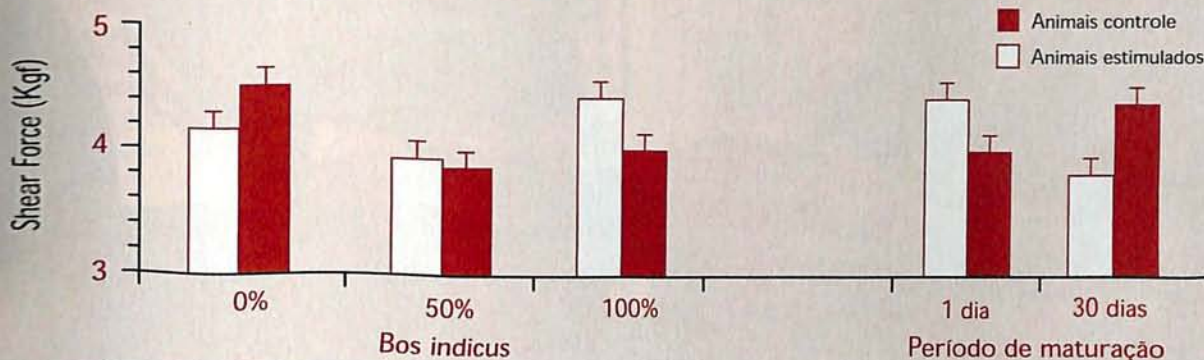
Interações da atividade da calpastatina entre: tipo de alimentação x estimulação elétrica e sexo x tipo de alimentação



Fonte: Ferguson et al., 2000

FIGURA 3

Interações de Shear Force entre % de *Bos indicus* x estimulação elétrica e tempo de maturação x estimulação elétrica:



Fonte: Ferguson et al., 2000

Literatura Citada

- Bidner, T. D., W. E. Wyatt, P. E. Humes, D. E. Franke, and D. C. Blouin. 2002. Influence of Brabman-derivative breeds and Angus on carcass traits, physical composition, and palatability. *J. Anim. Sci.* 80:2126.
- Crouse, J. D., L. V. Cundiff, R. M. Koch, M. Koobmarie, and S. C. Seideman. 1989. Comparisons of *Bos indicus* and *Bos Taurus* inheritance for carcass beef characteristics and meat palatability. *J. Anim. Sci.* 67:2661.
- Ferguson, D. M., S. Jiang, H. Hearnshaw, S. R. Rymill, and J. M. Thompson. 2000. Effect of electrical stimulation on protease activity and tenderness of *M. longissimus* from cattle with different proportions of *Bos indicus* content. *Meat Science* 55: 265-272.
- Norman, G. A. 1982. Effect of breed and nutrition on the productive traits of beef cattle in south-east Brazil: part 3-Meat Quality. *Meat Sci.* 6: 79.
- O'Connor, S. F., J. D. Tatum, D. M. Wulf, R. D. Green, and G. C. Smith. 1997. Genetic effects on beef tenderness in *Bos indicus* composite and *Bos Taurus* cattle. *J. Anim. Sci.* 75:1822.
- Shackelford, S. D., T. L. Wheeler, and M. Koobmarie. 1995. Relationship between shear force and trained sensory panel tenderness ratings of 10 muscles from *Bos indicus* and *Bos taurus* cattle. *J. Anim. Sci.* 73:3333.

Flavio Ribeiro é zootecnista, pós-graduado em Animal Science pela Universidade da Califórnia/Davis. Aluno de Mestrado em Animal Science na Universidade do Estado de Iowa, especializando-se em Ultra-sonografia de Gado de Corte. E-mail: fribeiro@iastate.edu

A última palavra em tecnologia agora chega ao campo.

CONCRETO PROTENDIDO

RESISTÊNCIA • DURABILIDADE • BELEZA • PRATICIDADE • SEGURANÇA

A TODA PROVA

Garantia de 30 anos

PARA PEÇAS DE CONCRETO PROTENDIDO

Atende a todo o Brasil

patente registrada

26 ANOS

TOP LIST

Bicampeã Top Mind



CURRAIS ITABIRA

pioneirismo em currais de durabilidade e alta resistência

www.curraisitabira.com.br

vendas@cochositabira.com.br

(28) 3521-2255

Cachoeira de Itapemirim-ES



Proposta da ABCZ é aprovada pelo senado

Texto da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) contempla emenda que mantém a isenção de ICMS para material reprodutivo destinado ao melhoramento genético animal e vegetal

Acima:
Aelton Freitas e
José Olavo são
recebidos pelo
vice-presidente
da República
José Alencar

"A qualidade genética do rebanho brasileiro nos proporcionou chegar ao patamar de maior exportador de carne bovina in natura do mundo. O boi brasileiro atingiu uma precocidade incrível na última década. Não resta dúvida que esse aprimoramento deve-se em parte à isenção de um imposto que não é cobrado há 31 anos", disse o presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), José Olavo Borges Mendes, após ter conseguido a inclusão, ao projeto de Reforma Tributária, da emenda que mantém a isenção de ICMS para material genético reprodutivo destinado ao melhoramento animal e vegetal. O José Olavo

saiu da capital federal comemorando aquela que chamou de "a maior vitória política da entidade nos últimos 15 anos".

A proposta, de autoria do senador Aelton Freitas, foi aprovada em 29 de outubro deste ano, pela Comissão de Constituição, Cidadania e Justiça (CCJ) do Senado Federal. A isenção do material genético vegetal, que inclui as sementes melhoradoras (pastagens), imprescindíveis para a produção de carne e de leite, também foi contemplada na emenda, que contou com o apoio de 95% dos senadores para a aprovação. "Essa emenda é bem específica, foi aprovada pela CCJ do Senado, será

incorporada ao texto daquela Comissão e seguirá para apreciação do Plenário. Depois disso, o texto da Reforma Tributária volta à Câmara dos Deputados Federais para apreciação. Pelo trabalho que já estamos fazendo junto aos deputados, acredito que a emenda será aprovada sem alterações também na Câmara”, esclareceu João Machado Prata Júnior, diretor da ABCZ, que acompanhou todo o processo de votação na capital federal. Além da articulação no cenário político, a ABCZ contou com a assessoria do advogado Diamantino Silva Filho.

O agronegócio é, atualmente, a principal atividade que contribui para o superávit da balança comercial. O setor não pára de crescer. De janeiro a setembro deste ano, de acordo com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), as exportações do agronegócio representaram 42,4% do total das vendas externas brasileiras, que somam US\$ 52,79 bilhões. Mas, em contrapartida, a escassez de linhas de crédito, a instabilidade cambial e a falta de garantias sobre perdas, tornam alguns pontos da cadeia produtiva um investimento oneroso e de alto risco, segundo analistas econômicos. É o caso da pecuária bovina, sistema que sofre, também, com as interferências da demanda de consumo interno, seja no tocante ao corte ou ao leite.

O presidente da ABCZ, José Olavo, explicou que o custo da pecuária de corte, por exemplo, vem registrando há muitos anos uma sequência considerável de altas. Adubos, fertilizantes, sal mineral e óleo diesel são alguns dos insumos que mais sofrem variações de preços. Segundo José Olavo, são valores que ficam bem acima da remuneração final do produtor. “O boi de corte é bastante valorizado na entressafra, mas esse é um momento em que estamos justamente enfrentando a estiagem e no qual a oferta de animais é relativamente pequena”, analisou. É por isso que o presidente da ABCZ encara como uma vitória para a classe pecuária a isenção de ICMS proposta no projeto de Reforma Tributária. “É injusto que o produtor rural, principalmente aquele que trabalha com a seleção e com o melhoramento genético desses bovinos, seja taxado num momento tão importante para o desenvolvimento da economia brasileira”, concluiu.

Os números da balança comercial evidenciam a importância do agronegócio no equilíbrio das contas do país. Por isso, o presidente da ABCZ é objetivo ao analisar: “quando fazemos reivindi-



cações para o setor do agronegócio, esses números são sempre lembrados. Eles são um reflexo da eficiência do trabalho exaustivo do produtor rural.

A aprovação, pela CCJ do Senado, da emenda que propõe manter a isenção de ICMS para material reprodutivo destinado ao melhoramento genético animal e vegetal contou com o apoio do próprio relator da Comissão, o senador Romero Jucá, do presidente do Senado José

Sarney (que mesmo sem votar, defendeu a proposta), do senador Aloízio Mercadante e do presidente da CCJ, senador Edison Lobão. “Temos uma atividade agropecuária altamente competitiva, aumentar os encargos tributários nos seus diversos elos seria um verdadeiro desastre”, finalizou José Olavo.

“Temos uma atividade agropecuária altamente competitiva, aumentar os encargos tributários nos seus diversos elos seria um verdadeiro desastre”

Aelton Freitas com Jucá (acima) e João Machado (abaixo): preocupação com o futuro do agronegócio



Confira a emenda aprovada pela CCJ do Senado Federal

PARECER DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA, em aditamento a parecer anterior sobre a Proposta de Emenda à Constituição nº 74, de 2003 (nº 41, de 2003, na Câmara dos Deputados), que altera o Sistema Tributário Nacional e dá outras providências, e sobre as Emendas a ela oferecidas, até a de nº 425.

Relator: Senador Romero Jucá

I - RELATÓRIO

Emenda nº 304 Dá nova redação à alínea b do inciso V e à alínea b do inciso VII, ambos do § 2º

do art. 155 da Constituição, nos termos do art. 1º da PEC nº 74, de 2003, para incluir o material reprodutivo destinado ao melhoramento genético animal e vegetal, desde que devidamente certificado por documento específico e hábil, entre as mercadorias a que o futuro texto constitucional, respectivamente, garante aplicação da menor alíquota de ICMS e prevê possibilidade de isenção desse imposto, segundo condições listas definidas em lei complementar.

Somos pela aprovação parcial dessa emenda, acolhida na forma de Emenda de Relator, adiante reapresentada ao referido art. 155, § 2º, V, b, e VII, b, inclusive, em substituição à que havia sido oferecida em 22/10/2003.

Reforma atinge o agronegócio



"A proposta de reforma tributária em tramitação no Congresso Nacional representa a perda de mais uma chance de estimular o agronegócio no Brasil. Pior: o texto desfavorece o setor sensivelmente." A opinião é do advoga-

do Eduardo Diamantino (foto), especialista em Direito Tributário e Agrário, do escritório Diamantino Advogados Associados.

A pedido da ABCZ, Diamantino fez um parecer sobre uma proposta da reforma tributária que atingiria o gado registrado com uma carga mortal de ICMS. "Fiz um breve estudo sobre o assunto e, para minha surpresa, o documento foi transformado em proposta de emenda à reforma tributária. E foi aprovado", disse o advogado.

Com a uniformização do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), ficou estabelecida a obrigação de que os produtos da cesta básica tenham a menor tributação, que deverá ser fixada em 4%. O gado registrado, que era isento do pagamento de ICMS desde 1972, tinha que ser classificado como integrante da cesta básica, para cair na menor alíquota do imposto. Entretanto, corria o risco de ser submetido à taxa normal,

podendo ser tributado a 18%. A contribuição de Diamantino foi de vital importância para impedir o pior para o setor; os senadores se convenceram de que a isenção deveria ser mantida.

Mesmo com a vitória, comemorada pelos principais representantes do agronegócio, o advogado mostra-se pessimista quando analisa as consequências que a reforma poderá trazer ao setor. "Ainda na esfera do ICMS, o governo deveria ter reduzido a zero a alíquota de alimentos, para estimular o grande potencial do setor de agribusiness", lembrou Diamantino. "Seria uma boa forma de o governo contrabalançar a falta de subsídios agrícolas."

A transformação do Imposto Territorial Rural em tributo estadual também é ruim para o agronegócio, segundo o especialista. "Ficou de fora o maior problema, que é a progressividade", observou. "Além disso, a mudança pode gerar ainda mais guerra fiscal entre os Estados."

As críticas de Diamantino atingem ainda o Imposto sobre Transmissão Inter Vivos (ITBI), que, no projeto da reforma tributária que será apreciado pelo Senado, também mantém a progressividade. "Isso penaliza muito o agronegócio porque o produtor rural tem que ter bens para trabalhar. E o imposto é um implacável desestímulo à aquisição e à retenção de imóveis" diz ele, que emendou: "o Supremo Tribunal Federal já decidiu que a progressividade desse tributo é inconstitucional."



Matrizes de Sucesso. Matrizes Bitelo.

Bitelo é o 2º Melhor Reprodutor Nelore Padrão do Ranking Nacional ACNB 2002/2003 e Melhor Reprodutor do Ranking Nacional de Reprodutores Nelore Mocho. É pai dos recordistas mundiais de peso aos 205, 365 e 550 dias e pai do Reprodutor nº 1 do Sumário USP 2003 para peso aos 365 e 450 dias, Eldorado MRA. É recordista nacional de filhos em coleta: 16 touros em coleta nas Centrais brasileiras isso com apenas 8 anos.

Um dos maiores raçadores da raça Nelore surpreende pela qualidade de suas filhas que são destaques em exposições e leilões de norte a sul do país.



Brisa TE *Objetiva*
Bítelô x Lagam



Res. Campeã Fêmea Jovem Expozebu 2003
Recorde de Preço no Leilão 3º CTJ



Ceci das Araras
Bítelô x Ordenado



Campeã Novilha Menor Expoinel 2003
Medalha de Prata Melhor Fêmea Jovem
Ranking Nacional 2002/2003



Cristal da Sabiá
Bítelô x Tatcher



Campeã Novilha Menor Expoinel 2003
Res. Grande Campeã Bauru 2003
Medalha de Bronze como Melhor Fêmea Jovem



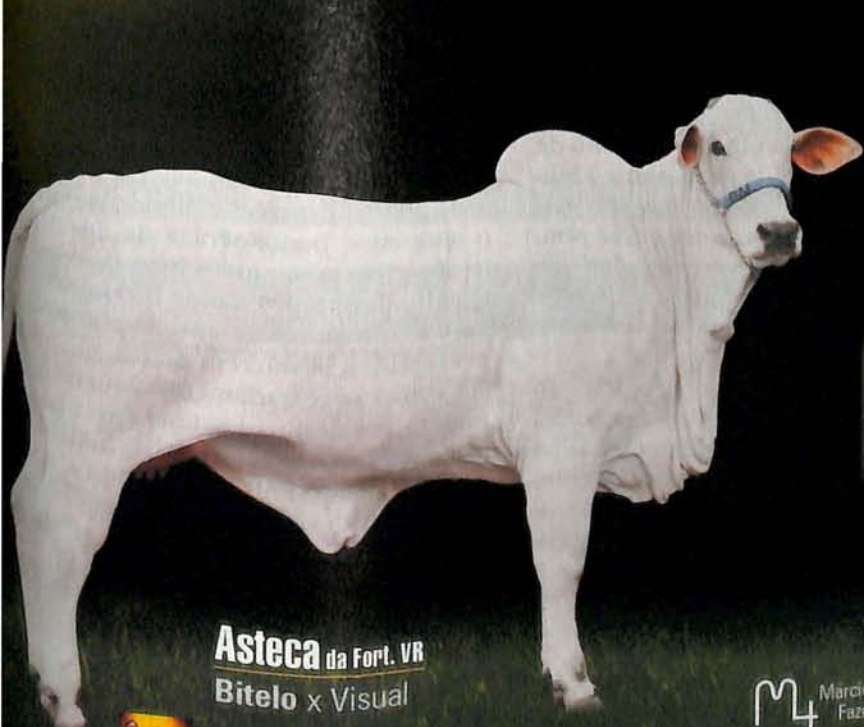
Perfumada TE *Mata Velha*
Bítelô x Inca

● Abriu o Leilão Mata Velha 2003 e foi vendida
por R\$ 450.000,00

Bitelo SS



filhos e 7 filhas de Bitelo da SS x Nádia Sausalito (Rapiho), produtos de uma mesma T.E. na Estância Sausalito - Bolívia



Asteca da Fort. VR
Bitelo x Visual



Grande Campeã ExpoInel 2003
Melhor Fêmea Jovem Ranking Nacional 2002/2003



Ousadia da Serenata
Bitelo x Janguedo

● 900 kg de Raça e Carcaça



Marcio de Rezende Andrade
Fazenda São Sebastião



Sêmen à venda.



(34) 3318.7777

www.altagenetics.com.br

O boi máquina e o capim combustível

Imagine uma máquina que você só precise colocar capim de um lado para sair carne e leite do outro. Fantástico não? O mais fantástico é que essa "máquina" já existe. Esse é o milagre dos ruminantes e nós nem sempre nos damos conta desse prodígio, embora tenhamos nos aproveitado dele da melhor maneira (ou nem tanto), ao longo da história da civilização.

A atividade pecuária tem características sintomáticas, produtos de suas peculiaridades enquanto atividade econômica. Quando olhada do ponto de vista de exploração da terra, tem cedido lugar a outras atividades, como por exemplo, a soja e a cana-de-açúcar principalmente, e por isso vai sendo deslocada para áreas mais marginais, o que lhe rendeu o título, sabe-se lá se solene, de atividade colonizadora.

É fato notório que a pecuária, ao longo dos vários ciclos da economia nacional, veio ocupando diferentes áreas territoriais, do litoral para o interior, desde o início da nossa colonização. É evidente o processo migratório da atividade, culminando, nos dias atuais, com uma tendência irrefutável de concentração na região centro oeste e norte do país, que vêm se destacando como as grandes detentoras do efetivo bovino nacional.

É fato também que a pecuária fica destinada sempre a áreas de menor valor da terra. Isso se deve a dois fatores elementares: a produtividade por área e a relativamente maior área demandada por animais de grande porte para sua extração comercial. Tentar equacionar esses dois lados de uma mesma função não seria tarefa fácil se eles não fossem os prodigiosos transformadores de capim em carne e leite: a grande vantagem competitiva do zebu, principalmente no mundo tropical. Isso transforma – ou pelo menos deveria transformar – nossos conceitos de seleção em algo mais prático, tangível e direcionado para o sucesso e permanência da atividade. Nesse contexto quando olhamos o Quadro 1, que sistema de produção nos parece fundamentalmente importante?

Os dados se referem à área agricultável e não necessariamente àquelas que podem ser destinadas também a pastagens. Presumindo que exista uma proporcionalidade entre os números apresentados no quadro e aqueles que incluiriam áreas disponíveis também para pastagens, é possível perceber que o mundo já utilizou um pouco mais da metade da área disponível para produzir alimentos (51%). Ásia, África e Oceania, embora concentrem grande parte da área total, apresentam muito pouco



Josahkian é superintendente Técnico da ABCZ

espaço agricultável. Ásia, Europa e Oceania, por sua vez, estão mais próximas de esgotar seus recursos cultiváveis (principalmente Ásia, com 82,4%). O Brasil é uma grande esperança. Utilizando menos de 10% de sua área agricultável, desponta no cenário mundial como o potencial maior provedor de alimentos, principalmente se somada a imensa área territorial capaz de comportar pastagens.

É uma função nobre e espetacularmente necessária para ricos e pobres, na categoria gêneros de primeira necessidade, que espera nossos próximos movimentos. O sistema de produção óbvio para construir nossa competitividade nesse cenário de oportunidades está fundamentalmente baseado na transformação de capim em carne e leite, que no clima tropical, com abundante luz solar, produz massa e qualidade desnecessárias para a atividade.

Balizar o processo de seleção com o sistema de produção cria a imensa possibilidade de sermos competitivos – ou mais competitivos – já que produzimos, em escala comercial, a carne e o leite mais baratos do mundo. Produzir mi-

lhares de animais portadores de uma genética adequada a esse sistema de produção – baseado no capim – é nossa tarefa do dia a dia. Não nos deixemos enganar pelo canto da sereia. A manutenção da espécie bovina a médio e a longo prazo depende de uma condução consistente dos nossos sistemas de seleção. A população humana cresce a taxas alarmantes, a expectativa de vida tem aumentado ao longo do tempo e os recursos naturais vão escasseando. A consequência óbvia desse cenário é uma ocupação cada vez maior de áreas para sustentar pessoas, tanto no seu espaço pessoal quanto naquele necessário para produzir sua subsistência. Nesse novo espaço, as atividades se ordenam obedecendo uma importância intrínseca ao conceito de ocupação de área. Atividades que viabilizem áreas naturalmente não destinadas às demandas de menor taxa de ocupação, acabarão por se destacar.

Se nossos esforços se somarem no sentido de atender essa demanda de forma consciente do sistema real de produção, não existirão dúvidas de que seremos o provedor de alimentos que o mundo espera... e precisa.



QUADRO 1 Distribuição e utilização das terras, em milhões de hectares

LOCAL	ÁREA TOTAL	ÁREA CULTIVÁVEL	ÁREA CULTIVÁVEL SOBRE O TOTAL (96)	ÁREA CULTIVADA	ÁREA CULTIVADA TOTAL CULTIVÁVEL (96)
Mundo	13.078	2.890	22.1	1.474	51.0
Américas	3.893	895	23.0	415	46.4
Ásia	2.679	547	20.4	451	82.4
Africa	2.964	528	17.8	185	35.0
Europa	473	208	44.0	140	67.3
Oceania	843	94	11.1	50	53.2
Urss	2.227	Nd*	Nd*	232	Nd*
Brasil	846	547	69.6	53	9.7
Brasil Mundo (%)	6.5	18.6	-	3.6	-

Fonte: FAO (os dados referem-se ao início da década de 90)

*Nd - não disponível



Maab
MARCO ANTÔNIO ANDRADE BARBOSA
NELORE
FAZENDA INDIA
Praça Rui Barbosa,
300, Sala 904
CEP: 38010-240
Uberaba MG
(34) 3333 7788
maab1@terra.com.br



Maab
GUZERÁ
FAZ. UNIÃO 2000
Praça Rui Barbosa,
300, Sala 904
CEP: 38010-240
Uberaba MG
(34) 3333 7788
maab1@terra.com.br



Maab
MARCO ANTÔNIO ANDRADE BARBOSA
JUMENTOS PÉGA e MUARES
FAZENDA MULA PRETA
Praça Rui Barbosa,
300, Sala 904
CEP: 38010-240
Uberaba MG
(34) 3333 7788
maab1@terra.com.br



fotos: L. Adolfo

É hora de renovar o rebanho

Receita de sucesso para quem decidiu fazer estação de monta na fazenda não existe. É preciso tirar partido das particularidades de cada região para definir como e quando será feito o acasalamento dos bovinos. A única dica unânime entre os especialistas é o planejamento de todas as atividades

Larissa Vieira

Pasto verde no oeste baiano é tempo de dar início a um ritual que se repete há 15 anos na Fazenda Japaranduba, localizada no município de Muquém do São Francisco: a estação de monta. Com a chegada do mês de dezembro, época de muita chuva e capim em abundância, o pecuarista Luiz Cláudio Paranhos e a equipe do criatório começam uma maratona que irá se estender até março de 2004. Este ano, o produtor decidiu acasalar seis mil fêmeas da raça nelore. A monta natural será aplicada em 70% das matrizes. As outras serão fecundadas através da inseminação artificial. Para que tudo dê certo, ou seja, todas elas estejam prenhes até o final do verão, ele investiu no planejamento das ações para evitar surpresas desagradáveis. O cronograma elaborado leva em conta o clima da região, as condições da pastagem,

os objetivos e realidades da fazenda. Isso significa que não existe receita de bolo quando o assunto é estação de monta. Pelo contrário. Fuja do modelo "vendido" como padrão. "Ir na casa do vizinho, tomar o 'remédio' que ele está usando, sem saber se o amigo tem a mesma 'doença' que você, é muito comum no Brasil. E muita gente está vendendo a idéia de que estação de monta é igual em qualquer parte do país, mas a verdade é que nem sempre esse conceito funciona", alerta Fernando Andrade, médico veterinário e gerente de Provas Zootécnicas da central de inseminação Nova Índia Genetics.

As propriedades da família Paranhos são um bom exemplo. A realidade antagônica de cada estação também pesou na hora do planejamento. O único ponto em comum era a necessidade de

garantir comida no pasto para as fêmeas entrarem no cio com facilidade. Na Bahia, cujo clima pende para o semi árido e a seca estica até o último mês do ano, eles começam a acasalar os animais a partir da segunda quinzena de dezembro e voltam a fazer outra estação de monta, mais curta, entre os meses de junho e julho. Já em Minas Gerais, onde eles têm uma fazenda para criação de animais de elite, as chuvas chegam mais cedo, em plena primavera, permitindo iniciar a estação um mês antes e com a utilização somente de inseminação artificial nas 150 matrizes PO (Puro de Origem).

Decidir qual época do ano as fêmeas serão fecundadas ou se vale a pena concentrar essa atividade em um período específico vai depender muito da região onde a fazenda está localizada. Não existe padrão nem mesmo dentro de um único estado. Nos locais de chuvas intensas quase o ano inteiro, como no Acre e Rondônia, a dica é começar quando São Pedro reduz o volume de água nas torneiras, o que acontece entre maio e junho. Se o problema é a seca mais prolongada, o ideal é esperar a chegada das chuvas. Já em regiões frias começa-se antes da temperatura cair. É que no inverno rigoroso a vaca não entra no cio. Mas, não é somente a quantidade de capim no pasto que precisa ser levado em conta. Se, por exemplo, o problema da fazenda for mortalidade dos bezerros, os nascimentos devem acontecer em um período mais favorável: na seca. Além disso, o criador vai economizar gastos com ração e suplementos, pois o bezerro estará mamando justamente quando falta capim no pasto. A taxa de natalidade na pecuária bovina cresceu significativamente nos últimos 20 anos. Em 1983, eram pouco mais de 27 milhões de bezerros. Este ano, esse número vai atingir quase 44 milhões. Em



Ao lado: Paranhos, que investiu em planejamento de ação

Abaixo: Fernando Andrade, "estação de monta é diferenciada de uma região para outra"

relação ao número de matrizes, a taxa passou de 59,5% para 72%, segundo análise publicada no Anuário da Pecuária Brasileira - Anualpec 2003. O resultado significa aumento da qualidade genética média do rebanho brasileiro. As condições sanitárias e nutricionais também melhoraram possibilitando a queda da mortalidade (veja quadro "Berçário no campo").

Corte de despesas

Quem defende a instalação de uma época determinada para cobrir as vacas usa um argumento bastante convincente: queda dos gastos ao longo do ano. Como centenas de animais vão passar ao mesmo tempo por cada etapa da produção (cria, cria e engorda), o produtor consegue trabalhar apenas com os funcionários do quadro fixo da empresa. Essas atividades são estacionais e quando acontecem estão no momento mais propício para serem realizadas. "O mesmo funcionário trabalha em todas as etapas. Primeiro, na preparação da pastagem, depois, na separação das vacas a serem utilizadas, no manejo das fêmeas prenhes, no nascimento e

"Sem falar na economia com a compra de ração já que o pasto terá capim suficiente para garantir a alimentação das vacas. A suplementação acaba encarecendo o animal no rebanho comercial"



Ao lado:
técnico faz toque
em fêmea para
avaliação reprodu-
tiva

Abaixo:
vacada gir pronta
para a estação de
monta

assim por diante. Sem falar na economia com a compra de ração já que o pasto terá capim suficiente para garantir a alimentação das vacas. A suplementação acaba encarecendo o animal no rebanho comercial”, ensina Andrade. Acostumado a viajar de Norte a Sul do país para comandar a estação de monta em diversas fazendas brasileiras, ele ensina que o ideal é separar o rebanho por categorias para favorecer aquelas fêmeas que precisam de mais alimentos. Como nem todo o pasto é igual, alguns animais precisam ficar em capins novos, outros em pastagens mais altas ou com maior quantidade de fibra.

Produzir um bezerro hoje no Brasil, levando em conta apenas os gastos com a inseminação ou a utilização do touro no rebanho comercial, varia entre R\$ 20 e R\$ 30. Ficam de fora dessa conta, mão-de-obra, produtos veterinários, adubação de pastagens e uma série de outras despesas que compõem o custo final do bovino para o pecuarista. Do outro lado da moeda também há ganhos. O uso das biotecnologias para multiplicar o rebanho brasileiro proporcionou às centrais de inseminação crescimento do número de clientes. Em 1995, quase 1,8 milhão de doses das raças de corte e 2,398 milhões das de leite foram vendidas atingindo um total de 4,180 milhões. Apenas sete anos depois, o Brasil viu a venda de doses de sêmen crescer aproximadamente 70%. A Associação Brasileira de Inseminação Artificial (Asbia) estima elevação de até 5% para 2003. “O setor está em crescimento e pode ser beneficiado com o aumento das exportações de carne. Como este ano as chuvas demoraram cair em diversas regiões, o período de maior incidência das vendas de doses de sêmen deve ser os dois últimos meses e não setembro e outubro, como acontecia anteriormente”, espera o

fotos: L. Adolfo



presidente da entidade Paulo Ricardo Zemella Miguel. Apesar da disseminação da biotecnologia, a quantidade de vacas das raças de corte inseminadas é de apenas 9%, cerca de 5,5 milhões de animais. Mesmo assim, ainda somos o país que mais insemina gado de corte no mundo. Os números animam, mas o setor está de olho no futuro da inseminação artificial. A falta de mão-de-obra especializada pode colocar a perder todo o trabalho que vem sendo feito desde a década de 70, início do uso dessa biotecnologia. O índice de sucesso da técnica depende do profissional responsável pela inseminação e também pelo manejo do gado. A Asbia decidiu investir em cursos para qualificar os trabalhadores do campo. “É preciso fazer, mas bem feito”, ressalta o presidente da entidade.

Especialistas do setor garantem que a inseminação permite o diagnóstico precoce dos problemas de fertilidade. Caso a primeira tentativa não der certo, a matriz volta a ser inseminada. Algumas fazendas costumam aplicar a técnica durante 60 dias da estação de monta e no mês seguinte colocam o touro. Outras já fazem três inseminações antes da monta natural nas três vezes que a vaca entrar no cio. Se não for diagnosticada a prenhez, provavelmente ela não terá a quarta chance porque passa a ser anti-econômica. Daí, é panela na certa.

Melhoramento genético

É por isso que a estação serve também como rigoroso processo seletivo sob a ótica da eficiência reprodutiva. O descarte das fêmeas tardias e inférteis vai ajudar a diminuir sensivelmente a incidência dessa característica no rebanho. Mas é preciso ter bom senso na hora de eliminar as matrizes pouco eficientes. O criador deve primeiro definir a origem do problema. Se, por exemplo, o percentual de prenhez for de 40%, a causa da baixa fertilidade pode estar na forma de manejo. Patamares maiores, acima de 80%, já sinalizam positivamente para um possível descarte.

A estação de monta também favorece o melhoramento genético porque possibilita ao criador trabalhar com lotes mais homogêneos, expostos à mesma condição ambiental, produtiva e reprodutiva. Um trabalho que começa muito antes da





VITROGEN

Com as mãos,

nossos veterinários fazem a aspiração,
nossos técnicos selecionam os oócitos,
nossos biólogos descongelam o sêmen e fazem a FIV.

Com as mãos,

outros veterinários transferem esses embriões,
muitos trabalhadores alimentam essas prenhez.
até que uma única mão arremata o lote num grande leilão.



Vitrogen.

As mãos que conduzem as maiores conquistas do Brasil.



Líder mundial em Aspiração Folicular (OPU) e Fecundação *in vitro* (FIV)

Laboratórios

Cravinhos (SP) 16. 651 42 66
Sorocaba (SP) 14. 3532 54 24
Presidente Prudente (SP) 18. 232 19 99
Campo Grande (MS) 67. 384 28 85
Goiânia (GO) 62. 229 27 58

Laboratório Internacional

Zipaquirá - Colômbia (CO)
57. 1 852 25 22 / 2628 / 2888
e-mail: vitrogen@cgrbiotecnologia.com

Centrais de Doadoras

Cravinhos (SP) 16. 3951 71 75
Uberaba (MG) 34. 3315 38 18

Central Administrativa | Cravinhos (SP) 16. 3951 36 36

acasalamento. A Companhia de Melhoramento – empresa, formada inicialmente por capital inglês, responsável pela colonização do norte do Paraná no final dos anos 20 – decidiu acasalar duas mil fêmeas este ano. Pensando na qualidade genética dos futuros bezerros, os dados de todos os animais envolvidos na monta, tanto touros quanto vacas, foram avaliados para detectar índice de produtividade levando em conta a Diferença Esperada de Progenie (DEP) aos 160 dias e aos 240 dias. As informações são geradas pelo software Programa de Acasalamento Dirigido - PAD (veja “Procura-se o touro ideal”). “Este é o segundo ano que usamos o programa para definir quais matrizes e touros serão colocados para acasalar. É uma forma eficaz de evitar a consangüinidade no rebanho. A relação custo/benefício também é grande porque o valor cobrado por cada avaliação está abaixo de outros programas semelhantes que existem no mercado”, destaca o técnico Ireno Cassimiro da Costa. A Companhia começou a estação no gado nelore PO em novembro e deve prolongá-la por 120 dias utilizando monta natural e inseminação.

Outro cuidado importante é a realização dos

exames andrológicos para os touros e ginecológicos para as fêmeas. Os animais com algum tipo de problema reprodutivo são descartados na pecuária de corte. Já na seletiva, devido ao alto valor do bovino, é feito tratamento. As doenças mais comuns são cistos e deformação uterina. O exame permite ainda separar as vacas cheias (prenhes) das vazias. A parte sanitária exige vacinação contra febre aftosa e brucelose na época determinada pelos órgãos responsáveis em cada estado, além de vermifugação uma vez por ano (de preferência, no final da seca).

A mais nova técnica para facilitar os trabalhos durante a monta é a sincronização de cio. As vacas recebem uma dose de hormônio natural para entrarem no cio ao mesmo tempo. Andrade lembra que a concentração dos nascimentos em um período definido permite melhor assistência à matriz no parto e, ao bezerro, no início de sua vida, pois estas são fases críticas e de alta mortalidade. O custo da sincronização de cio é considerado salgado e os resultados ainda pouco viáveis. O índice de prenhez fica em torno de 40%.

Apesar de facilitar o gerenciamento da fazenda e permitir a redução de custos com aumento da qualidade genética do rebanho, alguns pecuaristas preferem realizar monta o ano inteiro. É o caso dos produtores de leite que precisam ter vacas com o úbere cheio durante os 12 meses do ano. Quem prepara animais para participar de provas de julga-



Berçário no campo

Os primeiros meses da vida do bezerro são extremamente delicados. Para fugir dessa estatística desanimadora, o produtor precisa planejar o manejo dos bezerros e, assim, evitar problemas futuros. Tudo começa com a escolha da maternidade. O local deve ser próximo ao curral e de fácil acesso. O pasto precisa estar limpo, plano e com capim baixo. Visitar a maternidade pelo menos duas vezes ao dia ajuda a detectar possíveis riscos ao recém-nascido. Nesse caso, tempo é dinheiro, pois a demora no atendimento pode significar a perda do bezerro ou da mãe. A ingestão do colostro (o primeiro leite de uma fêmea parida, rico em proteínas e imunoglobulinas – que aumentam a imunidade do organismo – e pobre em lactose e gorduras, deve ser feita o

mais rápido possível, de preferência nas primeiras 24 horas. Caso a vaca não produza o colostro, o bezerro deve mamar em outra vaca recém-parida. O cordão umbilical merece também cuidados, pois pode funcionar como a porta de entrada das infecções. O que sobrou deve ser cortado a uns dois dedos abaixo do umbigo e desinfetado por imersão com uma solução de iodo ou ácido pícrico. Não se deve amarrar o cordão umbilical e, sim, cortá-lo com tesoura. O uso de vermífugos não é recomendado durante a amamentação dos bezerros de corte. A vacinação contra paratifo acontece ainda no primeiro mês de vida. Depois, o criador deve ficar atento para a idade correta de aplicação de outras vacinas, como aftosa e brucelose.

Procura-se o touro ideal

A qualidade genética dos bezerros pode ser decidida na hora da estação de monta, independente da técnica aplicada para fecundar as fêmeas.

Dependendo dos touros e matrizes utilizados no acasalamento, as futuras gerações correm o risco de não desenvolverem o desempenho esperado ou sofrerem os efeitos da consangüinidade (grau de parentesco entre os animais). A consangüinidade “apura geneticamente” esses indivíduos, tanto para qualidades quanto para defeitos, interferindo diretamente nas características dos bovinos. Um dos problemas mais comuns é a redução da taxa de fertilidade e deformidade de apurados estruturais. É possível evitar seus efeitos nocivos no rebanho calculando o grau de parentesco entre fêmeas e reprodutores.

Isso pode ser feito utilizando ferramentas como o Programa de Acasalamento Dirigido (PAD). O software permite otimizar o uso das Diferenças Esperadas na Progenie (DEPs), evidenciando informações de produtividade, dos animais que possuem avaliação genética, além de controlar o grau de consangüinidade do rebanho. O programa simula o acasalamento de cada matriz com todos os touros determinados pelo criador. Depois, é emitido um relatório onde os touros são ranqueados de acordo com o “Índice de Produtividade da Progenie”, além do registro de

cada matriz. No caso da consangüinidade, os resultados superiores a 6% mostram porcentagem acima do normalmente indicado.

O programa simula cerca de cinco mil acasalamentos por mês. Os dados são atualizados a cada três meses e enviados aos criadores pelo correio ou via internet. Uma das razões para a grande procura pelo PAD é a relação custo/benefício. O valor do serviço está bem abaixo do cobrado no mercado. Os sócios da ABCZ pagam R\$ 0,70 por acasalamento. Para os associados das entidades filiadas à ABCZ, o preço é de R\$ 1,05 e, para os não sócios, R\$ 1,40. O PAD pode ser utilizado pelos criadores de rebanhos PO e LA (de 2ª geração) de todas as raças zebuínas. De acordo com o departamento técnico da entidade, os rebanhos participantes do Programa de Melhoramento Genético das Raças Zebuínas (PMGZ), que fazem o CDP – Controle do Desenvolvimento Ponderal, terão informações quanto ao índice das DEPs dos produtos, além da consangüinidade. Aqueles rebanhos que não participam do PMGZ somente terão a informação da consangüinidade do produto, pois o CDP é a base para se determinar a DEPs dos animais.

Onde encontrar:

Informações pelo número (34) 3319-3434
ou pelo endereço eletrônico
abczpad@abcz.org.br



mento nas exposições brasileiras também evita concentrar os nascimentos em um único período. Assim, o produtor consegue obter bovinos com idades diferentes para disputar todas as categorias. Nesses casos, o criador deve fazer toques periódicos para retirar as vacas cheias. As vacas vazias devem ser colocadas nos melhores pastos. Outra

dica é dobrar os cuidados com os bezerros recém-nascidos já que os nascimentos ocorrerão o ano todo, inclusive em época desfavorável.

Existem localidades, porém, onde a estação de monta é extremamente necessária. Propriedades localizadas no Norte do país, por exemplo, precisam programar o nascimento para antes do período chuvoso porque se o bezerro nascer no tempo das águas é um caos. O barro grande dificulta a locomoção dos tratadores e, conseqüentemente, a assistência aos recém-nascidos. Já no Pantanal é o contrário. A monta acontece o ano todo de forma totalmente natural. O touro não chega perto das vacas na época das secas por um motivo bem simples: elas não dão cio por causa da pequena quantidade de capim no pasto. Como a necessidade principal de todos os seres vivos, inclusive os humanos, é viver, em tempos de “vacas magras” as pequenas energias armazenadas no organismo são gastas apenas para garantir a sobrevivência. Procriar só quando há sobras de energia, ou seja, muita ingestão de comida.

Ao lado: touro
cobre vaca em
monta natural

Lux
agropecuária



Lux Finlândia

Res. Grande Campeã Expoinel - Uberaba/03

50% de sua propriedade adquirido por Argeu Geo e Integral Engenharia



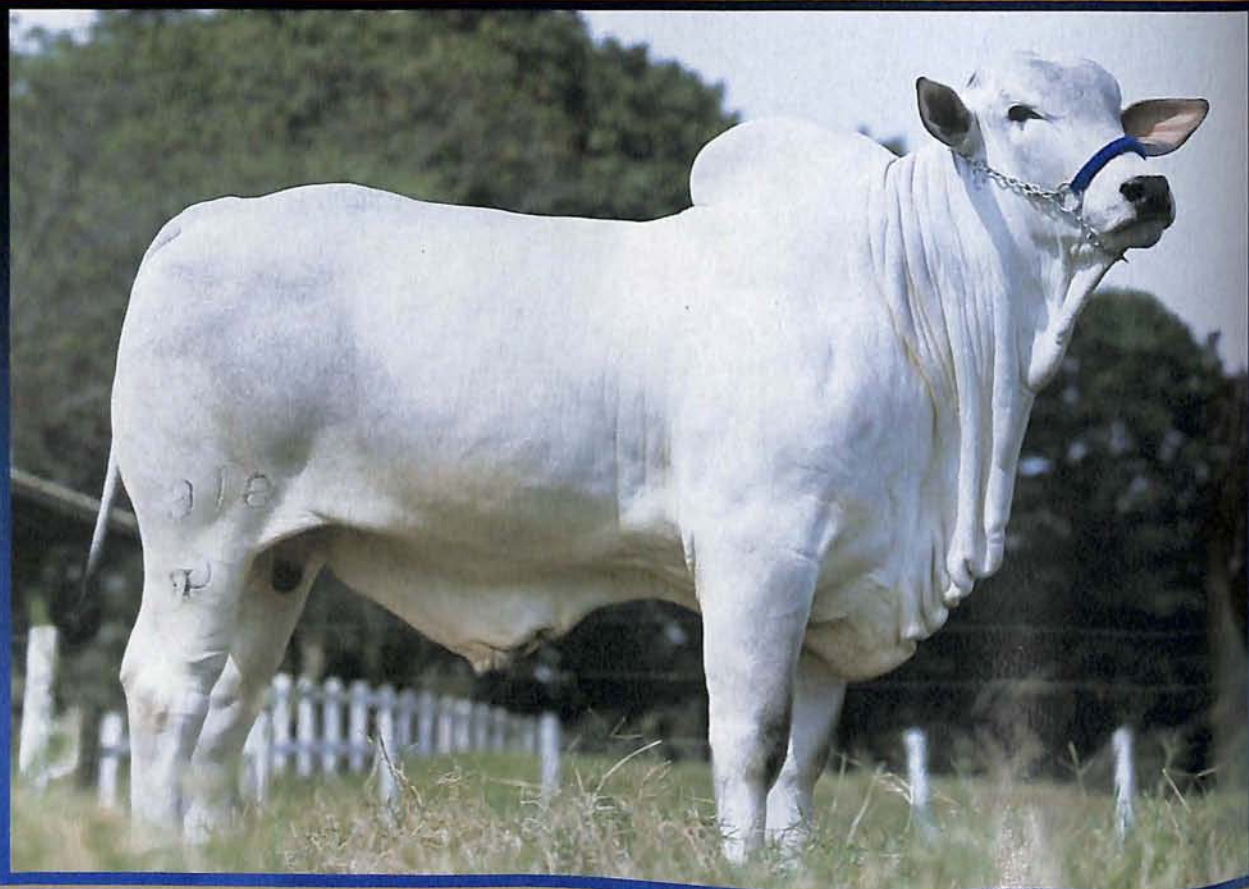
ANCHETA (34) 9859.6306

Lux Granutu TE
Grande Campeão Expoinel - Uberaba/03
Em coleta na Central Nova Índia Genética

ALIMENTADOS
COM RAÇÕES
D'VITA

**A GR apresenta mais um craque
da seleção pentacampeã:**

Dabaco Indy GR



Todas as qualidades que o Nelore Mocho exige!
Beleza racial, carcaça moderna, precocidade e funcionalidade.

Criador e Proprietário: Paulo Lima

Nascimento: 10/06/02

Peso aos 17 Meses: 800 Kg

Premiações:

Três Lagoas 2003 Campeão Júnior Menor

Ourinhos 2003 Reservado Campeão Júnior Menor

Ribeirão Preto 2003 Reservado Campeão Júnior Menor

Presidente Venceslau 2003 Campeão Júnior Menor

Presidente Prudente 2003 Reservado Campeão Júnior Menor

Expoinel 2003 Campeão Júnior Menor

Genealogia:

Dabaco Indy GR	[	Cajado 2 Irmãos	[	Rapilho da SI
			Teima	
		Pamela da GR	[	Rancheiro da BV
				Madona da GR



Nossa seleção é pentacampeã

Estância GR: Venda permanente de matrizes, reprodutores PO e sêmen
www.neloregr.com.br - estanciagr@neloregr.com.br - (18)223-5616 / 221-4227



800 cavalos deram o Hexa para Ferrari. Nós, só precisamos de alguns Touros.

Uma vitória disputada com grandes nomes, só poderia resultar em uma grande comemoração. Pilotando uma máquina da Pecuária brasileira, José Carlos Prata Cunha, acelerou no desenvolvimento da genética, resultando em um prêmio digno de um campeão – o reconhecimento profissional e pessoal de seus amigos, colaboradores e de sua Equipe.

Parabéns **José Carlos Prata Cunha**
pelo Hexacampeonato inédito no Brasil.



Boston Zeb VR

Campeão Júnior Menor e
Vado Grande Campeão Expoinel 2003
698kg aos 15 meses (Pañagpur x Madras)



Asteca da Fort VR

Grande Campeã Expoinel 2003
804kg aos 24 meses (parida)
Bitelo x Niagra

José Carlos Prata Cunha

Hexacampeão como Melhor Expositor Nacional de gado Nelore Elite do Brasil.
Outorgado pela ACNB (Associação dos Criadores de Nelore do Brasil).

Fazenda Fortaleza

(18) 623.8943

HALGÓS AGC

Campeão Bezerro Expoinel/03

Nelore Padrão



5 Exposições, 5 vezes Campeão - 616 kg aos 12 meses, alimentado com rações Soc



Fazenda São João do Monte Alto

Campo Alegre de Goiás - (64) 696-9013

Dr Amancio Gomes Corrêa - Silvia Paula Corrêa

Escritório: (11) 209-2233 - fazagc@terra.com.br

Se esse é o
"Caderno dos Campeões"
nós escrevemos o nome
do Goloi à caneta.

GOLOI DA HP
BITELO SS X FIGURA HP



Reservas de sêmen:

Lagoa
da serra
Genética a toda prova

Nelore
HP

Melhoramento Genético

Hailé Pinheiro



Fazenda São Antônio

Fone: (62) 287.1200 / 511.9028

www.nelorehp.com.br



A GALINHA DOS OVOS DE OURO. NA VERSÃO NELORE MOCHO.



CECI TE.

UM GRANDE EXEMPLO DA QUALIDADE DAS DOADORAS DA FAZENDA ARARAS

CAMPEÃ BEZERRA DE ARAÇATUBA - RESERVADA GRANDE CAMPEÃ DE PRESIDENTE VENCESLAU
RESERVADA GRANDE CAMPEÃ DE PRESIDENTE PRUDENTE - CAMPEÃ PROGÊNIE DE MÃE DE PRESIDENTE VENCESLAU
CAMPEÃ NOVILHA MENOR - EXPOINEL - UBERABA



15 3271 0000

Sucessor é indicado pela diretoria da **ABCZ**

Penúltima reunião geral de Diretoria de 2003 indicou o nome de pecuarista para candidato à presidência da entidade na próxima gestão

Foi por unanimidade. O pecuarista Orestes Prata Tibery Júnior recebeu a indicação da diretoria da ABCZ em peso para ser candidato à suceder o atual presidente da entidade José Olavo Borges Mendes. A reunião geral que decidiu o nome do candidato a sucessão aconteceu no dia 11 de novembro, em Uberaba. As eleições da ABCZ acontecem no final de julho do próximo ano e elegem a diretoria para o período de 2004-2007.

Nascido em Uberaba, Orestes Prata Tibery Júnior é criador de nelore, nelore mocho, brahman, gir e guzerá. Os rebanhos estão distribuídos nas fazendas São João, Lagoinha, Estância Vó Ruth e Estância Vó Orestes, no Mato Grosso do Sul, e na Fazenda Abrigo do Nelore, no Estado de São Paulo. Atual diretor de Leilões da ABCZ, Orestinho, como é conhecido, já participou também como diretor da entidade nas gestões 86-88 e 88-90, e como 1º vice-presidente na de 90-92.

Orestinho conta que seu bisavô veio da Itália no início do século passado e comprou terras na região de Veríssimo, município vizinho a Uberaba. Seu tio, Nelson Tibery, participou de grupo de criadores que foram buscar os primeiros zebuínos na Índia. "Gosto de dizer que sou simplesmente um zebuizeiro", disse o pecuarista, de sua casa em Três



foto: M. Freitas

Lagoas (MS).

Sobrinho do lendário Pylades Prata Tibery, que atuou por décadas na ABCZ, sendo uma das maiores referências em defesa da entidade, do serviço de Registro Genealógico e do zebu, Orestinho tem agora aval de José Olavo para dar prosseguimento ao trabalho de divulgação e desenvolvimento da pecuária zebuína, por meio da entidade.

A reunião que elegeu o nome de Orestes Prata Tibery Júnior para a candidatura à presidência da ABCZ foi realizada no Apart Hotel de Uberaba, em virtude das obras de reforma na sede. O encontro contou com as presenças do presidente José Olavo Borges Mendes, dos vice-presidentes Paulo Ferolla e João Antonio Prata, e dos diretores Arnaldo Prata Filho, Dirceu Borges, João Machado Prata Júnior, José Carlos Prata Cunha, Lourival Sales Parente, Luiz Humberto Carrião, Marco Túlio Andrade Barbosa, Nelson Pineda, Sílvia Castro Cunha Júnior e William Koury.

O nome de Orestes também recebeu o apoio por telefone e por fax dos diretores da ABCZ Antônio Ernesto Werna de Salvo e Arnaldo Manuel, e do vice-presidente da entidade, Jonas Barcellos, que se encontravam em viagem.

Acima:
pecuarista
Orestes Prata
Tibery Júnior

ABCZ entra em férias coletivas

A Diretoria da ABCZ informa que as férias coletivas da entidade serão no período de 22 de dezembro de 2003 a 20 de janeiro de 2004. Portanto, a

ABCZ encerra suas atividades deste ano no dia 19 de dezembro, sexta-feira, às 11 h, e reinicia os trabalhos no dia 21 de janeiro de 2004, quarta-feira.

Riqueza das Nações VI E o "espetáculo do crescimento"? II

Na edição de setembro-outubro/2002, dissertei vagamente sobre protecionismo, nossa perda de autonomia e de soberania, e propostas para suplantar as barreiras que nos são impostas (presentes e futuras). Na edição novembro-dezembro/2002, voltei à década de 40, quando se formalizou o início da hegemonia global anglo-saxã, através de mecanismos muito mais sutis e eficazes que uma simples tarifa alfandegária, ou uma cota de importação. É o que eu chamei de "instrumentos de dominação". E na edição de janeiro-fevereiro/2003 o tema foi a União Européia, que, como bloco, é o maior parceiro comercial do Brasil – mas não muito confiável. Finalmente, em março-abril/2003 o assunto foi a Alca, matéria que, assim como o "programa de rastreabilidade bovina – Sisbov" – quanto mais eu leio a respeito, menos entendo. Limitação de massa encefálica minha, sem dúvida.

O título deste artigo indica claramente de que trato do nosso Brasil, tomando emprestado do presidente Lula, uma frase que ele tem repetido amiúde: de que estamos prestes a assistir o "espetáculo do crescimento". Espero que você, caro leitor, esteja sentado confortavelmente, pois o meu medo é que o tal espetáculo, vá demorar um pouquinho para começar.

Como mencionei acima, o presidente da República tem usado muito o termo "espetáculo do crescimento", que estaria por vir. Não está. O máximo que pode ocorrer é algum "aquecimento" da economia, mas sem fôlego suficiente para criar renda, emprego e desenvolvimento de forma consistente, holística, e sustentada. Ou seja, o provável é termos mais uma das tais "bolhas de crescimento". E pouco mais que isto.

Para poder justificar o que afirmo acima, terei de apoquentá-los com um breve "bê-á-bá" sobre macroeconomia, e, que, apesar de conter conceitos absolutamente básicos

e elementares, parece terem-se perdido em algum desvão do Planalto Central.

Há três pré-requisitos para crescimento consistente da economia de qualquer país:

- Investimento, seja ele interno ou externo.

- Ênfase em Ciência e Tecnologia, mesmo que os efeitos ocorram em médio ou longo prazo.

- Aumento de produtividade (que passa necessariamente por Educação, e deságua em melhor distribuição de renda).

Vamos analisá-los de forma fria e desapassionada, baseado no que tem ocorrido no nosso país:

O Brasil não tem mais estatais de peso para privatizar (ou melhor, ainda tem, mas tal está fora de cogitação. Não estou defendendo, nem criticando apenas constatando).

A porta de entrada dos recursos externos advindos do processo de privatização, e investimentos posteriores, simplesmente está fechada. Já tivemos US\$30 bilhões de investimento externo/ano em passado recente, mas deveremos ter em 2003/2004 nada mais que US\$ 8 a 10 bilhões/ano (quando falo em investimento, excluo a entrada de capital externo volátil, especulativo e de curto prazo – que não merecem, nem se encaixam, na classificação de investimento produtivo).

Com este baixo índice de investimento externo (cerca de 2% do PIB, ou até menos), o Brasil teria de recorrer à poupança interna (que, aliás, é a mais saudável em todos os sentidos: no quesito "permanência", como fator de distribuição de renda efetiva e no de diminuição de dependência externa).

Esta "poupança interna" poderia ser superada pelo Estado[1] – como acontece, por exemplo na Coreia do Sul – com pesados investimentos em Educação, Ciência e Tecnologia. Por qualquer ângulo que se queira ver (até sob a ótica marxista), a



Carlos Arthur Ortenblad é economista e titular da Fazenda Água Milagrosa, Tabapuã, SP
fazenda@aguamilagrosa.com.br

“poupança interna” gerada pelo Estado no Brasil é negativa (em língua de gente: toma mais do que dá).

Não teremos poupança (investimento) externa. A “poupança interna” gerada pelo Estado no Brasil é negativa. O que nos sobra? Poupança interna privada – ou seja, o meu dinheiro, o seu dinheiro que, investidos em produção (exemplo: mercado de ações), poderiam gerar o tal “espetáculo do crescimento” tão anunciado, quanto esquivo.

É simplesmente impossível existir “poupança interna” suficiente, quando o Estado se apropria de 35% do PIB (Produto Interno Bruto) através de taxas e impostos. Os críticos da Reforma Tributária (vejam bem, sequer é Reforma Fiscal) em curso, calculam que o peso da tributação poderá chegar a 41% do PIB, se a proposta do governo federal for aprovada. Por ossos do ofício, eu a li outro dia, e achei-a bem ruizinha: perigosamente vaga, banal e pouco criativa.

Se ocorrer aumento da carga tributária, mais uma vez a Europa

“se curvará diante do Brasil”. Teremos ultrapassado a Noruega, e atingido o 1º lugar no Mundo, em matéria de tributação a pessoas físicas e jurídicas.

Em resumo: se a poupança (investimento) externa já está sendo, e possivelmente continuará, muito baixa; se a “poupança interna pública” é negativa; e se a “poupança interna privada” é confiscada através de pesada tributação, o que sobra em termos de dinheiro para investir, e que sancione a afirmação do presidente Lula, de que em breve estaríamos assistindo o “espetáculo do crescimento”? Muito pouco, ou quase nada: alguma utilização de capacidade ociosa setorial, algum aquecimento sazonal, mas nada de crescimento sustentado (que

resulta em aumento do PIB, crescimento do nível de emprego, e melhor distribuição de renda – que, por sua vez, redundará em maior consumo, o que induz novos investimentos, que proporcionam maior crescimento). Este é o círculo virtuoso. O que estamos assistindo, lamentavelmente, é o espetáculo do círculo vicioso.

Mas não sejamos tão pessimis-

***“A única verdadeira
transferência de renda
que taxaço sobre
grandes fortunas gera,
é a do milionário para
algum bom advogado
tributarista”***

PREMIAÇÃO EM EXPOSIÇÕES

- Ourinhos 2003
- Presidente Prudente 2003
- Bauri 2003

Expoinel 2003

Reservado Campeão Junior Maior

João José do Rio Preto 2003

Campeão Junior Maior

Carlos dos Santos Pecci

Carlos Pecci (Carlinhos)



Fazenda Nossa Senhora das Graças

Símbolo de Eficiência e Qualidade

tel/fax: escritório/SP:

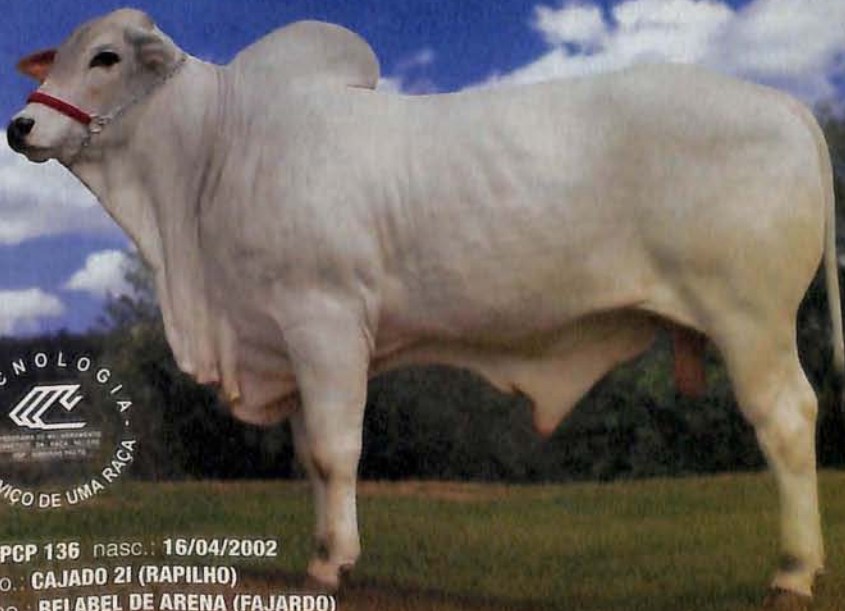
1312 / 1831 (11) 3683 4055

carlospecci@smanet.com.br

www.nsradasgracas.kit.net

Venda Permanente de Reprodutores

Caboclo das Graças



RG.: CPCP 136 nasc.: 16/04/2002

paterno.: CAJADO 2I (RAPILHO)

materno.: BELABEL DE ARENA (FAJARDO)

tas. Quem sabe investimentos em "Ciência e Tecnologia" darão um empurrãozinho?

O Brasil investe apenas cerca de 0,6% do PIB em "Ciência e Tecnologia", enquanto países como Alemanha, Coréia do Sul, Japão, EUA, investem de 2% a 4% do PIB. Não nos esqueçamos que atual governo federal cortou este ano 45% do orçamento da Embrapa. E, como sabemos, não existiria a nossa agropecuária moderna e pujante de hoje, não fosse a Embrapa.

Será que "aumento de produtividade", embora mais subjacente que propriamente determinante para o "crescimento da economia", pelo menos isto, estaremos conseguindo? Infelizmente não, embora a ação governamental dirigida à Educação tenha melhorado nos últimos anos. É pouco provável que esta tendência se afirme e cresça, como seria imprescindível – até pelo "fatiamento" a que está sendo submetido o Ministério da Educação (vi o bem sucedido projeto "Bolsa Escola"). Além disso, nada tem sido feito em relação ao astronômico "Custo Brasil" [2], que tem efeito perverso no custo final de nossa produção, refletindo-se, assim, na produtividade.

Lamento muito, mas muito mesmo, ter de jogar um balde de água fria em renitentes crédulos da eficiência da ação governamental. A forma mais rápida, justa e consistente de obtermos, ao mesmo tempo, "crescimento da economia", "aumento da taxa de emprego", e "melhor distribuição de renda", passa necessariamente pela diminuição do Estado, e, acima de tudo, tem de passar pela redução brutal da carga de impostos que inibem investimentos, neutralizam geração de empregos, e dificultam em muito, uma distribuição de renda mais justa. Qual a chance de termos menos tributação e um Estado menos oneroso? A meu ver, nenhuma chance. Aliás, é justo que se diga que esta "derrama fiscal" não teve origem no governo Lula. Afinal, este segue apenas os passos do governo Fernando Henrique, que elevou nossa carga tributária, em 8 anos, de 25% para 35% do PIB.

Infelizmente, para nós e para nossos filhos e netos, o crescente peso do Estado tem efeito paralisante sobre a economia. E este incomensurável sacrifício serve para quê? Para subsidiar um Estado caro, pesado e ineficiente. Já passou da hora de se adotar neste país a filosofia de "menos Brasília, e mais Brasil"!

Para colocarmos este assunto em termos bem "bovinos": se você investe em genética, mas não em meio (pastagens, suplementação mineral, etc.), o que ocorre? Você está jogando dinheiro fora, pois gastou para obter uma genética superior, mas não permitiu que o potencial desta genética se manifestasse em sua plenitude, por ausência de meio de

qualidade compatível. É isso o que verificamos hoje no Brasil. Gasta-se muito dinheiro, mas o povo não é beneficiado com os resultados.

Voltando ao outro exemplo de intervencionismo estatal, com que vos "ameacei" no início desta matéria: Se me permitem um derradeiro vaticínio: se a taxa sobre "grandes fortunas" for regulamentada e transformada em lei, será um desastre.

Recapitulemos: quando da Constituição de 1988, o então Senador (e então também socialista) Fernando Henrique Cardoso – por influência do já falecido Deputado Fernando Gasparian –, incluiu um dispositivo criando "taxação sobre grandes fortunas" (seja lá o que isso for, já que no Brasil quem tem renda familiar de R\$ 10 mil ou mais, já é considerado como classe AAA).

Passados quinze anos, até hoje não houve regulamentação via lei complementar deste dispositivo constitucional, sem o que não pode ser cobrado. Espero ardentemente que jamais o seja. Por quê? Por várias razões:

Embora pareça um ato de justiça social (no estilo Robin Hood), na realidade é um ato de injustiça social, pois quem amealhou alguma "grande fortuna", pagou impostos durante todo o processo.

Taxar o sucesso alheio, nada mais é que bi-tributação, e demonstração inequívoca de inveja e ressentimento.

Em terceiro lugar, porque só tem efeito uma vez – e assim mesmo de forma reduzida – pois presume-se que quem foi capaz de formar uma "grande fortuna", também o será para antecipar-se à cobrança. Como diz um amigo meu: "a única verdadeira transferência de renda que taxa sobre grandes fortunas gera, é a do milionário para algum bom advogado tributarista."

Finalmente porque, em todos os países em que artifício similar foi tentado, os únicos efeitos práticos foram:

I Queda da taxa de investimento produtivo.

II Elisão fiscal crescente (a popular sonegação, ou caixa 2).

III Aumento brutal de evasão de divisas.

Porém, como é estultice, e já foi tentado com grande fracasso em outros países, muito provavelmente será tentado aqui também. Quem viver, verá. Verá a cobrança, e os efeitos dela.

[1] Toda vez que eu mencionar a palavra "ESTADO" considere-se a soma dos governos federal + estaduais + municipais.

[2] Querem exemplos? O Brasil é o único país do mundo que taxa exportação de produtos agrícolas. Sim, nós exportamos imposto. Outro exemplo? A redução da jornada de trabalho, sem redução linear nos salários

Com tanto prêmio assim
não há dúvida.
O melhor é Coimma.



Balança Mecânica



Balança Tronco (Eletrônica)



Balança Eletrônica

Produtos Especiais:

Balança Suína
Balança Comercial
Câmara Atomizadora
(Ducha de pulverização)

- Balança Rodoviária
- Balança Móvel
- Carrinho de Tração Animal

AC 0800 11 2555 / (18) 3821 9900
Serviço de Atendimento ao Consumidor

Prod. Com. João Ribeiro de Barros, KM 646
Postal 1031 - Cep 17900-000 - Dracena - SP
www.coimma.com.br - coimma@coimma.com.br



Qualidade que pesa exato!

Na linguagem do zebu

Empresário da comunicação e filho de uma das mais tradicionais famílias de pecuaristas de Uberaba, Arnaldo Prata Filho fala sobre seu trabalho na ABCZ e dá a dica: o marketing é fundamental para o desenvolvimento da zebuínocultura

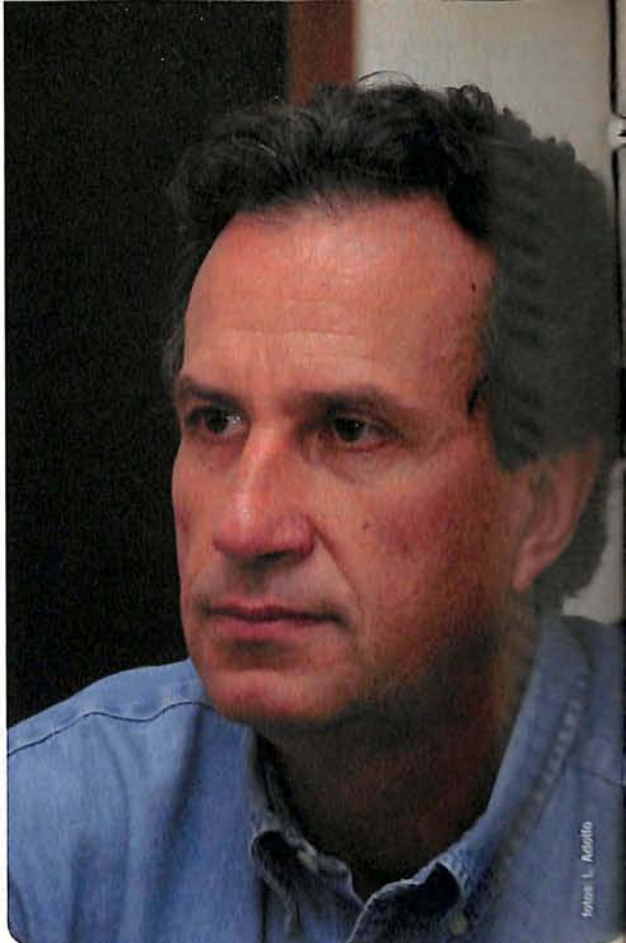
Renata Thomazini

Arnaldo Prata Filho fala sobre sua atuação como diretor Financeiro da ABCZ e conta um pouco sobre como começou a lidar com zebuínos. A tradição da família Prata, tanto na área política quanto no setor pecuário da região é marcante e sua história confunde-se com a do município escolhido pelo patriarca Joaquim José da Silva que, curiosamente, incorporou o nome Prata à sua assinatura.

A família foi uma das responsáveis pelo destaque de Uberaba no cenário da agropecuária brasileira. O despertar para a associatividade e a visão empresarial, hoje impregnada também na pecuária, são idéias que Arnaldo faz questão de explicar nessa entrevista.

Quanto à sua atuação na ABCZ, confessa que começou um pouco tardia. Mas, como enfatiza, em tempo de fazê-lo entender a importância da união da classe pecuária para que a atividade seja reconhecida como uma das mais importantes para o desenvolvimento da economia brasileira.

Uma das lembranças que o diretor ressalta é a experiência que adquiriu ao tomar conta dos negócios do pai, que foi Prefeito de Uberaba, secretário da Agricultura no Estado de Minas Gerais e Deputado Federal. Nessa época, Arnaldo pôde conviver mais de perto com o avô, o pecuarista Nonô Prata. "Foi uma oportunidade única. Aprendi muito e pude vivenciar o conhecimento do meu avô e absorvê-lo um pouco". Arnaldo Prata Filho já esteve



na diretoria da ABCZ em outra oportunidade, como diretor das áreas Comercial e Marketing, na gestão Rômulo Kardec de Camargos (98/2001).

Um dos principais defensores da maior divulgação do trabalho desenvolvido pela entidade em prol da zebuínocultura brasileira, articulou dentro da diretoria a criação da revista ABCZ. A idéia foi totalmente apoiada pelo então presidente.

Nesta entrevista, o atual diretor Financeiro da ABCZ dá sua opinião sobre a necessidade de ver a propriedade rural como empresa e conta um pouco dos novos horizontes que idealiza para o Zebu na Escola.

O projeto é realizado durante a ExpoZebu e dá oportunidade aos alunos do ensino fundamental de conhecerem um pouco do potencial do gado zebu e de sua história.

ABCZ: Sua família é bastante conhecida em Uberaba, praticamente nasceu com a cidade. Conte um pouco dessa história.

Arnaldo Filho: É interessante. Por volta de 1.818, Joaquim José da Silva (progenitor da família Prata) radicou-se em Uberaba, vindo de Tamanduá, hoje Itapeirica (cidade do Sul de Minas). Chegando aqui adquiriu uma sesmaria às margens do Rio Grande. Daí para frente começou sua vida como agricultor nesta região. Em 1.920 plantou os primeiros pés de café neste município.

ABCZ: Mas de onde veio o sobrenome Prata?

Arnaldo Filho: Na época, Joaquim atravessando um córrego, abaixou-se para tomar água, e perdeu alguns patações de prata que estavam em sua algibeira. Procurou esses patações por muito tempo. Assim, o pessoal da região incorporou o Prata ao nome dele.

ABCZ: Como o senhor analisa a evolução da pecuária brasileira dos tempos de Joaquim José da Silva Prata até os dias de hoje?

Arnaldo Filho: Acredito que o grande salto na pecuária brasileira começou com a introdução do gado zebu no Brasil. Os pioneiros criadores e importadores do zebu contribuíram muito para a seleção de animais bem caracterizados. É indiscutível a contribuição desses homens que eram verdadeiros visionários para aquela época. Mas, hoje, a pecuária brasileira demonstra ser uma atividade cada vez mais empresarial. A paixão que movia aqueles pioneiros já não é vista da mesma forma. E é natural que isso aconteça. Antes, o pecuarista tinha como objetivo principal as características da raça. Atualmente, não devemos desprezar jamais as características raciais, mas trabalhamos melhor a genética para uma maior produtividade e precocidade seja no leite ou na carne. Temos um mercado exigente e bastante amplo. Para atendê-lo, precisamos ter os produtos carne e leite cada vez mais cedo, disponíveis para consumo.

ABCZ: Essa busca por precocidade e produção acelerada é salutar ou pode descaracterizar a zebuicultura?

Arnaldo Filho: Acho que é salutar, desde que seja feita com acompanhamento técnico. O zebu passou por uma crise na década de 40, quando a zebuicultura era muito concentrada na região de Uberaba.

Naquela época o Presidente Getúlio Vargas abriu financiamentos sedutores aos pecuaristas. Com a má aplicação desse crédito muitos criadores não tiveram condição de pagar os seus débitos e quebraram. Isso foi uma dura lição. Não se pode investir em algo sem uma programação, o devido estudo sobre as possibilidades de sucesso ou não do empreendimento. Sabemos hoje como trabalhar melhor o potencial econômico do zebu – uma raça que tem ainda muito espaço para crescer em produtividade. A pecuária é cada vez mais encarada como empresa. Isso, depois do ingresso de grandes empresários na zebuicultura, que migraram de outros setores e investiram muito no zebu e no melhoramento genético das raças. Acredito que o conhecimento e a lucratividade do produtor foram ampliados ao serem somados com as idéias desses empresários que agora também são produtores.

ABCZ: Como o senhor despertou para a importância da associatividade?

Acredita que hoje em dia esse pensamento é compartilhado pela maioria dos empresários rurais?

Arnaldo Filho: No meu caso, descobri o quanto o associativismo é importante pela escola que tive em casa. Meu pai, Arnaldo Rosa Prata, sempre participou em entidades de classe e na política. Na ABCZ iniciei na gestão do presidente Rômulo Kardec como diretor de Marketing. Na época, pude ver o quanto essa união faz a diferença. Exemplo disso, é o trabalho de preservação dos interesses dos associados no cenário nacional, como aconteceu recentemente quando a ABCZ, através de seu presidente José Olavo, conquistou uma das maiores vitórias políticas dos últimos anos: a inclusão da emenda ao projeto de Reforma Tributária que mantém a isenção do ICMS para material reprodutivo destinado ao melhoramento genético animal e vegetal. A ABCZ também trabalha em prol do desenvolvimento tecnológico da zebuicultura e isso é compartilhado por aqueles que fazem parte dessa associação. Se não fosse a organização da classe pecuária dentro de uma associação, talvez esses benefícios fossem impossíveis de serem conquistados.

ABCZ: Seu pai foi um dos presidentes da ABCZ. Como o senhor encara a participação dele para que essa idéia de união da classe pecuária ganhasse cada vez mais força?

Arnaldo Filho: A ABCZ sempre primou por unir os pecuaristas em torno dos mesmos ideais desde que era Sociedade Rural do Triângulo Mineiro. Os anos se passaram e era mais ainda necessário que a entidade ampliasse seus horizontes e trabalhasse em prol, também, do desenvolvimento de tecnologias como a do melhoramento genético. Acredito que meu pai foi um dos principais incentivadores para que isso se tornasse real. Ele presidiu esta entidade por várias vezes com diretorias que faziam questão de ressaltar que eram “um time sempre bem entrosado”. Durante as suas gestões vários projetos se concretizaram assim como a fundação da Comzebu (Confederação Mundial do Zebu), hoje Ficebu (Federação Intenacional dos Criadores de Zebu), entidade que representa o zebu internacionalmente. A abertura dos escritórios técnicos regionais (ETRs) foi outra conquista valiosa. O primeiro foi

Na página anterior, o pecuarista Arnaldo Prata Filho; abaixo, lote de animais frutos de TE





em Aracaju, depois em Belo Horizonte e assim por diante...O Colégio de Jurados, o Prozebu (projeto que deu início ao melhoramento genético do zebu) e a transferência do Parque Fernando Costa, que era de domínio federal, para esta entidade também aconteceram durante suas gestões, assim como a construção da atual sede da ABCZ.

ABCZ: Como diretor Financeiro da ABCZ, como o senhor vê o crescimento da entidade?

Arnaldo Filho: A ABCZ completará 70 anos de vida em 2004. Durante esse período, tivemos diversas gestões responsáveis pela estruturação dessa casa. Hoje, a ABCZ conta com, aproximadamente, 14 mil sócios e é considerada a maior organização pecuária do mundo. Estamos vendo dia a dia o seu quadro de associados aumentar, demonstrando a credibilidade econômica do zebu na pecuária nacional. Uma entidade, para ser forte, precisa ter a participação e a confiança de seus associados. E temos a certeza que isso vem acontecendo ao longo da existência da ABCZ.

ABCZ: Para onde caminha, na sua opinião, a pecuária brasileira?

Arnaldo Filho: Somos o primeiro exportador de carne bovina in natura. Essa conquista é reflexo de anos de aperfeiçoamento e de trabalho incessante do produtor. Estamos vendo grandes projetos voltados à produção de carne que envolvem as raças puras zebuínas, assim como o cruzamento entre elas. Todos, obtendo bons resultados. Acredito que esses cruzamentos poderão ser muito importantes em um futuro próximo para obtermos melhores resultados em produtividade. Temos potencial para nos manter no primeiro lugar nas exportações de carnes e conquistar sempre novos mercados.

ABCZ: O senhor acredita que a ABCZ tenha contribuído para que a pecuária se destacasse no agronegócio?

Arnaldo Filho: Sem dúvida. As ações da entidade têm sido importantes para isso. Cito como exemplo a criação do Brazilian Cattle Genetics (consórcio que a ABCZ criou para fomentar a exportação de material genético zebuino e animais vivos). O trabalho que o diretor de Relações Internacionais, Sílvio de Castro Cunha Júnior, tem desenvolvido dentro do consórcio

é excelente. E é isso que sempre defendi desde a época em que fui diretor de Marketing da ABCZ. Acredito que precisamos realizar trabalhos de divulgação como o que o Brazilian Cattle desenvolve porque temos uma gama enorme de potenciais clientes lá fora. Lembro-me das palavras de um membro da comitiva da África do Sul em visita à sede da ABCZ: "como é que vocês conseguem esconder essa maravilha do mundo?". Na oportunidade ele se referia ao fato de nós não divulgarmos lá fora o potencial do zebu. Temos em nossas mãos, além dos produtos bovinos mais comuns, como a carne e o leite, o material genético e a tecnologia desenvolvida em anos de estudos. Podemos ampliar nossos mercados ao comercializar esses produtos.

ABCZ: O Brasil tem potencial para disponibilizar essa tecnologia sem medo de perder mercado?

Arnaldo Filho: Tem sim. Mesmo abrindo nossas portas para o mundo somos muito competitivos. Com a globalização é natural que cada país, de acordo com suas potencialidades, ocupe seu espaço no mercado internacional. Nossa tecnologia na pecuária não fica atrás da de qualquer país desenvolvido e somos respeitados por isso. Estamos em constante evolução. Além do mais, trabalhamos com uma pecuária em pastagens naturais e em grandes áreas, produzindo, assim, uma carne mais saudável, hoje muito exigida pelo mercado internacional. Nossos custos de produção estão entre os mais baixos do mundo. Atualmente, o Brasil é o maior exportador de carnes. Não podemos temer a competição.

ABCZ: Como nasceu a sua paixão pela pecuária, e como é a sua atividade atualmente?

Arnaldo Filho: Vivi minha infância até os 7 anos na fazenda, onde tive grande contato com a terra. Tanto o meu pai, quanto a minha mãe são descendentes de pecuaristas. Meu avô materno, Fáblio Máximo Junqueira, foi o primeiro diretor de registro da ABCZ.

Pude me aproximar mais da pecuária e absorver um pouco do conhecimento do meu avô paterno, Nonô Prata, na época em que meu pai se dedicou à política partidária, por volta de 1984.

Em 1990, casei-me com Ana Letícia, filha do criador Torres Lincon Prata Cunha, selecionador tradicional de nelore VR. Tenho grande admiração pelo seu trabalho de seleção. Ele me incentivou mais ainda a trabalhar com a zebuicultura. Hoje, trabalho em parceria com meu pai. Temos, na fazenda da Capivara, 450 matrizes nelore selecionadas. Estamos fazendo o melhoramento genético deste rebanho com inseminação artificial, e algumas transferências de embriões.

Abaixo: Arnaldo entrega revista ABCZ ao presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva



foto: M. Farias

ABCZ: O senhor é empresário na área de comunicação. Dá para conciliar esse trabalho com a dedicação à pecuária?

Arnaldo Filho: Atualmente, posso dizer que me dedico às minhas atividades com aquela vontade de quem se realiza no que faz. Tenho uma rádio FM e uma empresa de outdoor que considero bastante sólidas. A rádio, há mais de 13 anos, é uma das emissoras de grande audiência em Uberaba e região. Desde o início procuramos atender às exigências do nosso público ouvinte. Quanto ao investimento que fizemos na mídia de outdoor, já há 17 anos, foi um empreendimento que deu certo. Começamos em época de propaganda eleitoral com 30 espaços publicitários, para atender uma campanha política de meu pai. Resolvemos ampliar, e hoje temos mais de 350 pontos espalhados pela região. Para conciliar as atividades empresariais com a atividade rural não vejo muita dificuldade. São coisas que gosto de fazer e, além do mais, a fazenda Capivara fica próxima de Uberaba.

ABCZ: O senhor foi um grande incentivador da criação da revista ABCZ.

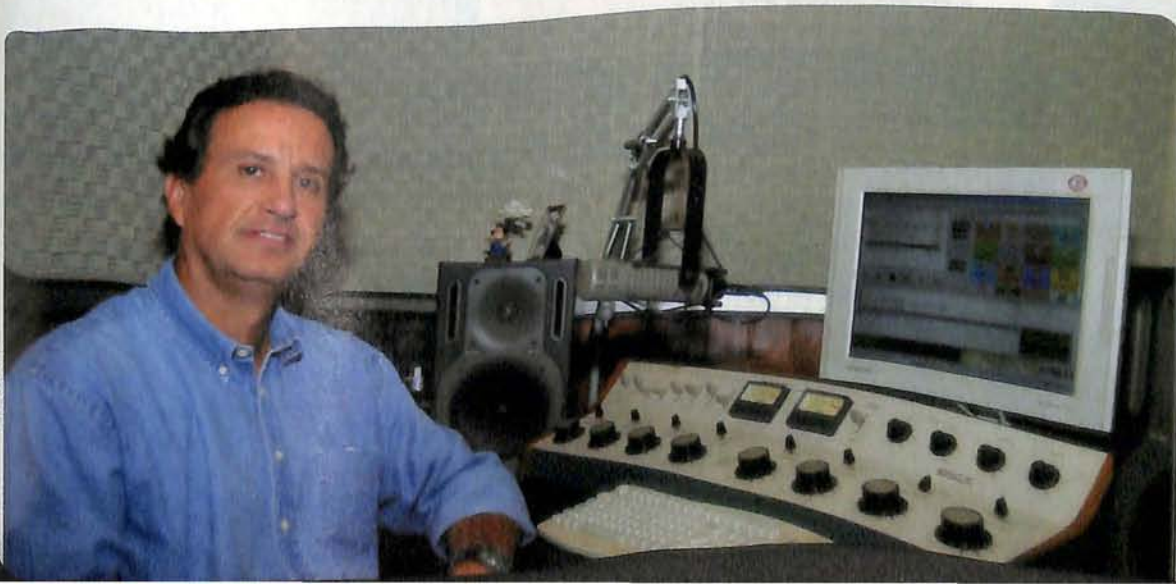
Arnaldo Filho: Assim como hoje, na época da gestão de Rômulo Kardec, eu fazia parte do Conselho Editorial do Informativo ABCZ. Acreditava que pela potencialidade do zebu e da entidade, estava passando da hora de transformar aquele informativo em revista. O então editor, jornalista Jorge Zaidan Jr., sempre me estimulou para esta idéia, mas queria tempo para desenvolver melhor o projeto. Mesmo com alguns diretores não sendo simpáticos à mudança naquele momento, conseguimos a aprovação da diretoria. Apesar de dar razão a eles em alguns pontos, acredito que para conquistarmos aquilo que queremos precisamos ser ousados. Às vezes, perdemos grandes oportunidades porque queremos ser metódicos demais. Acho que com a revista foi mais ou menos assim. Hoje, a revista

ABCZ é o principal canal da entidade com o associado, além de trazer questões importantes relacionadas ao agronegócio nas matérias e artigos publicados. Naquela época, eu sentia que nosso associado e a própria ABCZ precisavam de um veículo de comunicação do porte de uma revista. Com pouco mais de dois anos de criação, ela já está entre as maiores revistas do agronegócio no país.

ABCZ: Fale-nos um pouco do Projeto Zebu na Escola e como ele nasceu...

Arnaldo Filho: O presidente José Olavo, em visita à Exposição Internacional de Houston (EUA), constatou a presença de um grande número de estudantes no parque de exposições. Depois me perguntou o que a gente poderia fazer aqui neste sentido. Essa pergunta nos fez refletir sobre o desconhecimento muito grande das crianças sobre o zebu. A maioria delas achava que a ExpoZebu era um evento apenas de shows, desconhecendo o verdadeiro potencial do zebu. Criamos, assim, o Projeto Zebu na Escola. Uma idéia muito interessante que leva para o conhecimento das crianças do ensino fundamental a importância econômica da pecuária zebuína.

Este projeto teve início em 2001 e é realizado pela ABCZ, com a parceria do Museu do Zebu e Faculdades Associadas de Uberaba (Fazu). Hoje, você pode ter certeza que nas escolas uberabenses as crianças já sabem o que o zebu representa para a economia nacional, na produção de leite e de carne. Queremos, agora, tornar esse projeto nacional. A idéia é realizar o projeto em todas as feiras oficializadas pela ABCZ, em parceria com os organizadores desses eventos. O projeto poderá ser itinerante, com a mesma estrutura do que é realizado em Uberaba. Estamos pensando na possibilidade de colocá-lo para apreciação do governo federal para que receba verba de incentivo à cultura, assim, poderemos ampliá-lo mais rapidamente.



No QG (ao lado): comunicação como principal atividade

O leite da vaca preta

Dona Candoca perdeu a graça com a morte do marido, companheiro de muitos anos, muita querença e que-rebem. Abateu-se e, aquela sertaneja rija e forte, tornou-se uma velhinha cheia de mal-me-queres, friagens e quenturas. Não mais saiu de casa, ficando enrodilhada em seu chale, na velha espreguiçadeira, chorosa e triste. O cesto de costuras abandonado e a cozinha sem temperos e aromas. Foram esquecidas a brevidade, o pão de queijo e a broa de fubá. Abandonou as novelas e aproximou-se ao terço e ladainhas. Perdeu o prazer da sopa de mocotó e das pamonhas. Murchou junto com a hortinha de couve.

Os filhos, que haviam assumido a fazenda, preocupados, resolveram consultar o seu Juquita, o boticário da cidade.

“Conheço sua mãe. Não se preocupem. Ela sempre teve pressão baixa. Isto é que dá aquele desânimo e friage. Não carece de mezinha. Basta uma colher de conhaque, no café da manhã, e ela apruma. Melhor dijudório num existe”.

Os filhos voltaram pensativos. Sua mãe nunca provara álcool e, beata de carteirinha, não aceitaria o remédio. Resolveram, então, não contar nada, e misturar o conhaque ao leite. Inventaram, porém, que haviam comprado uma vaca preta e que, a conselho médico, a boa velhinha somente tomaria leite dela.

Assim, como tramado, foi fazido. A nossa querida Candoca tomava seu leite de manhã e voltou a ser o que era antes. Recuperou o gosto pelo crochê e a fazer suas broas, pães-de-queijo e roscas. Valentiu até a destrinchar um capadim e fazer uma lingüicinha. Comeu torresmin até.

Se tudo ia bem com a santa velhinha, o mesmo não acontecia com a fazenda. Seca braba, a roça de arroz cacheada de branco e com os grãos falhados e gessados. As lagartas dançaram e rolaram no milharal e, para complicar, a aftosa fez o

leite minguar. Sem arroz, milho e leite a coisa ficou demais.

Os filhos reuniram-se com a encalorada mãe e avisaram que, para pagar as contas, teriam que vender um gadin. Coisa pouca, mas necessária.

Acostumada a estes problemas a boa velhinha concordou.

“Tudo bem. Poderia ser pior, mas Deus é pai e não esquece de seus filhos. Mas tem um porém: disponham de quanto gado for preciso, mas por amor a mãe de oceis, não vendam a minha vaquinha preta. Me acostumei com o leitin dela”.



Hugo Prata é engenheiro-agrônomo e professor universitário

Alta proteção por um preço justo

■ Manejo facilitado

Única vacina com dupla emulsão oleosa que permite a aplicação do REFORÇO até três meses após a 1ª dose.

■ Proteção comprovada a campo

Mais de 150 milhões de animais vacinados, alta proteção em mortes súbitas.

■ A solução contra Manqueira ou Carbúnculo

Protege animais vacinados por pelo menos um ano.

■ Vacina completa: toxóides + bacterinas

Prevenção contra Manqueira (Carbúnculo Sintomático), Gangrena Gasosa, Enterotoxemia, Doença do Rim Polposo, Enterite Hemorrágica e Hepatite Necrótica.

■ Alta qualidade pelo melhor preço

Toxóides importados da Austrália.



Polisinto-Vac: Quem usa não troca.



FORT DODGE

SAC 0800-7019987
www.fortdodge.com.br

Muito além da rampa do Planalto

Os criadores do Distrito Federal tiveram de aprender a lidar com as pequenas extensões de terra e a necessidade de crescer economicamente. Eles apostaram na pecuária seletiva e os números do setor comprovam que a decisão foi certa

Larissa Vieira

Espremidos pelo crescimento urbano e agrícola no limitado espaço do Distrito Federal, quadrilátero de exatos 5.814 quilômetros quadrados de extensão demarcados dentro das terras goianas, os criadores brasileiros resolveram colocar em prática o velho ditado "Faça do limão uma limonada". Sem a possibilidade de desenvolver uma pecuária extensiva, como acontece nos estados vizinhos Minas Gerais e Goiás, boa parte deles decidiu enveredar pelos caminhos da criação de animais de elite, um mercado em constante crescimento.

Os números de 2003 comprovam essa efervescência. As centrais de inseminação do Brasil devem terminar o ano com alta de até 5% na venda de doses de sêmen, algo próximo de 7,4 milhões no total. Os valores comercializados nos leilões de elite realizados em Brasília e região também não deixam dúvida. Um embrião sai em torno de R\$ 30 mil, média comparada a de grandes praças como Uberaba. O investimento dos pecuaristas em biotecnologias atraiu para o Distrito Federal duas empresas especializadas de fecundação in Vitro (FIV). Técnicas reprodutivas como essa tem ajudado a disseminar pelos pastos animais registrados, denominados PO (Puro de Origem). Em 2001, foram emitidos 7.374 Registros Genealógicos de Nascimento (RGN) e Definitivo (RGD). No ano passado, a quantidade de registros ultrapassou a marca dos 10 mil.

A opção pela pecuária seletiva teve forte influência da geografia. Por falta de terras livres de grandes extensões, as propriedades do local são



Ao lado:
Leizer, que é
conselheiro da
ABCZ, em meio
ao rebanho guzerá

fotos: divulgação

de pequeno e médio porte não permitindo abrigar rebanhos maiores. Como os rebanhos de elite têm menor quantidade de animais do que os de corte, o reduzido tamanho das fazendas não interfere no resultado final. Os criatórios em torno de Brasília costumam ter de 50 a 300 hectares. Isso influencia no total de cabeças. O DF, como os nativos costumam chamar o Distrito Federal, tem hoje quase 88 mil bovinos. É o segundo menor rebanho brasileiro, ficando na frente apenas do Amapá. "Temos plantéis pequenos, mas de alta qualidade. O que conta hoje é ser eficiente", defende o criador e conselheiro da ABCZ Virgílio César de Castro. Em sua propriedade, localizada na cidade satélite de Sobradinho (DF), a Rancho Viva, ele cria nelore para produção de tourinhos e matrizes. Acostumado a correr o país para participar de grandes leilões, seja como organizador ou como convidado, Castro encontrou mercado para seus animais na maioria dos estados brasileiros e não tem do que reclamar.

A falta de espaço acabou ampliando as fronteiras. Hoje, quando se fala em regiões pecuárias no Distrito Federal estão implícitas áreas dos estados de Goiás e Minas Gerais, chamadas de zonas geoeconômicas. Por lá, produtores rurais brasileiros estão criando bovinos, principalmente das raças nelore, gir leiteiro e guzerá. Eles já são maioria. Algo em torno de 90% dos criadores residentes em Brasília ou nas cidades satélites deslocaram suas propriedades para estados vizinhos em

busca de novas pastagens. São terras com valores mais acessíveis. Segundo dados do Anualpec 2003, o entorno de Brasília, composto de cerca de 15 municípios como Águas Lindas de Goiás e Valparaíso de Goiás, o preço do hectare da pastagem formada varia entre R\$900 e R\$1.150. Esses valores são inferiores aos praticados tanto em outras cidades goianas quanto nas mineiras. "No Distrito, o hectare chega até a R\$20 mil. Ter uma fazenda aqui requer investimento alto. A vantagem é que como tudo é muito próximo, podemos acompanhar o gerenciamento da propriedade de perto", informa Castro.

O proprietário da Fazenda Morumbi, Leizer Divino de Castro Valadão, está entre o

grupo que optou por sair do DF nos últimos dez anos. Ele cria guzerá PO para produção de tourinhos e fêmeas em Luiziânia (GO), localizada há 80 quilômetros de Brasília. "Boa parte das áreas passou a ser ocupada por plantações de soja e milho. Com isso, a pecuária acabou indo para os vales. Alguns criadores estão fazendo consórcio da agricultura com a pecuária para recuperar pastagem e aumentar os lucros", diz Valadão. Qualidade do pasto é algo que os brasileiros investem com frequência. O plantio da pastagem é encarado como uma cultura, ou seja, fazendo adubação e irrigando com pivô. O pasto precisa suportar uma alta lotação. Até mesmo pela predominância da pecuária seletiva, e leiteira em algumas áreas, a forma de produção é intensiva ou semi-intensiva.

"Qualidade do pasto é algo que os brasileiros investem com frequência. O plantio da pastagem é encarado como uma cultura, ou seja, fazendo adubação e irrigando com pivô..."



Ao lado:
exemplares
guzerá do DF

A seca rigorosa exige que os produtores suplementem os animais com mais intensidade entre os meses de maio e novembro. As alternativas são a alimentação à base de feno e silagem. Para isso, os criadores reservam parte das terras para o plantio do milho e outras culturas que, depois de colhidas e ensiladas, vão parar nas coqueiras.

As condições climáticas adversas em algumas épocas do ano não impedem o desenvolvimento do rebanho de guzerá, raça rústica e de fácil adaptação às regiões mais áridas. O Distrito Federal tem em média 30 criadores de guzerá que têm conquistado desempenhos expressivos. Em setembro, durante o leilão da raça realizado na Exposição de Brasília, a média por cabeça ficou em R\$29,1 mil. Segundo Valadão, o crescimento foi de 100% em relação à feira em 2002. O criador sonha em transformar a exposição na segunda maior do país, tendo à frente somente a ExpoZebu.

Já o rebanho leiteiro do DF também está em ascensão, apesar de ainda não ter atingido a casa dos milhões de litros de leite produzidos. Há dez anos, a produção era de 20.625 litros. No ano passado, o setor fechou com 41.385 litros, alta de 100%. Esse total é proveniente de quase 15 mil matrizes. Elas fazem parte do rebanho leiteiro de 31.923 cabeças. Muitas delas da raça gir leiteiro. A produção de leite por vaca é de 10,3 litros/dia. Mesmo assim, a região precisa importar o produto de outros estados. Com a carne a situação é parecida. A produção interna de 8,6 mil toneladas só é capaz de abastecer parte da demanda provocada pelos 2 milhões de habitantes. Quando falta carne no mercado, os brasilienses recorrem aos estados de Goiás e São Paulo. O preço da arroba no final de novembro deste ano ficou em torno de R\$60. A localidade abriga dois frigoríficos para atender a demanda.

A carne do DF tem a vantagem de ser produzida em uma zona considerada pela Organização

Arquitetando números

Política, arquitetura, misticismo, natureza. A mistura de todos esses fatores desenham a imagem do Distrito Federal, um quadrilátero fincado dentro do Estado de Goiás que conta com pouco mais de 2 milhões de habitantes. A região guarda riquezas construídas pela mãe natureza, mas também pelas mãos do homem. É o caso das obras arquitetônicas de Brasília, assinadas por grandes nomes como Oscar Niemeyer, ícone da arquitetura mundial. Nos arredores de Brasília, o concreto dá espaço à pecuária. A criação de gado movimenta a economia local desde os tempos das sesmarias. Mas, além dos currais, existia o cultivo de produtos agrícolas para abastecer a comunidade da região de rapadura, cachaça, feijão, arroz, além de farinhas de mandioca, milho e trigo. O clima é quente com longos períodos de seca obrigando os criadores a investirem em silagem, feno e irrigação de pastagem. Confira abaixo o desempenho do setor pecuário através dos números:

Rebanho bovino: 87.953 cabeças
Rebanho leiteiro: 31.923 cabeças
Rebanho de corte: 57.303 cabeças
Abate: 45.010 cabeças
Taxa geral de abate: 50,4%
Produção de carne: 8.634 toneladas em equivalente carcaça
Produção de leite: 41.385 litros
Produção de bezerros: 20.923 cabeças

Fonte: Anuário da Pecuária Brasileira (Anualpec) 2003

Internacional de Epizootias (OIE) livre de febre aftosa com vacinação. O último foco registrado ocorreu em 1993. "Conseguimos formar um cinturão de sanidade. A primeira vacina oleosa para aftosa foi aplicada pela primeira vez no Brasil nas fazendas do Distrito", gaba-se o criador Pedro Santos Álvares Navarro. Em sua propriedade, a Fazenda Parati, na cidade goiana de Goianésia, ele dedica-se à criação de nelore padrão, raça predominante em terras brasilienses. Funcionário aposentado do Tribunal Regional do Trabalho, ele também trilha o caminho da pecuária seletiva. "Somos grandes difusores de tecnologia", anima-se. Tanto empenho deve render ao Distrito Federal crescimento significativo do rebanho. A previsão é de fechar o ano de 2012 com 94.340 cabeças de gado. Que venha a próxima década.



Ao lado:
Leizer com
as filhas Letícia
e Larissa

valfran[®]
TRONCOS - BALANÇAS - DUCHAS

DDG - 0800-142111



Balanças Mecânica



Tronco de Contenção



Tronco de Contenção VF . com adaptação
para Balanças Eletrônicas

Matriz: Av. Nasser, 2.333 - P. Industrial PABX: (17) 3421-2111

Fax: (17) 3421-3191 - CEP 15503-005 - Votuporanga - SP

Filial: Av. Castelo Branco, 2.423 S. Coimbra

Fone: (62) 233-0273 Fax: 233-0105 - CEP 74530-010 Goiânia - GO

www.valfran.com.br - valfran@valfran.com.br

Uma bela página na história da ciência da carne

Parte I Desvendando o mistério da **perda de maciez**

Tudo começou algum tempo depois da II Guerra Mundial com a adubação das pastagens da Nova Zelândia por aviões de bombardeio adaptados a essa finalidade. Como consequência ocorreu um grande aumento na produção de carne ovina daquele país. Em alguns frigoríficos, na segunda metade da década de 50, o abate rapidamente atingira volumes diários entre 10 e 20 mil cabeças, e as indústrias exportadoras tiveram que substituir o antigo processo em que as carcaças permaneciam de um dia para o outro em ambientes frescos antes de serem conduzidas aos congeladores de baixa eficiência.

Modernos e poderosos forçadores de ar foram então instalados. Era preciso ganhar tempo, e os técnicos haviam aprendido na faculdade que "quanto mais rápido o congelamento, melhor seria a qualidade do alimento". Os espaços que eram utilizados para resfriamento foram em grande parte ocupados pelos novos "blast freezers". Foi assim que as indústrias passaram a restringir o tempo para dissipação de calor e umidade das carcaças, chegando a iniciar o congelamento imediatamente após o abate. E foi aí que começou a dar tudo errado. Era surpreendente o aumento das reclamações dos importadores britânicos e norte-americanos quanto à dureza da carne do cordeiro da NZ.

Nas primeiras pesquisas para se compreender o problema notou-se que os

cordeiros abatidos, resfriados e congelados pelo antigo processo, tinham a carne sempre macia, enquanto aqueles processados no sistema novo produziam carne variando de macia a muito dura; o culpado só podia ser o frio. A solução óbvia, descobriu-se então, era manter as carcaças por algum tempo em ambiente fresco e ventilado antes do congelamento, entretanto já não havia espaço para isto nas indústrias mais adiantadas.

As explicações para alterações da maciez eram, então, dominadas pela ênfase no tecido conjuntivo, em termos de quantidade e organização das fibras de colágeno, e da influência que a idade fisiológica do animal teria nesse tecido e, portanto, na qualidade. Que a maturação exercia seus efeitos na maciez também era conhecido. E embora a análise da estrutura da carne sob microscopia

eletrônica estivesse apenas começando, havia muita informação da área médica e já era bem conhecida a explicação bioquímica da contração muscular, com base na teoria dos filamentos deslizantes de proteínas contráteis.

Em 1958, estudando o componente miofibrilar e tentando demonstrar como se dava a proteólise durante a matura-

ção, o Dr. R.H. Locker, principal cientista neozelandês da carne à época, examinou por microscopia de contraste de fase algumas amostras homogeneizadas e verificou uma ampla variação no comprimento dos sarcômeros entre músculos diferentes e dentro do mesmo músculo

***"resfriados e congelados
pelo antigo processo,
tinham a carne sempre
macia, enquanto aqueles
processados no sistema
novo produziam carne
variando de macia a
muito dura; o culpado só
podia ser o frio"***

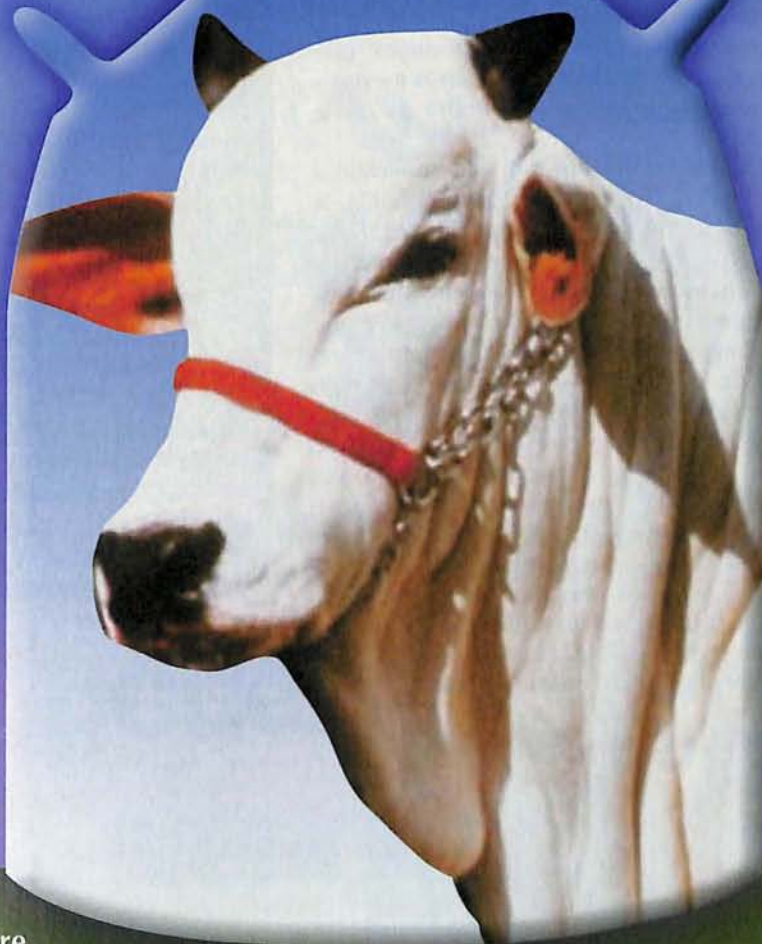


Pedro Eduardo de Felício é professor de Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp.

PRECOCIDADE

Peso & Sexual

rpa.com



Touro Misore

15/11/2002 - Campeão Mundial de Peso (606Kg em 12 meses) & 15/11/2003 - Recordista Nacional de Coleta de Sêmen (15.000 doses de sêmen aos 2 anos pesando 870kg)

A Melhor Genética e Nutrição = Recorde de Ganho de Peso e Capacidade Reprodutiva.

O touro MISORE da JB é uma feliz comprovação que um programa alimentar de alto nível proporciona um excelente ganho de peso e uma capacidade reprodutiva de alto padrão qualitativo e quantitativo.

A Socil Guyomarc'H através de sua linha Tech Corte sente-se novamente recompensada, parabenizando os proprietários campeões.


Fazenda Buriti

Tel.: (62) 275 1200



Tel.: (64) 696 9013

 **SOCIL
GUYOMARC'H**

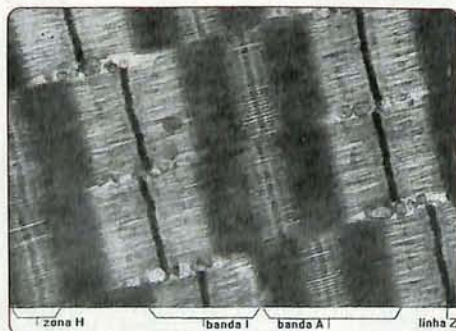
0800 556702

(ver boxe e figuras). E aí então ele pensou: não seria esse um fator importante, capaz de influenciar na maciez da carne? E se fosse, como ninguém havia pensado nisso antes?

O mais admirável nessa história talvez seja que, em 1960, na mesma época em que se discutiam as reclamações quanto à dureza da carne, saía publicado o trabalho pioneiro de pesquisa de R.H. Locker, feito com o músculo *psoas major* (filé mignon) removido da carcaça logo após a evisceração, comprovando o endurecimento da carne pelo frio.

Mas foi há exatos 40 anos que saía publicado o trabalho clássico (Locker, R.H.; Hagyard, C.J. *A cold shortening effect in beef muscles*. *J. Sci. Food Agric.* 14, 787-793, 1963) que descreveu o fenômeno do encurtamento pelo frio em músculos que entram em *rigor mortis* a 2°C. Curioso é que o autor relata ter publicado o artigo com a preocupação de que algum outro poderia já tê-lo feito antes dele, porque parecia ser “algo tão simples” e que ficou surpreso ao concluir que, não só não havia publicação a respeito, como a sua descoberta correria o mundo, abrindo um novo campo de estudos na Ciência da Carne, relacionando maciez com contração muscular e temperatura, e inaugurando uma nova etapa em que o curso das pesquisas, nas duas décadas seguintes – pode-se dizer que até os tempos atuais – seria direcionado pela ênfase nas miofibrilas.

Ao lado:
Fotomicrografia eletrônica de miofibrilas de músculo estriado de coelho mostrando alguns sarcômeros e suas bandas I e A, zona H e linhas Z. [Adaptado de Frandson, R.D. *Anatomy and Physiology of Farm Animals*. 3ª ed. Filadelfia: Lea & Febiger, 1981. p.187]



O MIRINZ – *Meat Industry Research Institute of New Zealand* (Instituto de Pesquisas de Carne da Nova Zelândia), onde o Dr. Locker trabalhava, hoje uma importante empresa de desenvolvimento de tecnologia, vivia seus primeiros anos de atividades, precisando dizer a que veio e provar que os recursos financeiros do governo e da indústria privada estavam sendo bem empregados. Não poderia haver situação mais favorável para isto do que equacionar um problema de graves consequências econômicas como era esse, que subordinava as exportações de cordeiro à maciez da carne.

Glossário científico

Miofibrilar

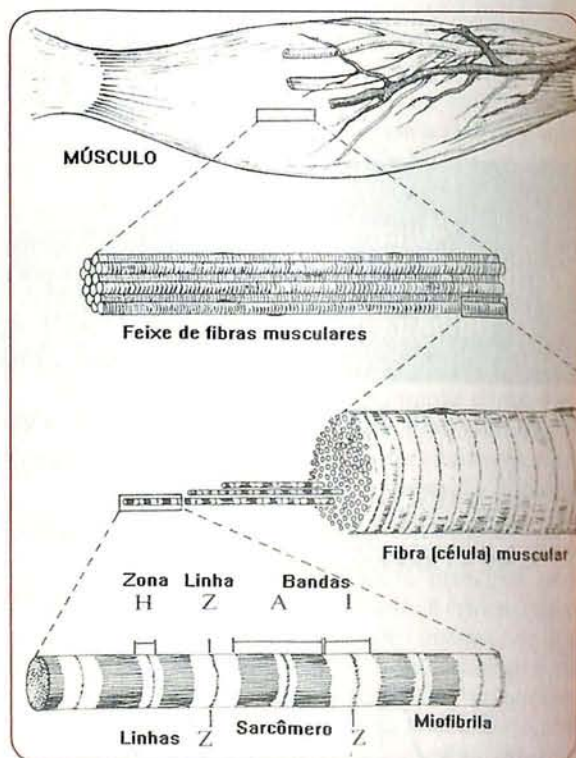
Diz respeito às miofibrilas que são organelas cilíndricas, alinhadas no sentido do comprimento das células; são responsáveis pela contração e relaxamento, e estão presente às centenas no interior das fibras musculares.

Proteólise

Degradação ou desdobramento de proteínas; na carne se dá por ataque de enzimas existentes nas próprias células ou fibras musculares. Ao longo de um período de uma a duas semanas, resulta em considerável amaciamento.

Sarcômero

Menor unidade estrutural e contrátil das miofibrilas, compreendida entre duas linhas Z, formada por uma banda A (escura), onde se sobrepõem miofilamentos “grossos”, de miosina, e “finos”, de actina, e duas meias bandas I (clara), onde se encontram os miofilamentos “finos” de actina e proteínas reguladoras da contração e relaxamento muscular.



À dir.:
Diagrama da organização do músculo estriado. [Adaptado de Judge et al. *Principles of Meat Science*. 2nd ed. Dubuque, Iowa: Kendall/Hunt, 1989. p.16]



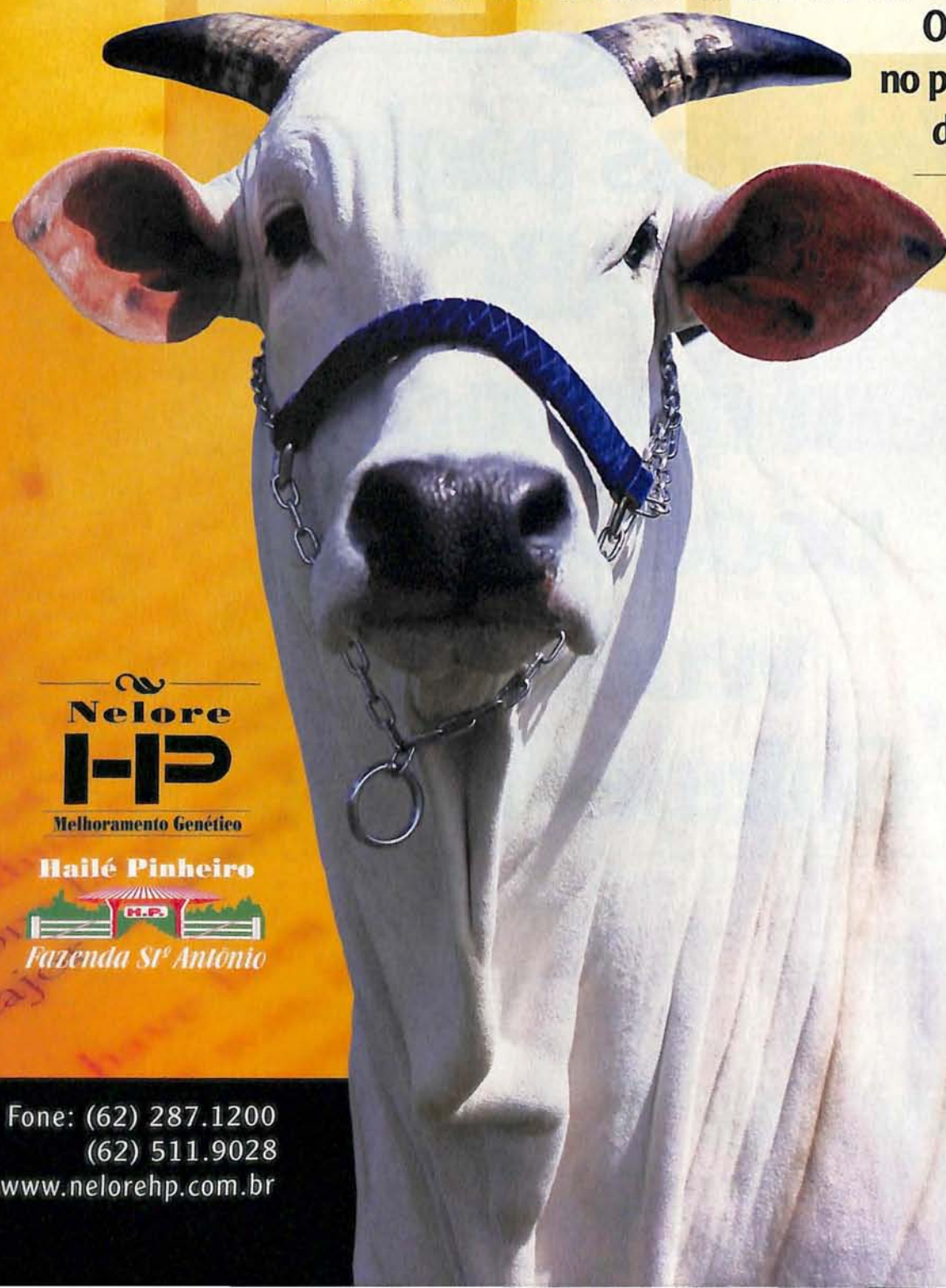
**Veja nas páginas
da ABCZ
o que você
poderia estar
vendo no
Guinnes Book.**

Recordista de Preço

Sama da HP

Enlevo da Mor x Loka POI da Fort VR

Outro recorde
no premiado plantel
da Nelore HP



Nelore
HP

Melhoramento Genético

Hailé Pinheiro



Fazenda São Antônio

Fone: (62) 287.1200
(62) 511.9028
www.nelorehp.com.br

Recordista de Peso

Profeta TE da HP

Ritelo SS x Gamália da IP

Mais um recordista do premiado
plantel da Nelore HP

Peso Oficial ABCZ aos 12 meses:

648kg

RPC Comunicação

**Nelore
HP**

Melhoramento Genético

Hailé Pinheiro



Fazenda São Antônio

Reservas de sêmen:

**Lagoa
da serra**

Genética a toda prova

Fone: (62) 287.1200 / 511.9028

www.nelorehp.com.br

ABCZ DIVULGA

AS PRINCIPAIS ALTERAÇÕES

PARA A EXPOZEBU 2004



A - CALENDÁRIO BASE

dia/mês	ocorrência	dia/mês	ocorrência
02/02	• Início das inscrições	02/05	• Pesagem dos animais
08/03	• Encerramento das inscrições	03/05	• Inauguração da Exposição Concurso Leiteiro
05/04	• Último dia para substituição de animais	04/05	• Início dos trabalhos de julgamento
23/04	• Entrada de animais de mais de 700 km	06/05	• Encerramento do Concurso Leiteiro
30/04	• Recepção, identificação e mensuração dos animais	10/05	• Encerramento dos trabalhos de julgamento
01/05	• Recepção, identificação e mensuração dos animais	11/05	• Saída dos animais a partir das 06:00 horas

B - CONCURSO LEITEIRO

dia/mês	horário	ordenha
03/05	14:00	De esgota
03/05	22:00	Primeira
04/05	06:00	Segunda
04/05	14:00	Terceira
04/05	22:00	Quarta
05/05	06:00	Quinta
05/05	14:00	Sexta
05/05	22:00	Sétima
06/05	06:00	Oitava
06/05	14:00	Nona

• A modalidade de julgamento a ser adotada na Expozebu 2004 será de **comissão tríplex com comunicação entre os jurados**. Não será adotado o modelo de julgamento pontuado. Nos casos de raças com menos de 50 (cinquenta) animais, os trabalhos de julgamento serão conduzidos por jurado único.

• A escolha dos jurados que atuarão no julgamento das diversas raças será feita publicamente.

• Só serão submetidas à julgamento, raças com um mínimo de 30 animais inscritos e aptos ao julgamento, e de no mínimo três expositores diferentes.

• As inscrições serão limitadas a 10 (dez) animais de cada raça, por expositor, dentro de cada categoria de registro. Poderão, entretanto, ser relacionados na ficha de inscrição, no máximo, 06 (seis) animais de reserva, para possíveis substituições.

• É muito importante observar a data limite de inscrição – 08 de março de 2004 – pois inscrições após essa data não serão aceitas por uma questão de limitação de área.

• Para as raças Gir e Gir Mocha, considerando as duas diferentes modalidades de julgamento: dupla aptidão e aptidão leiteira, o

limite é de 10 (dez) animais por modalidade de julgamento, por expositor. Entretanto é importante ressaltar que o número de pontos por expositor/criador será feito separadamente, por modalidade de julgamento, ou seja, um expositor poderá inscrever até dez animais para o julgamento dupla aptidão e até dez para o de aptidão leiteira, mas os pontos serão considerados separadamente.

• Os valores das inscrições são diferenciados para as categorias de sócios e não sócios da entidade, tendo sido fixados respectivamente em R\$100,00 e R\$200,00 até o dia 27/02/04, e em R\$120,00 e R\$240,00 após essa data.

O regulamento da 70ª edição da ExpoZebu, que será realizada em 2004, passou por uma profunda análise e incorporou várias alterações. Para uma melhor orientação dos criadores interessados em expor seus animais, estamos apresentando as principais modificações ocorridas no regulamento. Claro que uma leitura do regulamento completo é fundamental, posto que regras tradicionais já existentes permanecem em vigor e não estão listadas aqui. Para ver o regulamento completo, é possível acessá-lo pelo nosso site www.abcz.org.br

Atenção redobrada deve ser dada ao período para inscrição dos animais que começará em 02/02/2004 e se encerrará, impreterivelmente, em 08/03/2004, ou antes, se esgotadas as vagas. Por determinação da Diretoria nenhuma inscrição será recebida após essa data, tendo em vista a impossibilidade de acomodação dos animais.

Luiz Antonio Josabkian • Superintendente Técnico

C - JULGAMENTO DAS RAÇAS

dia/mês	7:30 às 12:30 h	14:00 às 18:00 h
04/05 (terça)	Nelore • Indubrasil • Tabapuã	Indubrasil • Guzerá Tabapuã • Pré-classificação Nelore
05/05 (quarta)	Nelore • Nelore Mocho • Tabapuã	Indubrasil • Gir (dupla aptidão) Gir (aptidão leiteira) • Pré-classificação Nelore
06/05 (quinta)	Nelore • Nelore Mocho • Tabapuã • Guzerá	Gir (dupla aptidão) • Gir (aptidão leiteira) Tabapuã • Pré-classificação Nelore
07/05 (sexta)	Nelore • Nelore Mocho • Guzerá	Gir (dupla aptidão) • Gir (aptidão leiteira) Gir Mocha • Guzerá • Pré-classificação Nelore
08/05 (sábado)	Nelore • Nelore Mocho • Guzerá	Gir (dupla aptidão) • Gir (aptidão leiteira) Gir Mocha • Pré-classificação Nelore
09/05 (domingo)	Nelore • Nelore Mocho • Brahman	Gir Mocha • Cangaian Sindi • Pré-classificação Nelore
10/05 (segunda)	Nelore • Nelore Mocho • Brahman	

• Os animais não inscritos e que forem apresentados trocados no dia da recepção, não poderão ir a pavilhão e nem a julgamento, devendo ser retirados do recinto da exposição.

• O número de inscrições pagas não está vinculado ao número de argolas, ficando a critério exclusivo da ABCZ a colocação de mais de um animal por argola quando necessário.

• Vale a pena ler com bastante atenção as exigências reprodutivas, evitando problemas. Nesse aspecto, para as fêmeas, inclusive para as doadoras de embriões, serão

exigidas as seguintes condições:

1 - Comprovação de parto de produtos devidamente inspecionados por técnico credenciado pelo SRGRZ exclusivamente na propriedade de origem, utilizando os documentos e procedimentos específicos para este fim de acordo com o regulamento do SRGRZ, conforme segue:

a - anterior aos 30 (trinta) meses para as raças; Brahman, Guzerá, Nelore, Nelore Mocho e Tabapuã;

b - anterior aos 36 (trinta e seis) meses para as raças Cangaian, Gir, Gir Mocha, Indubrasil e Sindi.

2 - Estar obrigatoriamente com cria ao pé, com idade de até 8

(oito) meses, independente do cumprimento do que determina o item 1 acima, ou estar com prenhez positiva para fêmeas com idade a partir de 20 meses para as raças; Nelore, Nelore Mocho, Brahman, Guzerá e Tabapuã; e idade a partir de 27 meses para as raças Cangaian, Gir, Gir Mocha, Indubrasil e Sindi.

• Não serão aceitos como comprovação de prenhez e/ou partos, para o que determina a letra B, itens 1 e 2 acima, produtos oriundos da técnica de TE – Transferência de Embriões ou FIV – Fecundação In Vitro.

• Os animais participantes da Exposição deverão pertencer às

Categorias de Registros Puros de Origem - PO ou Livro Aberto - LA, que serão julgadas separadamente. Serão divididos nas seguintes classes:

- 1 - Raça Brahman
- 2 - Raça Cangaia
- 3 - Raça Gir
- 4 - Raça Gir Mocha
- 5 - Raça Guzerá
- 6 - Raça Indubrasil
- 7 - Raça Nelore
- 8 - Raça Nelore Mocha
- 9 - Raça Sindi
- 10 - Raça Tabapuã

• Para as raças Gir e Gir Mocha haverá duas modalidades independentes de julgamento, sendo uma para animais de dupla aptidão (carne e leite) e outra para aqueles de aptidão leiteira.

• É exigida a participação dos animais no Controle de Desenvolvimento Ponderal para todas as raças, em todas as idades, à exceção dos animais das raças Gir e Gir Mocha destinados ao julgamento modalidade dupla aptidão (carne e leite), onde essa exigência se restringe aos animais da 1ª até a 6ª categoria de julgamento (de 08 a 18 meses de idade) podendo, entretanto, ser substituída pela apresentação de documento que comprove a participação da mãe do produto em Controle Leiteiro Oficial. Para os animais dessas raças destinados ao julgamento aptidão leiteira, essa exigência não se aplica a nenhuma das idades.

• Os animais aprovados pelas Comissões, com exceção daqueles pertencentes às raças Gir e Gir Mocha destinados ao julgamento modalidade aptidão leiteira ou ao Concurso Leiteiro, somente serão submetidos a julgamento nas diversas categorias de idade, observados os limites mínimos de peso constantes na tabela específica da raça.

• Para os animais das raças Gir e Gir Mocha inscritos para a modalidade de julgamento aptidão

leiteira, serão exigidos:

a) para fêmeas com idade até 48 meses, obrigatoriamente, terem participado de Controle Leiteiro Oficial ou terem mães que atendam a essa exigência;

b) para fêmeas com idade superior a 48 meses, obrigatoriamente, a apresentação de certificado de Controle Leiteiro Oficial de produção própria;

c) as lactações exigidas para as fêmeas, sejam do próprio animal ou de sua mãe, deverão ser, obrigatoriamente, de no mínimo 2.500 kg de leite em até 305 dias de lactação.

d) os dados de produção de leite, independente da origem (própria ou da mãe) serão transcritos para a ficha de julgamento.

e) a produção própria do animal em julgamento sobrepõe-se à da mãe, e quando esta não atender a produção mínima exigida (2.500 kg), não poderá participar de julgamento, independente da produção da mãe.

f) para todos os machos será exigida lactação oficial da mãe de no mínimo 3.500 kg de leite em até 365 dias de lactação.

• Foram criados os seguintes novos campeonatos:

1) Melhor úbere: disputado exclusivamente entre aqueles animais das raças Gir e Gir Mocha participantes de julgamento em pista, sendo agrupados nas seguintes categorias de idade:

- melhor úbere jovem, animais com até 48 meses;
- melhor úbere adulto, animais de + de 48 até 60;
- melhor úbere sênior, animais de + de 60 até 120.

2) Julgamento Conjunto Família: ao grupo constituído de no mínimo duas fêmeas em lactação, das raças Gir e Gir Mocha, podendo ser mãe e filha, ou mãe e filhas, ou ainda mãe, filha e neta, de propriedade de um mesmo expositor.

Poderão ser premiados até oito conjuntos, sendo que o primeiro colocado receberá o título de Conjunto Campeão Família, e o segundo colo-

cado o título de Conjunto Reservado Campeão Família.

• Os pontos atribuídos aos conjuntos Progenie de Pai ou de Mãe, Melhor Úbere e Conjuntos Família, serão somados aos pontos obtidos individualmente pelo animal.

• Criou-se oficialmente a contagem de pontos por criador, ao lado da já tradicional contagem de pontos por expositor. Especificamente para o número de pontos por criador, aqueles referentes aos campeonatos de progenie de pai, de mãe e conjunto família, formados por animais de criadores diferentes, serão proporcionalmente adjudicados a cada criador, sendo desprezados, nesses casos, valores decimais.

• Os pontos de premiação individual, sofrerão acréscimos nas seguintes condições:

a) em 25% (vinte e cinco por cento) para as fêmeas das raças Gir e Gir Mocha participantes da modalidade de julgamento dupla aptidão, se submetidas a Controle Leiteiro - CL oficial e consideradas de Aptidão Leiteira;

b) em 30% para as fêmeas, se atendidas as exigências do item "a" acima mais classificação Elite ou Superior no Controle do Desenvolvimento Ponderal - CDP;

c) em 20% (vinte por cento) para animais das raças Gir e Gir Mocha participantes da modalidade de julgamento dupla aptidão, quando filhos de matrizes com produção de leite aferida em Controle Leiteiro Oficial e consideradas de Aptidão Leiteira.

d) em 25% (vinte e cinco por cento) para os machos, de qualquer raça, que participaram de Prova de Ganho em Peso - PGP e se classificaram como Superior ou Elite;

Os itens "c" e "d" não são cumulativos, prevalecendo, caso o animal atenda às duas condições, o maior acréscimo, ou seja, 25% (vinte e cinco por cento).

Brazilian Cattle Genetics e Apex/Brasil assinaram convênio em Brasília

O marketing internacional do zebu ganhou um novo impulso este ano. Convênio assinado no dia 22 de outubro entre o consórcio de exportação de material genético e animais zebuínos, batizado como Brazilian Cattle Genetics (BCG), e a Apex/Brasil, em Brasília (DF), disponibilizou R\$ 2,6 milhões para serem investidos em promoção internacional do gado brasileiro. De acordo com o presidente da ABCZ, José Olavo Borges Mendes, o objetivo é fomentar o comércio de sêmen,

embriões e animais vivos com o exterior. A perspectiva do BCG é atingir a venda anual de 300 mil doses de sêmen, 20 mil embriões e 350 mil bovinos (50 mil puros e 300 mil comerciais).

Criado pela Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), no início deste ano para fomentar a disseminação do zebu em países de climas tropical e sub-tropical, o BCG já cravou importantes conquistas para a economia do país. O consórcio deixou de ser apenas um "braço" da ABCZ para se tornar peça fundamental nas exportações de material genético e de animais vivos.

O presidente da entidade, José Olavo, disse que o projeto inicial do BCG foi tão bem-sucedido que 2003 acabou sendo eleito o ano de fomento das exportações de material genético zebuino.

"Embora as metas sejam ousadas, acreditamos que este é um bom investimento. Já trabalhamos com segmentos da pecuária ligados à produção de carne e a proposta do setor genético complementa a nossa meta de diversificar a pauta de exportação. Esse é o caminho para fortalecer a marca Brasil no exterior, agregando valor aos nossos produtos", afirmou Juan Quirós, presidente da APEX-Brasil.



Ao lado: Dimárzio (Mapa), Quirós (Apex/Brasil) e José Olavo (ABCZ), durante assinatura oficial de parceria

A caminho de uma **produção** com mais **qualidade**

No mês de outubro deste ano, o Brasil bateu mais um recorde de exportação, enviando ao exterior 55,7% a mais do que em outubro de 2002. Hoje o Brasil já é o maior exportador de carne do mundo em toneladas de equivalente carcaça, tendo ultrapassado a Austrália.

Os dados consolidados até outubro de 2003 mostram que o Brasil exportou mais de 1 milhão de toneladas de carne bovina (*in natura* e processada, em equivalente carcaça). Já a Austrália terminou o décimo mês do ano com um volume de 950 mil toneladas de carne, em equivalente carcaça.

Além disso, enquanto expandimos o volume exportado e os mercados atendidos (o mais novo mercado é a Argélia), na Austrália a severa seca que acometeu o país este ano prejudica em muito a produção e reduz as exportações de carne. Além disso, os principais mercados australianos como Japão, Coreia e Canadá estão importando menos (os EUA são a exceção).

Esse cenário é muito favorável para o Brasil. Na Europa, o preço da carne vem aumentando e os principais países vendedores (Brasil, Argentina e Uruguai) não têm conseguido atender a demanda.

É incrível como estamos sendo beneficiados por inúmeros fatores, mas cada incremento do Brasil no mercado mundial faz com que os desafios se tornem maiores. Estamos longe de ser o ocasional exportador de carne excedente que éramos há 10 anos atrás. O aumento das exportações traz a maior exigência por qualidade e a necessidade de se entender as necessidades de cada comprador.

Agora que vivemos uma maior demanda por qualidade, a cadeia da carne vem discutindo muito sobre um assunto relacionado à qualidade: a classificação de carcaças.

A classificação de carcaças é o assunto do momento e ao mesmo tempo muito antigo. Há muito existe um sistema brasileiro de classificação. Com a utilização de um sistema de classificação a grande mudança possível é na forma de comercialização de bovinos. Com um sistema eficiente é possível mudar do sistema "bica corrida" onde se paga o mesmo por todo (ou quase todo) tipo de animal para um sistema onde há um preço base e bonificação e penalidades dependendo do animal entregue pelo produtor.

Acredito que existem duas grandes vantagens nessa mudança. A primeira é a transparência. A penalidade (ou o prêmio) tem de ser explicada dentro de critérios objetivos, como:

- peso de carcaça, o que já ocorre na grande maioria dos mercados, quase sempre representada por um desconto para carcaças leves;
- cobertura de gordura, que determina maior ou menor rendimento de desossa. possíveis problemas com maciez e desvalorização de cortes nobres (ex.: picanha sem cobertura vale menos);
- conformidade de carcaça, que determina maior ou menor rendimento de desossa;
- idade do animal, o que já ocorre em alguns mercados;
- sexo, o que já ocorre na grande maioria dos mercados.

Com um sistema simples seria possível se evitar descontos devido à raça (cruzeiros X tucurus X zebus). O desconto no preço será explicado pelo acabamento de gordura e não pela cor do animal. Isso facilitaria em muito a adequação da produção para buscar o prêmio pela qualidade, ou ao menos para se evitar descontos. Um bom exemplo é um produtor que poderia saber exatamente que acabamento mínimo de gordura deverão ter seus



Miguel da Rocha Cavalcanti é engenheiro-agrônomo, selecionador de nelore e coordenador do site www.beefpoint.com.br miguel@beefpoint.com.br

animais a fim de evitar descontos de preço. Isso pode ser alcançado com manejo alimentar adequado, apartação e no futuro até avaliação com ultra-sonografia.

A outra vantagem é o estímulo à produção de animais de maior qualidade. Talvez o termo mais adequado seja animais de acordo com as necessidades de determinados mercados. O Brasil, exportando para cada vez mais países e buscando cada dia nichos de mercado que remuneram melhor, terá que oferecer carne em padrões muito variados. Isso já ocorre com os grandes frigoríficos exportadores, que têm que se adequar a cada mercado que atendem.

Com o aumento da porcentagem exportada fica cada vez mais difícil comprar na "bica corrida" e vender com diversos padrões. A cada dia vai ser mais importante a indicação ao produtor do que o frigorífico deseja. Acredito que a forma mais simples de se mostrar isso é oferecendo preços diferenciados para tipos diferentes.

Preço diferente para qualidade diferenciada - boi orgânico

Há dois anos atrás muito se falou sobre produção de bovinos orgânicos. Dizia-se que o sobre-preço seria muito grande. Hoje a produção ainda não é grande, mas apenas uma oferta de preço bastante superior por animais certificados com certeza iria aumentar em muito a oferta deste produto. Infelizmente o mercado europeu não está pagando um sobre-preço alto o suficiente para permitir que os frigoríficos brasileiros ofereçam prêmios por esse tipo de animal que anime um grande número de produtores a se dedicar a esse sistema.

Preço diferente para qualidade diferenciada - boi inteiro X castrado

Acredito que os frigoríficos não são muito eficientes em demonstrar que não desejam adquirir machos inteiros (talvez não haja realmente esse interesse). O atual desconto de R\$1,00/@ (ou até mesmo R\$2,00/@) não é suficiente para estimular a produção de animais castrados. Isso acontece, pois R\$2,00/@ de desconto nos preços atuais para o Estado de São Paulo representa um pouco mais de 3% de deságio. O desempenho de animais inteiros em relação a castrados supera muito facilmente essa diferença. Pode parecer que não, mas hoje é bem mais lucrativo se vender animais inteiros com deságio do que castrados com preço cheio.

O sistema de classificação permitirá a identificação de diferentes padrões e a adequação de sistemas para atender essas novas exigências. Alguns frigoríficos exportadores desejam estimular a produção de animais com mais de 18@ e acabamento

de gordura superior a 3mm. Um bom consultor de nutrição, com uma boa planilha de custos poderá facilmente calcular se vale a pena ter um custo superior por se ter uma fase de engorda mais prolongada para alcançar um prêmio pela carcaça como um todo.

Podemos assim facilitar a produção e a comercialização de animais (e de carne) mais adequados às necessidades do mercado. Vale lembrar que o prêmio pela qualidade (ou o deságio pelo produto inferior) não é fixo. Varia de acordo com as exigências do consumidor.

Nos EUA, a diferença entre os tipos *Choice* (qualidade superior) e *Standard* (qualidade mediana) vem aumentando constantemente, acompanhando uma maior exigência do consumidor por maciez e maior aceitação de marcas de carne. Em resumo, o consumidor americano está cada dia mais aceitando pagar uma diferença maior para a carne que considera melhor em relação a uma carne mediana. Isso significa que é mais vantajoso produzir o *Choice* ou por outro lado é menos vantajoso produzir o *Standard*.

Será cada vez mais difícil saber se estamos recebendo um prêmio por nossa qualidade, nossa eficiência, ou se nosso vizinho é que está sendo penalizado por não conseguir esse mesmo padrão.

A grande pergunta que deve ser feita é: vale a pena produzir a carne que se paga mais? Vai depender de quanto mais se paga, quanto mais se custa e quão bons vamos ser para fazer essa conta.





Sêmen à venda



**FAZENDA BRUMADO
RUBICO CARVALHO**

Tel.: (17)3322.0366 • Fax: (17)3322.0713
Faz. Tel.: (17)3329.1134 • Barretos-SP
www.fazendabrumado.com.br



Rubico Carvalho. Pelo 3º ano consecutivo vencedor do troféu "The Best", concedido pela Revista AG Leilões



PATROCÍNIO



APOIO



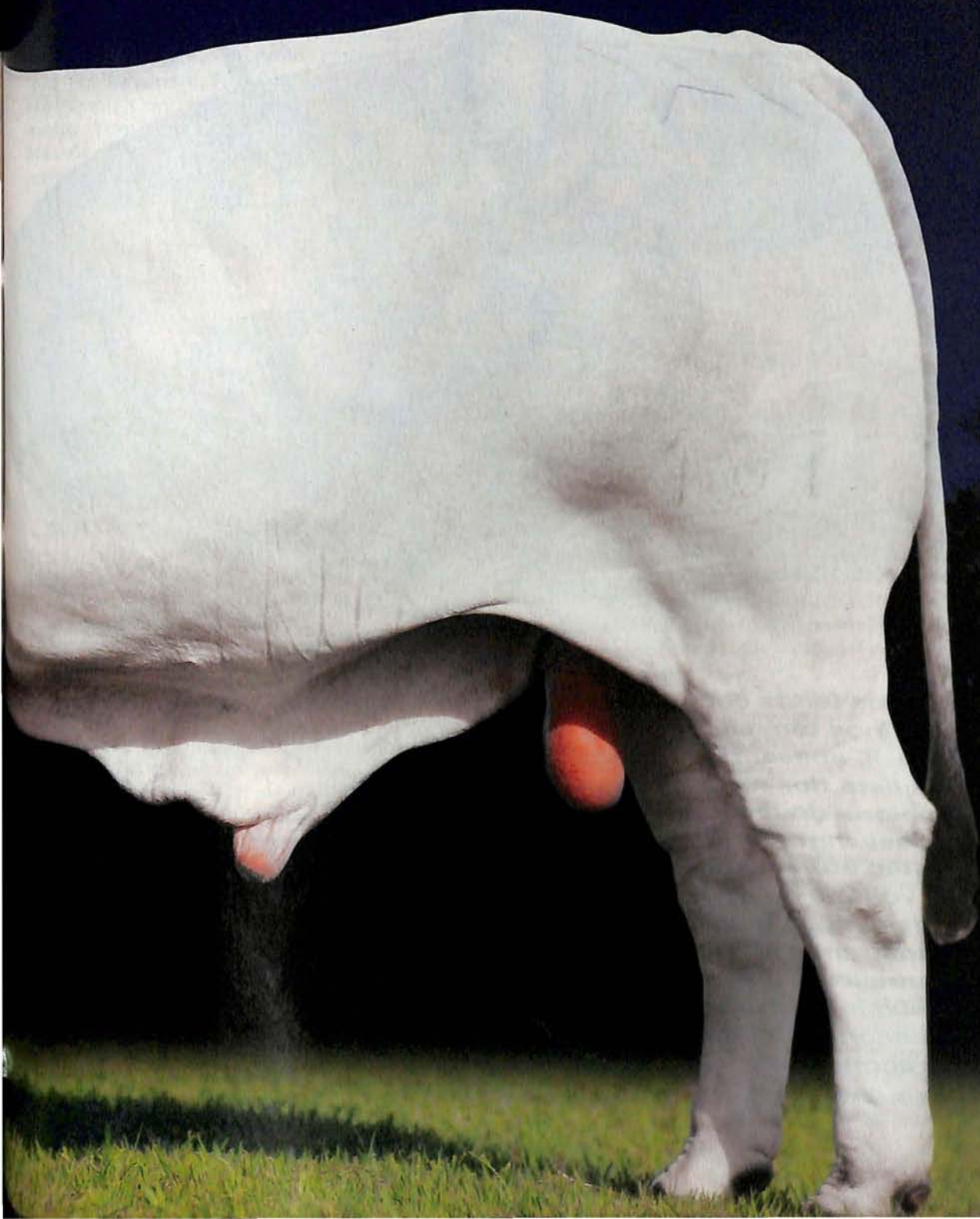
TECNOLOGIA A SERVIÇO DE UMA RAÇA
PROGRAMA DE MELHORAMENTO
GENÉTICO DA RAÇA NELORE
U.S.P. - RIBEIRÃO PRETO

MR. BRUMADO

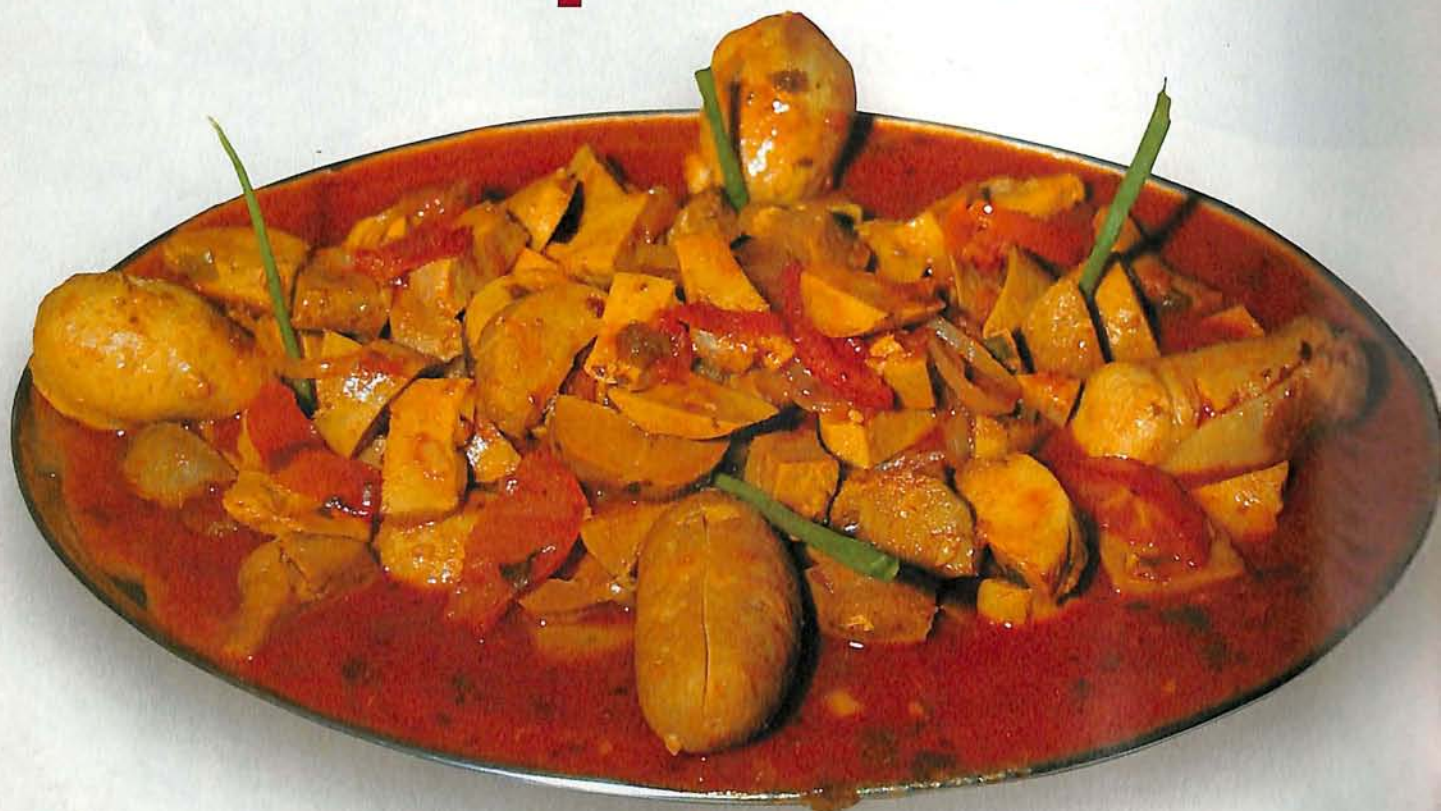
FIV 59

PAI: MR. V8 777/4 AVÔ MATERNO: MR. V8 189/4

NATIVA



Iguaria exótica também encanta **paladar brasileiro**



fotos: LAdolfo

Acima: tradicional
prato feito com
testículos de boi

Pratos feitos com miúdos de bovinos têm clientela fiel no Brasil, apesar de não estarem na lista dos mais pedidos na maioria dos restaurantes. Esses ingredientes inusitados estão atualmente engrossando o volume de exportações nos frigoríficos brasileiros e mostram o charme e a riqueza nutricional que muitas pessoas deixam de apreciar por desconhecimento ou até por preconceito

Renata Thomazini

Há um ditado que diz que do boi só não se aproveita o berro. Essa máxima parece ter maior sentido quando o assunto é culinária. Os pratos mais inusitados das cozinhas argentina, paraguaia e do Nordeste brasileiro dão sabor todo especial às noites paulistas. No restaurante Recanto do Nordeste, por exemplo, conhecido “carinhosamente” como Bar dos Cornos, até os chifres de um touro foram aproveitados para ornamentar o ambiente aconchegante. O automóvel do proprietário, Fernando Ferreira, não poderia ficar de fora dessa decoração que sugere um ditado bastante popular: “chifre é apenas uma coisa que colocaram na sua cabeça”. Entre brincadeiras e muita descontração, Fernando, português que reside no Brasil há quase 50 anos, conquista sua clientela com o sabor afrodisíaco de uma iguaria pouco degustada. Os testículos de boi, ingrediente principal do prato, têm muita história para contar...

Fernando faz questão de atender aos seus clientes. "Pergunto, inclusive, quais são cornos ou quais acreditam não ser, ainda", brinca. Mas, Fernando confessa que, brincadeiras à parte, o objetivo da prosa é fazer amigos. Muito extrovertido, ele se orgulha de ter conhecido pessoas incríveis ao longo desses anos. A esposa, dona Maria Lilia, é quem faz o prato exótico, que pode ser servido à milanesa ou como ensopado. Os testículos são comprados fresquinhos no mercado da Cantareira, em São Paulo, e têm que ser lavados e fervidos antes de cozinhar. "Com uma cervejinha cai muito bem", acrescenta Fernando. Mas ele garante que a clientela prefere mesmo o ensopado.

"Pergunto, inclusive, quais são cornos ou quais acreditam não ser, ainda"

Marinheira de primeira viagem no recanto, Ana Maria Bonifácio Bernardo, de Marília (SP), já havia comido testículos de boi, mas "degustados no Bar dos Cornos tem outro sabor," confessa. Quando era pequena, Ana conta que esse tipo de comida era feito por sua mãe. A família inteira ainda aprecia os miúdos bovinos. "Era uma festa quando mamãe fazia dobradinha e tantos outros pratos como o 'chouriço', feito de sangue, por exemplo". Quanto ao testículo à milanesa que

provou no bar, Ana afirma que adorou. "Maravilhoso! Parece feito em casa. Mas prefiro o ensopado porque é menos seco e mais saboroso". Gostos e sabores são peculiaridades e também fazem parte de hábitos culturais. Isso não se pode negar. No caso de Edy Lopes, do Ceará, a preferência continua sendo pela boa e velha picanha. Ele bem que experimentou um pouco do testículo bovino, mas "uma dose só tá bom", ponderou.

Do restaurante, vamos para a cozinha da dona-de-casa Darcy de Souza, acostumada a preparar a famosa dobradinha. Também conhecida como buchada de boi, que pode ser feita, ainda, com o bucho de bode ou mesmo de carneiro. O recheio conta com ingredientes como as vísceras e o sangue do animal. Cozidos e picotados, são temperados com limão, sal, pimenta, alho, salsa, tomate, cebolinha e coentro.

Ou tudo que tiver direito. Inclusive toucinho e farinha de mandioca. "Uma gostosura!", garante Darcy. "Compro os miúdos no supermercado e preparo da minha maneira para toda a família", diz com jeito de quem se garante no preparo da iguaria. O cheiro é de deixar qualquer um com vontade de experimentar um pouquinho. Dona Darcy explica que, antigamente, esse tipo de comida era ainda mais apreciada. Principalmente nas fazendas. O que algumas pessoas não fazem idéia é que essa culinária que parece exótica aos olhos e paladares brasileiros, é comida comum e bem menos "esquisita" do que os gafanhotos fritos ou o espetinho de escorpião, vendidos nas feiras da China. Por falar em China, a cozinha chinesa é milenar. Em épocas mais remotas, quando a carência de proteína acometia a população, era comum que se comesse insetos ou mesmo cães. Isso mesmo. Para os parâmetros ocidentais, a imagem de um prato contendo esse tipo de comida é, muitas vezes, repugnante. Mas, os chineses do meio rural eram habituados a comer esses animais em períodos de carência alimentar. Até hoje esses pratos são apreciados naquele país.

A gastronomia chinesa é considerada uma das mais ricas do mundo. Existem aqueles que afirmam que o povo chinês tenha atingido a mais alta perfeição na arte de cozinhar. Diante disso, é fácil concluir que utilizar miúdos bovinos na culinária não é tão exótico assim. Alguns restaurantes de renome na capital paulista são famosos por seus pratos internacionais, elaborados à base desses ingredientes. Em países como Argentina e Paraguai, o restaurante que conhecemos como churrascaria é chamado "parrillada" – local onde se servem carnes grelhadas. Nesses locais, além das carnes nobres,



Ferreira (ao lado): cardápio inusitado mistura subprodutos do boi com bastante humor

Mestre Cuca

Prato I: **Buchada de boi ou Dobradinha**

Ingredientes:

- 1 kg de bucho
- 1 lingüiça calabresa picada
- 200 g de bacon picado
- 1 cebola picada
- 2 tomates picados
- pimenta a gosto
- 2 dentes de alho esmagados
- 1 caldo de bacon
- 2 copos de pinga
- um pouco de fubá
- sal a gosto
- 2 colheres (sopa) de molho de tomate

Modo de Preparo:

Deixe o bucho de molho em um pouco de pinga, passe o fubá e deixe descansar por uma hora. A seguir, coloque na panela de pressão o bucho lavado (tirar todo o fubá) com água, um pouco de sal e um pouco de pinga e deixe cozinhar por uns 40 minutos. Depois de cozido, corte-o em pedaços miúdos. Refogue o alho, a cebola, o bacon, a calabresa, os tomates picados, sal, pimenta e o molho de tomate. Quando o molho ficar bem encorpado, misture o bucho cozido picado e deixe cozinhar tudo junto por uns 15 minutos.

Sirva com arroz branco ou polenta.

assadas na grelha, os miúdos de boi são pratos altamente sofisticados e bastante pedidos, de acordo com José Carlos da Silva, proprietário do restaurante Parrilla Puerto Madero, de São Paulo (SP). Sócio de Valdir dos Santos, José Carlos está no ramo há 25 anos. Só com o restaurante atual, são sete anos de muito tempero e dedicação. "Podemos servir os ingredientes separadamente ou todos juntos", explica. Os rins, glândulas de timo, chinchulin (partes do intestino delgado), lingüiça, entre outras partes, são alguns desses suculentos pratos, que fazem muito sucesso entre os clientes. José Carlos importa os miúdos para confecção da parrillada, mas garante que ainda vai inaugurar uma parrilla com produtos estritamente nacionais. "Já tentamos negociar com frigoríficos brasileiros, mas acabamos enfrentando muitos problemas com a constância no fornecimento desses produtos", explica. O proprietário conta que os frigoríficos nacionais ainda não deram as garantias de que precisa no que diz respeito ao fornecimento periódico. Ao contrário do descontentamento de alguns estabelecimentos nacionais com o fornecimento desses produtos pela indústria brasileira, o mercado internacional tem aumentado a passos largos a negociação desses subprodutos. Palestina, Israel, China, entre outros países, são grandes importadores dos subprodutos bovinos originários do Brasil, como conta o diretor do frigorífico Mata Boi, de Araguari (MG), Eduardo Farina. "Além da carne de bovino, que teve papel fundamental para o aumento considerável das exportações do país e nos colocou no topo do mercado mundial, agora os subprodutos desses animais começam a despontar como uma opção interessante para alguns países do Oriente",

Ao lado: porção
que integra a
parrillada





destaca. Com capacidade de abate de 600 cabeças por dia, uma clientela fiel e um trabalho de mais de 50 anos, a empresa está hoje entre as mais bem cotadas nos mercados interno e externo, conta o diretor.

Apesar das controvérsias entre os culinários no que

se refere ao preparo de vísceras em geral, tomando-se os devidos cuidados com a higiene e ficando de olho na procedência do produto, os pratos preparados a partir dos miúdos também dão sua contribuição para uma dieta rica em proteínas e de paladar agradável, de acordo com alguns gourmets. A nutricionista Tânia Sarraff Souza explica que esses alimentos devem ser consumidos com moderação. "Como qualquer outro alimento de origem animal, os miúdos são ricos em proteínas e alguns, como o fígado, têm grande quantidade de nutrientes, vitaminas e minerais importantes para a dieta humana. Contudo, é preciso cuidado com a quantidade de consumo porque, em contrapartida, são ricos em gorduras e colesterol". Outra observação feita pela nutricionista é quanto à procedência desses subprodutos. "É preciso que o consumidor fique atento a prazos de validade, forma de armazenamento nas prateleiras de supermercados ou açougues. A procedência também é importante. Os frigoríficos precisam ter inspeção direta da Vigilância Sanitária e estar de acordo com as normas do Ministério da Saúde para abate, embalagem, conservação e transporte desses alimentos", finaliza.



Prato 2: Testículos de boi à moda nordestina

Ingredientes:

- 12 testículos de boi
- Bacon a gosto em fatias
- Paio duas unidades cortadas em rodela pequenas
- Cebola: uma unidade partida em pedaços pequenos
- Alho: três dentes cortados em pedaços pequenos
- Colorau a gosto
- Tomate: três unidades sem pele
- Azeite extra virgem: 100ml
- Salsinha e cebolinha a gosto
- Sal a gosto

Modo de preparar:

Junte todos os ingredientes acima numa panela de pressão e deixe repousar por 12 horas na geladeira. O gosto ficará mais apurado. Depois coloque água na panela até a metade. Leve ao fogo alto e espere ferver. Tampe a panela e cozinhe por 30 minutos. Sirva com arroz branco e salada simples.

Prato 3: Testículos de boi caipira

Ingredientes:

- 12 testículos de boi
- 6 colheres (sopa) de azeite de dendê
- 1 garrafa de leite de coco pequena
- tomate (sem sementes)
- pimentão
- sal a gosto
- tempero verde
- 4 dentes de alho
- 1/2 litro de camarão seco sem cabeça pimenta do reino a gosto

Modo de Preparo:

Fervente os testículos para retirar a pele. Coloque suco de limão ou vinagre para tirar o cheiro forte. A seguir, ferva, escorra a água e corte em pequenas rodela. Misture com o sal, os temperos verdes e a pimenta, deixe marinando por 12 horas. No dia seguinte, leve ao forno com o leite de coco, acrescente o azeite de dendê e o camarão seco. Adicione a salsa picada ou coentro, os tomates em rodela sem sementes, pimentão e deixe cozinhar por 10 minutos. Em seguida, sirva com feijão de corda e arroz branco.

Ao lado: Eduardo Farina, que exporta subprodutos para o Oriente

Abaixo: miúdos embalados para o mercado externo

Censo Agropec. Americano: conhecendo melhor o maior consumidor mundial de carne bovina

Em 1988, nos Estados Unidos, o impacto das exportações sobre o preço de cada garrote confinado era de US\$ 25 dólares. Em 1997, apenas uma década mais tarde, este impacto havia mais do que triplicado, sendo de exatos US\$ 77,17 dólares, por garrote. Esta é apenas a ponta do iceberg de informações extremamente interessantes que se pode encontrar no excelente site da *National Cattlemen's Beef Association* (www.beef.org), a maior parte deles em cima de dados do Censo Agropecuário que é feito a cada 10 anos nos Estados Unidos, o último dos quais em 1997.

A indústria da carne: os grandes números

- A agropecuária é responsável por 2,5% do Produto Nacional Bruto americano.
- O segmento mais importante da agropecuária americana é a produção de carne bovina e as vendas de gado representam 18% de todas as vendas das fazendas americanas.
- De acordo como o "American Farm Bureau Federation", a agropecuária, das fazendas produtoras, até a venda nos supermercados emprega por volta de 22 milhões de pessoas e as fazendas produtoras de carne em trabalho de tempo integral, 186 mil empregos diretos e mais de 1 milhão de posições de trabalho no todo da economia.
- Carne de boi é consumida 78 milhões de vezes a cada dia, nos Estados Unidos. A cada ano que passa, porém, o consumidor gasta menos para comer em casa e mais comendo fora de casa, 52% em 1997.

Tradição e eficácia: onde a pecuária se alicerça

- Em 1997, havia 2 milhões de fazendas, com um tamanho médio de 215 hectares por fazenda.
- Mais de 61 % delas com vendas globais inferiores a US\$ 20 mil dólares em 1997. Apenas 3% das fazendas eram operações de grande porte com vendas anuais de US\$ 500 mil dólares ou mais, mas estas significavam 17% de toda a área das fazendas americanas.
- Cerca de 90% das fazendas eram

propriedade de indivíduos, famílias ou empresas de controle familiar. Empresas não familiares controlavam, em 97, apenas 1% das fazendas.

- Na pecuária, 45% de todas as fazendas de gado nos Estados Unidos, com mais de 100 cabeças, estão na mesma família por mais de 50 anos.

- A área de pastagens é significativa representando 42% de toda a área utilizável do país.

- Em 1997, o produto total das fazendas vendido aos mercados totalizou por volta de 200 bilhões de dólares sendo que gado em pé e frangos, US\$ 99 bilhões.

Mercado consumidor: os números sempre crescentes

- O valor de mercado da carne consumida nos Estados Unidos em 1998, excedeu os US\$ 50 bilhões de dólares.
- O consumo anual de carne bovina ficou por volta de 30 quilos per capita, representando 56% de toda carne vermelha consumida.

Revenda: a oportunidade para novos entrantes como nós e o crescente sucesso das churrascarias

- Em dólares consumidos, carne de boi representa mais do que todo o consumo de carne de porco, frango e peixe juntos.
- O churrasco é o prato mais popular de carne servido em casa (18%).
- O cliente final cada vez tem menos tempo para decidir o que irá comer no jantar e 73% destes não sabem às 4:30 da tarde o que escolherão para jantar.
- Esta pressão de uso do tempo afeta de forma dramática e crescente os hábitos de compra. Esses clientes têm pouca paciência para procurar pelo que desejam.
- Quando não encontram o que querem, 40 % dos clientes simplesmente escolhem outro corte, enquanto 33% comprarão outro tipo de carne totalmente diferente.
- A cliente típica hoje, de acordo com o Instituto de Marketind da Comida, é geral-

mente uma mulher que compra 2,2 vezes por semana e das quais 70% leva uma lista de compras. Destas, cerca de 45% quase sempre se desvia de sua lista de compras.

- Nos restaurantes, carne de boi é o prato que se pede em mais de 50% das vezes.

Em 1997, se serviu mais de 5 bilhões de hambúrgueres e cheesebúrgueres nos Estados Unidos, ou 77% do que se pede de comida fora de casa.

- Os sanduíches de carne de churrasco chegaram a mais de 220 milhões neste ano.

- 364 milhões de churrascos (*steak*) foram servidos em 97, com um crescimento de 73% sobre apenas quatro anos antes, em 1993.

- A receita com venda de churrascos simplesmente duplicou nestes quatro anos.

Exportações: desde 1988, sempre crescentes

- Em 1997, as exportações globais da pecuária americana, incluindo boi em pé, totalizaram US\$ 4,8 bilhões, e as importações US\$ 3 bilhões.

- A exportação de couro e outros derivados chegaram a US\$ 92 dólares por animal.

- As exportações de carne de boi e derivados foram correspondentes a 3 milhões de cabeças de gado.

- Os principais mercados americanos foram Japão, México e Canadá.

- As exportações adicionaram US\$ 77 dólares por cabeça confinada e US\$ 58 dólares por cabeça produzida nas fazendas.

- Canais de distribuição: todos são importantes e dramaticamente impactados pelo consumidor final.

Criadores de gado puro: raças puras existem muitas, mas umas poucas são decisivamente predominantes

- Ainda de acordo com o Censo de 97, ainda que

existindo mais de 50 raças diferentes, apenas cerca de 10 contribuem com significativo volume genético para a indústria da carne. As escolhas genéticas são feitas em cima da capacidade de cada raça oferecer à indústria da carne e em especial ao consumidor final, produção eficaz e criação da carne de mais alta qualidade possível.

- Criadores de gado comercial: a maior parte desses criadores pode cruzar até quatro raças diferentes na sua produção de bezerros.

- Os criadores de gado comercial vendem seus bezerros à desmama entre 6 e 10 meses e pesando algo entre 140 e 280 quilos. Alguns ficarão com eles e farão o ciclo completo.

- Recriadores: compram os bezerros à desmama e os recriam a pasto até que atinjam por volta de 400 kg, geralmente por volta dos 12 meses. Esta recria é muita vezes feita em área que não permite outro tipo de produção para consumo humano, o que otimiza os resultados econômicos.

- Confinadores: compram os bezerros dos criadores ou os garrotes dos recriadores terminando os animais com algo por volta dos 650 kg. Normalmente o gado permanece confinado entre 110 e 250 dias.

- Empacotadores: neste segmento se "fabrica" as carcaças, empacotando para os processadores e retalhistas.

- Processadores: a eles cabe fazer os cortes familiares ao consumidor final. Este segmento é que revende aos hotéis e restaurantes.

- Retalhistas: são o elo da cadeia e o canal de contato mais próximo do consumidor final, sempre atento às novas tendências do mercado e suas preferências.

- Consumidor final: seja no mercado interno ou no de exportação, é quem realmente decide onde cada canal tem de se aprimorar para permanecer adicionando valor à indústria.

Depósitos

A Diretoria da ABCZ informa que desde o dia 1º de outubro de 2003 não está sendo aceito mais nenhum depósito na conta da entidade, sem a identificação do depositante (não confundir com o portador do depósito).

A medida tem por objetivo acabar com a grande quantidade de depósitos feitos em nossa conta sem identificação. Isso tem causado transtornos e contratempos com os próprios criadores que, ao fazerem os depósitos, imaginam ter quitado alguma conta com a ABCZ, mas continuam em dívida já que a entidade não consegue identificá-los.

O Banco do Brasil providenciou uma programação geral que facilita a identificação. No ato do depósito, deverá ser fornecido ao caixa, ou digitado na máquina, para os depósitos por envelopes, o número do CPF ou do CNPJ da pessoa ou empresa que está depositando ou pagando a ABCZ (dados do criador e não do portador que fará o depósito).

Os ETRs, ao fazer os depósitos na conta da ABCZ, também terão de se identificar por seus respectivos CNPJ (antigos CGCs). Qualquer dúvida é só entrar em contato com a Superintendência Administrativa e Financeira, através do número (34) 3319-3848.

TABA

**Precocidade
Sexual**



Fertilidade



**Habilidade
Materna**

GANHO PRECOCE,



MARISA VIANA RODRIGUES
Tel: (33) 3625.1398 / 3625.1152
Serra dos Aimorés - MG



**FAZENDA MUCURI
NILO CAIADO FRAGA**
Tel: (33) 3799-0020 / 3621-2115
Nanuque - MG



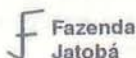
GERCINO COSER AGROP. S/A
Fazenda Kaylua
Tel: (73) 9986-6631
Lajedo - BA



ONDA VERDE
NELINHO GUIMARÃES
Fone Faz.: (61) 633.1102 / 248.6330
Padre Bernardo - GO



ELSTON LEMOS VERGAÇAS
Tel: (16) 242.2314 - CP 76
Ibitinga - SP



MONICA R. ORTENBLAD GALVÃO
Tel/Fax: (11) 3816-5955
Uchôa - SP



ALBERTO GIOCONDO
Tel: (43) 252-1008 / 252-3103
Arapongas - PR



Santa Fé do Araguaia / TO
Churchill Cavalcanti César
Tel.: (83) 234.0500 / 234.0505

TABAPUÃ

DUAL

Docilidade



Ganho de Peso



**Rendimento
e Qualidade
de Carcaça**

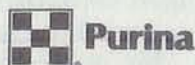
LUCROS DE PESO.



OTAVIO O. DE CARVALHO
Tel: (75) 420-2113 / (71) 244-0113
Entre Rios - BA



MARIA H. DUMONT ADAMS
Tel: (16) 3662-3215 / 3761-4596
Batatais - SP



ABCT
Associação Brasileira
dos Criadores de Tabapuã
(34) 3336-2410
www.tabapua.org.br



DORIVAL P. ORTENBLAD
Tel: (11) 3082-7329 / 3082-3538
Icom - SP



ANTÔNIO AUGUSTO E MARCIA V. BOSSI
Tel: (33) 3522-5628 / 3799-3499
Malacacheta - MG





No rastro dos cruzamentos zebuínos

As informações coletadas nos cruzamentos entre zebuínos farão parte do banco de dados do Certificado de Controle Genealógico (CCG). O novo serviço está sendo considerado um marco na história da ABCZ

Larissa Vieira

O bezerinho Eterno Tnel do Parq nem completou quatro meses de vida mas já faz parte da história do zebu no Brasil. Ele é o primeiro animal fruto de cruzamento entre duas raças zebuínas a receber o Certificado de Controle Genealógico (CCG), um novo sistema de registro criado pela ABCZ para estudar o desempenho dos bovinos oriundos de duas raças puras. O CCG abre caminho para o estudo científico sobre os cruzamentos, algo nunca feito antes no Brasil. A partir de agora, cada passo de Eterno, filho do touro nelore Sifon TE da Zeb VR com a fêmea Gigi do Eden, e de outros quatro bezerros serão monitorados por técnicos em genealogia. Em janeiro, serão mais 395 exemplares – a maioria acabou de nascer na Fazenda Parque das Vacas, localizada entre os municípios goianos de Paraúna, Trindade e Goiânia. O intuito é detectar se os exemplares nascidos do “casamento” entre nelore e tabapuã (apelidado de tabanel) conseguirão desenvolver as características esperadas para o que no futuro poderá ser classificada como uma nova raça zebuína. No caso do tabanel, o médico e pecuarista Wagner Miranda, idealizador do novo produto, pretende produzir bovinos com a habilidade materna

do tabapuã e a taxa de crescimento e a fertilidade do nelore. “As duas raças já estão perfeitamente adaptadas ao clima tropical do Brasil e poderão produzir descendentes de excelente convivência com o nosso ecossistema. Acreditamos que vários índices zootécnicos podem ser melhorados com a heterose resultante deste cruzamento”, espera o criador.

Quando o assunto é seleção bovina, o efeito trabalhado é o da genética aditiva. Ela representa a possibilidade de conseguir pequenas mudanças no perfil econômico do rebanho e com a vantagem de

Ao lado: bezerros tabanel registrados em Goiás



transmitir as alterações para as futuras gerações. Uma das formas inteligentes de se maximizar os recursos genéticos é a combinação dos efeitos aditivos acumulados nas diferentes raças através dos cruzamentos que proporciona ainda os efeitos de heterose (resultado da combinação da genética própria de cada raça e que é representada pela superioridade média da "F-1" em relação à média dos pais). "Como são dois efeitos de fontes genéticas diferentes, é necessário cuidado por parte dos criadores ao utilizarem o recurso dos cruzamentos, escolhendo raças compatíveis biologicamente entre si, mas que, ao mesmo tempo, se complementem em características de importância econômica e que foram trabalhadas de forma diferente em cada uma delas", explica o presidente da ABCZ, José Olavo Borges Mendes, que marcou a ferro o bezerro Eterno com o símbolo do CCG durante o lançamento oficial do novo tipo de registro. O evento foi realizado no final de outubro em Goiânia (GO) dentro das atividades do 1º Simpósio sobre Cruzamento de Zebu. Apesar da falta de dados científicos sobre o acasalamento entre raças zebuínas diferentes, ele já acontece na prática desde o início da entrada do zebu no país. Foi assim que surgiram há algumas décadas as raças tabapuã, indubrasil e brahman (veja quadro "Zebu do zebu").

A nova marca, no formato de dois cupins invertidos, foi criada com base no tradicional caranguejo, símbolo utilizado para zebuínos puros, e leva o aval do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento desde o ano passado. De acordo com o capítulo X do Regulamento do Serviço de Registro Genealógico das Raças Zebuínas, o criador que desejar inscrever seus animais no CCG deverá enviar um projeto ao Departamento Técnico da ABCZ con-

tendo as raças envolvidas no cruzamento, número de matrizes e objetivos. Foi o que fez o pecuarista goiano quando decidiu acasalar seu rebanho tabapuã com animais nelore. Durante o estudo piloto, ele inseminou dez fêmeas tabapuãs com sêmen de touros nelore. O mesmo processo foi feito com as matrizes nelore só que utilizando sêmen de tabapuã. Os acasalamentos geraram 18 bezerros que passaram a ser avaliados e mensurados a cada 90 dias. Todos apresentaram desenvolvimento físico e ponderal adequados quando comparados à literatura e tabelas oficiais. "Certificamos também que foi factível a fertilização e ocorreram nascimentos em percentuais favoráveis. Estes dados preliminares nos entusiasmaram a desenvolver o projeto de pesquisa envolvendo 400 matrizes das duas raças provenientes de renomados plantéis do nosso país. Utilizamos desde monta natural, inseminação artificial, transferência de embriões até a técnica OPV-FIV para fecundar as matrizes", lembra o criador. A pesquisa desenvolvida no Parque das Vacas contou com a orientação do pesquisador Plínio Ferreira Morgado e do professor da Universidade Federal de Goiás, Custódio Reis e Souza.

O próximo passo é fecundar as fêmeas F1 seguindo o mesmo método utilizado para conseguir a primeira geração. O sêmen de tabapuã será aplicado em matrizes F1, preferencialmente mochas, e do nelore em matrizes F1 preferencialmente com chifre. Depois, as fêmeas F2 mochas serão fertilizadas por machos F2 mochos e as fêmeas F2 padrão serão fertilizadas por machos F2 padrão. Percorrido todo esse percurso, surgirá a geração F3. Os animais de cada uma das três gerações serão pesados periodicamente. Eles passarão ainda pela avaliação fenotípica e terão as Diferenças Esperadas de Progenie (DEPs)

PERFIL DO TABANEL

Os primeiros animais tabanel nascidos na Fazenda Parque das Vacas apresentaram características como:

- as orelhas são menores do que na raça tabapuã, mas não tão curtas como no nelore.

- pernas um pouco mais altas do que na raça tabapuã;

- pêlos do branco ao cinza, como nas raças originais. Já o couro apresenta coloração escura;

- umbigo retificado evitando que o prepúcio encoste em obstáculos e prejudique os reprodutores;



calculadas. “Vamos pesquisar se o animal fruto do cruzamento realmente está atingindo as metas propostas pelo criador no projeto enviado à ABCZ. Dependendo dos resultados, poderá ser criada no futuro uma nova raça zebuína”, explica o superintendente-adjunto de Genealogia da ABCZ Carlos Humberto Lucas. A pesquisa deve dar origem a duas linhagens de tabanel, uma de chifre e outra mocha.

O trabalho para formação de uma nova raça requer anos de pesquisa e vai depender do objetivo especificado pelo criador. Para se chegar a resultados precisos, o tempo mínimo de estudo fica em torno de dez anos. Nada muito demorado em se tratando de seleção animal. Durante seu discurso de lançamento do CCG, o presidente da ABCZ destacou que esse é um trabalho que exige competência, conhecimentos, determinação e perseverança extraordinários. “Não bastassem, portanto, todos os avanços consolidados nas últimas décadas, estamos buscando a inauguração de uma nova fase da pecuária nacional, com a era do desenvolvimento dos cruzamentos de raças zebuínas puras já adaptadas ao clima tropical. Não temos dúvida de que esses controles iniciais de cruzamentos poderão conduzir à formação de uma nova raça e nascem como um novo e precioso patrimônio da pecuária brasileira”, disse. 🐄



José Olavo Borges Mendes, presidente da ABCZ, marca o primeiro bezerro com o símbolo do CCG

foto: divulgação



A nova marca, no formato de dois cupins invertidos, foi criada com base no tradicional caranguejo, símbolo utilizado para zebuínos puros

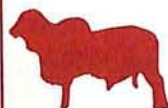
Zebu do zebu

Não é de hoje que os pecuaristas apostam no cruzamento entre zebuínos para melhorar o desempenho dos animais. Das dez raças puras de zebu existentes no Brasil, três delas são resultado de acasalamento de zebu com zebu: brahman, tabapuã e indubrasil. Confira a origem de cada uma dessas raças:



Brahman - A raça teve origem nos Estados Unidos. Ela provém do cruzamento de outras quatro raças:

nelore, gir, guzerá e krishna valley. A primeira importação de brahman para o Brasil aconteceu em 1994. Os animais apresentam alta rusticidade, resistência ao calor e resistência às enfermidades. Além destas características predominantes, destacam-se também fertilidade, precocidade, habilidade materna, docilidade e carcaças com alto percentual de musculatura.



Indubrasil - Formado por pecuaristas brasileiros, o indubrasil é resultante do cruzamento das raças

gir, nelore e guzerá. Sabe-se também que outras raças que foram importadas da Índia em menor escala, como ongole, hissar, mehwati e outras, entraram, em menor proporção, na composição da raça indubrasil. Os animais apresentam elevado porte e grande desenvolvimento muscular.



Tabapuã - A história da raça começou na cidade paulista de Tabapuã, que acabou dando nome à raça,

mas não se sabe ao certo qual a origem genética do primeiro tabapuã. Acredita-se que tenha sangue de nelore e guzerá. Os animais da raça, além do caráter mocho, apresentam excelentes carcaças.

Mulheres de Raça

Em comemoração ao dia Internacional da Mulher
06 Março 2004 • Sábado 13h • Barra do Garças - MT

40 Fêmeas PO

A nota da elite dos melhores plantéis do Brasil.
Só deadoras e futuras deadoras.

Determinação.

A marca dessas mulheres.

O sucesso dessa marca.

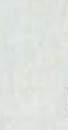
Ana Carolina Ribeiro
Ana Cristina Leis Fasta
Ana Vasconcellos
Andrea Barros
Andréia Frigi Novais
Anna Abigail Sabba
Aparecida Camacho
Beatriz A. de Oliveira e Silva
Celcila Pinheiro
Cintia Nakano
Cintia Oliveira
Cláudia Jaqueira
Dora Castro Arcangelo
Elza Consani Guimarães

Enrico Leite de Barros
Janete Souza Moraes
Janine Supplitz Borges
Jassara de Souza Aguiar
Hilda Ciompolini
Jrene Novais Guimarães
Joete Fernandes Cordeiro
Leda Garcia
Maria Cristina Guimarães
Maria Giv Borden
Maria José Padilha Leopoldino
Maria Lucia Muller
Mariane Fagundes
Marilda Tazzi Melo

Mauricio Glauce Torres de Carvalho
Mirella Foschi
Nana Guimarães
Neli Pallares
Nilza Meneses Szachy
Renatta Massias
Roberto Beolin
Silvana Sandoval
Solange Biagi
Santa Helena Costa Bernardes
Stella Maria Floresani Jorge
Teia Fava Marques
Vitória Doroti Bonfim e Silva



Taís Fava Marques
Informações
(66) 4074-5000





A história viva dos leilões no Brasil

Empresário gaúcho iniciou e disseminou modalidade de vendas de animais no país que, atualmente, movimentam um mercado milionário; hoje, são realizados diariamente cerca de quatro leilões de gado no território nacional e, em apenas um deles, comercializa-se cerca de 17 mil cabeças em único dia

Luciano Bitencourt

Na década de 1950, o empresário Trajano Silva, então um jovem com pouco mais de 20 anos, assistiu aos primeiros leilões de gado de corte no Brasil. O local era a fazenda de seu pai, em Uruguaiana (RS), e o leiloeiro um profissional contratado tradicionalmente do vizinho Uruguai.

Visitando rebanhos de um lado para o outro na tríplice fronteira, não demorou muito até que Trajano Silva se acostumasse com o negócio do mundo dos leilões – tipo de comercialização de bovinos que, apesar de não existir no Brasil naquela época, era corrente em países como a Argentina e o Uruguai.

Num Rio Grande do Sul tomado pela produção de gado – onde não existia a figura do mascate, mas a do corretor particular que vendia de um criador para o outro –, o empresário decidiu montar, em 1960, a empresa Trajano Leilões. Dela, ele disseminaria para todo o país uma nova modalidade de venda de animais; um sistema que, após quase cinco décadas de seu surgimento, seria o grande responsável pela atual expansão – principalmente genética – do rebanho bovino brasileiro.

Atualmente, são realizados em média quatro leilões de gado por dia no Brasil, um marco que não

encontra equivalência em nenhum outro país no mundo. Somente em um canal de TV especializado, até outubro os leilões de bovinos transmitidos haviam faturado em torno de R\$ 270 milhões no total.

“Sou o único leiloeiro que fez remates no Norte, Sul, Leste e Oeste do Brasil. Cheguei a vender até mesmo uma paca em Boa Vista, há 25 anos”, salientou Trajano, ao ilustrar a sua “escala” que compreende, entre outros roteiros, uma saga que começa no Rio Grande do Sul vai até o Rio Grande do Norte, segue até Roraima e desce ao Mato Grosso.

Simultaneamente à abertura da empresa surgiu a vontade, e a necessidade, de ser ele mesmo, Trajano, o leiloeiro. A decisão de ir para a pista fez com que o empresário gaúcho voasse ao Rio de Janeiro para tomar aulas de dicção e postura com o maior profissional do gênero naqueles tempos, a portuguesa Éster Leão – que, como ele gosta de ressaltar, fez discípulos importantes como os oradores Ricardo Lacerda, Juscelino Kubitschek e Santiago Dantas.

“O curso durava normalmente um ano, mas o fiz em quatro meses. Eram três aulas por semana, mas como fui para o Rio só para isso, eu tinha duas aulas por dia”, salientou.

De volta à Uruguaiana, o trabalho passou a ser direcionado não só às vendas realizadas para a fazenda da família, como também para as de terceiros. De Santa Catarina e Paraná, o empresário pulou para o Brasil Central. Em 1965, foi parar em Campo Grande (MS), onde realizou o primeiro leilão de gado do Centro-Oeste.

“Foi um aventura tão grande, que hoje eu penso: como é que eu tive coragem? Comprei lá no Sul 80 touros charolês e os coloquei num trem. Foram quatro vagões de animais e um de alfafa, numa viagem de cinco dias”, recordou o leiloeiro, “chegando em Campo Grande, construí um recinto de leilão com arquibancadas de madeira e currais de arame”, completou.

Em 1968, foi a vez do interior paulista. Primeiro Campinas, com outro leilão de charolês, dessa vez pertencente ao fundador do jornal Gazeta Mercantil, Herbert Levy. Depois, em 1970, Presidente Prudente, com o King Ranch. “Concomitantemente, fiz também o primeiro leilão de quarto de milha do Brasil, no Parque da Água Branca, em São Paulo. Outra vez sem recinto apropriado, usamos as arquibancadas de julgamento”, contou Trajano. Esse evento lhe garantiu o posto de leiloeiro oficial do Jockey Club de São Paulo – a diretoria da entidade foi exclusivamente ao leilão para decidir sobre a sua contratação.

Os cavalos quarto de milha ainda levaram o leiloeiro gaúcho para Bauru (SP), praça onde ele conheceu nomes como o de Sérgio Pizza, mais tarde seu sócio na Programa Leilões. “Lá fui convidado para fazer outro leilão pioneiro, o de nelore. Sem estrutura, subi num curral com o megafone na mão”, recordou.

Na capital do zebu

Também no curral e com o megafone na mão foram os primeiros leilões de zebuínos realizados no Parque Fernando Costa, em Uberaba. Na capital do zebu, Trajano contou com o apoio do então presidente da ABCZ, João Gilberto Rodrigues da Cunha.

“Ajudei, com algumas idéias, a construir o antigo recinto de leilões da ABCZ”, disse. A partir desse período o nelore começaria, de acordo com o leiloeiro, a marcar época. Quando Uberaba já havia se tornado um centro de radiação dos leilões de zebuínos nos anos 80, o gaúcho partiu para a comercialização de gado de corte no restante do estado – mercado que sua empresa dominou por muitos anos, chegando a ser responsável pela organização de

eventos em, pelo menos, 30 cidades.

O foco estava nas feiras de bezerros, eventos rurais patrocinados pela Secretaria Estadual de Agricultura e que contavam com financiamento do Banco do Estado de Minas Gerais para a compra de animais. “É

interessante como esse negócio, que começou no Rio Grande do Sul, foi se desenvolvendo em cadeia. A modalidade de venda de bezerros, os mineiros da Emater foram assistir em Guarapuava (PR)”, lembrou.

Fazendeiro na região de Santa Vitória (MG), Hildo Franco Muniz reforça as palavras de Trajano. “Fui um dos pecuaristas daquela época que não teve medo de levar animais para o ‘1º Leilão de Gado de Corte’, promovido pela Emater e ABCZ”, disse. “Até então esse tipo de evento só era realizado no Sul do país”, completou Muniz, que atualmente dedica maior parte do seu tempo à advocacia.

“O curioso é que eu fazia o primeiro, o segundo e o terceiro leilões, depois, com o tempo, alguém da ci-

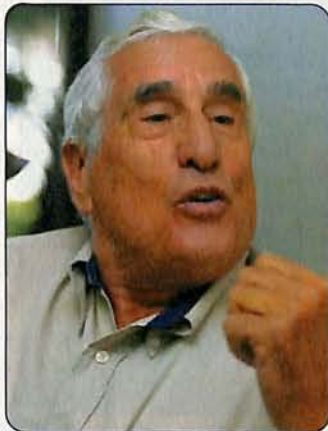
dade, geralmente, junto com o veterinário da Secretaria montava uma empresa. Logo, eles descobriram o caminho.” Segundo Trajano Silva, o seu maior empecilho eram as distâncias. “A sede da empresa ficava, muitas vezes, distante 600 a 700 quilômetros do local do evento”, reclamou o leiloeiro.

Especialização

À medida em que entrava gente nova no ramo, o perfil do profissional leiloeiro foi se distanciando daquele incorporado por Trajano. Além de dono da empresa, Trajano tinha a responsabilidade de organizar e leiloar no evento. “De ponta a ponta, a responsabilidade era minha. Além disso, eu tinha que ser muito eclético, porque vendia cavalo, boi, carneiro, porco, tudo”, completou com entusiasmo.

Para ele, a maioria dos leiloeiros seguiram, a exemplo de outras profissões na atualidade, o caminho da especialização. Um rol que compreende gente como Wilson Genovese nos cavalos de corrida (quarto de milha), o João Gabriel no nelore e, no Sul, o seu filho mais velho, Marcelo Trajano, hoje o maior comerciante de gado crioulo da América do Sul.

A especialização pode ser um diferencial dos profissionais modernos, mas a diversificação foi, sem dúvida, a grande escola de Trajano, seja como aluno ou professor. Tudo isso, por que até mesmo as barreiras nacionais que transpôs foram de maneira inovadora. Dificilmente, alguém terá a experiência de exportar para o Golfo Pérsico milhares de carneiros vivos como o fez Trajano Silva há 20 anos.



fotos: L. Adolfo

**“nunca compro,
só vendo”**

**Centro:
o gaúcho
Trajano Silva,
lenda viva
dos leilões**

Muniz (centro):
colaborador dos
eventos pioneiros
da Emater na
venda de gado

"Cheguei a colocar 23 mil carneiros num único navio. Um embarque desses no porto era comparado ao Dia D [o do Desembarque da Normandia], tal era a operação logística. Imagine, catar 23 mil carneiros no estado, de caminhão ou de trem, levar tudo ao porto em dois dias e embarcar dois dias depois – sem contar as oitenta toneladas de alfafa", exclamou. Ao completar a cifra de 100 mil carneiros, o empresário gaúcho teve que parar seu negócio: havia terminado com os carneiros do Rio Grande do Sul.

A importância dos leilões

Por uma simples coincidência, na década de 1970, Trajano Silva foi convidado para palestrar numa universidade pública do Sul. O tema era "A importância dos leilões". Três fatores de relevância nessa modalidade de vendas foram definidos e apresentados por Trajano. "Por que os leilões são importantes? – pensava aquela turma. Então eu respondi: pelo fator socializante da comercialização, pelo fator do melhoramento genético e, por último, pelo fator comparativo", pontuou.

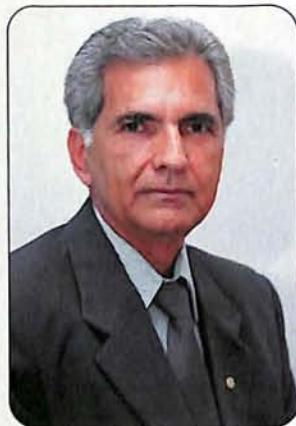
A explicação é a de que, nos leilões, os animais de boa qualidade são comercializados por um preço real que não depende da quantidade colocada à venda, sejam cinco unidades ou 500, daí o fator socializante dos preços; e com a multiplicação dos eventos multiplicou-se também a quantidade de animais de alta qualidade espalhados pelo país, daí o fator de melhoramento genético.

"Se um criador vendia um bezerro por R\$ 100 e outro por R\$ 120, o primeiro queria saber porque seu animal saiu por menos. Surgiu, assim, o fator comparativo, que tem no nelore atual o maior exemplo disso. É a busca da melhoria", explicou Trajano, ao acrescentar que a comparação, terceiro e último fator, tornou-se ainda um instrumento regulador de mercado.

Hoje, ao ver um recinto de leilão em cada cidadezinha que passa nos quatro cantos do país, o empresário gaúcho sabe que ali tem uma semente que ele plantou. É uma certeza que Trajano divide com seus contemporâneos.

"Acredito que aquela semente germinou, cresceu e se multiplicou por todo o país, tornando-se a mais conceituada maneira de se comercializar animais. Primeiramente ao vivo, e posteriormente filmados e via satélite, o que tem gerado excelentes negócios para ambas as partes", concluiu o advogado Hildo Franco Muniz.

Desde que encerrou suas atividades há 16 anos, em virtude de uma ponte de safena, Trajano Silva de-



dica-se exclusivamente à administração de sua fazenda no município de Dourados (MS). Praticante de esportes durante a vida toda, diariamente às 5h30 essa lenda viva dos leilões no Brasil já pode ser visto dando orientações aos seus funcionários na propriedade.

"O mais importante nisso tudo foi a minha consciência, sempre fiz as coisas certas. Pois, a minha formação sempre me levou a adotar três princípios: ser correto, sério e competente", concluiu Trajano que não deixa de salientar, ao ser indagado se, hoje, costuma adquirir animais em leilões: "nunca compro, só vendo."

O dia dos 17 mil

No primeiro semestre deste ano, quando o martelo bateu para o último lote de animais, em Água Boa (MT), o baiano de Santana dos Brejos, Maurício Tonhá, olhou para o relógio: o Mega Leilão Estância Bahia

havia consumido 5 horas e 50 minutos para efetivar a venda de 17.073 cabeças de gado nelore.

Foram aproximadamente 50 cabeças vendidas por minuto, ou quase dois lotes de 30 animais cada em 60 segundos. "Eu fixei um limite máximo de seis horas para fazer o leilão, mas o meu objetivo é fazê-lo em cinco horas", disse Tonhá.

É, por isso, que o Mega Leilão renova, todos os anos, a sua participação no *Guinness Book*, o livro dos recordes. Questionado sobre a fórmula desse sucesso, Tonhá ressalta as principais características do seu negócio: o total respeito ao cliente e a garantia de liquidez dos lotes colocados à venda.

Isso, segundo ele, explica porque a Estância Bahia começou vendendo 3 mil animais, em 1990, e saltou, uma década depois, para quase 100 mil cabeças por ano.

Ex-funcionário do Banco do Brasil, o proprietário da Estância Bahia Leilões e Agropecuária disse ser motivo de orgulho ter faturado, em 2003, cerca de R\$ 6,8 milhões no seu evento – o primeiro do calendário oficial de leilões da 69ª ExpoZebu.

O vale dos bois

Em 1990, Tonhá deixou a agência do Banco do Brasil em que trabalhava no interior baiano e mudou-se para o Vale do Araguaia (MT), estabelecendo ali sua empresa de leilões. No primeiro mês de atividade, foram vendidos 200 animais; no primeiro ano, três mil.

"Não sei afirmar com certeza, mas considero ser uma das únicas empresas do gênero no Brasil que garante a liquidez de 100% dos animais comercializados no recinto. Isso contribuiu bastante para ganharmos novos postos", explicou o empresário.

Logo que completou dez anos de serviços prestados, Tonhá percebeu que era necessário fazer um evento especial da Estância Bahia. A essa altura, a empresa trabalhava apenas nos leilões de corte, comercializando mais de 1 mil animais por semana – em torno de 50 eventos por ano.

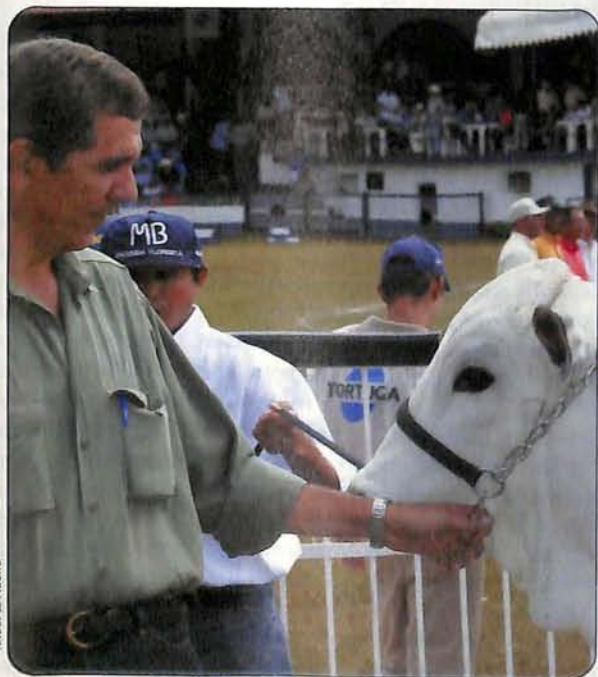
“A idéia do Mega Leilão surgiu porque estávamos completando dez anos e eu sugeri, então, vendermos 10 mil animais num único dia”, contou. No primeiro Mega Leilão, em 2000, Tonhá teve muito trabalho para convencer as pessoas a participarem do evento. Existia uma certa insegurança de não aparecerem compradores, ou dos participantes abaixarem o preço de mercado em virtude do número de animais.

Quando apresentou o projeto para a sua equipe, Tonhá foi chamado de louco. “Mesmo assim, eles acabaram muito bem a minha ‘engenharia’ para fazer o evento e me ajudaram a concluir o projeto. Tanto é que vendemos 12.861 cabeças naquele leilão”, disse.

No ano seguinte a meta foi comercializar 10.002 animais, mas foram vendidas 17.042 cabeças. Este ano foi a vez do “Mega Leilão 10.003” e suas 17.073 cabeças comercializadas.

Estrutura

A Estância Bahia dispõe de uma área de 600 hectares, com um pivô que produz 10 mil toneladas de silagem por ano, além de um recinto totalmente adaptado para mega eventos e um local exclusivo para confinamento (onde os animais são preparados).



Por aproximadamente 15 dias, o Mega Leilão emprega diretamente mais de 300 pessoas; envolve cerca de 80 caminhões, ou seja, movimentação de oficinas mecânicas, borracharias, postos de combustíveis e outros. Na parte de preparação e de manejo trabalham algo em torno de 40 pessoas, sem contar o pessoal de buffet, de limpeza e de segurança.

No restante do ano, a empresa trabalha com 20 funcionários efetivos e mais uns 30 prestadores de serviços (*free-lancers*). Até 2004, Tonhá já pensa em estar atuando em Cuiabá, através de um escritório filial. Nos seus objetivos mais uma mega idéia: trabalhar com eventos individuais maiores do que aqueles que a empresa realiza atualmente.

Evolução

Agronegócio em alta, Tonhá não teme em falar em investimentos, mesmo por que considera a pecuária zebuína um mercado muito promissor. Segundo ele, Uberaba é um exemplo vivo dessa situação.

“Uberaba é realmente diferente da grande pecuária nacional. Acontece que nessa praça se reúnem não só produtores rurais, mas bastante gente que quer fazer seus investimentos. São pessoas de outras atividades que perceberam a força do agronegócio brasileiro”, avaliou.

A questão, segundo Tonhá, é que a pecuária brasileira, a exemplo da agricultura, evoluiu nos últimos cinco anos mais do que em 50 anos. Depois de cinco décadas que a semente foi lançada lá no Sul, o empresário é enfático em afirmar, nos rincões do Mato Grosso, que os leilões são um negócio que ainda tem muito o que expandir no país.

Essa também é a visão dos canais especializados em transmitir esses eventos. Os leilões de gado pela tv ganharam impulso a partir de 1996, com o Canal Rural, que é vinculado ao grupo RBS. A partir daí surgiu o Canal do Boi e, mais recente, o AgroCanal.

“Quando começamos a formatar o projeto para transmitir os leilões, fui buscar informações sobre este ramo. Não encontrei, pois só a Argentina e a Itália possuem canais rurais, que não incluem a transmissão de remates de gado na suas grades”, disse João Henrique Pasa Belmonte, gerente de leilões do Canal Rural.

Belmonte informou que a empresa vai encerrar 2003 com 308 leilões transmitidos. Para 2004, ele já pensa em novas estratégias, tendo em vista seu objetivo de transformar esses eventos num formato de programa televisivo. “Ao contrário dos outros canais, nós não somos transmissores só de leilões, esses eventos são parte de uma vasta programação. Os leilões são para o Canal Rural, o que o futebol é para a Globo”, comparou João Belmonte.

Ao lado:
Maurício Tonhá,
proprietário da
estância Bahia,
acaricia animal
na ExpoZebu 2003

A importância do Serviço de Informação da Carne (SIC)

Os sistemas de produção a pasto mostram-se cada vez mais competitivos, não somente pelos baixos custos de produção, mas também pela possibilidade de oferecer carne produzida a pasto – transformando forrageiras em proteína animal em um sistema onde se valoriza o engajamento social, se preserva o meio ambiente e existe preocupação com o bem-estar animal. Porém, o pecuarista precisa entender que estas vantagens competitivas somente têm valor, se os mercados existentes se fortalecem e novas fronteiras são abertas; portanto o produtor não pode ficar indiferente às transformações que estão ocorrendo no mundo e que o afetam diretamente. A atividade primária de produção de alimentos está hoje intimamente ligada à dona de casa.

O conceito do agronegócio se refere ao valor agregado que um produto agrícola pode alcançar através da análise sistêmica da cadeia produtiva, sua reordenação, além do atendimento sistemático das exigências do cliente. Frequentemente, estas exigências mudam no decorrer do tempo, exigindo adaptações. A definição de cliente na cadeia produtiva da carne é complexa, pois o segmento que produz a matéria prima já é formado por vários elos: produção de genética, bezerro, boi magro e boi gordo, sendo que cada um é cliente do elo anterior e fornecedor do seguinte.

O cliente final que consome a matéria prima carne recebe um produto tratado como commodity e raramente os seus anseios chegam ao frigorífico e menos ainda ao pecuarista. Falta, portanto, o feedback do consumidor para a cadeia produtiva, e a partir do momento que isto ocorre, a cadeia como um todo tem condições de melhorar ou ajustar seus processos e seus produtos. Somente

analisando a cadeia produtiva como apresentada em sua totalidade na fig. 1, fica evidente seu nível de complexidade e podemos constatar que as poucas modificações alcançadas se devem a estratégias setoriais de curto prazo, sem aplicação de conceitos modernos visando a diminuição das tensões entre os elos e a maximização do poder de adaptação às mudanças de mercado. As exigências dos consumidores deverão provocar a reorganização e educação do sistema e, quanto mais cedo isto acontecer, melhor será para todos. Nesta ótica o recém-criado Serviço de Informação da Carne (SIC) assume uma posição estratégica, pois será ele o canal para decodificar as exigências do consumidor e repassar estas informações para toda a cadeia, surtindo os efeitos desejados no produto final e, portanto, atendendo os anseios dos consumidores.

Os mercados deverão ajustar-se frente às mudanças macro-econômicas, sanitárias e sociais que estão acontecendo de forma acelerada neste início de milênio. Os frigoríficos ineficientes desaparecerão, pelas regras naturais deste mercado tão competitivo, novas unidades nos centros produtivos surgirão e existirá uma maior concentração econômica destes agentes da cadeia produtiva. Teremos o aparecimento de franchising de marcas que ganharão espaço, os fast food de grelhados serão cada vez mais comuns nas grandes cidades. A venda de carne embalada a vácuo, com marca de grandes empresas com garantia higiênico-sanitária e de maior padronização também ganhará definitivamente seu espaço. A pesquisa de novos produtos que atendam as necessidades de versatilidade e conveniência dos consumidores será intensificada, estabelecimentos de preparo, embalagem e dis-

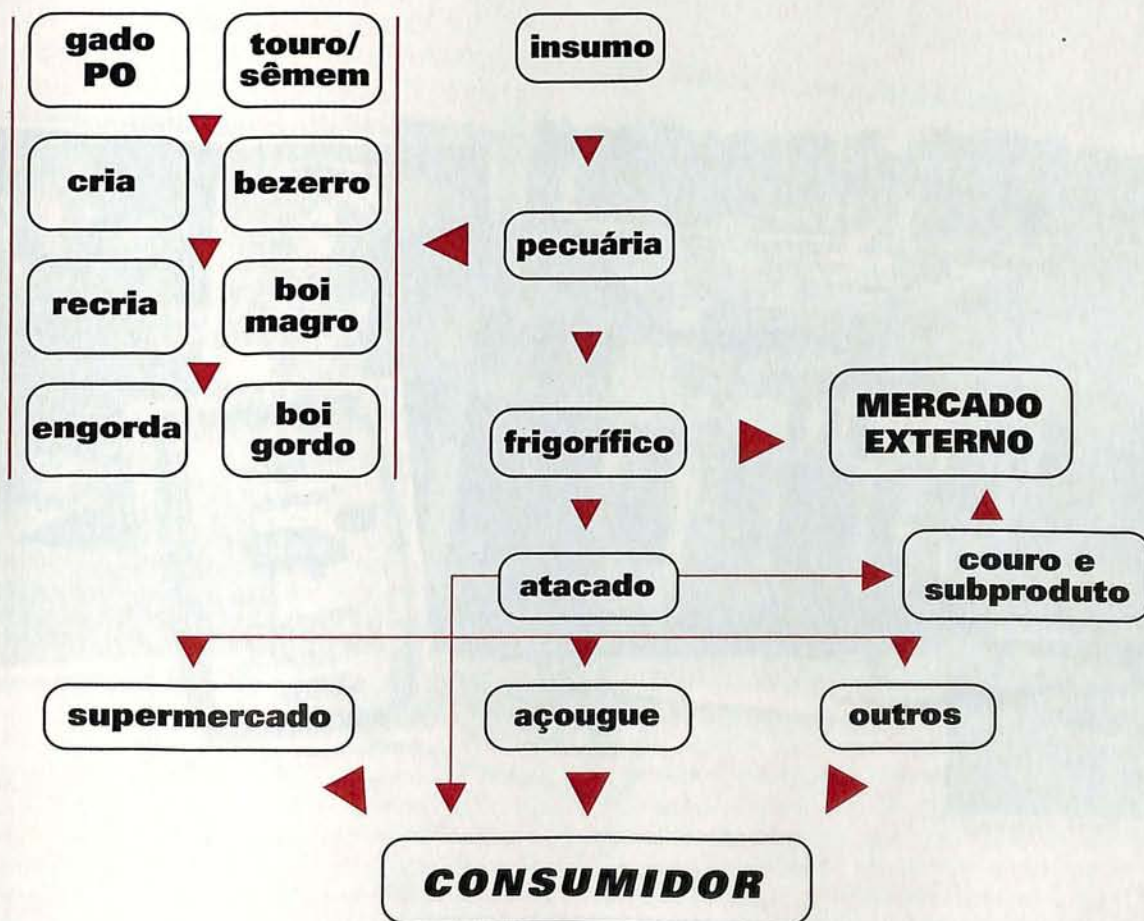


Nelson Pineda é diretor
de Informática da ABCZ
pineda@terra.com.br

tribuição de cortes especiais surgirão dentro dos grandes frigoríficos para atender a demanda de produtos de origem animal com garantia de inocuidade alimentar. Todos estes tipos de novos produtos e estabelecimentos, pelas exigentes especificações que irão impor a toda a cadeia pro-

mento e informação através do SIC, antes de produzir uma excelente e padronizada matéria prima e praticar uma industrialização adequada às novas tendências do mercado. Será imprescindível implantar através do SIC canais de informação dos pecuaristas, proprietários de frigoríficos,

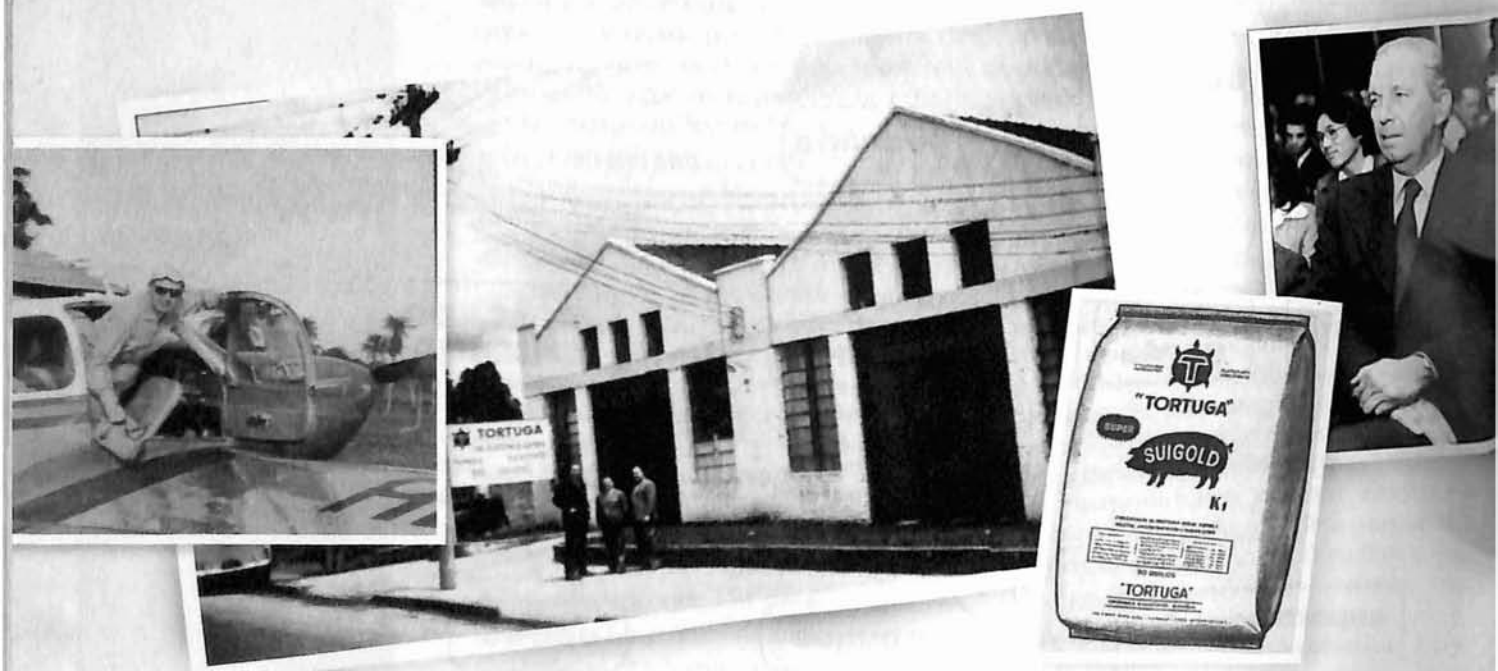
Figura 1 - A cadeia produtiva completa da carne bovina



dutiva, deverão propiciar a formação de alianças mercadológicas entre fornecedores, pecuaristas, frigoríficos e supermercados, desencadeando uma grande transformação no agronegócio da carne bovina no Brasil.

O Serviço de Informação da Carne terá um papel preponderante na coordenação deste processo de reestruturação da terceira cadeia mais importante do agribusiness brasileiro. Porém, nada poderá ser implantado sem que nos conscientizemos que qualidade também é um processo onde todos os agentes da cadeia produtiva estão envolvidos e que será impossível mudar a imagem da carne e implantar uma campanha de esclareci-

açougueiros e dos próprios consumidores. Somente através destas mudanças estruturais e, sobretudo, de mentalidade, entendendo-se que o verdadeiro sucesso da cadeia produtiva está no equilíbrio justo entre competição e cooperação, que conseguiremos reconquistar os mercados perdidos para outras carnes e para as tendências pseudomédicas da sociedade moderna. Lembremos também sempre que, cada vez que o consumidor identifica um bom produto, o maior desafio é manter sua constância e qualidade, pois, em caso de decepção, ele comprará outro, que possivelmente no caso da carne bovina, será de frango ou de suíno.

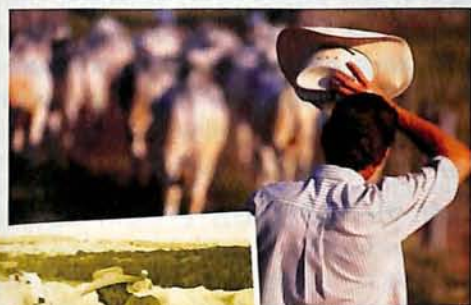


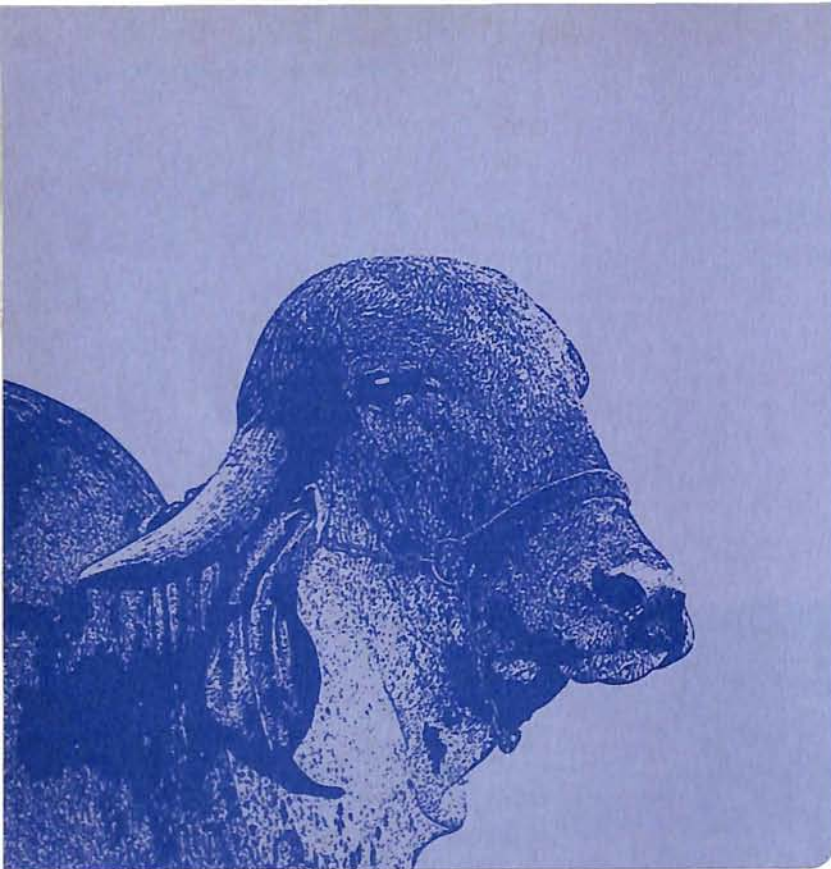
TORTUGA 50 ANOS O FUTURO SEMPRE PRESENTE

Volte no tempo, lembre-se dos seus primeiros passos, das primeiras aventuras, do primeiro dia na escola. Tanta gente fez planos e se orgulhou de você, te desejaram dias sempre melhores, criaram expectativas para o seu futuro, fizeram parte do seu crescimento, da sua história. E hoje o presente continua aí, caminhando ao lado do seu futuro, cheio de novos desafios, de novas conquistas, de novas amizades. A vida é assim mesmo. Experiência se ganha com o tempo. A cada minuto se cresce um pouquinho mais. Os visionários nunca são compreendidos à sua época, mas lá na frente são, sempre, reconhecidos. Então, continue caminhando, tenha orgulho do chão que você pisa. E, nunca, nunca se esqueça: o futuro está sempre presente.

Tortuga 50 anos - o futuro sempre presente

Notas do dia atividades





Norteador de **lucratividade**

Para alguns pecuaristas, o sumário de touros é como uma bússola que aponta na direção da produtividade. O sumário traz avaliação anual dos reprodutores que dele participam e mostra ao produtor as chances de obter melhores resultados com o acasalamento

Renata Thomazini

Avaliações genéticas, registros na ponta do lápis. Os animais que participam de um sumário de touros são submetidos a várias etapas de testes que têm como ponto de partida a informação de produção e genealogia. No caso das raças zebuínas, esses dados podem ser obtidos por meio do banco de dados da ABCZ, entidade que é uma delegada do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento para administrar e executar o serviço desses animais.

Para se obter os resultados que indicam se um animal poderá transmitir aos seus descendentes as características de interesse para corte ou leite, os técnicos lançam mão de alguns cálculos que são obtidos, também, por meio de avaliações de desempenho. Em uma dessas avaliações, a primeira realizada pela ABCZ voltada ao gado de leite utilizando touros da raça gir, os dados colhidos representaram a produção de leite acumulada até 305 dias das fêmeas filhas dos touros analisados. Na época, primeiro semestre de 2003, a entidade lançava o Sumário de Touros da Raça Gir, voltado à aptidão leiteira. Para analisar a capacidade dos touros de agregar em suas filhas a excelência nessa capacidade, foram consideradas 6.994 lactações pertencentes a 4.244 vacas da raça, que foram distribuídas em 70 fazendas. Um dos cálculos utilizados, denominado matriz de parentesco, incluiu 10.792 animais, depois de uma busca que chegou em até três gerações de ascendentes no arquivo de genealogia da ABCZ. O modelo contou com os efeitos aleatórios de animal (efeito genético direto) e de ambiente permanente de animal, além

do efeito fixo de grupo contemporâneo e a idade da vaca ao parto como co-variável (efeitos linear e quadrático). Os grupos contemporâneos foram definidos por: fazenda, ano e estação do parto. Todos esses dados são indispensáveis para que o reprodutor seja avaliado e seja estabelecida sua posição no ranking. Outro elemento que faz a diferença como garantia de bons resultados no acasalamento é a acurácia (confiabilidade). Ela só pode ser determinada levando-se em conta a utilização do touro em um maior número de rebanhos e segundo o número de filhas com bom desempenho na produção de leite.

O superintendente técnico de Melhoramento Genético da ABCZ, Luiz Antonio Josahkian diz que essas informações são um "guia" que todo pecuarista deveria utilizar. "Falta um certo conhecimento sobre o assunto. O sumário é público. Consultá-lo não incide despesas e é bastante compensatório". Essa opinião é compartilhada pelo diretor de Fomento à Pecuária Leiteira da entidade, Luiz Humberto Carrião, que menciona a economia que o pecuarista pode fazer ao participar desse tipo de programa. "Um teste de progênie chega a custar R\$ 15 mil, enquanto que a avaliação genética pelo sumário é muito mais barata. Outro detalhe que o diretor lembra é a abrangência do sumário. Enquanto animais de todo o país participam dele, um teste de progênie acaba sendo restrito a cerca de 12 touros. "O sumário é uma forma democrática de dar ao criador de zebu leiteiro acesso às informações sobre a melhor genética", afirma.

Para Carrião, com a crise que o setor leiteiro vem

vivenciando nos últimos anos, ou se aposta em melhoramento genético ou cada pecuarista da área estará fadado a pagar para produzir leite. "Em um rebanho, três aspectos são fundamentais para que se alcance a produtividade e se obtenha lucro com isso: manejo, nutrição e genética. Desses aspectos, a genética é, na minha opinião, o principal, porque não adianta você viabilizar o melhor trato possível para um animal ou buscar o melhor manejo se ele não responde geneticamente a esses estímulos", sentencia.

Uma forma de fomentar a participação dos pecuaristas nos sumários de touros é dar-lhes maior acesso a essas informações, fazendo com que percebam as vantagens de utilizar touros provados, segundo Carrião. A idéia é aumentar a disseminação do material genético desses touros que fazem parte do ranking. "Quanto mais filhas nascidas em maior número de rebanhos, maior a credibilidade no desempenho desses animais", finaliza. É aí que entram as associações das raças zebuínas, afirma o diretor. No seu entendimento, a divulgação e fomento do sumário de touros é importante para que os rebanhos sejam melhorados. É o que pensa, também, o produtor Onofre Eustáquio Ribeiro, que participa do Sumário de Touros que a ABCZ realiza em parceria com a Unesp (Universidade do Estado de São Paulo), de Jaboticabal. "Assim eu comprovo a produtividade dos meus animais, aumentando a lucratividade com meu rebanho e ainda posso vender essa genética para outros pecuaristas." O superintendente-adjunto de Melhoramento Genético da ABCZ, Carlos Henrique Cavallari Machado, analisa o sumário de touros como uma ferramenta importante para o melhoramento do rebanho. "Em um acasalamento dirigido ou 'corretivo' outros aspectos, além do genético, são importantes. O aspecto reprodutivo e o funcional devem ser levados em conta", explica. Para exemplificar, Carlos Henrique recorda a prova que está sendo realizada no Centro Tecnológico da entidade, em Uberaba, com intuito de verificar a produção de leite das vacas gir, com apoio da Epamig e da Associação Brasileira dos Criadores de Gir (Assogir). "Passamos a trabalhar, agora, com essas outras características para avaliar as fêmeas", conclui.

Leite do Zebu

Do inglês *predicted transmitting ability*, a PTA é a habilidade provável de transmissão do animal como pai. Ela mede a metade do valor genético do animal e é um termo que pode ser substituído por DEP para Diferença Esperada na Progenie. A PTA sugere uma comparação e serve para classificar os animais. "Po-

demos exemplificar usando o touro A, com PTA para leite de +150 kg e o touro B, com PTA para leite de +90 kg. A diferença entre os touros A e B é de 60 kg, o que significa que podemos esperar que a média

das filhas do touro A seja 60 kg de leite superior à média das filhas do touro B, dado que todos os outros fatores sejam idênticos", exemplifica Carlos Henrique, que cita como exemplo de um teste de confiabilidade a prova que está sendo realizada pela ABCZ no Centro Tecnológico. De acordo com o diretor de Parque da ABCZ, João Machado Prata Júnior, o projeto é inédito no país, já que é a primeira vez que se realiza uma prova nacional de produção de leite de zebuínos com as metodologias que estão sendo adotadas nesse projeto. "Estamos utilizando uma avaliação mais

rigorosa, que vai nos permitir identificar com maior eficácia animais superiores e melhoradores", disse João Machado. As raças gir e gir mocha estão representadas por 32 fêmeas que participam das provas. João Machado ainda lembrou que existe uma grande preocupação da entidade em trabalhar com produtos naturais. Ou seja, animais que sejam criados de maneira saudável e ligados à natureza. Os animais se alimentam basicamente de capim e sua rusticidade e produtividade são associadas à qualidade genética. Em uma área de 20 hectares, o Centro de Tecnologia e Pesquisas da ABCZ consumiu um investimento de US\$ 500 mil desde a sua inauguração, em 1998, e emprega uma mão-de-obra atualmente com cerca de 10 funcionários (entre fixos e prestadores de serviços), sendo que existem, também, 6 pesquisadores e, entre eles, mestres e doutores, que estão se utilizando do projeto como campo de pesquisas. Todo esse aparato e investimento são importantes para subsidiar os dados de um sumário de touros. A maioria das fêmeas que participam da prova são filhas de touros que estão no ranking do sumário da ABCZ e Unesp, de Jaboticabal, e foram todas inseminadas com touros provados. A professora e pesquisadora Lúcia Galvão de Albuquerque é a responsável pelo estudo e uma incentivadora desse processo para melhorar a produção do rebanho zebu leiteiro. "É uma forma de comprovar a eficiência de um animal na transmissão das características de interesse. Mas, sobretudo, de se garantir a seleção dos rebanhos com base em estudos cuidadosamente efetuados", diz. As informações coletadas por meio da prova realizada com as matrizes gir integrarão o Programa de Acasalamento Dirigido (PAD) em breve. "Esses dados vão auxiliar ao criador para que possa realizar o acasalamento mais adequado para suas matrizes", completa a zootecnista da ABCZ, Enilice Cadetti Garbellini. 🍷



fotos: M. Farías

Centro:
superintendente
da ABCZ, Carlos
Henrique
Cavallari
Machado

Reforma Tributária e a **atividade leiteira**

A carga tributária que incide sobre a produção e a comercialização do leite e de seus derivados no mercado interno, indubitavelmente, é excessiva. Ela sufoca o setor produtivo e desestimula o consumo. Mas poderá ser, agora, remodelada com a Reforma Tributária que ora tramita no Congresso Nacional. Os elevados encargos fiscais, inibem a modernização do setor, na medida em que desestimulam os investimentos, elevam os custos, reduzem o consumo, afetam a lucratividade, induzem muitos agentes de mercado à informalidade e a comprometerem a concorrência.

O mercado interno, destino da produção brasileira, possuiu enorme potencial de crescimento, caso a renda da sua população aumentasse ou os preços do leite e derivados ao consumidor diminuíssem, fato que também representaria ganho de renda, principalmente para população de menor poder aquisitivo. Nesse sentido, a reforma tributária poderá representar uma importante contribuição para o bem-estar e para a saúde da população, já que, hoje, a participação dos tributos no preço final do leite e derivados ao consumidor, é muito expressiva.

Estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) mostram que a cesta básica do consumidor brasileiro com renda mensal entre dois e seis salários mínimos está sendo onerada em média 13%, em razão da aplicação dos impostos que incidem sobre o preço dos alimentos. No caso dos produtos lácteos, trabalho da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) evidencia que o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) pode representar aumento de custo de 25% e 40% para leite em pó e queijos, respectivamente, quando considerada a hipótese de cumulatividade.

Caso a alíquota do ICMS na reforma em andamento seja reduzida para 4%, a renda dos que recebem até um salário mínimo poderia crescer cerca de 10%, visto que as despesas com alimentação participam em torno de 50% do orçamento familiar e nele os produtos lácteos têm importante participação.

Na nova estrutura proposta para o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Ser-

viços – em discussão e para ser aprovada no Congresso – está prevista a fixação de cinco alíquotas, que variam entre 4% e 25%, sendo que a menor delas será aplicada, também, para os principais alimentos que compõem a cesta básica. Os níveis das alíquotas para os diversos produtos serão posteriormente regulamentados e para isso devendo ter aprovação do Senado, o que torna ainda indefinido o nível de taxação de cada produto. Por esta razão e considerados todos os aspectos mencionados, o setor e os parlamentares que o apóia, buscarão enquadrar o leite e seus principais derivados na faixa de menor tarifa. Além disso, entendem, também, que os principais produtos lácteos não devam ter alíquotas diferentes.

Outro importante resultado a ser alcançado com a Reforma Tributária é o de acabar com a guerra fiscal e distorção tributária, atualmente, existentes na circulação das mercadorias entre os estados. A responsabilidade pela normatização do ICMS deverá ser, doravante, do Governo Federal, uma antiga reivindicação do setor. Assim, as cinco novas alíquotas, se aprovadas, substituirão as inúmeras alíquotas e normas praticadas em cada unidade da federação, que muito têm prejudicado a comercialização e têm acirrado a competição entre os estados no que diz respeito ao agronegócio do setor lácteo.

O ICMS, um imposto direto, é o tributo que mais onera o custo final dos alimentos básicos e, conseqüentemente, que mais pesa no orçamento dos consumidores. Entretanto, é bom destacar a existência de outros tributos que, direta ou indiretamente, também afetam o custo final dos produtos agropecuários, ao incidirem sobre o valor da propriedade ou sobre insumos ou serviços utilizados na sua produção, tais como: o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI); o Imposto Territorial Rural (ITR); a Contribuição de Intervenção sobre o Domínio Econômico (CIDE); o Imposto de Importação e Exportação; a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins); o Programa de Integração Social (PIS); e a Contribuição sobre Movimentações Financeiras (CPMF) e outros.

O IPI e ICMS são tributos que deveriam

foto: divulgação



Leonardo Moura Vilela é deputado federal (PPB-GO) e ex-secretário de Agricultura de Goiás

ter como base para aplicação o valor adicionado nas diversas fases de produção e de movimentação comercial das mercadorias, pois assim foi concebido na sua implantação em meados da década de 60. Porém, no decorrer do tempo, a concepção inicial – aplicação sobre o valor agregado nas diversas etapas de produção e comercialização – foi distorcida e passou a ser um tributo que incide em cascata. Na proposta em tramitação no Congresso Nacional, lamentavelmente, não está sendo contemplada com a sua característica inicial de ser um imposto aplicado sobre valor agregado, a proposta está mais preocupada com a distribuição da arrecadação entre os estados da federação ou distribuição entre as esferas: federal, estadual e municipal.

O ITR, por sua vez, é imposto diretamente associado ao setor rural e de impacto relativamente pequeno nos custos das propriedades produtivas, quando comparado com os demais encargos que incidem sobre o valor da produção. Ele deverá sofrer mudanças na alíquota e no seu destino, hoje de competência do Governo Federal. A alíquota do ITR, atualmente, é aplicada de forma progressiva, em função do tamanho da propriedade e do seu grau de utilização. A alíquota em vigor varia de 0,03% para as propriedades de menor tamanho e de uso intensivo, para a máxima de 20% para as propriedades maiores e com baixo grau utilização.

Significa dizer que um produtor de leite, cujas terras se enquadram na faixa de maior tributação e que não tenha pago o ITR, em quatro anos, devido ao acréscimo de multas e juros, poderá ver suas terras tornarem-se propriedade da União. Para corrigir essa distorção tributária, a nova proposta em discussão propõe alíquotas variáveis de até 4%. Além disso, o imposto continuará sendo regulamentado pelo Governo Federal, mas a receita proveniente de sua arrecadação se destinará aos estados e municípios, atualmente ela é da União.

O PIS e a Cofins são encargos que não incidem sobre as vendas da exploração agropecuária feitas pelo produtor, ou seja, nas operações comerciais dentro da porteira da fazenda. Entretanto, oneram de forma expressiva o custo final dos alimentos para os consumidores, pois incidem sobre o preço dos insumos utilizados na produção e, de forma cumulativa, nas etapas de comercialização e industrialização que se sucedem após o leite ser comercializado pelo produtor.

O IPI e a CIDE, este último aplicado sobre os combustíveis, também não são aplicados diretamente sobre o leite vendido pelos pecuaristas. Interferem, entretanto, na composição dos custos dos insumos e de alguns serviços utilizados pelo agricultor. Eles contribuem para aumentar o preço final dos produtos agrícolas e derivados até chegarem à mesa do consumidor pois oneram os serviços de transporte, industriali-

zação e outros. Qualquer redução nas alíquotas desses impostos contribuiria para aumentar o consumo do leite e derivados. As mudanças em tramitação, porém, não deverão refletir no nível de arrecadação na atividade leiteira, mas apenas numa melhor distribuição da receita no âmbito do setor público: união, estados e municípios.

Dada a influência do mercado internacional para o escoamento da produção brasileira, a proposta de Reforma Tributária que está sendo discutida, deverá isentar de impostos as exportações. Esta medida tem grande significado para a agropecuária nacional, e tem elevado o superávit na balança comercial e poderá contribuir para exportações futuras do setor lácteo. Para que a isenção de impostos na exportação não provoque redução na receita tributária dos estados, eles deverão ser ressarcidos pela União.

Para o setor lácteo outra medida de impacto e com reflexos de curto prazo, seria a cobrança do Confins na importação, mas ela foi rejeitada, ainda, na Câmara. Caso fosse aprovada, desestimularia, em parte, as compras no exterior devido à elevação de custo.

Comentou-se, até agora, muito a respeito da redução do preço ao consumidor, o que poderá estimular o consumo. Mas, estudo da CNA mostra que com a Reforma Tributária os custos dos insumos para o produtor poderão ser elevados o que refletirá em aumento de custo de produção.

Fertilizantes, defensivos, sementes e outros, poderiam ter seus preços majorados com a Reforma. No sistema atual, estes insumos são isentos ou parcialmente isentos de alguns encargos.

Mas, ainda é cedo para se fazer uma afirmativa exata do impacto que poderá causar a Reforma Tributária sobre o nível de custo e o preço dos produtos agropecuários tanto para o produtor como para o consumidor, pelo fato dela ainda não estar aprovada e poder vir a sofrer modificações importantes. Além disso, diversos pontos precisam ser definidos na sua regulamentação, como os níveis das alíquotas do ICMS que serão aplicados no leite e derivados. Mas uma coisa é certa, para que os consumidores finais, especialmente os de menor poder aquisitivo, sejam beneficiados com menores preços em decorrência de menor tributação, é importante que os insumos mais importantes empregados na sua produção também sejam beneficiados por essa mesma prática.

Estou otimista quanto à contribuição da Reforma para a melhoria do retorno econômico e social da atividade leiteira no país, mas para isso é de fundamental importância que os congressistas ligados ao setor dediquem esforços para adequar a carga tributária à real capacidade de pagamento dos consumidores e do setor produtivo, por se tratar de um produto de largo consumo pelas classes menos favorecidas.



**Girolando bom de leite,
com garantia de produção, procedência e sanidade**



A Estância São José
tem o que você
procura para começar,
melhorar, ou ampliar
o seu rebanho de
gir e girolando.



**São mais de 30 anos produzindo
o melhor gir e girolando do Brasil.**



Alberto Pereira Nunes Filho



Estância

São José

Gir e Girolando

Estância São José

Trindade-GO, Km 30 - 060

Goiânia-GO

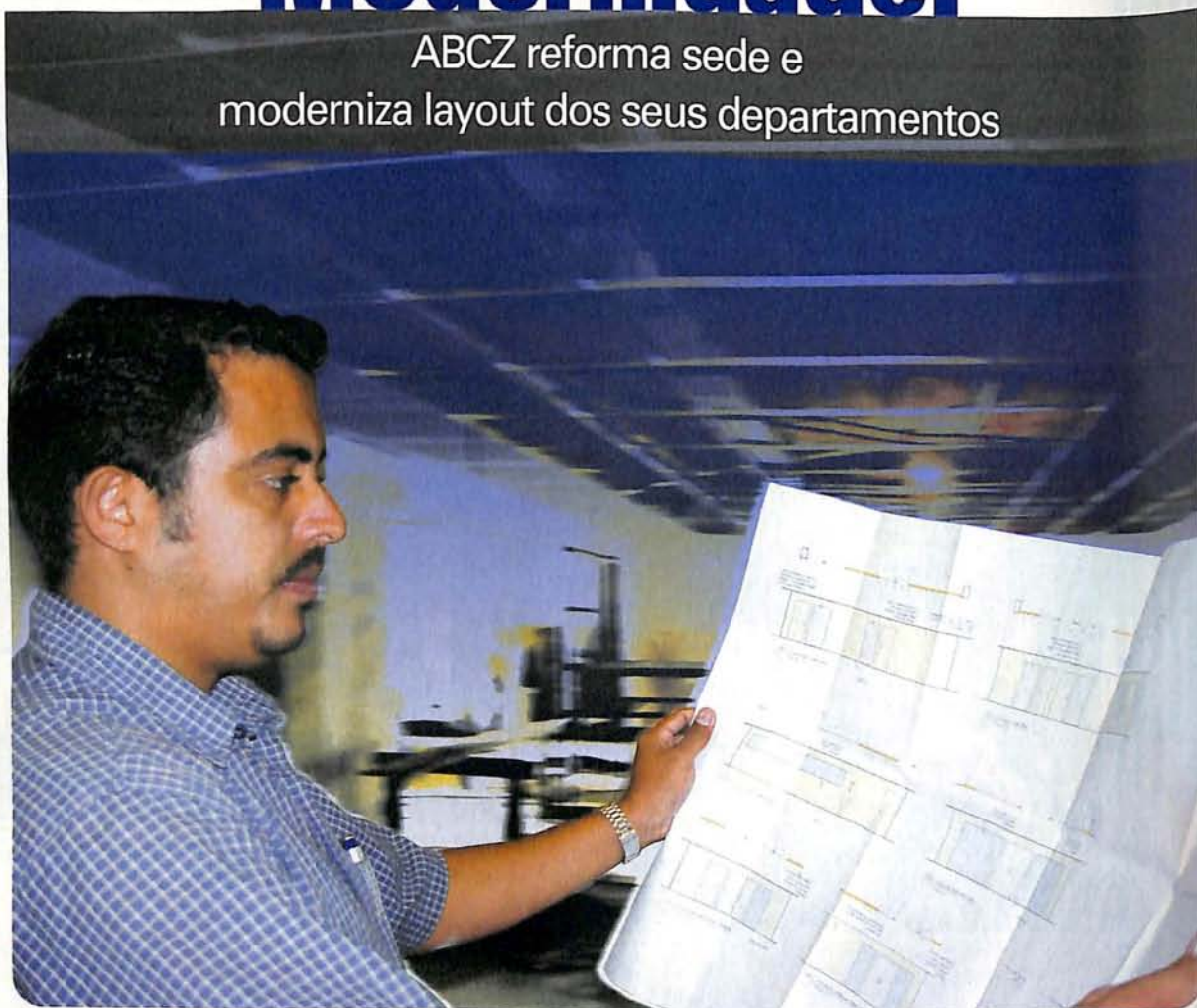
Av. Castelo Branco, 4782 - Setor Rodoviário- CEP 74430-130

Fones: (062) 295-5005 - 9971-2161 - 9975-0520

**Vendas de doadoras de embriões,
sêmen, matrizes e tourinhos**

Modernidade:

ABCZ reforma sede e moderniza layout dos seus departamentos



Dárcio Ferri
(ao lado): projeto
da nova sede

Um investimento de cerca de R\$1,7 milhão irá garantir ao associado agilidade na prestação dos serviços oferecidos pela ABCZ. A diretoria da entidade entrega no dia 20 de dezembro deste ano mais uma fase da empreitada do seu projeto de modernização. A reforma geral do prédio que abriga a sede da associação, no Parque Fernando Costa, em Uberaba, começou em meados de outubro e é uma demonstração do crescimento da zebuicultura, segundo o presidente da ABCZ, José Olavo Borges Mendes. "A entidade cresceu muito e nós queremos adequar a sede e os escritórios a essa nova realidade", disse. Segundo ele, o associado ficará surpreso a partir de 2004 – quando a ExpoZebu completará 70 anos – com a casa totalmente nova que o aguarda. "Essa nova estrutura vai nos possibilitar oferecer um atendimento muito mais eficiente e confortável", garantiu.

O diretor Administrativo, de Comunicação e de

Eventos da ABCZ, Marco Túlio Andrade Barbosa, comentou que foram investidos aproximadamente de R\$ 1,7 milhão na reforma. "Começamos com a ampliação do Parque Fernando Costa, palco da ExpoZebu, onde construímos vestiários para os tratadores, adequamos os locais que eram utilizados por eles como dormitório, construímos uma praça de alimentação, um novo tatersal. Enfim, remodelamos toda a área do parque. Agora, era a vez de a sede ser modernizada", explicou o diretor. O objetivo da entidade, segundo comentou o presidente José Olavo, é oferecer ao funcionário condições de efetuar um pronto e eficiente atendimento ao criador. José Olavo lembrou que a equipe ABCZ, tanto da sede, quanto dos escritórios técnicos regionais, participa de um amplo Programa de Educação Continuada, que inclui atividades nas áreas de gestão de qualidade, atendimento ao cliente, segurança no trabalho,

informática e outros. "Os nossos escritórios também estão sendo ampliados e reformados. Alguns ganharam mobiliário novo e outros até mesmo novas sedes", enfatizou.

Fazendo história

Pela primeira vez, desde a sua inauguração, em maio de 1978, o prédio da ABCZ foi totalmente desocupado para uma reestruturação geral. Com isso, toda a equipe da entidade foi distribuída em outros recintos do parque. Presidência, diretoria e assessores foram deslocados para o imóvel onde funciona a ABCZ Leilões (próximo ao Banco do Brasil); os demais departamentos – parte técnica, de informática, registro, secretaria geral, imagem e som e financeiro – atenderam no Centro de Eventos ABCZ.

"Queríamos ter o cuidado de não esquecer nada. Pensamos em todos os detalhes para garantir agilidade e conforto no desempenho de nosso pessoal", afirmou o diretor Marco Túlio, em relação às obras, que deverão ser totalmente concluídas até 20 de dezembro. A empresa que assessora a ABCZ na implantação do projeto e no gerenciamento da

obra é a Athiê Wohnrath, um dos mais respeitados escritórios de arquitetura do Brasil, com sede em São Paulo.

Além de iluminação, piso, teto, rede de informática, de energia, entre outras melhorias, a sede será equipada com mobiliário totalmente moderno e funcional. "Será uma nova sede", enfatiza o arquiteto responsável pela obra, Dárcio Ferri. De acordo com o arquiteto, a sede será dotada de uma estrutura totalmente diferenciada, com teto em forro acústico e lógica totalmente moderna. "Do quadro de energia à tomada, tudo é novo", afirma. Dárcio explica que o layout utilizado garante melhor funcionalidade dos departamentos porque os espaços são mais abertos e o contato visual é maior. O mobiliário servirá como divisória entre os diversos departamentos e o prédio ainda terá um sistema de ar split, com controle remoto. A nova instalação lógica (dos computadores) garante, segundo o arquiteto, melhor e mais rápido tráfego de informações. "Ficamos ansiosos para ver o resultado final dessa obra", revelou Marco Túlio ao mencionar o show room apresentado pela empresa responsável pelo projeto. 



TRONCO

BALANÇA

Possuímos uma linha completa de:
Equipamentos para Pesagens; Currais metálicos móveis e
Troncos (bretes) móveis ou fixos.

Aceita-se representantes em todo Brasil.

VANTAGENS:

O melhor Custo x Benefício
Equipado com Balança Eletrônica de
Barras Móvel
Ocupa pouco espaço no curral
Nem da Eficiência, Rapidez e Precisão
que só as Balanças Açoeres oferece!

LIGUE AGORA! (43) 254-1331

Fábrica e Show-room:

369 - Km 161 - Parque Industrial II - CEP 86191-410 - Cambé-PR - Fone/Fax: (43) 254-1331

web site: www.balancasacores.com.br / e-mail: vendas@balancasacores.com.br





Veneno no pasto

Muitas plantas têm sido responsáveis pela morte de bovinos em todo o Brasil. Estima-se que 12% dos óbitos no rebanho do país são causados por plantas tóxicas. E até mesmo o capim pode ser a porta de entrada para a intoxicação.

Larissa Vieira

Quem vê milhões de cabeças de gado comendo capim pelos pastos brasileiros nem imagina que algumas plantas que dividem espaço com as forrageiras são um perigo iminente. De norte a sul do país, existem mais de 70 espécies tóxicas que causam desde emagrecimento rápido, tremores musculares, feridas no couro e até morte. Muitas delas surgem no pasto junto com o capim sem que o produtor perceba. Mas isso só acontece quando a semente da forrageira é de má qualidade ou o solo está degradado. Em geral, essa semente pode conter resíduos de outras plantas até uma porcentagem determinada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Se junto com o capim vier uma quantidade de sujeira além da permitida, e o que é pior, sementes de espécies tóxicas, o pecuarista acaba levando o problema para o campo sem saber.

Em outros casos, não é o homem que traz para a pastagem as plantas venenosas. Elas fazem parte da flora brasileira e desempenham importante papel no equilíbrio ecológico. É o caso do cafezinho ou erva-de-rato (*Palicourea marcgravii*), a mais temível das espécies tóxicas. Presente nas matas ciliares de diversos estados onde ajuda a evitar o assoreamento dos rios, ela é altamente letal. Tanto o fruto quanto as folhas causam morte súbita e são responsáveis por 80% dos óbitos de bovinos.

O problema maior é a alta palatabilidade da planta. Mesmo bem alimentado, o gado pode comê-la. Já as outras espécies (veja quadro), por não

serem palatáveis, só são consumidas quando o rebanho está com muita fome, principalmente durante a seca, e em pastagens superlotadas ou com deficiência mineral. "O animal prefere comer o broto e justamente nessa fase a planta concentra maior índice toxicológico", alerta Sandro César Salvador, professor de Toxicologia da Universidade Federal de Lavras (Ufla), localizada no Sul de Minas Gerais.

Basta 0,6 gramas de folhas frescas de cafezinho para cada quilo do animal para desencadear o processo de intoxicação. Tome-se um bovino de 300 quilos, por exemplo. Se ele ingerir apenas 180 gramas da erva, seu organismo será envenenado. Instabilidade e tremores musculares são os principais sintomas. Quando chega a essa fase, é preciso ficar em repouso para afastar o risco de morte.

Forrageira contaminada

Se o cafezinho encabeça a lista de agentes causadores de intoxicação, uma das forrageiras mais difundidas no Brasil, a *Brachiaria decumbens*, também figura entre as primeiras posições dessa mesma lista. A gramínea é comum nos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e parte de São Paulo, por ser ideal para solos fracos de cerrados. Este capim pode conter grande quantidade de saponina, substância tóxica ao fígado, além do fungo *Pithomyces chartarum*. Ele é responsável pela produção de uma substância, a toxina esporidesmina, capaz de necrosar o fígado do animal.

A contaminação acontece quando a forrageira não é bem manejada e as sobras ficam secas na pastagem. “A presença de folhas secas e umidade acaba favorecendo o desenvolvimento do fungo. Quando o bovino ingere pastagem contaminada, a saponina ou a micotoxina acumula-se no fígado causando uma doença chamada fotossensibilização hepática”, explica o professor da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias de Jaboticabal (Unesp) José Jurandir Fagliari que desenvolve pesquisas sobre fotossensibilização há 20 anos. Um dos trabalhos diz respeito ao uso de suplementação mineral e à utilização de zinco no controle da doença. A pesquisa, feita com 280 bovinos, mostrou que a mortalidade decorrente da intoxicação por capim contaminado é superior entre os animais não suplementados com zinco.

O problema é conhecido popularmente como requeima ou sapeca, devido às feridas que provoca na pele. No lugar dos pêlos aparecem extensas queimaduras nas orelhas, flanco, base da cauda e região glútea. Isso acontece porque um pigmento deixa de ser excretado pelo fígado e se acumula no sangue e quando o gado fica exposto ao sol a pele queima. Além das feridas, podem surgir sintomas como icterícia, diarreia e anemia. Esses problemas debilitam ainda mais a saúde do animal. A taxa de mortalidade pode chegar a 40%.

A incidência maior da doença é em gado de corte, geralmente criados a pasto. Em países de grandes rebanhos como Austrália e Nova Zelândia, os pecuaristas também enfrentam problemas com a fotossensibilização. O maior deles, claro, é o financeiro, principalmente quando a doença atinge animais de alto valor genético. As fêmeas passam a ter intervalos mais prolongados entre um cio e outro e o risco de abortos aumenta. Como é comum a manifestação da enfermidade na forma de surto e após o desmame, o prejuízo pode ser grande. E mesmo depois de um ano de cura, há perda de peso entre 15% a 25%, em comparação a um bovino que não foi afetado.



Centro: espécies tóxicas comuns no Brasil

Sob controle

Nem mesmo o tratamento alivia o bolso do criador. Ele costuma ser oneroso e não consegue recuperar plenamente o gado. O professor Fagliari explica que a prevenção ou controle baseia-se no manejo adequado da *Brachiaria decumbens*. Isso significa evitar as sobras de capim, que favorecem a multiplicação do fungo. Caso a pastagem esteja alta e com excesso de folhas secas no solo, o pecuarista terá que introduzir primeiro animais adultos. Somente após alguns dias de pastejo pode-se colocar os jovens, os mais suscetíveis à doença. “O tratamento deve ser norteado pelo bom senso pois, dependendo da gravidade da doença, o custo é mais elevado que o valor do bovino. O melhor é prevenir!”, alerta. Outra medida importante é deixar sempre equilibrada a resistência orgânica do rebanho, pois não existe vacina contra fotossensibilização. O controle regular de parasitas com o uso de

vermífugos e o fornecimento contínuo de mistura mineral adequada ajudam a manter o animal saudável.

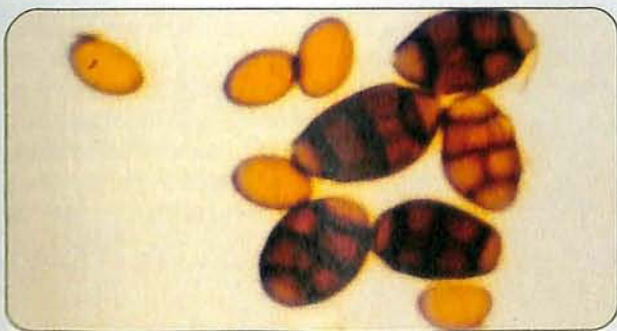
Para quem já está sofrendo com a incidência da doença, a medida é retirar os bovinos doentes da pastagem suspeita de estar

contaminada. Eles devem ser mantidos em ambiente sombreado. Quando ocorrem casos isolados o tratamento deve ser orientado por um médico veterinário, pois ele poderá avaliar qual a medicação mais eficiente e de menor custo. Pode ser à base de soluções hidratantes vitaminadas, anti-inflamatórios, pomadas anti-sépticas e cicatrizantes.

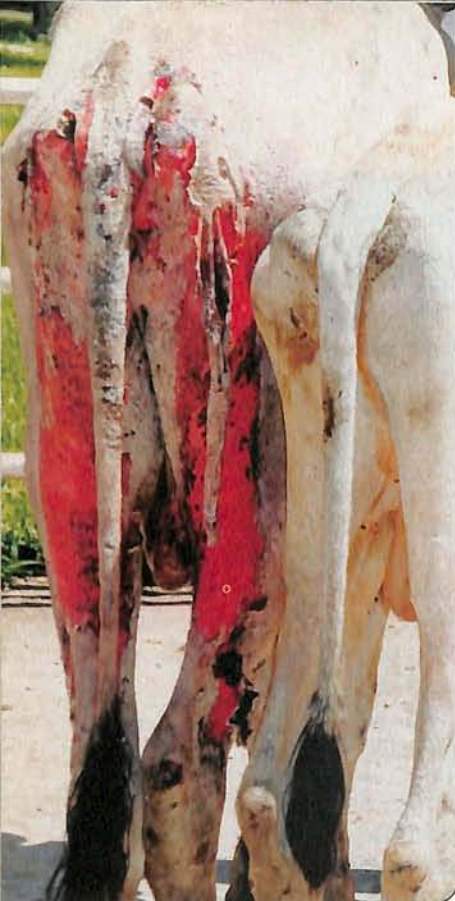
Falta de conhecimento

Tanto no caso da fotossensibilização quanto nos casos de envenenamento por espécies tóxicas a falta de manejo adequado do solo é a grande responsável pelo problema. Quando a terra está degradada é mais fácil crescerem junto com a forrageira plantas invasoras como fedegoso que cresce em qualquer tipo de solo, principalmente ao redor de cocho de sal e currais. Na época da colheita de forrageiras para a produção de silagem, o pecuarista precisa ficar atento à presença dessas ervas daninhas. Se elas não forem retiradas da área cultivada acabam sendo colhidas junto com o capim. Quando o animal ingerir a silagem pode se intoxicar.

O maior aliado das invasoras tem sido a falta de informação. Pesquisa desenvolvida por alunos das Faculdades Associadas de Uberaba revelou que boa parte dos produtores rurais da região desconhece o perigo que certas ervas trazem para o rebanho. “Muitos não sabiam que barbatimão e mamona, usados



Ao lado: imagem ampliada dos esporos do fungo



em tratamentos medicinais e para extração de óleos, são tóxicos para bovinos”, explica o estudante de zootecnia Mayclean Menezes Pinheiro, um dos autores do estudo. Universitários percorreram fazendas e sítios da região para desmitificar a idéia de que somente aquelas plantas que causam graves envenenamentos ou a morte são tóxicas. Como não há antídotos, o tratamento à base de glicose, extratos hepáticos, purgantes e oleosos é recomendado apenas para os animais de alto valor zootécnico. Nos outros casos, o combate à intoxicação consiste em retirar o gado, de forma lenta, do local onde possivelmente estão as espécies tóxicas e mantê-los à sombra.

Diagnóstico correto

Outro mal-entendido em relação ao problema é a confusão na hora de detectar a causa dos sintomas. É comum confundir intoxicação com picada de cobra e outras doenças como raiva, botulismo, tétano, febre

aftosa, tuberculose, verminoses e moléstias da reprodução. “O diagnóstico é baseado nos relatos feitos pelo criador, em exames laboratoriais e até em dados da necrópsia”, esclarece o professor Sandro César.

Para evitar a intoxicação do restante do rebanho é preciso eliminar as invasoras do pasto ou impedir o pastejo em locais onde existem plantas nativas tóxicas. A forma de controle vai depender do tipo de propagação da erva. Pode-se arrancá-las manualmente, o que irá requerer mão-de-obra caso a área seja grande. O uso da roçadeira é apenas paliativo já que elas podem voltar a brotar. Quem optar por produtos químicos precisa redobrar os cuidados para evitar a contaminação do meio ambiente. É o mesmo caso da queimada, pouco eficiente e grande facilitadora da germinação.

O controle mais eficaz é o manejo correto da pastagem. Evite excesso de lotação no pasto. Com pouca quantidade de forrageira para comer, os animais acabam deixando a seletividade de lado e comendo qualquer planta que encontrar pela frente. Outra possibilidade é utilizar as espécies tóxicas como mais uma fonte de renda. Da semente da mamona extrai-se óleo. Do barbatimão retira-se tanino – uma substância adstringente usada no curtimento de couros – e sua casca é medicinal. Da faveira, a rutina, matéria-prima para remédio e que exportada para outros países. É uma forma simples de transformar perdas em ganhos.

Acima: animal intoxicado, em estudo

LISTA NEGRA

Muitas plantas podem causar intoxicação nos bovinos. Algumas levam anos para provocar os sintomas, outras agem rápido e de forma letal. Confira abaixo as mais comuns em todo o Brasil:

Nome popular	caruru de espinho, cururu ou cariru	Cafezinho, erva-de-rato, café-bravo ou erva-café	Fedegoso	Samambaia
Sintomas comuns	falta de apetite, diarreia escura e fétida, edema próximo à barbela, dificuldade de andar, desprendimento de casco. Leva à morte.	tremores musculares, caminhada em círculo. Quando está caído o animal faz movimentos de pedalagem e, por fim, morte súbita.	diarreia, falta de coordenação motora, membros travados. Leva à morte.	andar cambaleante, pêlo arrepiado, diarreia, febre alta. Anemia nas mucosas, hemorragias no local de picadas de insetos.
Manejo e controle	não é indicado roçar a área. Recomenda-se o uso de herbicidas apropriados antes da semeadura.	arrancar as plantas e usar herbicida para evitar o rebrotamento.	eliminado com roçadeira e foice antes da formação das sementes.	correção do solo com calagem e adubações. Não se recomenda a roçagem e as queimadas, pois favorecem a rebrota, ficando ainda mais tóxica.
Confunde-se com	febre aftosa, picada de cobra e verminoses.	doenças que levam à morte súbita.	raiva e botulismo.	raiva.

Pecuária perde um dos seus fotógrafos mais destacados

Rubens Alves Sales, um dos mais habilidosos repórteres-de-campo do Brasil faleceu em 09 de novembro aos 63 anos. Rubinho, apaixonado pela arte de fotografar não media esforços e percorria o país com a sua lente, registrando a imagem de rebanhos bovinos. Os grandes campeões e obras expostas em catálogos e publicações especializadas foram em grande parte fotografados por ele. Nos últimos anos, Sales vinha se dedicando à elaboração de um livro de fotografias sobre a raça nelore no Mato Grosso do Sul. Em nome dos associados e colaboradores da ABCZ, o presidente José Olavo externou aos familiares sentimentos pela perda.

*Não basta olhar,
Não basta ver,
É preciso fotografar!
Que Deus, na sua infinita
bondade, permita que este
artista, continue fotografando
seu rebanho.*

Homenagem da Diretoria e dos Funcionários da ABCZ
21/04/40 – 09/11/03

Desportistas incentivam consumo do leite

A comunidade médica recomenda a ingestão de leite e seus derivados, desde ao nascer até a terceira idade. O consumo habitual de leite durante a infância e a juventude determina a densidade dos ossos para o resto da vida, é um alimento que previne o aparecimento de doenças como a osteoporose. Para estimular o consumo de leite, nove atletas olímpicos, todos vencedores dos últimos Jogos Pan-Americanos, vão estrelar a campanha Pratique Leite, da Tetra Pak.

Os atletas participarão de comerciais em TV, fotos para mídia, estarão envolvidos em eventos promovidos pela empresa e em promoções nos pontos de venda. Foram convidados a participar da campanha os ginastas Daniele Hypólito e seu irmão Diego; os

nadadores Gustavo Borges, Mariana Brochado e Thiago Pereira; a judoca Vânia Ishii; Edson Ribeiro, do atletismo; e as gêmeas Carolina e Isabela de Moraes, praticantes do nado sincronizado. Os atletas vão passar a mensagem de estímulo ao consumo de leite no Brasil. O diretor de Fomento à Pecuária Zebuína de Leite da ABCZ, Luiz Humberto Carrião (foto), lembra da urgência em se conscientizar as pessoas da importância do alimento lácteo e do leite propriamente dito.



Foto: divulgação

ABS PECPLAN é reestruturada

No dia 24 de novembro, a diretoria da central de inseminação ABS Pecplan inaugurou as novas instalações de sua unidade, em Uberaba, que agora tornou-se a sede da empresa no país. A unidade foi totalmente reestruturada para receber a centralização de toda a sua área administrativa e de atendimento. Os investimentos foram direcionados às áreas de laboratórios, logística, vendas e administrativa, além dos alojamentos e refeitório. "Uberaba está localizada próxima aos mais importantes centros de criadores de gado, tanto leiteiro, quanto de corte", disse o diretor-geral da ABS Pecplan, Jesus Martinez. O diretor da ABCZ, João Machado Prata Júnior esteve no evento e ressaltou a importância da diretoria daquela empresa atuar diretamente na capital do zebu. "É mais um fomento para a genética zebuína", disse.



fotos: divulgação

Ministro da Agricultura de Moçambique visita a ABCZ

O ministro da Agricultura de Moçambique, Hélder dos Santos F. Muteia, visitou a sede da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ) dia 24 de outubro e trouxe uma comitiva com alguns diretores e 33 empresários do setor agropecuário daquele país. O objetivo da visita é estabelecer parceria comercial e tecnológica com o Brasil, berço da mais cobiçada genética zebuina. Além de ministro, Hélder Muteia é coordenador da União Africana para Desenvolvimento da Agropecuária, que congrega 53 países do continente. A comitiva foi recebida no Museu do Zebu (foto), pelo diretor Sílvio de Castro Cunha Júnior e pelo curador do museu Márcio Cruvinel Borges.

Exposição de Medellin

A participação da ABCZ e do Brazilian Cattle Genetics (BCG) na Exposição de Medellin, Colômbia, que aconteceu de 31 de outubro a 03 de novembro, foi marcada pela grande divulgação do potencial genético do zebu criado no Brasil. Um estande (foto) de 18 metros quadrados foi montado em ponto estratégico, próximo à pista de julgamento,

para destacar um painel com fotos de animais das raças zebuínas. O gerente do BCG Gerson Simão e o assessor Jorge Dias receberam inúmeros visitantes, tais como pecuaristas dos Estados Unidos, Venezuela, Panamá, Costa Rica, México, e estudantes de diversas áreas. Formadores de opinião do segmento pecuário foram convidados para participar da ExpoZebu 2004, que vai acontecer de 29 de abril a 10 de maio, em Uberaba.



ABCZ recebe angolanos

A ABCZ recebeu dia 28 de outubro a visita de angolanos (foto) interessados na genética bovina brasileira e em conhecer a maior organização pecuária do mundo. Na região, Jacinto João e Mateus de Almeida estiveram, também, em alguns frigoríficos, centrais de inseminação artificial (foto) e fazendas.

Protocolos sanitários Brasil - Colômbia

No dia 31 de outubro, foi realizada no hotel Dann Carlton, em Medellín, reunião com a representante do ICA, Deyanira Leon, com pecuaristas daquele país e do Brasil, associados do Brazilian Cattle Genetics e integrantes da diretoria da Asocebu (Asociación Colombiana de Criadores de Cebú). O encontro teve como

objetivo tratar dos detalhes que faltam para que os protocolos de exportação e importação de sêmen, embriões e animais vivos sejam aprovados pelos dois governos. Ficou decidido que o governo da Colômbia enviará comunicado oficial ao Brasil, solicitando a ida dos técnicos que avaliarão o programa de controle de aftosa na área livre certificada pela OIE Organização Internacional de Epizootias. O processo é fundamental para que o governo brasileiro verifique a segurança do programa colombiano de erradicação da aftosa, tendo em vista a posição que o Brasil se encontra como líder na exportação mundial de carne bovina.



Valência - Venezuela

Depois de estar presente na Expocruz (Bolívia), 56ª FERIA de Cebú de Medellin (Colômbia), a equipe do BCG decolou rumo a Venezuela, para participar da XXXIV FERIA Agropecuária y Agroindustrial de Valencia y XXVIII FERIA Nacional del Cebú. O evento, que é o mais importante da Venezuela, aconteceu de 02 a 07 de Dezembro e reuniu pecuaristas e visitantes de vários países. A ABCZ montou um estande amplo (foto) na feira, dotado de total infraestrutura para divulgar a genética zebuina brasileira mais uma vez em um evento internacional.

- Em Brasília (DF), no dia 29 de outubro o presidente da ABCZ José Olavo Borges Mendes e o diretor de Parque, João Machado Prata Júnior se reuniram com a Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) do Senado Federal.

- O presidente da ABCZ José Olavo esteve em Cuiabá (MT) reunido com os conselheiros técnicos e funcionários do ETR daquele estado. Na pauta da reunião, as mudanças a serem implantadas no escritório mato-grossense. O ETR-Cuiabá vai funcionar em novo local e com uma equipe ampliada. A reunião aconteceu no dia 15 de outubro.

- No dia 22 de outubro, o presidente José Olavo e o diretor de Relações Internacionais, Silvio de Castro Cunha Júnior foram à Brasília (DF) para o lançamento oficial do Brazilian Cattle Genetics (BCG). Na oportunidade foi assinado com a Apex/Brasil o convênio que vai disponibilizar R\$ 2,6 milhões para serem investidos no marketing internacional do zebu. O evento aconteceu no salão de eventos da Confederação Nacional da Agricultura (CNA). Estiveram presentes também no evento o gerente do núcleo Gerson Simão e o assessor do BCG, Jorge Dias.

- A ABCZ participou mais uma vez da Exposição Nacional da Pecuária Leiteira e Feira Internacional da Cadeia Produtiva do Leite, a Expomilk. No dia 30 outubro, o presidente José Olavo foi à capital paulista prestigiar o evento e o estande da ABCZ, montado no Centro de Exposições Imigrantes. Aos visitantes do local, José Olavo falou sobre os projetos criados pela

entidade para aumentar a qualidade genética do rebanho zebuino leiteiro. Durante a Expomilk, os técnicos da ABCZ apresentaram o Programa de Controle Leiteiro da entidade. Os diretores João Machado Prata Júnior (Parque) e Luiz Humberto Carrião (Fomento à Pecuária Leiteira) também participaram do evento.



- O dia de campo da raça tabapuã, em Batatais (SP) foi aberto oficialmente pelo presidente José Olavo Borges Mendes (foto) e pelo presidente da ABCT, Antônio Augusto Bossi, no dia 31 de outubro. O evento foi organizado pela Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ) e a Associação Brasileira dos Criadores de Tabapuã e contou com a participação dos superintendentes técnicos, Luiz Antonio Josakhian e Carlos Henrique Cavallari Machado, além do zootecnista e assessor da ABCZ William Koury Filho, que falou sobre as novas variáveis de avaliação de bovinos.

- O superintendente-adjunto de Genealogia, Carlos Humberto Lucas, foi responsável pela organização do Dia de Campo ABCZ que aconteceu em Goiânia (GO), e que contou com 500 participantes. O Dia de Campo foi rea-

lizado nos dias 3 e 4 de outubro, na Fazenda Sonho Meu.

- Em seguida, Carlos Lucas esteve na cidade de Goiás (GO) ministrando palestra durante Curso de Julgamento das Raças Zebuínas. O evento que aconteceu de 31 de outubro a 02 de novembro.

- O diretor Comercial e de Marketing, William Koury, esteve participando de uma reunião na Confederação Nacional da Agricultura (CNA). A reunião aconteceu em Brasília, no dia 17 de novembro.

- A ABCZ, através do presidente José Olavo, esteve presente na 62ª Exposição Nordestina de Animais e Produtos Derivados, que aconteceu de 09 a 16 de novembro, em Recife (PE). A feira contou com a participação de criadores pernambucanos e dos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Alagoas, Rio Grande do Norte, Sergipe, Bahia e Minas Gerais. A ABCZ montou um estande na exposição para divulgar as novidades do Programa de Melhoramento Genético de Zebuínos (PMGZ).

- Os diretores João Machado Prata Júnior e Luiz Humberto Carrião participaram da 16ª Festa Internacional da Agropecuária, a Fenagro 2003. O evento aconteceu de 29 de novembro a 07 de dezembro, no Parque de Exposições Agropecuárias de Salvador (BA).

- No dia 21 de novembro o presidente José Olavo Borges Mendes e o vice-presidente Paulo Ferolla viajaram para o Estado de Goiás. José Olavo fez a abertura da solenidade de inauguração do ETR de Goiânia.

Este serviço é gratuito. Para publicar seu pequeno anúncio, envie o texto pelo e-mail: revista.abcz@abcz.org.br

Novilhas girolando

Registradas com prenhez positiva ou vazias para receptoras. Rômulo Kardec de Camargos. Uberaba (34) 3312-4333/3333-2709/9972-8788

Embriões POI- Doadora

Filha Dalbada POI Zeb. Vr com Thonsa POI Fort.VR. Oferecemos parceria de embriões TE/FIV.(34) 9994-3135 ou 3314-8215.

Abecedário e jogos de números

Tinta para tatuadores, cabrestos, fogareiro, retangular sacolas para marcas. Antônio Moreira. Uberaba (34) 3311-2455/9972-0086

Fazenda a 65 km de Uberaba

Vendo. Ótima sede, possui 104 ha, curral com cocheira, 8 divisões de pastagens com aguada. Lucas Fernandes (34) 8804 8905.

Nelore Mocho

Vendo 60 vacas, novilha de linhagem OB.(37) 3323 1929/ Brás.

Vendo nelore POI

Filha de OTAN com SHAHADA POI da POTI, parida do bezerro 1646, desde 14/06/03. Nunca participou de pistas de julgamento. 150 mil reais. Fernando Rabelo (34) 3821-3031/3821/3411

José Roberto Furtado- Agronegócio

Assessoria, compra e venda de bovinos - Uberaba (34) 3312-0314/9978-0088 jr_furtado@hotmail.com

Pôneis e mini-pôneis.

Vende-se.(34) 3312-0314/9978-0088 - Uberaba jr_furtado@hotmail.com

Zootecnista procura trabalho

Graduado pela Fazu(Uberaba) e especialista em avicultura e suinocultura pela UFPA, Lavras(MG).Experiência em acasalamento e inseminação com gado de leite e corte. Jander Barbosa Lacerda.(34)3312-8964/3312-4368/9978-4424 e-mail: silvania.naves@satipel.com.br.

Tourinhos PO brahman Pilar

Agora em Uberaba, na seleção RKC. Rômulo Kardec. (34) 3333-2207/3312-4333/9972-8788

Casqueador de bovinos

Estética, brocas, cirurgias, deformação em geral, dermatites.

Nelson Barbosa. (19) 3633-5591 mailto:almeidare@yahoo.com.br

Seguro para bovinos e eqüinos

Cavalcanti seguros há 15 anos no mercado.

(11) 6453-3053:

cavalcantiseguros@terra.com.br

Mini Bovinos

Vendemos os menores e mais equilibrados mini bovinos.

talita.drummond@zipmail.com.br

(34) 9962 -3521

Compro ou arrendo área para soja

No Centro-Oeste ou Paraná.

(43)3372-3000

maruchelias@campanelli.adv.br

Ração

Compro torta de algodão.

Ricardo (84) 351-2355

Brincos

Para identificação animal de pequeno e grande porte. (51)332-6585

newflexagro@terra.com.br

Leiloeiro Rural

Adriano Apolinário.

Larga experiência.

adrianoleiloeiro@ibest.com.br

(37)9106-9306

Guzerá

Vendo 16 vacas PO.

Eduardo. (21) 287-9059

Prestação de serviços

Na área de escrituração zootécnica e na transferência de dados de sistemas de gerenciamento de bovinos para o Procan. Contato (34) 3312-0972 e 9967-6521 Lucimar.

Procuro gado

De qualquer raça para parceria. Tenho fazenda em Perdizes (MG)com boas pastagens. Reginaldo (34)9994- 5489

Nelore RKC

Tourinhos e novilhas de qualidade, filhos de campeões, por IA, participantes do PMGZ/ABCZ. Rômulo Kardec de Camargos. (34) 3312-4333/3333-2709/9972-8788

Administrador

Fazenda de pecuária em SP admite para início imediato. Currículo para Cx Postal 151/ Cep 11401-970. Guarujá SP

Embriões de guzerá

Ofereço em parceria p/ implante de doadoras excepcionais de criação do Instituto de Zootecnia de Sertãozinho/SP com os touros Acari RF e Arranjo da MS. Marcelo M. Borges.

Sorocaba/SP.

(15)228-6158/ 228-3670/ 9978-4579

Botijões de sêmen

Compro semi novos e usados de todas as marcas. Tratar com Sérgio ou Maria.

criosemen@uol.com.br

Fazenda pecuária no Pará

Vendo, água e mata exuberante, para plantio de soja e infra-estrutura completa p/ boi.

walterrenno@uol.com.br

(43) 534-3144

Arrendo fazenda de pastagem

Acima de 40 alqueires, nos arredores de Prata, Ituiutaba, Araguari ou Uberlândia.

robertoalves35@hotmail.com

(34) 3086-0598

Vendo 30 bezerros nelore

De 10 a 12 meses Região Prata/ Comendador Gomes-MG.

silver@ruralnet.com.br

(34)-3217-9335

Vendo

Vacas/novilhas girolando, 3/4 e 7/8 holandesas e cavalos/égua mangalarga paulista todos mansos de sela e prontos para trabalho e desfiles - (16)- 3172-3790

Antônio José de Toledo Leme	nº 12785
Palmas - TO	
Antônio José Santos de Almeida	nº 12751
Morinhos - GO	
Antônio Maurício Pereira de Almeida	nº 12815
Santos - SP	
Antônio Sérgio Ferreira e Outros - Cond.	nº 12796
Jaboticabal - SP	
Aquiles Diniz	nº 12867
Belo Horizonte - MG	
Arca S/A Agropecuária	nº 12736
Tangará da Serra - MT	
Arcendino Stucchi	nº 12746
Campo Grande - MS	
Argemiro Rodrigues Santos Neto	nº 12817
Caiaapônia - GO	
Ata Jacintho Coelho	nº 12713
Belford Roxo - RJ	
Benedito Vieira Pereira	nº 12688
São José dos Campos - SP	
Bernardo Alexandre de Andrade	nº 12742
Redenção - PA	
Caio Junqueira Netto	nº 12738
São Paulo - SP	
Carlos Alberto Bensi	nº 12833
Canarana - MT	
Carlos Daniel Viceli Velasco	nº 12680
Jauru - MT	
Carlos de Andrade Vilhena	nº 12805
Ribeirão Preto - SP	
Célio Fialho da Silva	nº 12818
Sidrolândia - MS	
Celso Terra Ferreira	nº 12674
Armação dos Búzios - RJ	
Chiang Wui Chin	nº 12709
Uberlândia - MG	
Cirilo Antônio de Paula Lima	nº 12710
Uberlândia - MG	
Cleibe Divino Oliveira Maia	nº 12668
Pão Verde - GO	
Cothema Agropecuária Ltda	nº 12864
Morro Agudo - SP	
Cristiana Musa da Cunha Rezende	nº 12786
Uberaba - MG	
Demerval Viana David	nº 12810
Brasília - DF	
Divino Barbosa Cintra	nº 12670
Goiânia - GO	
Dorinaldo Moura da Silva	nº 12719
Itaituba - PA	
Edelson Vilela Duarte	nº 12819
Rondonópolis - MT	
Edmilson Vieira de Ávila	nº 12690
Vila Velha - ES	

Edson Batista da Silva	nº 12820
Porto Velho - RO	
Eduardo Erskine Lippincott	nº 12852
São Paulo - SP	
Eloy Barsch	nº 12707
Goiânia - GO	
Eloy Jacob Thomaz	nº 12750
Dourados - MS	
Elza da Silva Leme	nº 12708
São Paulo - SP	
Epaminondas Nogueira de Camargo	nº 12844
Andradina - SP	
Esvalter Zanetti	nº 12665
Campo Verde - MT	
Fabiano José Diniz Lopes	nº 12863
Belém - PA	
Fábio Zucchi Rodas	nº 12809
Monte Azul Paulista - SP	
Fazenda Baido Ltda	nº 12860
Itupeva - SP	
Fazenda Camurupim Ltda	nº 12715
Bragança Paulista - SP	
Fernando Arduini Mendes	nº 12752
Campo Grande - MS	
Fernando Lúcio da Costa	nº 12849
Goiânia - GO	
Fernando Nascimento Tilha	nº 12726
São José do Rio Preto - SP	
Flávio Berriel Abreu	nº 12793
São Fidélis - RJ	
Francisca Valéria Costa e Costa e Filhos - Cond.	nº 12775
Campo Grande - MS	
Francisco de Macedo Netto	nº 12727
São Paulo - SP	
Francisco Fernandes Moreira Neto	nº 12797
Ribeirão Preto - SP	
Gabriela Rudge Paes de Barros Coser	nº 12692
São Paulo - SP	
Genes Oliveira Rios	nº 12875
Castanheira - MT	
Gerson Dias Filho	nº 12821
Belo Horizonte - MG	
Gervásio Costa	nº 12706
Presidente Prudente - SP	
Gilberto Fernandes Rocha	nº 12839
São Paulo - SP	
Gilda Maria de Oliveira Silva	nº 12772
Luz - MG	
Gustavo Henrique Pontes Ivantes	nº 12705
Paranavai - PR	
Helena Barbosa de Oliveira	nº 12774
Arandu - SP	
Hélio Cardoso Alves Filho e Outros - Cond.	nº 12814
Ituiutaba - MG	

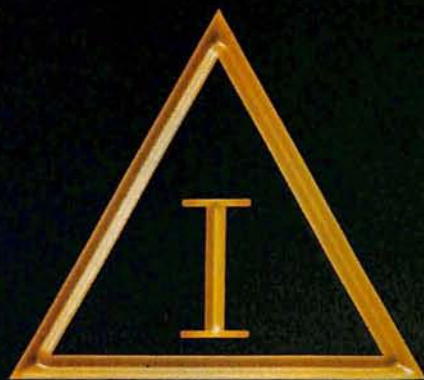
Hugo Oliveira	nº 12872
Tarauacá - AC	
Ibsen Henrique de Castro Júnior	nº 12678
Goiânia - GO	
Ignácio Ferreira de Camargo	nº 12813
Barueri - SP	
Isidoro Campos Raposo de Almeida	nº 12866
Rio de Janeiro - RJ	
Itamar Caiado de Castro Filho	nº 12666
Goiânia - GO	
Itamar de Jesus	nº 12661
Ribeirão Preto - SP	
Ivan Mello Guerra e Outro - Cond.	nº 12848
Dourados - MS	
Ivan Szeligowski Ramos	nº 12765
Barra do Garças - MT	
Jacira Mori Jorge	nº 12703
Jundiá - SP	
Jehovah Elmo Pinheiro	nº 12667
Goiânia - GO	
Jesus Carlos Pereira	nº 12784
Guaraí - TO	
João Abrão Halloum	nº 12842
Araguaina - TO	
João Batista Baldini Franco	nº 12850
São Paulo - SP	
João Bessane	nº 12822
Pontes e Lacerda - MT	
João Carlos de Marco	nº 12788
Porto Velho - RO	
João Corrêa	nº 12831
Cáceres - MT	
João Severino Alves	nº 12728
Belo Horizonte - MG	
Jorge Luiz Alfredo	nº 12745
Rio de Janeiro - RJ	
Jorge Massuda	nº 12870
Ibiá - MG	
Jorge Nicolau Neto	nº 12823
São João da Boa Vista - SP	
José Alves de Castro	nº 12767
Goiânia - GO	
José Arthur Palma de Almeida	nº 12795
Bauru - SP	
José Braga	nº 12834
Pontes e Lacerda - MT	
José Carlos da Cruz Alves	nº 12691
Vitória - ES	
José Divino Neves	nº 12859
Franca - SP	
José Eduardo de Moura Leite	nº 12714
Rio Branco - AC	
José Eraldo Ceschim	nº 12792
Iconha - ES	

ABCZ (Uberaba-MG)

setor (contato)	e-mail	telefone (34)
Presidência (Sandra Regina)	• abczpre@abcz.org.br	• 3319 3800
Diretoria (Isa)	• diretoria@abcz.org.br	• 3319 3810
Dir. Comercial e Marketing (Cláudia)	• abczacm@abcz.org.br	• 3319 3820
Sup. Geral (Agrimedes)	• abczsug@abcz.org.br	• 3319 3818
Sup. Adm. Financeira (Márcia)	• abczsaf@abcz.org.br	• 3319 3850
Sup. Técnica (Goretti)	• abczsst@abcz.org.br	• 3319 3920
Sup. Melhoramento Genético (Josina)	• josina@abcz.org.br	• 3319 3930
Comunicação Social (Kátia Cecília)	• abczaim@abcz.org.br	• 3319 3962
Colégio de Jurados (Moacir)	• colegiojurados@abcz.org.br	• 3319 3924
CDP • Controle Desenv. Ponderal (Ismar)	• abczcdp@abcz.org.br	• 3319 3932
PAD • Prog. Acasal. Dirigido (Ice)	• abczpad@abcz.org.br	• 3319 3934
CEP • Certificado Especial de Produção (Ice)	• abczcep@abcz.org.br	• 3319 3934
PGP • Prova de Ganho em Peso (Bruno)	• abczpgp@abcz.org.br	• 3319 3935
Controle Leiteiro (Rodrigo)	• abczscl@abcz.org.br	• 3319 3935
ETRs e Filiadas (Carlos Lucas)	• abczcoe@abcz.org.br	• 3319 3940
Departamento de Genealogia (Abadia)	• abczddg@abcz.org.br	• 3319 3948
Comunicação Elet. Criadores (Abadia)	• eletronic@abcz.org.br	• 3319 3948
Secretaria Geral (Kátia Regina)	• abcz@abcz.org.br	• 3319 3834
ABCZ Leilões (Vitor Acêdo)	• leilao@abcz.org.br	• 3319 3881
Sistema PROCAN (equipe de atendimento)	• procan@abcz.org.br	• 3319 3904
ABCZnet (Leonardo Mio)	• abcznet@abcz.org.br	• 3313 3779
Grife ABCZ (Daniela Miziara)	• grifeabcz@abcz.org.br	• 3319 3822
Museu do Zebu (Márcio Cruvinel)	• museuzebu@ldc.com.br	• 3319 3879
Brazilian Cattle Genetics (Guilherme)	• export@braziliancattle.com.br	• 3319 3958

Escritórios Técnicos Regionais (ETRs) e Filiadas à ABCZ

setor (contato)	e-mail	telefone
Aracaju-SE (José Prudente)	• abczaju@infonet.com.br	• (79) 3179 2293
Araguaína-TO (João Batista)	• etraux@abcz.org.br	• (63) 415 1831
Belo Horizonte-MG (Saulo)	• abczbhz@uai.com.br	• (31) 3332 6066
Campo Grande-MS (Murilo)	• abczcgr@vsp.com.br	• (67) 342 1480
Cuiabá-MT (André Lourenço)	• etrcgb@abcz.org.br	• (65) 324 1494
Fortaleza-CE (Célio)	• abczfor@secrel.com.br	• (85) 287 5328
Goiânia-GO (Ednira)	• abczgyn@internacional.com.br	• (62) 203 3415
Ji-Paraná-RO (Guilherme Henrique)	• abczjpr@pncnet.com.br	• (69) 421 4042
Maceió-AL (Ulisses)	• abczmac@uol.com.br	• (82) 221 6021
Montes Claros-MG (Marcos Miguel)	• abczmoc@connect.com.br	• (38) 3222 4482
Natal-RN (Rodrigo)	• abcznat@digicom.br	• (84) 272 2430
Palmas-TO (João)	• etrpmw@abcz.org.br	• (63) 212 1299
Porto Alegre-RS (Edon Rocha)	• abczpoa@nutecnet.com.br	• (51) 473 7133
Rio de Janeiro-RJ (Verônica - interina)	• abczrj@iis.com.br	• (21) 2224 8404
Salvador-BA (Simeão)	• abczssa@zaz.com.br	• (71) 245 3248
São Luís-MA (Rogério)	• abczslz@elo.com.br	• (98) 247 0979
São Paulo-SP (Evandro)	• abczsao@uol.com.br	• (11) 3129 3729
Teresina-PI (José)	• abczthe@hotmail.com	• (86) 213 1600
Vitória-ES (Lauro)	• abczvix@uol.com.br	• (27) 3328 9772
Brasília-DF • Ass. Criadores de Zebu do Planalto (Marcelo)	• aczp@linkexpress.com.br	• (61) 468 8200
Belém-PA • Ass. Rural da Pec. Pará (José Carlos)	• arpp@amazonline.com.br	• (91) 243 3373
Recife-PE • Soc. Nordestina Criadores (Ricardo Ferreira)	• sociedadenecriadores@ig.com.br	• (81) 3228 4332
Campina Grande-PB • Soc. Rural da Paraíba (Fabiano)	• ruralpb@ig.com.br	• (83) 331 3112
Londrina-PR • Soc. Rural do Paraná (Edson)	• registro@sercomtel.com.br	• (43) 3328 2000



TAÇA IPANEMA

Parceria da Fazenda Indiana,
Primus Ipanema Agropecuária e Carlos Príncipe - de
toda a produção da Marca Taça - e 100 vacas POI em TE,
na Fazenda Saudade (Macaé / RJ) - acasaladas com os touros:

VAREDO - MARAJÁ - GODAR - ZABUK
EVEREST - UFANJI - BHÃJOL
THANJAVUR (Imp.)

Parceria Taça Ipanema
Uma nova etapa - 2003

ANCHIETA (34) 9969.6306



Primus Ipanema
Agropecuária Ltda.
Fazenda Saudade - Macaé - RJ
(22) 2762-6970 - (21) 2510-7021



Carlos Príncipe
Rua São José, 20 cj 1.101
(21) 25338990



Fazenda Indiana
85 anos de seleção nelore
Paulo Ernesto Alves de Menezes
(21) 2493-1410 - (21) 2493-3365

Goulash Húngaro



Ingredientes

- 1,6 kg carne de vaca (para guisar)
- 100 gr margarina
- 1,25 kg cebola
- 450 gr pimentão
- 100 gr pimentão vermelho (em pó)
- 100 gr tomates
- 10 gr alho
- 5 gr cominhos
- 2 litros de vinho tinto
- 1 litro de *bouillon* (caldo de carne)
- 1 kg batatas
- temperos

Prato preparado por Panetone, Gourmet internacional – Spasso Buffet (34) 3314-8244

Modo de fazer

- Descasque as cebolas e corte em meia lua.
- Limpe o pimentão e corte em tiras.
- Descasque os tomates, retire as sementes e corte em cubos.
- Descasque os alhos e pique, bem fino.
- Pique os cominhos (coloque um pouco de óleo sobre a tábua de cortar e verá que não saltarão borda afora).
- Descasque as batatas e corte-as em cubos.
- Refogue a cebola e a carne na margarina, até ficar com um sumo um pouco grosso.
- Junte o pimentão vermelho e o pimentão em tiras, assim como o tomate e deixe refogar um pouco mais.
- Junte o alho e o vinho, e deixe cozer durante 2 minutos.
- Junte o caldo de carne.
- Tampe e deixe cozinhar até a carne estar no ponto.
- Junte as batatas, deixe cozinhar e acerte o tempero.



Alberto Sternick é engenheiro civil, ex-presidente do Clube Gourmet de Minas Gerais. Pedidos de receitas ou indicações de restaurantes: albertosternick@uol.com.br

Na Fazenda Escola das Faculdades Associadas de Uberaba - FAZU, está sendo desenvolvido um projeto de irrigação de pastagem para produção de carne com Pivô Central, através do Convênio FAZU-ABCZ-VALLEY. O Pivô Central Valley está em uma área de 12 ha dividida em 30 piquetes e a forrageira escolhida para formação da pastagem foi o capim Braquiário (*Brachiaria brizantha* cv Marandu). O ciclo de pastejo adotado é de 30 dias nas estações de primavera-verão e de 45 dias nas de outono-inverno. As condições climáticas estão sendo monitoradas, por uma estação meteorológica automatizada Micrometos 300, e com os dados coletados se planeja e executa o manejo racional da irrigação, utilizando-se o software IRRIGA. O projeto é coordenado pelos professores Adilson de Paula Almeida Aguiar, Luís César Dias Drumond e conta com a colaboração de monitores que são estudantes dos cursos de Zootecnia e Agronomia da Fazu.

No período de fevereiro a outubro de 2002 foram avaliados alguns parâmetros que se encontram apresentados na Tabela 1.

Em 2003 foi implantado um experimento visando comparar a três níveis de umidade do solo e dois níveis de adubação (Figura 2). Foram estabelecidos os níveis de umidade do solo, correspondentes a 75, 100 e 125% da capacidade de campo (de acordo com a retenção de água do solo) e a aplicação de adubação correspondente a 0 e a 50% da adubação aplicada no período de primavera-verão, em três parcelamentos (167 kg de Uréia/ha, 33 kg MAP/ha, 42 kg de Sulfato de Amônio/ha e 50 kg Cloreto de Potássio/ha), com três repetições para cada tratamento. Para implantação desse experimento foram utilizados 18 piquetes do Pivô Valley, sendo que os outros 12 piquetes não foram irrigados, representando a testemunha.

Na Tabela 2 estão apresentados os valores obtidos de maio a agosto de 2003.

PRODUÇÃO DE UMA PASTAGEM IRRIGADA POR PIVO CENTRAL E MANEJADA SOB PASTEJO INTENSIVO

AUTORES: Professores: Adilson de Paula Almeida Aguiar e Luís César Dias Drumond.

Monitores: Juliano Ricardo Resende, Lúcio Flávio Carmo Borges, Luciano Ferreira Fontes, Luiz Antônio Melo Júnior, Diego Souza Ribeiro, Bruno Lacerda Demucci.

TABELA 1. Dados da produção da pastagem de *Brachiaria brizantha* cv. Marandu (Capim Braquiário) no período de fevereiro de 2002 a setembro de 2002.

mês	Altura do R Pré-P (cm) ¹	Altura do R Pós-P (cm) ²	MF (kg MS/ha) ³	TA (kg MS/ha/dia) ⁴	D MF (kg MS/ha/cm) ⁵	CS (UA/ha) ⁶
fevereiro	76	15	4398	56,6	57,87	5,4
março	81,53	15	5818	70,8	71,36	7,2
abril	54,11	22,81	7427	71,06	137,3	9,2
maio	60,9	25,49	4509	51,06	74	5,6
junho	66,3	24,66	6776	63,21	102,2	8,4
julho	70,9	23,67	8000	80,16	112,8	9,9
agosto	82,75	19,8	6534	49,95	78,95	8,1
setembro	33,98	21,51	5038	69,58	148,3	6,2
outubro	42,3	20,36	5061	79,05	119,6	6,2
média	68,3	21,1	6154,8	65,5	92,6	7,6

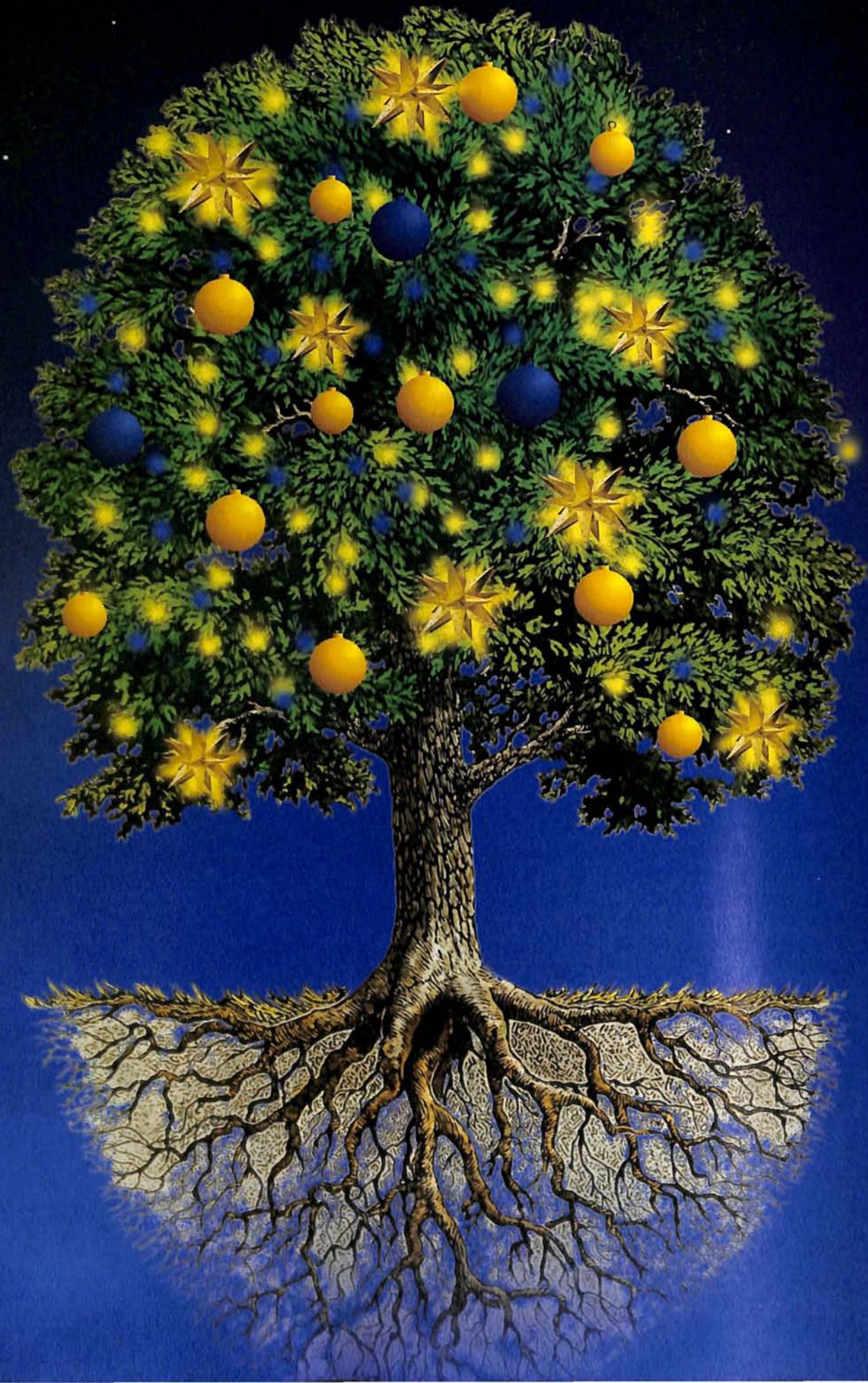
Legenda: ¹Altura do Relevo no Pré-pastejo; ²Altura do Relevo no Pós-pastejo; ³Massa de Forragem no Pré-pastejo; ⁴Taxa de Acúmulo de Forragem; ⁵Densidade da Massa De Forragem; ⁶Capacidade de Suporte.

TABELA 2. Produção do Capim Braquiário por ciclo, no período de maio a agosto de 2003, submetido a três níveis de umidade de solo e dois níveis de adubação.

mês	75% AS_CC ¹		100% AS_CC ²		125% AS_CC ³		Sequeiro
	0_AD ⁴	50%_AD ⁵	0_AD ⁴	50%_AD ⁵	0_AD ⁴	50%_AD ⁵	
	MS ⁶ (t/ha)	MS ⁶ (t/ha)	MS ⁶ (t/ha)	MS ⁶ (t/ha)	MS ⁶ (t/ha)	MS ⁶ (t/ha)	MS ⁶ (t/ha)
maio a junho	2.171,30	4.530,30	2.716,60	3.593,30	3.233,30	6.063,30	2.183,00
julho a agosto	1.998,00	2.383,00	2.617,30	3.040,00	2.501,70	2.576,00	1.852,50

Legenda: ¹75% de água no solo em relação a capacidade de campo; ²100% de água no solo em relação a capacidade de campo; ³125% de água no solo (condição de saturação); ⁴Sem adubação; ⁵50% da adubação aplicada no verão; ⁶Produção de matéria seca produzida no ciclo.





ExpoZebu 70 anos

O PONTO DE ENCONTRO DA PECUÁRIA MUNDIAL
DE 29 DE ABRIL A 10 DE MAIO 2004 • UBERABA/MG

No momento em que se prepara para a grande festa de 70 anos da ExpoZebu, a ABCZ - Associação Brasileira dos Criadores de Zebu - compartilha com todos os associados e amigos os desejos de muita paz e saúde para o ano vindouro.

Feliz Natal e boas festas!



José Olavo Borges Mendes
Presidente ABCZ



Dona Maria do Cirilo

Durante a década de oitenta estive muito empolgado com as pistas de julgamento. Possuía naquela época uma estrutura de cocheiras muito boa, um peão extraordinário, o Zé Botinha. Gado na gaiola, freezer e churrasqueira na camionete, lá vamos nós percorrer de 10 a 12 exposições durante o ano no Estado de Goiás. Era para mim quase que uma obsessão fazer uma de minhas vacas, lãnsã da Sta. Fé, grande campeã. Animal lindo! Fechadinho em JZ. Crioulo do doutor Adauto César de Castro, que eu havia arrematado em um leilão Arca de Noé, do saudoso Jairo de Andrade, em Goiânia. Mas qual o motivo dessa obsessão? É que tão logo um “jurado calça-curta” soube que tinha sido eu o criador a arrematar aquela novilha, ofereceu-me por uma fábula doses de sêmen de um touro seu que, segundo ele, haviam sido feitos um para o outro. Talvez por inexperiência, não acatei sua proposta, e sendo ele o jurado, embora “calça curta”, o que mais julgava nas exposições por aquelas bandas, minha vaca sempre ficava reservada. O dia em que aprendi passou a ser grande campeã.

E nesse meio vi coisas do arco da velha. Era mês de julho. Pela manhã um vento frio e seco inundava o parque de exposições da cidade de Rio Verde, em Goiás. Lá pelas “dez” é que o sol ameaçava preguiçosamente banhar aquela parte da cidade. Os animais arrepiados ficavam ruim de se ver. Normalmente sentava com meu amigo Tiãozinho Cunha defronte ao pavilhão para ouvir suas histórias. E numa dessas tardes, uma senhora bem falante, dona Maria do Cirilo, acompanhada de seus filhos, procurava um garrote gir para comprar. De imediato, a movimentação foi intensa no pavilhão. Olha daqui, olha dali, até que encontrou aquele que lhe agradava. Discutia sobre preço e condições de pagamento quando Tiãozinho virou-se para mim e disse: quer apostar quanto como ela vai mandar cortar os pêlos da vassoura

do rabo do animal? Pra quê, indaguei? Para ter a certeza de que o animal adquirido não vai ser trocado. E não deu outra. Antes de sair, solicitou uma tesoura e pediu a um de seus filhos que cortasse a vassoura do rabo do animal. E não adiantou o criador mostrar o número de registro na perna conferindo com o Registro Genealógico ou dizer que o animal estava inscrito para a pista no dia seguinte, destoando-o esteticamente dos demais. Nada a fez mudar de opinião.

No dia seguinte, o jurado desclassificou o animal. Inconformada, após o julgamento entrou na pista e perguntou ao jurado o por quê de sua atitude. Ele, educadamente, disse que aquele animal tinha os testículos assimétricos.

— O que é isso, doutô? indagou a senhora.

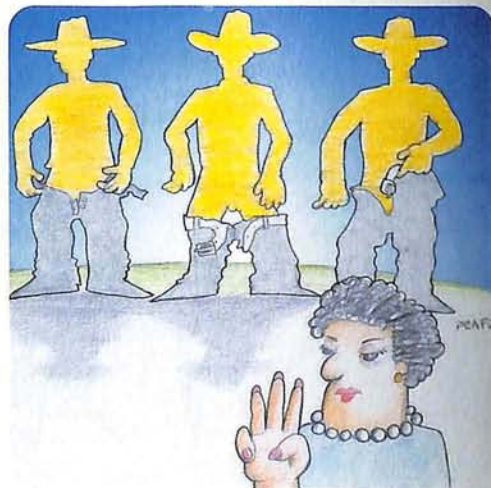
— É que ele possui um testículo menos solto que o outro, respondeu o técnico, educadamente.

— Que bobagem é essa doutô! Retrucou a senhora. Junte todos esses homens aqui no centro, mande-os baixar as calças e procure por essa tal simetria. Com um frio desse não há tatu que agüente. Nem o do sinhô!



Luiz Humberto Carrião é professor, articulista do jornal “Opção”, de Goiânia, e diretor da Assogir e da ABCZ

Tiãozinho Cunha é um personagem fictício. Qualquer semelhança com a realidade será mera coincidência.



I LEILÃO
TOP
BRAHMAN
na Bahia

29 DE NOVEMBRO DE 2003 SÁBADO - 20H.

Hotel Catussaba • Salvador - BA

Durante a Fenagro Frete Gratuito para Uberaba

PROMOTORES:



GES AGROPECUÁRIA

FAZENDAS
AGRIBAHIA (BA) • COBRAPE (TO) • BOTUCATU (SP)



CONVIDADOS ESPECIAIS:

FAZENDA SANT'ANNA • FAZENDA BRUMADO

BRAHMAN VITÓRIA • BRUNO JACINTHO • DALTON PASTORE • DANIEL DIAS • FAZENDAS REUNIDAS BH
PAULO MESQUITA • SERGIO ANDRADE • WILSON LEMOS DE MORAES

REALIZAÇÃO:

APOIO:

PATROCINADORES:

TRANSMISSÃO AO VIVO:



RESERVA DE MESAS PELO TELEFONE: (71) 347 8186

AAAA - BRAHMAN é PILAR

Programação genética por computador: sempre em busca de aprimoramento, sempre para satisfação de nossos clientes.

Mais de 230 mil doses de sêmen Brahman PILAR já vendidas.



LINHAGEM DE CAMPEÕES

Pai, Avô Paterno, e Bisavós
Paterno e Materno Grandes
Campeões Nacionais em
Uberaba ou Houston/Dallas
Mãe: Reservada Grande
Campeã de Uberaba.

Avo Materno:
Campeão Prova de Carcaça
da progênie - ABBA 2003

Promoção: * "Super Big"

R\$ 12,00 para + de 100 doses

R\$ 10,00 acima de 200 doses

* Válida até 28/02/04



BRAHMAN PILAR

Nasceu para ser comparado!

LAAA 36 - MR MONTE ALTO PILAR 36 - "Mister BIG"

GRANDE CAMPEÃO INTERNACIONAL ExpoZebu 2003

Venda Permanente
de Tourinhos, Fêmeas e

Brahman PILAR - Maricá - RJ
Chácara PILAR - São Carlos - SP
Tel: (21) 9601-3213